ANO 36.º SEGUNDA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1956 N.º 12.232

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DILOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

O presépio é o motivo do Natal. Tema de movimento, de acção e de maravilhoso, as crianças auscutam-lhe todos os pormenores, fascinadas pela riqueza das suas sugestões: lá vai a estrela do Norte! Olha ali um cordeirinho! Tudo é tão lindo, tão lindo! As crianças, porém, têm de aprender a olhar o presépio como obra de arte. Machado de Castro modelou-o, por certo, com o sentido posto nos meninos como estes que foram ás Janelas Verdes visitar o seu Menino Jesus, deitado sobre as palhinhas

(Ler reportagem na 17.ª página)

Surgem novos problemas

para a O. N. U. no Médio Oriente

entre os quais a desobstrução do canal de Suez

e a paz entre Israel e o Egipto

NOVA YORK, 24. — «Começam agora uma nova fase e uma nova prova para a política das Nações Unidas na crise do Suez» — escreve o «New York Times» e acrescenta:

«Primeiro, temos que perguntar quanto tempo levará a desobstruir o Canal, que os Egípcios, num acto de loucura, encheram com navios afundados e pontes demolidas, e até que ponto poderão os barcos, num total de cerca de uma duzia, pertencentes á Grã-Bretanha ou por ela fretados, auxiliar os 31 navios salvadegos arrendados pelo secretário-geral, Dag Hammarskjoeld, e que já ali se encontram ou vão a caminho.

«Em segundo lugar, e isto é mais importante, há que definir, ainda o papel a desempenhar pela força das Nações Unidas, que deve permanecer ali até que sejam concluídos os trabalhos de desobstrução do Canal. Embora a sua principal missão seja, neste momento, manter a paz entre Israelitas e Egípcios, deveria estar, certamente, em situação de poder intervir, se alguem tentasse interferir, indevidamente, com os trabalhos de limpeza do Canal.

«O que precisamos, agora, e o que se torna imperioso para uma solução final no Próximo Oriente é um entendimento mais explícito, quanto á futura política das Nações Unidas. Com isto, queremo-nos referir, claro está, não á política pessoal desse hábil e dedicado funcionário, que é Dag Hammarskjold, mas, sim, á política que terá que ser patrocinada por dois terços dos membros que compareçam ás sessões da Assembleia Geral e façam uso do seu direito de voto. Porque, nesta conjuntura, é isto o que as Nações Unidas representam na realidade: dois terços dos membros, de um total de oitenta, que compareçam a determinada sessão da Assembleia Geral e apoiem determinada resolução». — (A. N. I.).

Panorama de Port Said, depois da retirada franco-britanica

PORT SAID, 24.—Port Said acordou ontem, cidade livre, passadas

(Continuação da 3.ª página a)

O Natal do ex-presidiário

BARI (Sul da Itália), 24 — Michele de Nitis, de 68 anos, que cumpria pena de prisão perpétua, há 32 anos, por assassínio, chegou hoje a casa, para festejar o Natal com a família.

Foi-lhe remido o resto da pena. — (R.).

«Diário de Lisboa»
PUBLICA HOJE
60 páginas
nas quais se incluem o nosso habitual
Suplemento Desportivo
e uma colectânea de
7 contos
inéditos de autores portugueses, paginados de modo que possa o leitor dobrar o jornal e formar um pequeno volume de formato de livro

*

Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando o «Diário de Lisboa».

*

A todos os nossos leitores, anunciantes e colaboradores endereçamos votos de Felizes Festas.

Nota do dia

Natal português

O tema já foi tratado por mais de uma vez, e com tanto brilho como bom senso, o que não impede que voltemos a ele, quanto mais não seja para lhe darmos o nosso aplauso e a nossa inteira concordancia. Nos ultimos tempos, por uma tendência servil para copiar o que se faz lá fora, tem-se adoptado como símbolo da quadra festiva que atravessamos uma personagem de longas barbas brancas e de colorida indumentária, que bem se pode considerar um estranho entre gente que o não conhece e que ele próprio não conhece. É o Pai Natal. Copiada dos costumes nórdicos, de onde passou para a tradição anglo-saxónica, não existe na tradição portuguesa esta figura bochechuda e risonha, de sacola ao ombro, que trepa aos telhados e desce pelas chaminés, deixando atrás de si um rasto de poeira branca. O Natal português não tem nada de comum com esses costumes de importação e não vemos, em boa verdade, vantagem em o descristianizar, substituindo-lhe a simbologia tradicional, pela apropriação indevida de um «clima» geográfico e sentimental que não é o nosso. O Presépio, com a sua humanidade ingénua de reis e pastores, constitui ainda o mais belo cromo, a imagem mais sugestiva e enternecedora desta festa universal em que se celebra a Natividade de uma Criança prodigiosa que morreu para remir os pecados dos homens e legou ao Mundo uma mensagem de paz e amor.

VISADO PELA CENSURA

HISTÓRIA DOS NOSSOS DIAS — (1)

O verdadeiro drama do Suez

por ATTICUS

PARIS, Dezembro. — Passada a tormenta, enquanto as nuvens se afastam e o horizonte começa a aclarar, não deixa de ter interesse analisar o explosivo «caso do Suez» á luz da História. A crise que resultou dele continua incompreensível sem o seu contexto histórico.

Para o povo egípcio, o Canal é um negócio fabuloso, com a exploração do qual ele conta para sair da sua miséria secular. Aos seus olhos, o Suez é um símbolo trágico. Todas as suas desgraças estão intimamente ligadas á história do Canal, se não derivam mesmo directamente dele. Numa palavra, a obra grandiosa e gloriosa de Ferdinand de Lesseps está na origem do drama nacional do Egipto.

A Inglaterra e o Canal

Isto começou no momento em

(Continua na página seguinte)

Foram encontrados os corpos das vítimas do desastre do avião italiano

ROMA, 24.—As brigadas de socorro que procuravam o avião da carreira Roma-Milão, perdido no sábado á noite, no Trentino, encontraram os cadáveres das 21 vítimas da catástrofe, uns na carcaça da carlinga, outros dispersos em volta dos destroços do aparelho.

A bordo iam 17 passageiros: 15 Italianos e 2 Americanos. Os tripulantes eram 4. Não houve sobreviventes.—(F. P.).

Os meninos das escolas de cegos de S. Pittsburgo também têm o seu Natal. Santa Claus, de barbas brancas e boné de veludo escarlate, apareceu ao lado dos abetos decorados de neve artificial. Assim, o pequeno Robert Stoll serve-se do olfato e do tacto para sentir a «árvore de Natal». Junto de si, o velho das barbas é nem mais nem menos do que o sr. Clarence Elwood, do Lions Club, que está a vender «árvores de Natal», a favor das escolas para crianças cegas. Se tudo correr como pensam, serão 1.600 as que se vendem este ano com esse fim filantrópico

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O verdadeiro drama do Suez

(Continuação da página central)

que o Canal foi aberto á navegação (17 de Novembro de 1869). A Inglaterra, depois de ter combatido renhidamente, durante anos, aquilo que para ela era um empreendimento francês que ameaçava as posições do Império, mostrou-se muito interessada nele, uma vez realizada a obra. Em 1870, menos de um ano após a abertura do Canal, Lesseps — que fora tratado como um «grande vigarista» pelos Ingleses—era recebido em Londres como um triunfador.

E o «Times» não podia impedir-se de lembrar por essa ocasião que o país que fazia este acolhimento ao criador do Canal não tinha feito nada por essa obra.

E' que a nova via marítima apareceu, subitamente, em toda a sua importancia na vida do Império. Desde o primeiro ano do seu funcionamento, ela estava destinada a tornar-se uma «via imperial». Entre 1870 e 1880, 76 por cento dos navios que atravessam o Canal hão-de arvorar o pavilhão britanico.

A partir dêsse momento, tudo mudou na atitude do Governo de Londres. O Canal tornou-se o objecto principal das suas preocupações. Esta «via imperial» não podia continuar nas mãos dos Franceses. Os interesses económicos e a estratégia do Império impõem a presença britanica no Canal. E a Inglaterra aproveitará o enfraquecimento da França em seguida á derrota de 1870 para a suplantar.

Apresenta-se uma ocasião unica. O kediva Ismail, apremiado por dificuldades financeiras, pretende vender as suas acções da Companhia do Canal, um lote considerável que representa 44 por cento da participação do capital e que ele detinha desde a fundação da referida Companhia.

Os Ingleses quêrem a todo o custo apoderar-se dessas acções e trava-se uma verdadeira batalha diplomática com esse fim. A tese que prevalece em Londres é a de que é preciso impedir, custe o que custar, que a Companhia do Suez se torne um «monopólio francês», o que aconteceria se as acções do kediva passassem para a França.

Uma vitória inglesa

Foi, portanto, uma grande vitória inglesa o facto de o primeiro-ministro Disraeli poder anunciar á rainha Vitória, em 1875, que o seu Governo entrara na posse das acções do kediva.

A Inglaterra tornava-se, desse modo, depois da França, a maior accionista da Companhia do Suez.

Na realidade, ela arrancou á França o «contrôle» da Companhia, desde o momento em que se tornou senhora da assembleia geral dos accionistas. As acções que estavam na posse da França, embora representassem 52 por cento do capital, não pesavam muito na balança, dispersas como andavam pelas mãos de numerosos detentores.

Os Ingleses travaram, então, uma nova batalha pelos cargos de administradores: pretendiam ter no conselho de administração um lugar correspondente á sua posição de grandes accionistas.

Um acordo concluído com a Companhia em Fevereiro de 1876 dava-lhes o direito a três administradores; mas eles queriam sete. Só em 1883 conseguirão o seu fim. Isto dá uma ideia da luta de influências travada entre a França e a Inglaterra á volta do Canal, que ocupa já um lugar de primeiro plano na rivalidade entre estas duas grandes potências coloniais que disputam entre si os continentes asiático e africano.

O «caso do Suez»

O que já então se podia denominar o «caso do Suez» tomou, entretanto, um aspecto verdadeiramente dramático. Depois de ter garantido para si o «contrôle» da Companhia, a Inglaterra tomou a decisão de assegurar igualmente o «contrôle» militar do Canal. A partir dessa data, toda a politica britanica no Egipto será orientada por esse objectivo. A situação no país presta-se admiravelmente aos seus projectos. Em 1879, o Egipto atravessa uma grave crise económica e os Governos de Londres e de Paris aproveitam-na para impor ao Governo do Cairo um rigoroso «contrôle» financeiro, a fim de proteger os interesses dos seus credores franco-britanicos. Isso deu lugar a uma revolta dos militares conduzida pelo coronel Arabi, visto o corpo de oficiais do exército ter sido o mais duramente atingido pelas medidas de economia tomadas pelos financeiros franceses e britanicos do Governo de kediva.

A França e a Inglaterra ameaçam o kediva de intervir militarmente, se a ordem não for restabelecida; e navios de guerra franceses e ingleses fazem a sua aparição em frente do porto de Alexandria.

E' a primeira «demonstração naval» que marca o início dos grandes acontecimentos que vão seguir-se.

O Canal britanico

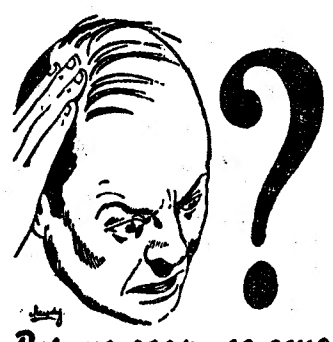
E' preciso notar, no entanto, que nesse momento se tratava apenas de uma intervenção franco-britanica. O Governo francês, sob a presidência de Léon Gambetta, mostra-se até mais enérgico que o de Londres. E é também uma «demonstração naval» franco-britanica que se dará, pela segunda vez, em 1881, numa altura em que a situação do Egipto se mostrava confusa.

Os Ingleses julgam necessário proceder com prudência. Mas sabem muito bem que desconfiam deles em todas as chancelarias europeias, e querem mascarar o seu jogo. Mas, em boa verdade, a segunda «demonstração naval» será a ultima com carácter franco-britanico. Em Londres julga-se que a situação no Egipto está suficientemente amadurecida para que a Inglaterra possa dispensar a «cobertura» da França.

No dia 15 de Junho de 1882 estalam desordens sangrentas em Alexandria. E' a ocasião ideal para uma intervenção militar. Mas as tripulações dos navios de guerra franceses e ingleses ancorados no porto de Alexandria receberam ordem de ficar a bordo. Não é dificil adivinhar quem foi o inspirador dessa ordem. A intervenção militar não será franco-britanica.

Este momento marcou, com efeito, uma viragem na politica da Inglaterra no Egipto. A Inglaterra prepara-se para passar á acção a fim de alcançar o seu objectivo e já não precisa do concurso da França, que lhe pode ser até incómodo.

ATTICUS



Porque caem os seus cabelos?

A seborreia, as poeiras, as febres, a anemia, o cansaço — tantas causas da calvicie. O PETRÓLEO HAHN revitaliza o couro cabeludo, suprime a caspa e faz parar a queda do cabelo. Agradàvelmente perfumado o PETRÓLEO HAHN amacia os cabelos sem os engordurar.

PETRÓLEO HAHN

Creme de barbear que permite escanhoar melhor e mais còmodamente

Ingredientes especiais amaciam as barbas rijas... protegem a cara... impedem que as gorduras da pele sequem...

Esta notável fórmula do creme de barbear de luxo WILLIAMS — baseada num Extracto de Lanolina que é seu exclusivo — garante-lhe agora ambas as vantagens que os homens procuram num creme de barbear. Primeiro, permite escanhoar melhor e mais ràpidamente. O creme WILLIAMS, com o seu rico Extracto de Lanolina, amacia as barbas mais rijas... faz barbas mais limpas. Depois, sente-se mais bem disposto ao acabar de fazer a barba. O Extracto de Lanolina que é exclusivo da WILLIAMS, protege a cara... evita que a pele seque... preserva as gorduras naturais da pele.
Se quer escanhoar-se com uma sensação de bem-estar que ainda desconhece, experimente hoje mesmo o

Williams
CREME DE LUXO PARA BARBEAR

PARA BRINDES E CONSOADAS...
EIS AQUI UMA LISTA, PARA ESCOLHER UM BOM
VINHO DO PORTO:

D4
Real Vinicola
FILIAIS:
LISBOA — Rua de S. Paulo, n.º 80 Telef. 22556
PORTO—R. de Entreparedes n.º 44 Telef. 21440

Um sabonete BRANCO DE PERFUME CONSTANTE E ESPUMA ABUNDANTE!

5$00

flor de LÓTUS
NOVO SABONETE • NOVO PERFUME • NOVA TÉCNICA
BOM até à última PARTÍCULA!
SAVOQUIMICA-LISBOA S/954-B

CERÂMICAS GREGAS
REPRODUÇÕES FEITAS À MÃO
PEÇAS ÚNICAS
Cópias do Museu Nacional de Athenas, Museu do Louvre, Britanico, Florença, Vaticano, Munich, etc., etc.
Exposição e venda desde terça-feira, 18 a 30 de Dezembro, na Rua de S. Nicolau, 113 (esquina Crucifixo)
CASA PAPPAMIKAIL, LDA.

FERROS ARTÍSTICOS
Serralharia Artística
Vicente Joaquim Esteves
FUNDADA EM 1889
SUCESSOR FILHO
João Luís Esteves
86—R. das Amoreiras—96
T. 42340
(Novas instalações em construção na R. de Campolide, 181-181-A-181-B)
LISBOA PORTUGAL

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos
JOIAS RELÓGIOS CASA ANIBAL TAVARES R. DA PRATA 95-97 PRATAS ARTÍSTICAS

Grande Ourivesaria das Avenidas
JOIAS — OURO — RELÓGIOS
CAMPOS & PINHEIRO, LDA.
Avenida da Republica, 35-A e 35-C — LISBOA
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes NATAL e um NOVO ANO PROSPERO.

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

Uma quadrilha especializada em assaltar gavetas de estabelecimentos

Numa adega da Rua dos Correeiros foi preso Jacinto Pais ou Artur Dias da Cruz, por alcunha o «Fantoche», de 49 anos, serralheiro nas horas de «folga», que diz ser natural de Lisboa, Setubal e Almada, já com 21 prisões. Entrara numa dependência do referido estabelecimento com dois indivíduos conseguindo furtar uma carteira com 250$00 pertencente a um empregado da casa. Na Secção de Justiça da P. S. P., que há muito o procurava, afirmou estar ali casualmente, supondo-se que eram seus cumplices os carteiristas António Dias Borges e Manuel de Sousa e Silva, o «Bicho Mau», com os quais constituiu uma «trempe», para furtar dinheiro de gavetas de estabelecimentos.

O Jacinto Pais é ainda acusado de ter furtado 4.650$00 de uma casa de vinhos da Rua das Trinas, de colaboração com o Borges, que nessa altura foi enviado á Polícia Judiciária, ao passo que o seu companheiro conseguia fugir.

O Jacinto Pais foi enviado á Polícia Judiciária.

Turistas ingleses para o Funchal

Chegaram hoje a Lisboa dois aviões especiais vindos de Inglaterra com turistas em em dois hidroaviões seguiram para o Funchal, a fim de ali passarem as festas do fim do ano.

COZINHA VELHA

Restaurante Bar Salão de Chá
Palácio Nacional de Queluz
Telefone 091232

Almoços e Jantares especiais
DIAS DE NATAL e ANO NOVO
RESERVAM-SE MESAS

NOTA — Pedimos a todos os nossos Ex.mos Clientes, quando pretendam jantar, o favor de reservar mesa até ás 19 h.

A GERENCIA

A situação no Egipto

(Continuação da 1.ª pág.)

algumas semanas de ocupação pelas forças franco-britanicas. Há 21 dias que a cidade se achava dividida em sectores impermeáveis: um ocupado pelas forças de polícia internacional; e a outra pelos Britanicos. Quando acordaram, ontem, os habitantes não queriam convencer-se de que podiam, agora, circular livremente.

Havia um ambiente esquisito, no dizer do correspondente da agência belga no Cairo, ontem, na cidade, onde, na bairro do porto, os habitantes hesitavam em sair de casa, pois, de todos os lados, partiam tiros misteriosos. As tranquilizadoras patrulhas da força internacional, com os seus capacetes azuis, tinham sido substituidas por agentes da Polícia egípcia, com fardamento azul escuro, que pareciam não saber muito bem o que tinham a fazer.

Ao amanhecer, as autoridades trataram de eliminar todos os vestígios dos ultimos gestos das tropas franco-britanicas: isto é, apear as bandeiras francesas e britanicas postas na mão da estátua enorme de Ferdinand de Lesseps, á entrada do Canal, e a «Union Jack», içada no alto do semáforo cujos cabos tinham sido cortados e os ultimos 20 metros de mastro cobertos de sabão.

Os bombeiros foram encarregados desta operação melindrosa, mas as suas escadas revelaram ser demasiado curtas e tiveram de resignar-se a queimar as bandeiras com estopa incendiada, depois de embebida em petróleo e presa a um grande pau. O bombeiro de 1.ª classe, Ismail el Hutin foi incumbido de destruir pelo fogo as bandeiras da estátua de Lesseps. Enquanto que nervosamente se desempenhava da sua tarefa, no cimo de uma escada muito pouco segura, a multidão concentrada no molhe rodeava a base da estátua e demolia á martelada, á machadada, a enorme coroa de cobre com a divisa: «Aperire terram gentibus»; ao mesmo tempo, outros Egipcios, subreptíciamente, recuperavam os quilómetros de fios dos telefones de campanha dos Ingleses e os garotos tomavam conta dos sacos de areia dos redutos.

Perto do meio-dia, grupos marciais de «Voluntários da Morte», empunhando um grande escudo amarelo com uma caveira negra, e espingardas de fabrico soviético, reuniam-se nas diferentes praças de Port Said, a fim de receberem triunfalmente as primeiras unidades do exército egipcio que chegariam horas depois.—(F. P.).

Israel pede garantias contra novos ataques egípcios

JERUSALEM, 24. — Israel pediu garantias, visto terem recomeçado os «raids» egípcios ao seu território.

O director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Walter Eytam, atribui ao Egipto a responsabilidade pela destruição de um dispensário na aldeia israelita de Yoknaam, o ultimo de uma série de ataques». Acrescentou que «grande responsabilidade cabe, também, ao Governo da Jordania, por esses «raids» serem organizados no seu território».

«Israel — disse — aguarda ainda garantias das Nações Unidas contra o recomeço da beligerancia egípcia, por terra e mar». — (R.).

Os Estados Unidos e a posição económica da Europa

LONDRES, 24 — O Governo dos Estados Unidos participou á Grã-Bretanha e aos seis países da Conferência de Messina que é favorável á criação de um Mercado Comum Europeu e de uma zona europeia de permuta livre, mas que se oporá a qualquer evolução daqueles projectos no sentido da formação de um grupo regional comercial discriminatório — segundo escreve o correspondente do «Financial Times» em Washington.

Acrescenta que este ponto de vista americano foi comunicado aos países interessados em conversações que se efectuaram nas duas ultimas semanas. — (F. P.).

Baleias congeladas

COPENHAGUE, 24.—O mar «presenteou» os habitantes de Umanak, na Gronelandia Ocidental, com algumas centenas de baleias, como prenda de Natal.

Foram entorpecidas pelo gelo e os habitantes puderam apanhá-las, práticamente, «no seu curral».— (Reuter).

O NOVO CARGO do general Valiño

MADRID, 24.—O diário oficial publica, hoje, o decreto da nomeação do general Garcia Valiño, antigo alto comissário da Espanha em Marrocos, para o cargo de director da Escola Superior do Exército.—(Efe).

ELE & ELA

Ela julga que isto é para todos...

O comboio passou-lhe por cima e deixou-o na mesma

NOTTINGHAM (Inglaterra) 24 — Um comboio de mercadorias passou por cima de um rapaz de 10 anos, que sofreu apenas leves escoriações.

O pequeno estava na plataforma da estação de Gedling, nos suburbios, e caiu á linha no momento em que passavam os 46 vagões. Tentou erguer-se, mas, á segunda vez, ficou prostrado, por ter embatido numa das correntes que ligam os vagões.

Uma enfermeira, que se encontrava, por acaso, na estação, tratou-o de pequenas escoriações. — (A. N. I.).

A festa do Natal da família real britanica

SANDRINGHAM, 24 — O príncipe Carlos não acompanhou, ontem, a família real á igreja de Sandringham, por se encontrar ligeiramente engripado. Apesar disso, espera-se que possa tomar parte na festa de Natal que reunirá, também, todo o pessoal da Sandringham House, onde a rainha Isabel II costuma passar esta época festiva.

Não estará presente o duque de Edinburgo, actualmente a bordo do iate real «Britannia», em viagem pelo Sul do Pacífico, mas aguarda-se, amanhã, uma comunicação radiotelefónica, durante a qual o duque falará á sua família.

A princesa Alexandra, filha da duquesa de Kent e sétima na linha da sucessão ao trono, celebra o seu vigésimo aniversário amanhã. — (A. N. I.).

Mais de 50 mortos na catástrofe de Minas Gerais

RIO DE JANEIRO, 24 — A formidável tromba de água que inundou a vila de Passa Quatro, no Estado de Minas Gerais, causou a morte a mais de 50 pessoas.

Há grande numero de feridos e várias casas abateram. Foram enviados socorros das povoações vizinhas.

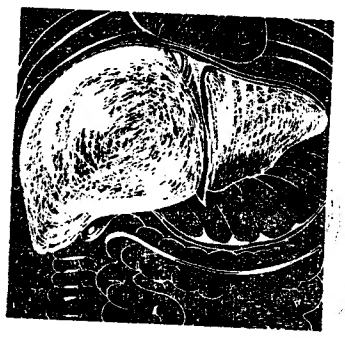
O presidente da República mandou seguir para o local da catástrofe ambulancias, médicos e enfermeiras, além de medicamentos. As chuvas, que motivaram o desastre, continuam. — (F. P.).

Fantasia de Nixon

LONDRES, 24. — O vice-presidente dos Estados Unidos, aproveitando uma curta escala no aeroporto de Prestwick (Escócia), visitou a base da aviação americana naquela cidade.

Depois de apresentar aos aviadores desejos de festas felizes, em nome do presidente Eisenhower, Nixon vestiu-se de «Pai Natal», para distribuir presentes pelos filhos dos aviadores. — (F. P.).

BIJOUTERIAS — NOVIDADES
BRINDES DA QUADRA DO NATAL
VISITE A
PERFUMARIA Zinália
RUA AUGUSTA, 180
LISBOA
BRINDES AOS CLIENTES DURANTE A EPOCA DAS FESTAS



NA-24-56

diàriamente . . .

o Chá Nattermann CHOLAGOGUM trata o fígado, equilibrando as funções hepaticas. O uso diario dos chás medicinais NATERMANN representa um regime natural e salutar de equilíbrio orgânico. Resultantes de uma selecção e preparação rigorosas, as várias qualidades especiais *destes chás possuem composições cientìficamente estudadas para debelar males do* sangue, sistema nervoso, brônquios, coração, estômago, reumatismo, diabetes e asma

PREPARADO E EMBALADO NA ALEMANHA

Chá **Nattermann**
DÁ SAÚDE E BEM ESTAR

CASINO ESTORIL
AVISO
AMANHÃ, DIA DE NATAL, ENCONTRAM-SE ENCERRADAS AS SALAS DE JOGOS

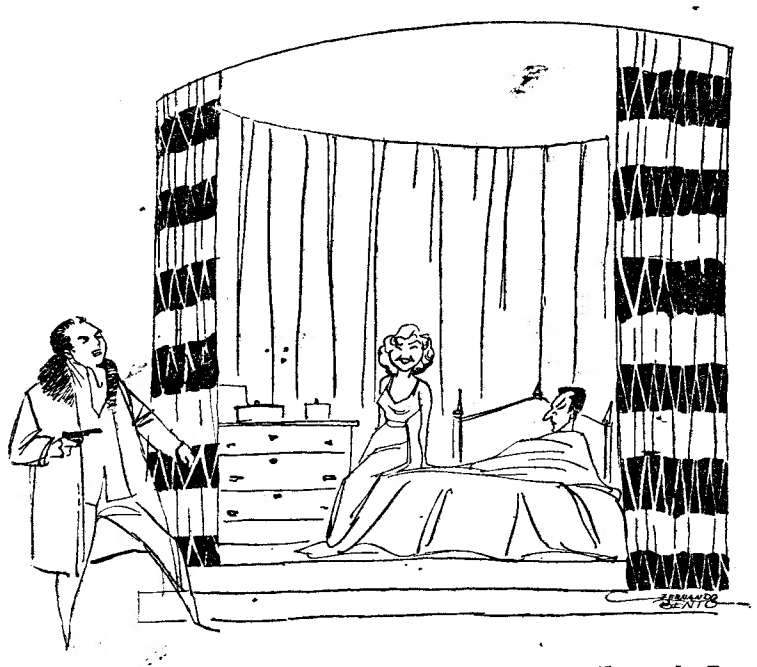
HOTEL AVENIDA PALACE
Grande «Réveillon» da passagem do Ano
JANTAR À AMERICANA
Música de dança, pelo CONJUNTO HELDER RIBEIRO
Surpresas • Atracções • Alegria • Ambiente de elegancia
Marcação de mesas pelo telefone 30154/8, ou na Recepção do Hotel Avenida Palace—Rua 1.º de Dezembro, 123 — Lisboa
O mais elegante e mais animado «Réveillon» de Lisboa, na passagem do Ano

REVEILLON DE 1956
Grande Hotel da Figueira
Telefone 2146 — FIGUEIRA DA FOZ
Sábado, 29 — Domingo, 30 — 2.ª-Feira, 31 — 3.ª-Feira, 1 de Janeiro
CHÁS DANÇANTES — JANTARES A' AMERICANA E CEIA DE S. SILVESTRE
Passagem de modelos de: «AO ULTIMO FIGURINO»

Santos & Nogueira, L.da
Relojoeiros e ourives fabricantes
Caixas para relógios — Reparações — Vidros de forma — Mostradores
PLAQUEADOS COM GARANTIA
TELEFONE: 26854—RUA DOS CORREEIROS, 101, 4.º—LISBOA
Cumprimentam os seus estimados Clientes e Amigos desejando-lhes muito Boas-Festas e um Ano Novo de Prosperidades.

Teatros e Cinemas

«A 8.ª mulher do milionário», no Monumental



Paulo Renato, Laura Alves e Carlos Duarte, vistos por Fernando Bento

Lembram aqueles que já cá andam há umas dezenas de anos a comentar teatro que esta peça —«A oitava mulher do milionário», velho estilo francês subscrito por Alfred Savoir e actualizado por Carlos Wallenstein—ontem apresentada no Monumental, fez no Politeama as delícias dos nossos papás. Isto não será razão de queixa para o publico. Muito mais velhos são Gil Vicente e Calderon ou Molière e ainda hoje acorrentam ao prestígio da sua obra o melhor publico das grandes plateias. A verdade é que sem ser nem querer parecer irresistível, depois de muito bem maquilhada («sans doubles sens»: em Londres ou Paris?) «A oitava mulher do milionário» (Laura Alves, também ela maquilhada como verdadeira vedeta) reapareceu animada das melhores intenções de se demorar.

Peça de complicado imbróglio em que não faltam ladrões de dotes, sem cadastro, passa-se em Paris e Ostende, algures, num hotel ou num casino (e o de hoje, que maravilha de aço e vidro ele é, a substituir o que as bombas alemãs de 941 destruiram!). Trata-se do casamento caprichoso entre uma mulher necessitada e medrosa de ficar para tia, com um milionário que se descasa quando dá conta de que não tem tempo para amar nem atraiçoar a esposa. Capricho que vem a dar num verdadeiro amor, porque as feras humanas se dominam e o coração pode ser o mesmo—em Ostende, Paris ou aqui em Lisboa...

Por muito estranho que pareça, a primeira referência vai para a montagem original. Algumas imperfeições de acabamento ou de realização que ressaltam mais á vista, não destroem o sentido pictórico dos cenários nem as soluções encontradas, principalmente no segundo e terceiro actos. Toda a montagem tem frescura apropriada, mesmo sem abstrairmos a ideia de que estamos nos meios cosmopolitas endinheirados.

Na interpretação, Laura Alves não se distinguiu apenas pela variedade e brilho das «toilettes» mas, também, pela sua intenção, pelo seu á-vontade, pela sua graça, embora esta «Lucia» não contenha em si alguma coisa que chegue para lhe aumentar os créditos. Laura é uma das nossas poucas artistas que não declama quando está em cena. Vemo-la cada vez mais natural, simplificando os seus processos para obter efeitos mais directos sobre o publico. Representa como se falasse. Maria Emília Baptista que temos apreciado noutros «papeis» que lhe pediam mais do que este, pareceu-nos fora de si: uma baronesa muito burguezinha, pouco habituada aos meios cosmopolitas, movendo-se, até, com dificuldade; Susana Prado, sem «papel» nem vontade de mostrar que estava lá; Virgilio Macieira—o encenador—bastante á-vontade (ou comprometido...) na pele de um marquês arruinado; Paulo Renato, o milionário americano, não teve dificuldades em parecê-lo (só se esqueceu de mudar, ao menos, de pormenores de «toilette», no intervalo do primeiro para o segundo acto); Artur Semedo foi um detective sem muito trabalho; Armando Cortês marcou duas ou três intervenções de efeitos fáceis; Carlos Duarte teve um dos bons

(Continua na 6.ª pág.)

APOLO Empresa Erico Braga Telf. 28643 (Adultos)

SANDRO apresenta:
No mais velho teatro de Lisboa
O mais moderno teatro do Brasil
com MARIA DELLA COSTA
em
Moral em Concordata
3 actos
de Abílio Pereira de Almeida
Hoje descanso da companhia
Amanhã ás 16 e 21,45
Bilhetes á venda

ABC PARQUE MAYER Telef. 366783
Junto ao Pavilhão Português «Sociedade Artística ABC» José Miguel apresenta em pleno êxito!
HOJE A's 20,45 e 22,45
DAQUI FALA O ZÉ!
A grande revista do povo
com
HERMINIA SILVA
e um grande elenco
Espectáculo para Adultos
AMANHÃ — DIA DE NATAL
A's 16 horas—**Espectáculo á tarde com «DAQUI FALA O ZÉ»**
Amanhã, Dia de Natal, ás 18 h., novo e grandioso espectáculo infantil com a admirável fantasia para crianças
A TORRE ENCANTADA
Um espectáculo de sonho por toda a companhia deste Teatro!!!
BILHETES A' VENDA

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
Hoje por ser véspera de Natal não há espectáculo
Amanhã Dia de Natal e todas as noites ás 21 e 45
a discutida peça de **Diego Fabbri**
PLEITO DE FAMILIA
UM EXITO
SEM PRECEDENTES

Passe o seu **«reveillon»** com **CARMÉLIA ALVES** nas **«Belas Artes»**
Telefone: 771500

Restaurante Glória
RUA DA GLÓRIA, 39
Menu especial nos dias de Natal e Ano Novo, servindo-se capão recheado á Parisiense
Telef. 27585

MARIONETAS
AVENIDA
Telefone 27273
PARA TODAS AS IDADES!
AMANHÃ, DIA DE NATAL ÀS 18,30
ESPECTACULOS INFANTIS
com entrada grátis ás crianças até aos 10 anos
A FANTASIA PARA CRIANÇAS
Cinco Letras Luminosas
E AINDA: **OS PALHAÇOS** RAULITO, NOEL & C.ª
E O PEQUENO ACTOR **BAPTISTA MARTINS**
Galerias 4$00 — Entradas de camarotes de 3.ª ordem 5$00, de 2.ª ordem 7$50 — Superior 7$50—Cadeiras 10$00
Balcão 2.ª fila 10$00, de 1.ª fila 12$50 — Poltronas 12$50, 14 e 16$00 — Camarotes 40$00 e 50$00 — Frizas 70$00

AMANHÃ ÀS 16.15, NA RÁDIO «VOZ DE LISBOA»
MAXIME APRESENTA EM
EMISSÃO ESPECIAL DO NATAL
O NOTÁVEL PROGRAMA
«MEIA HORA MAXIME»
com MANUEL SERRANO—SERGIO e sua Orquestra
e a colaboração simpática de
TRISTÃO DA SILVA
Locução de JOÃO CARLOS QUINTELA

REVEILLON PALLADIUM
SEMPRE O MELHOR!... ELEGANTE E FAMILIAR!...
RESERVAM-SE MESAS

A PARTIR DE AMANHÃ **2.ª Semana no MONUMENTAL**
HOJE — ÀS 21,30
AMANHÃ—3 sessões—Às 15, 18,15 e 21,30
O filme que ganhou o «Oscar» da melhor partitura musical do ano!
RODGERS & HAMMERSTEIN (13 ANOS)
OKLAHOMA!
CINEMASCOPE TECHNICOLOR
RKO RADIO
UM GRITO DE FESTA SAIDO DO CORAÇÃO DO POVO!
MÚSICA! ROMANCE! BALLET!
NUM NOVO PADRÃO DE ESPECTÁCULO CINEMATOGRÁFICO
COM
SCHIRLEY JONES * GORDON McRAE
GLORIA GRAHAME * GENE NELSON
E MUITAS DEZENAS DE GRANDES ARTISTAS!

"O FAIA"

RESTAURANTE TÍPICO
Rua da Barroca, 48-56
LISBOA — Telefone 29387

Amanhã: DIA DE NATAL
EMENTA ESPECIAL
Ambiente puramente familiar e seleccionado
COZINHA ESMERADA
OPTIMO SERVIÇO DE BAR

HOJE no
TEATRO AVENIDA
Telef. 27273

Hoje, ás **21,30** em ponto—Vasco Morgado, subsidiado pelo Fundo de Teatro, sob a direcção artística de José Gamboa, apresenta
O DRAMA QUE ELE NÃO ESCREVEU
de RUY CORREA LEITE
Um espectáculo admirável pelo mais homogéneo e **categorizado de todos os elencos!**
Amanhã — Dia de Natal — A' tarde ás 16 h. A' noite ás 21,45 h.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

UMA PEGA 6$50

Um Ribatejo 10$00 — Café de Timor — Doçaria caseira no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11 D — Até às 3,30 da manhã

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — A CONQUISTA DA GLORIA — CAPITÓLIO

SÃO LUIZ TEL. 27172
A's 15,15 e 18,15 ás 21,30 (18 anos) (Preç. red.)
2.ª semana
Ultimas exibições
Um filme de arte e de beleza em tecnicolor
CONVITE À DANÇA
Um espectáculo deslumbrante onde a musica e a dança se fundem numa realização surpreendente
com Gene Kelly, Tamara Toumanova, Ygor Youskevitch e Claire Sombert

EDEN TEL. 20768
15,30-18,30 e 21,30
A encantadora artista ROMY SCHNEIDER no filme colorido
JUVENTUDE DE UMA RAINHA
com o galã **Adrian Houen**
A mais bela história de amor
(Para 13 anos)

IMPÉRIO TEL. 55134/5
A's 15,15 e 21 h.
(13 anos)
A incomparável realização de **Sir Carol Reed** em cinemascope e Technicolor
TRAPÉZIO
com o mais famoso trio mundial
Burt Lancaster, Gina Lollobrigida e Tony Curtis
Para que o espectáculo termine antes da meia-noite, a ultima sessão começa ás 21 h. prefixas.
Amanhã ás 15,15-18,15 e 21,30 — O MESMO PROGRAMA.

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15,30 e 21,30
(13 anos)
O filme que ganhou o «Oscar» da melhor partitura musicada do ano!
OKLAHOMA
com **Gordon Mac Rae, Shirley Jones e Gloria Grahame**
CINEMASCOPE — TECHNICOLOR

ALVALADE TEL. 763080
A's 15,15 (P. red.) ás 21,30 (18 anos)
2.ª semana
Ultimas exibições
Um filme de arte e de beleza em tecnicolor
CONVITE À DANÇA
Um espectáculo deslumbrante onde a musica e a dança se fundem numa realização surpreendente
com Gene Kelly, Tamara Toumanova, Ygor Youskevitch e Claire Sombert

AVIS TELEF. 47163
A's 15,30 e 21,15
(Preç. red.)
2.ª SEMANA
Rita Hayworth e Glenn Ford no filme aguardado por todos com ansiedade...
GILDA
Em versão integral para Adultos

RESTELO Tel. 610375
A's 21,15 (13 anos)
A magnífica e extraordinária superprodução em Cinemascope
O REI E EU
com DEBORAH KERR

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (13 anos)
O BOBO DA CORTE
A HISTÓRIA DE UMA MULHER

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 9,30 da noite
(13 anos)
2.ª SEMANA
PABLITO CALVO na obra-prima espanhola
O MEU TIO JACINTO
No programa: o famoso complemento francês de Albert Lamorisse:
O BALÃO VERMELHO

POLITEAMA TEL. 26305
15,15-18,15 e 21,15
Hoje e amanhã: A' tarde e á noite: Maiores de 6 anos
A triunfal comédia de gargalhada
O RECRUTA E O GAIATO
com **Miguelito Gil e José Osores**
AVISO: O espectáculo de hoje, ás 21,15, termina antes da meia-noite.

CONDES TEL. 22523
A's 15,15 e 18,15 (Preç. red.) e 21,30
2.ª SEMANA
Rita Hayworth e Glenn Ford no filme aguardado por todos com ansiedade...
GILDA
Em versão integral para Adultos

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15,15 - 18,15 e 21,30
VistaVision Technicolor
ORESTE
O cantor da voz de oiro na super-produção colorida
(13 anos)
O REI VAGABUNDO
com **Kathryn Grayson — Rita Moreno Sir Cedric Hardwicke**
Um filme de **Michael Curtiz**

ODEON T. 26283
A's 15,30 e 18,15 (Preç. red.) e ás 21,30
(18 anos)
Um filme fantástico! Espectacular! Belo e divertido!
MAGIA DO ORIENTE
com **Paul Henreid e Patricia Medina**
TECHNICOLOR

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 21,15 (13 anos)
Estreia sensacional
Toda a vibração das Olimpíadas num filme apaixonante
A CONQUISTA DA GLÓRIA
(THE BOB MATHIAS STORY)
interpretado pelo próprio
ATENÇÃO: o filme passa sem intervalo a fim do programa terminar cerca das 23,30.

ROYAL TEL. 845037
A's 21,15 (13 anos)
Um filme onde a galanteria alterna com a bravura
«WICHITA»
Em Cinemascope e Technicolor
No programa:
TARZAN E A MULHER DIABO

LIZ TEL. 48580
A's 21,15 (13 anos)
2.ª semana
SISSI
c/ Romy Schneider

CASINO ESTORIL
OÁSIS
c/ Michele Morgan

CINEMA IDEAL
A's 21 h. (18 anos)
CLEOPATRA
CARGA DE CAVALARIA

2.ª SEMANA TIVOLI

UM ESPECTÁCULO MARAVILHOSO QUE NENHUM BOM AMADOR DE CINEMA DEVE PERDER

PABLITO CALVO
e ANTÓNIO VICO
O MEU TIO JACINTO
UM FILME DE **LADISLAO VAJDA**
Faz parte do programa o famoso complemento curto francês, Grande Prémio do **Festival de Cannes de 1956**
O BALÃO VERMELHO
UM programa da **IMPERIAL FILMES, LDA.**—**Para maiores de 13 anos**

NO VARIEDADES

A Empresa Artística de Espectáculos, Ld.ª apresenta
A VITORIOSA REVISTA
NÃO FAÇAS ONDAS
com
Milu - Villaret - Costinha - Leonia
LUISA DURÃO — SOLNADO —CARLOS COELHO—TAMARIS e MCKAY BROS and VERA
campeões mundiais de
ROCK AND ROLL

DIA DE NATAL e AMANHÃ A' TARDE, ás 16 h., E A' NOITE
ESPEC. P.ª ADULTOS

TRINDADE

EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA., SUBSIDIADA PELO FUNDO DE TEATRO
HOJE, A'S 21,45
GIUSEPPE BASTOS apresenta sob a direcção artística de **SAMWELL DINIZ** O ORIGINAL DO
DR. RAMADA CURTO
FOGO DE VISTA
que a crítica consagrou e o publico aplaudiu!
AMANHÃ ESPECTÁCULO À TARDE ás 16 h.
PARA 13 ANOS

AMANHÃ, ás 18,30 h.
ESPECTÁCULO INFANTIL
sob a direcção artística de **António M. Couto Viana**
com a peça de GOULART NOGUEIRA
A ILHA DO TESOURO
AVENTURAS! MISTÉRIO! EMOÇÃO!
PARA 6 ANOS

BAILE AMANHÃ Ás 16 Horas
CASA DAS BEIRAS
LARGO S. DOMINGOS
Orquestra Copacabana

Restaurante TABUAS
Festas do Natal e ceias de passagem do Ano
MENU ESPECIAL
Reservam-se mesas para as ceias
Rua Barros Queirós, n.º 49 — T. 26614

HOJE
Às 20,45 e 22,45 h.

Toda a emoção das Olimpíadas de Londres e Helsinquia com muitos dos campeões de Melbourne em acção!

Tão vibrante como «O Homem de Bronze»; tão humano como «A História de Glenn Miller»; tão verdadeiro que só o próprio BOB MATHIAS podia interpretá-lo!

(13 anos)

A HISTORIA DE **BOB MATHIAS** O MAIOR ATLETA DO MUNDO

à Conquista da Glória

BOB MATHIAS — WARD BOND — ANN DORAN
Realização de **FRANCIS D. LYON**
HOJE, no CAPITOLIO
Exclusivo **«LUSOMUNDO»**
ATENÇÃO: O espectáculo começa ás **21.15 horas** e o filme passa sem intervalo. A sessão termina assim, cerca das 23.30

TEATROS E CINEMAS

SÃO LUIZ **ALVALADE**

(13 ANOS)

ESTREIA AMANHÃ, DIA DE NATAL

A's 15,15 h.

O MAIS ALEGRE ESPECTÁCULO DA QUADRA FESTIVA !

OLIVIA de HAVILLAND
JOHN FORSYTHE
MYRNA LOY
ADOLPHE MENJOU

A Filha do Embaixador

CINEMASCOPE
TECHNICOLOR

Uma comédia adorável inteiramente filmada em Paris

...A filha do Embaixador resolve fazer um inquérito por sua conta para saber como se comportam na cidade da luz os soldados americanos em férias

UM ESPECTÁCULO ENGRAÇADISSIMO
INTEIRAMENTE FILMADO
NOS MAIS BELOS CENÁRIOS DE PARIS

Uma passagem de modêlos de
CHRISTIAN DIOR

Exclusivo da SONORO FILME

MARIA VITÓRIA

Emp.ª Eug. Salvador-Rui Martins

HOJE 2 Sessões, ás 20,30 e 22,45

COM A VEDETA DA ALEGRIA
BEATRIZ COSTA
NO ALEGRE ESPECTÁCULO DE
SALVADOR
A POPULAR REVISTA

O REBOLIÇO

Beatriz Costa

Adultos

AMANHÃ
DIA DE NATAL

3 ESPECTÁCULOS
A' TARDE
A'S 16 HORAS
A' NOITE
A's 22,30 e 22,45

COM A POPULAR REVISTA

O REBOLIÇO

António Silva

(Continuação da 4.ª página)

desempenhos da sua carreira, tantas vezes desviada do seu caminho natural; Andrade e Silva foi um criado que mereceu menos reparos do publico do que dos seus hóspedes, o mesmo podendo dizer-se de Luisette numa criadinha muito estilizada e galante.

O publico pareceu-nos disposto a aceitar o divertimento que pode ter carreira na esteira de «Perdeu-se um marido», «A menina feia» e outras comédias quase burlescas que ali mesmo no Monumental fizeram larguissima carreira. E que assim seja. O espectáculo está posto com digna probidade e Vasco Morgado deu mais uma prova de querer servir o publico, senão aquele de pequenas proporções e largas ambições artísticas, pelo menos o outro, o chamado grande publico popular.—M. A.

Atrás do reposteiro

Os títulos dos quadros do 1.º acto da revista «Toca a musica», em ensaios no Teatro Maria Vitória, são os seguintes: 1.º, «Que grande ensaio»; 2.º, «Agora a musica é outra»; 3.º, «Conservatório Nacional do Fado»; 4.º, «Hoje há leilão»; 5.º, «O coração é um relógio»; 6.º, «Concerto de flauta»; 7.º, «O bobo da corte»; 8.º, «Aproveita agora!»; 9.º, «Ai, Marianito»; 10.º, «Em segunda mão...»; 11.º, «Ferro-Novo!»; 12.º, «Isto é nosso!»» (apoteose).

—O actor João Villaret vai, nos dias 12 e 13 de Janeiro, representar no teatro da Academia de Santo Amaro a peça «Esta noite choveu prata».

—Amanhã, ás 18 horas, realiza-se no Teatro Variedades o primeiro espectáculo do «Teatro a Brincar».

—A actriz Maria Paula vai desempenhar na comédia musicada «Ela aí está!», que será representada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a figura que foi criada por Hermínia Silva.

—O actor Luís Horta vai desempenhar na revista «Toca a musica», em ensaios no Teatro Maria Vitória, os seguintes numeros: «O holosas», «O professor Albino» e «O mem do bombo», «O Mota das gu-Calcinhas».

—Vasco de Matos Sequeira, Alberto Barbosa e Lourenço Rodrigues são os autores da opereta «Fandango», e que se destina a ser representada pela companhia de operetas do empresário Giuseppe Bastos.

—E' provável que o elenco do Teatro Experimental do Porto vá no próximo ano ao Brasil, estreando-se em S. Paulo.

—A actriz Mirita Casimiro, que se encontra no Rio de Janeiro, vai apresentar, no Teatro Carlos Gomes, espectáculos para crianças.

—Amanhã, é retransmitido pela emissora Nacional o «Auto da Mofina Mendes», de Gil Vicente, desempenhado pelo Teatro Clássico da Universidade do Porto.

—Ficou adiada para Abril do próximo ano a digressão pela província, de um conjunto de artistas, dirigido por Gentil Marques.

—Consta ser possível que o actor Assis Pacheco vá tomar parte no desempenho de uma peça no Teatro da Trindade, de acordo com os empresários Vasco Morgado e Giuseppe Bastos.

—Estão marcadas para 4 de Janeiro as primeiras rodagens do novo filme português, «Dois dias no Paraíso», que será realizado por Artur Duarte.

—Só em princípios de Janeiro começarão no Teatro Variedades, sob a direcção de Charles, os ensaios de coregrafia da nova revista «Cá vamos cantando e rindo».

O mais tipico restaurante onde todas as noites pode ouvir fado, canções e guitarradas no seu verdadeiro ambiente

A CESÁRIA

Mário de Oliveira deseja a todos os seus clientes e amigos Boas Festas 1956/57.

Marcam-se mesas para a tradicional ceia do Natal pelo telefone 665 745, Rua Gilberto Rola, 20. (Antiga Rua Velha) — Alcantara — Lisboa. (Adultos).

Tardes Culturais

Teatro de Gil Vicente no D. Maria II

O Nacional apresentou mais um espectáculo de carácter cultural, ainda desta vez todo votado ao teatro vicentino. Faz pena que a nossa juventude, a das escolas técnicas, dos liceus e das universidades, seja educada fora do culto do teatro. E' certo que o teatro também não faz a sua propaganda junto da juventude. Talvez não actue de modo a conquistá-la, dando-lhe preços tão acessíveis quanto devia. De qualquer modo — isto que não pode ser tomado como respeitante ao Nacional, mas apenas no que possa exprimir como generalidade — acode-nos á ideia, verificando que o nosso teatro clássico não tem a larga e moça audiência que merece. O Nacional, fiel á sua missão, repôs, com muito prestígio, o «Auto de Mofina Mendes», uma encenação de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro; «Auto da India», encenado por Pedro Lemos; e «Farsa do juiz da Beira», encenação de Ribeirinho.

Pode dizer-se que toda a companhia colaborou no espectáculo, em que se assinala o desempenho de Mariana Rey Monteiro, pela primeira vez presente na obra vicentina. Os aplausos do publico traduziram, com a maior justiça, o valor do espectáculo, a todos os títulos sempre merecedor das mais largas audiências e nesta quadra do Natal, muito mais especialmente.

No Teatro Avenida

Amanhã à tarde, grandioso espectáculo de «Marionnettes»

Amanhã, dia de Natal, realiza-se no Teatro Avenida ás 18 e 30, um

(Continua na 11.ª pág.)

LUSO

F. Queimada, 8-A
T. 32889—Adultos
Hoje (até de madrugada) Fados e Canções, por: **Emília Candeias —Fausto Ribeiro —Ilda Ferreira—** António Meneses — Isaura A. de Carvalho e o campeão da alegria **Manuel Bogalho**. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. **Num ambiente familiar serve-se a tradicional «CEIA DO NATAL».**

CASINO ESTORIL

AMANHÃ
CHÁ-DANÇANTE e JANTAR DO NATAL
com ementa especial
Conjuntos musicais **HELDER REIS e OLIVER**
(Adultos)
31 de DEZEMBRO
«VELADA DO ANO NOVO»
Atracções internacionais
Marcam-se mesas para o SALÃO-RESTAURANTE e WONDER-BAR

Monaco Restaurante Costa

Comunica aos seus Clientes e Amigos, a quem deseja um Feliz Natal e próspero Ano Novo, que em virtude da solenidade da noite de hoje, encerra as suas portas ás 23 horas.

Direcção de M. Oterelo Costa.

CAXIAS. Telf. 042339.

Maria da Conceição

O Cantinho da Mãe Preta

Beco do Azinhal, n.º 7 — ALFAMA
Telef. 366183

Deseja aos seus estimados Clientes e Amigos e suas Ex.mas Famílias um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

O Brinde

do nosso **BOLO REI**, é uma garrafa de Espumante **VICE REI**. Cada Quilo 32$00 Esc.

Desconto especial para revenda.

Pastelaria S. João, Lda.

AVENIDA PARIS, 3-A
TEL. 725600

MARCIA CONDESSA

Restaurante Típico — Praça d'Alegria, 38 — Tel. 367093
HOJE — Tradicional **NOITE DA CONSOADA á Moda do Minho**
Amanhã: JANTAR DE NATAL com ementa especial
FADOS e GUITARRADAS pelos artistas **MARCIA CONDESSA — Natalina Bizarro — Teresa Nunes — Xavier Pinto — Fernando Manuel — Augusto Pinho — Joaquim do Vale**
MARCIA CONDESSA deseja a todos os Ex.mos Clientes e Amigos um NATAL FELIZ

MENSAGEM DO RITZ CLUB

ANTÓNIO DE ARAUJO, Empresário deste popular dancing das multidões, deseja um feliz Natal aos seus clientes e amigos, e convida-os a assistirem à festa de hoje com um programa colossal de que fazem parte: AMPARO Y MANOLO, uma alegoria do Baile Flamenco com o seu guitarrista privativo CARLOS RAMOS, NEGRITO SILVA, o fenómeno do ritmo da loucura—VILAÇA E SUA ORQUESTRA, à frente do melhor programa do momento com as mais lindas vedetas do «Music-Hall».

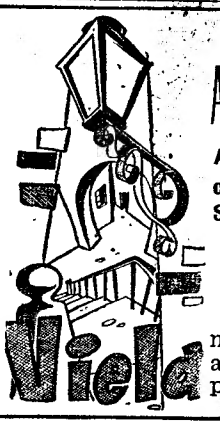
Ceia da consoada no Salão Rustico e festa sob a direcção da consagrada artista *FERNANDA MARIA*

RITZ CLUB — Rua da Glória—Edificio próprio — Telef. 25140 — (Adultos)

CASA DE

Celeste Rodrigues

R. Taipas, 14
Tel. 27256 (Adultos)



COM

Alfredo Marceneiro

Arminda Vidal, Natércia da Conceição, Jorge Silva, Adelino Santos e Nicolau Neves

* * *

O restaurante realmente típico, agradece a antecipada marcação para o fim do ano.

Marivaux

moralista desconhecido

por JE AN – CLAUDE IBERT

No começo do sec. XVIII, pôr em cena o amor e só o amor era um empreendimento arrojado. Pierre Carlet de Chamblain de Marivaux (1688-1763), preferindo «sentar-se na ultima bancada dos autores originais a figurar orgulhosamente na primeira fila dos macacos de imitação... literários», não hesitou em correr todos os riscos que semelhante tentativa comportava. E as suas melhores peças são precisamente aquelas em que a acção assenta exclusivamente numa intriga amorosa.

Mas a arte da comédia, em Marivaux, se é certo que se confunde por vezes com a arte da conversa, onde a expressão dos sentimentos e das ideias deve ser alternadamente irónica, graciosa, atraente, cheia de abandono, terna, inquietante, comovente, preciosa e familiar, não deixa de repousar muitas vezes em intenções mais sérias que a de divertir mostrando como, entre duas pessoas honestas, o amor pode nascer, declarar-se ou morrer.

Marivaux, que Voltaire costumava considerar um «metafisico», quer provar que «o uso mais digno que cada um pode fazer da sua felicidade é servir-se dela para uso dos outros». E não há duvida de que o seu teatro responde a esta exigência. O próprio Marivaux parece julgar as suas composições como «lições de moral tanto mais cativantes quanto menos tiverem um ar dogmático e souberem insinuar o preceito moral no prazer da leitura».

Este desejo de forçar á reflexão o publico a que se dirige, sem de tal o deixar aperceber-se, nota-se em todas as obras de Marivaux. Segundo Paul Gazagne, que consagrou um notável ensaio ao autor do «Jeu de l'Amour et du hasard» («Jogo do amor e do acaso»), Marivaux tem direito a um dos primeiros lugares entre os moralistas franceses». Nada mais justo. Simplesmente, Marivaux é um homem de espírito que procura atenuar a severidade de algumas das suas reflexões: por trás do mariposeio galante, casto e distinto, a que se entregam as suas personagens, dissimula-se o rigor de um juizo moral que valoriza virtudes como a indulgência, a sinceridade a bondade, a equidade — virtudes que ele próprio põe em prática.

Marivaux foi vitima dos seus êxitos. Os leitores apreciam-no através das suas obras mais conseguidas, onde reina um clima de natural bom humor. Contudo, ele publicou algumas obras em que expôs as suas ideias sobre a sociedade, sobre o homem, sobre a religião, e que nele denunciam um profundo sentido da verdade e uma manifesta vontade de tomar posição perante os grandes problemas humanos. Mas estes trabalhos estão hoje esquecidos. Daí o erro de se querer encerrar Marivaux no «marivaudage», como se a sua unica preocupação tivesse sido a de levar ao extremo o requinte na análise e na expressão dos sentimentos.

MARIVAUX

Assalto em Londres

à maneira de «gangsters»

LONDRES, 24 — Bandidos retiveram um guarda da noite, durante quatro horas, até chegar um camião, para levar um cofre de um edifício, situado em Bushey Heath, próximo desta cidade.

Depois de se terem afastado com o cofre, que se julga conter pouco dinheiro, o guarda conseguiu chamar a Polícia. Foi, então, conduzido ao hospital, gravemente ferido. — (R.).

ASPECTOS DO PORTO

Taxis a mais e taxis... a menos

PORTO, 22. — Habitualmente, as praças de táxis do Porto dão o aspecto de haver nesta cidade táxis em quantidade superior á necessária, pois, a não ser aos domingos em que nas Antas haja jogo de grande cartaz, rarissimo é verificar-se carência de automóveis nas habituais posturas.

Diz-se que não há nesta cidade o hábito de utilizar o táxi como o há, digamos, em Lisboa.

De facto, assim parece, mas não é tanto quanto o afirmam as pessoas que se esforçam em apoucar esta terra, apontando-lhe faltas que não querem notar onde também elas existem, mas que fácilmente se escondem.

É preciso, antes que tudo, estabelecer as devidas proporções. Qual a população lisboeta? Qual a do Porto? Esta, menos de metade da primeira. E a população flutuante? No Porto, é quase inexistente, ao passo que a de Lisboa pode quase computar-se em 10% da sua população fixa.

Não há duvida de que o lisboeta tem enraizado em si o hábito de utilizar o táxi, mas, se isso não justificasse o seu grande movimento, lá estariam os «provincianos», que, na sua quase totalidade, passam apressados pela capital, para lhe darem a maior percentagem, que, sem duvida lhes pertence.

O táxi em Lisboa é uma imperiosa necessidade para quem tem de tratar da sua vida, quando para tal tenha de deslocar-se entre pontos muito afastados ou dar muitas voltas em curto espaço de tempo, nomeadamente nas horas de funcionamento de repartições oficiais, ministérios, organismos em que as horas de encerramento se moldam pela rigidez da pontualidade britanica ,etc., etc., isto para não falarmos nos multiplos motivos da vida citadina, em que há a absoluta necessidade de uma rápida deslocação.

A área das normais actividades no Porto é incomparávelmente mais pequena do que a da capital, onde é possivel encontrarmos centenas e centenas de automóveis de praça em retorno de serviços, ou a «varrer», isto é, marchando lentamente com a mira, sempre atingida, de «pescar» um cliente. Para tal, os patrões dão diáriamente aos empregados motoristas, uns tantos litros de gasolina.

No Porto, a coisa é diferente e, daí, a causa principal do pouco movimento dos táxis.

Mal o cliente abandona o carro, o motorista só tem um objectivo: chegar o mais depressa possivel á praça, com a mira de arranjar um bom lugar. Aqui não há o hábito universal de se apanhar um táxi em qualquer ponto onde nos encontremos. O táxi vasio passa por nós com tanta velocidade como quando transporta clientes. O motorista não vai atento a um possivel cliente que lhe apareça pelo caminho. Quem esperar na beira de um pas-

(Continua na 10.ª página)

ovic

Peça

PÉ DA VINHA

QUE PEDE VINHO

CALDEIRA, LDA.

A C E C

Estudadas e verificadas cientificamente para produzirem luz semelhante à luz natural.

Lâmpadas de arranque rápido em suportes normais para 40, 30 e 20 W

LÂMPADAS FLUORESCENTES

ACEC

TODAS AS TONALIDADES DE LUZ

DISTRIBUIDORES GERAIS

INEL

LISBOA-R. RODRIGO DA FONSECA, 76-4.º

PORTO-R. DE SANTA CATARINA, 470

INDIGESTÃO?

As Rennie dão-lhe ALÍVIO INSTANTÂNEO

A indigestão manifesta-se por dor ou enfartamento. Para alívios rápidos chupe duas *Rennie*. Os ingredientes anti-ácidos dissolvidos pela saliva, ao chegarem ao estômago estabelecem o equilíbrio acabando com o incómodo. Se não conseguir alívios com *Rennie*, procure o seu médico.

PASTILHAS RENNIE

A venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25

TODAS AS **SEGUNDAS QUINTAS E SABADOS**

1.ª Classe e Classe Turística

para a ALEMANHA nos famosos aviões *Super-G Constellation*

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

LUFTHANSA

LINHAS AÉREAS ALEMÃS

De ontem para hoje

O NOVO BASTONÁRIO

NOVO bastonário da Ordem dos Advogados é o dr. Pedro Pitta. Embora tal decisão desde há meses estivesse por assim dizer estabelecida como certa, pelo numero excepcionalmente elevado de advogados que subscreveram a sua candidatura, ainda assim o facto é de assinalar por se referir a uma personalidade tão vincada como a do escolhido para presidir a uma classe de tão funda influência na vida social. Lançado, desde muito novo, na grande caminhada da vida, o dr. Pedro Pitta, que hoje conta 67 anos e há mais de trinta se afastou voluntàriamente da primeira linha da cena publica, antes disso foi deputado e ministro, «leader» parlamentar, dirigente de um importante partido político, efectivo da Academia, escritor apurado, jurista arguto e esclarecido. Mas, além disso, foi sempre o que é hoje ainda: um homem de acção, um homem de inteligência, um homem de carácter: sempre igual a si próprio.

CAVALOS QUE DERRUBAM...

TALVEZ porque está a gasolina em fase de escassez, toma o cavalo ares de protagonista em «faits divers» que dão de si. Em Carrazedo de Montenegro, andava um pequenito de três anos (Alcino Machado) em companhia de um irmão, a tomar conta de uns animais que pastavam livremente. O pequenito amarrou-se pela cintura a um cavalo, que ás tantas deu de fugir arrastando consigo o menino que sofreu fracturas e ferimentos graves. Ao mesmo tempo, veio de Grandola para Lisboa, a hospitalizar-se a sr.ª Laura Pereira. Como na inspiração vicentina da sua antepassada Inês Pereira, a sr.ª Laura não terá deixado de pensar: «mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube»...

PEDRAS BRANCAS

SÃO pequenas notas na vida do País, mas precisamente são esses apontamentos que dão a nota de vida: para bem ou para mal. Hoje é para bem: é o registo da abertura de instalações novas para o serviço de correio em pequenas terras, agora Albergaria dos Doze e Mogofores. Visto de Lisboa, o acontecimento pode parecer coisa de nada. Mas visto no seu ambiente, é uma festa. No conjunto, estas pequenas pedras brancas que se registam valem como sinal de prestígio.

ANDAR E PARAR

O barco encalhou. O «Dione» encalhou na foz do Lima. Houve as alternativas habituais de esperança e duvida — mas acentuaram-se estas á maneira que passou o tempo. Lá para sexta-feira, se o tempo ajudar, talvez se consiga qualquer coisa... Afinal, o que o homem não soube ou não pôde, ai está, as forças naturais o decidiram: o barco, impelido pela maré, começou a mover-se e foi preciso fazer acudir um rebocador, não, como se esperava, para o pôr em navegação, mas para o deter na sua carreira que ameaçava tornar-se veloz em excesso...

SERRA ACIMA...

OS lobos da serra metiam-se em ousadias acima da média, causando devastações entre os animais de criação, pelo que decidiram os caçadores organizar-lhes uma batida. Manhã cedo, junto á capela de S. João de Arga, escopetas em riste e acompanhados por matilhas, os caçadores juntaram-se para a função. Estavam figuras de relevo no distrito de Viana, a quem se juntou o sr. coronel Santos Costa, ministro da Defesa. A bater os alcantis da serra, envolta nas suas brumas, a jornada passou-se numa apoteose de ar livre, no contacto rijo com a Natureza, que tem sempre a força da sua verdade para exprimir.

JORNAL PEQUENO

FOI criada em Cascais uma Conservatória do Registo Predial. ✱ Os soldados recrutas de Goa prestaram o seu juramento á bandeira. ✱ A Associação Protectora da Primeira Infancia festejou os 55 anos da sua actividade. ✱ Em Bucelas, para evitar atropelar um cão, o condutor de uma camioneta deu uma guinada de desvio. Guinada foi ela que o veículo se despistou e tombou numa berma, deixando feridas as duas pessoas (o conutor e o seu ajudante) que nele seguiam. ✱ Perto de Porto de Mós, uma camioneta a que se quebraram os travões foi de encontro aum carro de bois, que se inutilizaram no desastre. ✱ Mais uma criança que morreu á lareira: a pequenina Fátima Mendes de dois anos, nas Caldas das Taipas. ✱ Na Casa da Madeira proferiu uma brilhante conferência sobre «Castilho madeirense» o sr. dr. Reis Gomes.

ACTOS COMEMORATIVOS DO NATAL

Tiveram particular realce as cerimónias

realizadas em todos os hospitais da capital

Todos os anos, na véspera de Natal, dos artistas amigos do «Diário de Notícias» vão de banza a tiracolo e de capa trovadesca cantar para os pobres doentes e encarcerados. Uma réstia de luz na noite escura, cinco réis de presença da vida que continua cá fora. Este ano são vinte e dois os espectáculos promovidos, com a colaboração de muitas centenas de artistas dos maiores aos mais modestos, porque em todos se revela a mesma centelha de amor e de piedade. Esses espectáculos estão marcados para as 16 horas. Só no Sanatório Dr. José de Almeida, em Carcavelos, a festa se efectuou mais cedo. Ás 14 e 30 já ali se encontrava o director do sanatório, sr. dr. Azevedo Rua, com o pessoal médico e de enfermagem. Nas enfermarias, lindamente decoradas com verdura, «anjinhos», presépios e outros lindos motivos de Natal, os 156 doentes, entre os quais 32 rapazinhos, aguardavam, ansiosamente, o começo da festa, em que colaboraram Maria José Valério, Tony de Matos, Ivone Ruth, a orquestra do Casino Estoril, José Faustino, o programa «A Voz de Portugal» e António Mestre, que dirigiu o espectáculo.

Amanhã, todos os doentes receberão, numa linda embalagem, o seu presente de Natal.

Os antigos combatentes receberam o seu bodo

Na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, foi esta manhã distribuido um bodo a antigos combatentes e viuvas. O numero de pessoas reunidas junto da sede da Liga dos Combatentes era de cerca de seiscentas, recebendo vestuário, carne, açucar e café. Estavam presentes os srs. coronel Pina Cabral, da Comissão Central Administrativa, comandante Fortée Rebelo, da comissão da agência de Lisboa, Baptista Fabião, tesoureiro; Gonçalves Raposo, vogal da tesouraria; e o tenente Reis, chefe de secretaria. A distribuição, já tradicional, teve este ano um valor mais importante, nomeadamente no que se refere a vestuário.

Para evitar os inconvenientes que resultam muitas vezes da sinalização feita por discos verticais, sobretudo nas esquinas, em circunstancias que não permitem boa visibilidade para os automobilistas, foi agora experimentado em Paris um novo sistema que consiste em hemisférios de plástico de cor, devidamente iluminado como este que a nossa gravura reproduz

No Asilo da Lapa

Foi muito animada a festa hoje realizada, ás 12 horas, no Asilo da Lapa. Foi aqui servido um almoço a 120 crianças, oferecido pela condessa de Monte Real, após o que todas elas receberam uma camisola. Estavam presentes a sr.ª duquesa de Palmela e o sr. Raul de Távora, da Sociedade de Infancia Desvalida.

Na Casa do Algarve

A Casa do Algarve distribuiu esta tarde um bodo a cerca de 300 pobres, constituido por agasalhos e conservas de peixe. A distribuição foi dirigida pelos presidentes da comissão de beneficência, dr. Amadeu Ferreira de Almeida e coronel Manuel Aboim Ascensão de Sande Lemos.

Festas em dois aquartelamentos da G. N. R.

Nos quarteis da G. N. R., dos Paulistas e da Ajuda, realizaram-se esta tarde, respectivamente, ás 16 e ás 16 e 30, duas animadas festas de Natal. Além dos comandantes e oficiais das referidas unidades, assistiram também oficiais superiores do comando da corporação.

As festas, dedicadas aos filhos dos sargentos e praças que prestam serviço naqueles quarteis, constaram de distribuição de brinquedos e de uma merenda.

Outras solenidades

Uma comissão de reclusos do Limoeiro promoveu uma festa de Natal, com a colaboração de várias firmas comerciais de Lisboa. Os

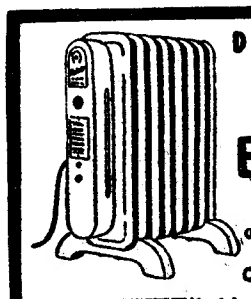
(Continua na página seguinte)

ELNA

A mais perfeita e barata máquina suiça, para costurar, cerzir bordar etc., etc. Consumo insignificante uma criança a pode utilizar e transportar e guarda-se numa gaveta.
Largo da Trindade, 17 — LISBOA

AGUARDENTE MOSCATEL
BAGACEIRA
MOSCA
MARCA REGISTADA
J. M. da Fonseca Sucr.
SETUBAL-PORTUGAL
A ÚNICA VERDADEIRA

AO PRIMEI
tome
As constipações, a
mal-estares corrente
ter alívio rápido tom
disso, Melhoral bai
Melhoral
Melhoral
CO
M
2 COM



DESEJA UM BOM E ECONÓMICO SISTEMA DE AQUECIMENTO,
Prefira os radiadores automáticos a Óleo
ELECTROLAR
PARA AQUECER UMA SALA DE 45 m³ | No Porto — $12 hora | Em Lisboa — $90 hora
O aquecimento da sua casa será eficiente e económico se instalar radiadores ELECTROLAR
CINCO ANOS DE GARANTIA (PATENTE ELECTROLAR)
ELECTRA PORTUGUESA, S.A.R.L. — PRAÇA D. JOÃO I, 27 — RUA DA BANDEIRA, 222 — PORTO
ALBERTO BEJA — RUA SAIBE, 2.º-D.º — LISBOA

PERUS ASSADOS
FRANGOS, PERDIZES, GALINHAS e PATOS
e outras especialidades de culinária
Smarta
Secção de Restaurante — Telef. 41583 - 53448

Barbosa, Esteves & C.ª
OURIVES — JOALHEIROS
293 — RUA DA PRATA — 295
Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

ROCK AND ROLL
Pelo conjunto Shegundo Galarza, versão extraordinária, à venda nas boas casas em discos «Estoril».

Restaurante NEGRESCO
Apresenta nos jantares do NATAL especialidades de grande categoria
ATENÇÃO AO GRANDE «REVEILLON»
✱ ESTREIA DUMA BOA ORQUESTRA ✱
O MELHOR «RÉVÉILLON» DE LISBOA !

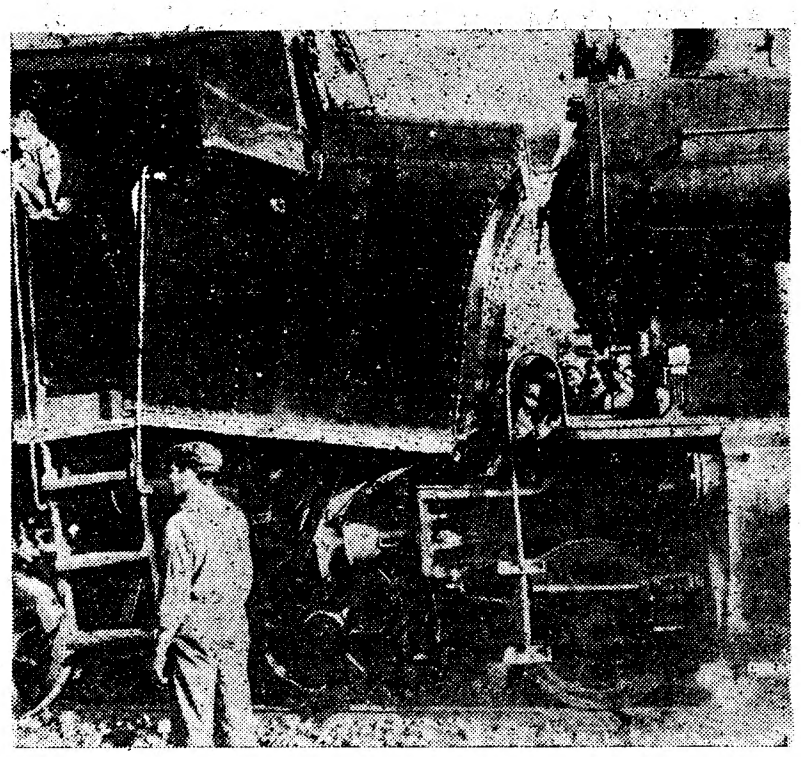
Restaurante
Montes Claros
A Gerência deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal feliz e um Ano Novo muito próspero

Um automóvel
galgou o passeio e foi colher cinco pessoas

Quando hoje de manhã o motorista Manuel Luís, de 40 anos, morador na Rua das Amoreiras, 126, cave, passava na Rua de D. Estefania, conduzindo o automóvel com que trabalha, ao que parece por lhe terem faltado os travões, galgou o passeio e foi colher José Lourenço Frade, de 31 anos, negociante e vendedor de perus, residente em S. Tiago dos Velhos, concelho da Arruda dos Vinhos, e Emilia Semedo, de 48 anos, moradora na Rua Açores, 49, 3.º, Dt.º. Depois o veículo foi chocar com uma árvore, entalando entre a mesma e o carro Vitor Manuel Gomes Pereira, de 9 anos, filho de Francisco Pereira e de Antónia da Conceição Gomes, residente na Rua de D. Estefania, 161, cave, o qual sofreu esmagamento da perna esquerda e fractura da perna direita, sendo grave o seu estado, ao dar entrada no Hospital de S. José. Também ali foram conduzidos José Lourenço Frade, que com ferimentos na cabeça ficou internado na sala de observações. Emilia Semedo, que depois de devidamente tratada recolheu a sua casa, e, ainda, o próprio motorista Manuel Luís, que sofreu ferimentos no rosto e recebeu voz de prisão.

DEFESA CIVIL
Sistema de alerta em Lisboa

A D. C. T. está a instalar o sistema de alerta em Lisboa, na zona limitada, a Norte, pela Rua Marquês da Fronteira; a Sul, pelo Rio Tejo; a Este, pela Rua Augusta, Rossio e Avenida da Liberdade; e a Oeste, pela Rua Maria Pia, Alcantara e Belém. Como vão fazer-se experiências deste sistema, pedem-nos que previnamos a população desta zona de que os toques de sereia executados das 9 ás 11 e 30 e das 14 ás 17 horas, são transmitidos para os efeitos indicados.



As duas locomotivas após o choque

Um choque de comboios
na estação da Amadora

Na estação da Amadora, das de mais movimento da linha de Sintra pelo aumento incessante da população da risonha vila, deu-se hoje, ás 8 horas e 7 minutos, um choque de comboios por avaria de agulhas, que estabeleceu uma linha invertida. Procedente da Queluz entrou, assim, erradamente, áquela hora o comboio n.º 4920, que tem o seu horário de chegada ao Rossio ás 8 e 30 e que foi chocar com o 4922 que ali estava formado para sair ás 8 e 15 e chegar ao Rossio ás 8 e 37.

Do choque, aparatoso, resultaram pequenas avarias nas respectivas locomotivas, as n.os 083 e 073, descarrilando esta pelo rodado traseiro.

De Campolide saiu imediatamente material que procedeu ao carrilamento, de forma a não causar mais que pequeno atraso no movimento da linha.

Ficou muito ferido o fogueiro Armando Araujo Gomes, de 25 anos morador na Quinta do Cardim, em Campolide, o qual ficou internado no Hospital de S. José, onde também receberam curativo de pequenos ferimentos e contusões, seguindo para suas casas, alguns passageiros, na sua maioria vítimas do panico que se estabeleceu no primeiro momento.

Entre os que receberam curativo contam-se os srs. Alfredo Alves dos Santos, de 63 anos, empregado no comércio, morador na Rua Elias Garcia, letras A. N. O., em Queluz, contuso numa perna; D. Maria Emília Figueiredo Ferreira, de 18 anos, ajudante de farmácia, residente na Rua 31 de Janeiro, em Queluz; Vitor Elias Ferreira, de 18 anos, empregado de escritório, morador na Rua Brás Simões, lote 2, letras F. C., também em Queluz; D. Clotilde Mendes Ribeiro de 59 anos, residente na Rua José Corado, em Queluz, e Custódio Bento da Costa, de 38 anos, empregado de escritório, também morador em Queluz, na Rua da Bombarda, F. M. P.

Outras pessoas sofreram contusões de que só depois se aperceberam, e mais graves consequências poderia ter tido o desastre se não fora o sangue-frio do maquinista Manuel Gameiro Junior que pilotava a locomotiva 083 e a conseguiu travar de modo a diminuir o choque com a n.º 073, que estava parada por avaria, mas na linha que lhe competia.

Ensopado de enguias
Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos

O ministro
da Defesa Nacional visitou no Porto diversas unidades

PORTO, 24. — O sr. coronel Santos Costa, ministro da Defesa Nacional, que, ontem, num avião militar, chegou a Pedras Rubras e seguiu logo para o Alto Minho, para participar numa batida aos lobos, na serra da Arga, regressou hoje a esta cidade, para fazer algumas visitas a unidades militares.

Primeiramente esteve no antigo quartel de Infantaria 6, que se encontra em obras de remodelação, para ali ser instalado o quartel da I Região Militar, o qual começara a funcionar, com a primeira fase das obras concluídas, no próximo mês de Fevereiro, coincidindo o acto inaugural com a homenagem a prestar ao sr. general Cotta de Morais, que nessa altura abandona o comando da I Região Militar.

O ministro da Defesa, acompanhado pelo subsecretário do Exército, sr. coronel Almeida Fernandes, era ali aguardado pelos srs. general Frederico Vilar, brigadeiro Magalhães de Figueiredo e outros oficiais.

O sr. coronel Santos Costa seguiu, depois, para o Regimento de Cavalaria 6, onde era aguardado pelo respectivo comandante, sr. tenente-coronel Carvalho Nunes. Neste quartel, aquele membro do Governo visitou o novo refeitório.

No Regimento de Engenharia 2, o sr. coronel Santos Costa foi recebido pelos 1.º e 2.º comandantes, respectivamente, srs. coronel Bastos de Carvalho e major António Silva Leitão e visitou a piscina, recentemente inaugurada. Presidiu depois a um almoço ladeado pelos srs. generais Cotta de Morais e Frederico Vilar. Em frente sentou-se o subsecretário do Exército ladeado pelos srs. brigadeiro Magalhães de Figueiredo e coronel Carlos Moreira.

A' tarde, realizou-se uma festa de homenagem ao comandante de Engenharia 2, que vai ocupar o cargo de director do Colégio Militar, pelo que deixa o comando daquele regimento, cargo que será desempenhado pelo actual 2.º comandante.

Mocidade Portuguesa

Foi hoje publicado, no «Diário do Governo», o decreto que exonera, a seu pedido, o sr. coronel José Maria Ribeiro da Silva, dos cargos de comissário nacional adjunto da Mocidade Portuguesa na metrópole e no ultramar.

Processo sumário
Perseguição mal sucedida

Há dias, uma funcionária dos Hospitais Civis, que se apeou de um eléctrico em Almirante Reis, nos cruzamentos das ruas de Angola e de Febo Moniz, foi perseguida por quatro motoristas que se faziam transportar num táxi. Sem o menor respeito e com a agravante de todos serem casados, começaram por perseguir a referida mulher, de uma forma tão vexatória como indigna. Em Santa Bárbara, quando ela ia a atravessar de um lado para o outro para fugir aos galanteios, atravessaram-lhe o carro na frente, barrando-lhe o caminho. A mulher, num momento de indignação, aplicou uma forte bofetada no motorista, deixando-o um pouco atordoado e conseguindo assim fugir-lhes. Daí a pouco lá estavam os mesmos individuos no Largo Pombeiro, ao Campo de Santana, onde a sua audácia foi mais além, pois o condutor subiu o passeio com o carro e pretendeu entalar a referida mulher de encontro á parede, sem reparar que, a poucos passos, se encontrava um guarda da Polícia de Segurança, que acorreu imediatamente. Nessa altura, a perseguida aproveitou a ocasião para fazer a sua queixa. Foram todos quatro presos. São eles: Vitor, Carlos, Filipe e Bento, os quais responderam no Tribunal de Polícia, no dia seguinte, perante o juiz sr. dr. Julio Cabral.

A queixosa, de nome Irene, expôs os factos, e os arguidos, que se sentiam comprometidos, não tiveram palavras para se justificar.

O magistrado, depois de várias considerações, condenou cada um dos arguidos na multa de 100$00 e 150$00 de imposto nos termos do Edital do Governo Civil de 18 de Outubro de 1933.

RO ESPIRRO
Melhoral
gripe, o catarro, são
s para os quais pode
ndo Melhoral. Além
ka a febre, alivia as
dores de cabeça
e produz uma
agradável sensa-
ção de bem estar.
TRA A GRIPE TOME
lhoral
PRIMIDOS: ESC. 1$00

OS FAQUEIROS DE PRATA
servem durante gerações
Compre o seu, na
OURIVESARIA DA GUIA
Fundada em 1875
Martim Moniz, 2-10—Tel. 28336
R. da Mouraria, 7-11 (Junto á Capela N.ª Sr.ª da Saude)

Caixa 7$00
CONSTIPADO? USE Curamentol
Boião 16$00
PEÇA LITERATURA
COUTO, LDA.
L. S. Domingos, 106 — PORTO

A SAPATARIA Arte
Apresenta aos Ex.mos Clientes cumprimentos de Boas Festas e desejos sinceros de um Novo Ano muito próspero.
1956 * 1957
Rua Augusta, 242-244 LISBOA TEL. 24396

YORK-BAR
A Gerência apresenta aos aos seus Ex.mos Clientes e Amigos os melhores cumprimentos de Boas Festas

Restaurante NEGRESCO
A Gerência deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal feliz e um Ano Novo muito próspero

Dentes bonitos...
...conferem simpatia
e confiança em si...
MEXYL
A PASTA DOS QUE VENCEM NA VIDA
Um simples centimetro de pasta na escova provoca uma espuma abundante que leva a todos os recantos da boca uma desinfecção total e produz a sensação refrescante de um perfume agradavelmente discreto.
Tubo grande: 1$50
Tubo médio: 85$00
BELARTE-LISBOA
MEXYL
PASTA DENTÍFRICA CIENTÍFICA
FÓRMULA DOS LABORATÓRIOS
MEXYL S. A.
GENÈVE (SUIÇA)

PLUM - PUDDING
MINCE - PIES
Vende a PASTELARIA MARQUES
70 — CHIADO — 72
Telefs. 33110 29160

Vinhos gaseificados
SURPRESA
actualmente no mercado

Aspectos do Porto

(Continuação da 7.ª página)

seio pela passagem de um táxi e chamar a atenção do motorista para que pare, corre o risco, pelo menos, de ir a pé até á próxima «praça» ou «depósito», pois de outra maneira perde o seu tempo. Aqui, toda a atenção do motorista concentra-se exclusivamente em respeitar leis e códigos, acautelar a sua e, quanto possível a vida dos outros e, pouco mais.

Se o publico se queixa, o motorista também tem as suas mágoas.

Se há «praças» regulares, outras nada valém. A maioria dos serviços não compensam as horas diáriamente gastas na postura. De dia, o serviço lá vai «pingando», mas como o Porto é uma cidade sem diversões, sem turistas, sem noctívagos endinheirados, sem boémios, sem qualquer movimento, a não ser o dos «almeidas», e um ou outro polícia, dos poucos que há para muitas ruas das muitíssimas áreas que há para patrulhar, o movimento de táxis durante a noite é práticamente inexistente.

Há, porém, quem goste de utilizar táxis, e utiliza-os. Mas de que maneira? Quase entrando por uma porta e saindo por outra. Só para fazer figura. Há pessoas que têm a coragem de tirar um carro da praça, só para «marcar a posição» ao sair diante das grandes confitarias, casas de chá, teatros, cinemas, ou recintos públicos e concorridos. Na maioria dos casos, os táxis pouco mais marcam do que a bandeirada, não chegando a cair a fracção, pelo que o motorista lá vai para a cauda da «bicha» tendo perdido um lugar que só poderá reaver algumas horas depois.

Será isto humano?

Nestes casos, deveria existir uma taxa mínima, para evitar que individuos sem consciência pudessem lesar quem muito se esforça para ganhar o pão, que, ás vezes, é mais amargo do que aquele que o diabo amassou.

Entretanto, assim se verifica que não existem no Porto táxis a mais, mas sim clientes a menos...

De quem é a culpa?

Não será mau dividi-la por todos, em partes iguais...

G. C.

Para os nossos pobres

Da Casa do Pessoal das Oficinas Gerais de Fardamento, recebemos 20$00, destinados aos pobres protegidos pelo nosso jornal. Agradecemos, em nome dos contemplados.

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DO CINEMA

da semana de 24 a 30 de Dezembro de 1956

2.ª-feira, 24—«Oasis», da Fox, com Michele Morgan—Pierre Brasseur e Gregoire Aslan, ás 21,30 para adultos.

3.ª-feira, 25—«Parada de Estrelas», da Fox, com Marilyn Monroe—Donald O'Connor — Ethel Mernan — Dan Dailey — Mitzi Gaynor e Johnnie, ás 17 e ás 21,30 para adultos.

4.ª-feira, 26—«Fugitivos do Inferno», da Snoro, com Tony Curtis—Frank Lovejoy e Mary Murphy, ás 21,30 para adultos.

5.ª-feira, 27 — «Agarra esse homem», da Doperfilme, com Vittorio de Sica — Marcelo Mastroianni — Giovana Ralli e Franca Valeri, ás 17 para 13 anos e ás 21,30 para adultos.

6.ª-feira, 28 — «Maria Antonieta» da Doperfilme, com Michèle Morgan — Richard Todd e Jacques Morel, ás 21,30 para adultos.

Sábado, 29—«Interludio secreto» da Fox, com Dana Wynter — Richard Egan e Cameron Mitchell, ás 17 e ás 21,30 para adultos.

Domingo, 30 — «O fundo da garrafa», da Fox, com Van Johnson — Joseph Cotten — Ruth Roman e Jack Carson, ás 17 e ás 21,30 para adultos.

Comemorações do Natal

(Continuação da página anterior)

reclusos construiram um presépio, que já foi inaugurado, e, amanhã, distribuirão roupas a duas centenas de crianças.

— Amanhã, ás 10 horas, na sede do 2.º Grupo dos Escuteiros de Portugal, Calçada da Ajuda, 234, haverá uma festa de Natal para os pequeninos pobres da Ajuda. Estarão patentes dois presépios construidos e serão distribuidos géneros, bolo-rei, vestuário e brinquedos a 50 contemplados.

— O Sport Lisboa e S. Lourenço, no dia de Natal, distribui um bodo a 50 pobres da freguesia de S. Cristovão e S. Lourenço. Deste bodo beneficiarão dois pobres protegidos pelo nosso jornal.

— A Junta de Freguesia do Marquês de Pombal distribui, amanhã, ás 8 e 30, um bodo aos pobres, entre os quais figurarão dois protegidos pelo nosso jornal.

—No Centro de Alegria no Trabalho da Robbialac Portuguesa, um espectáculo dedicado aos filhos do pessoal daquela importante organização, que constou de uma distribuição de agasalhos, brinquedos, lanche e de um acto de variedades.

—Na União dos Inválidos de Guerra, houve distribuição de donativos a viuvas e orfãos.

—A Orquestra Copacabana promove, amanhã, uma tarde dançante na Casa das eBiras, colaborando na festa o seu novo vocalista José Negreira.

—O Mirantense Futebol Clube distribui amanhã, ás 10 horas, na sua sede, vestuário e calçado a 30 crianças.

—Rádio Universidade transmite amanhã, a partir das 11 e 30, um programa dedicado á quadra festiva actual.

— Dedicada aos filhos dos empregados da firma Braz & Braz, realizou-se uma festa que decorreu muito animada e compreendeu distribuição de brinquedos, um acto de variedades e um lanche, oferecido aos trezentos participantes na festa. Uma das pequeninas presentes aceitou uma interessante poesia dedicada aos pobres protegidos pelos jornais. No final, houve recolha de donativos, cabendo aos nossos pobrezinhos 64$40. Os nossos agradecimentos, em nome dos contemplados.

— Amanhã, ás 15 horas, realiza-se, na Junta de Freguesia da Penha de França, uma distribuição de géneros e agasalhos aos pobres.

— A Junta de Freguesia da Penha de França distribui, amanhã, um bodo, do qual beneficiarão dois pobres protegidos pelo nosso jornal.

Uma iniciativa da Fundação Joaquim Matias

A Fundação Joaquim Matias, que promoveu as interessantes festas do pessoal da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos (Cibra) e da Sociedade de Construções e Industrias Anexas (Scial), que se efectuaram, respectivamente em Pataias e em Cabo Ruivo, tomou a iniciativa de distribuir pelos operários das duas empresas um conjunto de géneros alimentícios destinados á sua consoada.

Nos Laboratórios Jaba

Com grande brilho, realizou-se uma festa de Natal oferecida pelo director dos Laboratórios Científicos Jaba aos filhos do pessoal ali em serviço. Foi servida uma merenda e distribuidas muitas prendas a todas as crianças.

Cinema para as crianças

Por ser dia de Natal, realizam-se amanhã, no Pavilhão dos Desportos, ás 15 e ás 16 horas, duas sessões de cinema, destinadas ás crianças, promovidas pela Camara Municipal de Lisboa. Os bilhetes distribuem-se no referido local e o programa é constituido por filmes educativos, desportivos e de desenhos animados.

No Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 24.—O Refeitório dos Indigentes, modelar instituição de beneficência que serve diariamente almoço e jantar a cerca de 150 necessitados, distribuiu roupas e agasalhos a todos os seus protegidos. A mesma benemérita instituição melhorará, também, o jantar do dia de Natal e distribuirá cigarros.

A centenas de filhos de ferroviários mais necessitados, serão também distribuidos, no dia de Natal, roupas e agasalhos, pelo Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento.

Na Murtosa

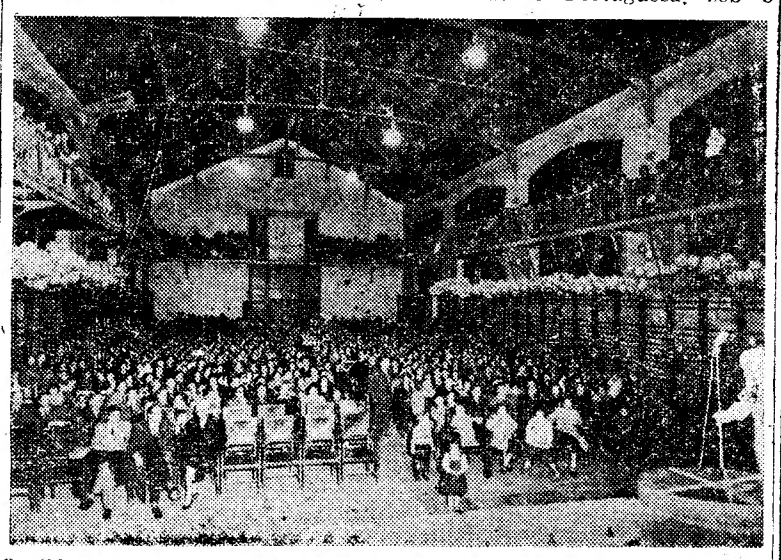
MURTOSA, 24.—Festejando o Natal, a Camara Municipal desta vila, através do seu cofre de assistência, distribuiu a importancia de 5.071$80, pelas Conferências de S. Vicente de Paulo da Murtosa, Monte, Pardelhas e Bunheiro, a Comissão Paroquial de Assistência da Torreira, a Creche «José Maria Barbosa», a Creche Patronato de S. José e o Património dos Pobres; um grupo de Murtoseiros residentes na Guiné Portuguesa, sob o anonimatoanonimato, enviaram ao sr. presidente da Camara 2.750$00 para entregar á viuva de António Buchinho, morto na Ria de Aveiro, há meses, quando pretendia salvar os filhos; a União Beneficente Murtoense, importante instituição de beneficência com sede nos Estados Unidos, enviou também 24.237$87, para distribuir pelas instituições de beneficência da Murtosa, cabendo ao hospital a importancia de 13.966$87.

No posto médico da Casa dos Pescadores de Aveiro, desta vila, inaugurou-se festivamente, o presépio e distribuiu-se o «bacalhau do Natal» pelos sócios. Houve também, um espectáculo, desempenhado pelas meninas da Casa de Trabalho.

Em Alhandra

ALHANDRA, 24.—A exemplo do ano anterior, o Grupo Desportivo da Cimianto levou a efeito, pelas 10 horas, no Teatro Salvador Marques, nesta vila, com o patrocínio do conselho de administração daquela empresa, uma festa dedicada aos filhos dos seus associados e no decurso da qual foram distribuidas lembranças e brinquedos a cerca de trezentas crianças. Esta simpática festa foi completada pela projecção de filmes de desenhos aimados e pela exibição de diversas atracções.

A festa de Natal, que a Mobil Oil Portuguesa ofereceu, no Espelho de Agua, aos filhos dos seus empregados, decorreu com grande animação. As crianças assistiram entusiasmadas á exibição de palhaços e receberam alegremente numerosos brinquedos, além de uma merenda. A empresa estava representada pelos srs. eng. Pinto Basto, A. Marnoch e dr. J. Pedro Bourbon e vários funcionários superiores



Os filhos dos empregados da Sonap passaram uma tarde divertida no ginásio do Liceu Camões, com cinema e palhaços, uma merenda e distribuição de brinquedos. A' festa, patrocinada pela administração daquela empresa, assistiram também os srs. Manuel de Queirós Pereira, eng. Albano Homem de Melo, eng. Mendes Magalhães e dr. Ventura Mateus, respcetivamente, administrador, director-geral e directores da Sonap

NO ESTRANGEIRO

O Natal no Vaticano

CIDADE DO VATICANO, 24. — O Papa passa o dia de hoje em meditação e oração, rogando a Deus pela paz mundial.

Hoje, Pio XII não fará aparições publicas. A meia-noite, porém, ou seja ás 23 horas (T. M. G.), a sua voz poderá ser escutada por todo o Mundo católico, ao celebrar a primeira das três missas tradicionais do Natal, na sua pequena capela privativa do Palácio do Vaticano.

A' missa assiste um numero restrito de membros do palácio, incluindo mons. Angelo Dell'Acqua, pro-secretário do Estado adjunto, que ajuda o Padre Santo durante o ritual. — (A. N. I.).

A peregrinação dos cristãos árabes à biblica Belém

JERUSALEM, 24. — Cerca de 2.000 peregrinos, na sua maioria árabes cristãos que vivem em Israel, na Nazaré, atravessaram, esta manhã, a Porta Mandelbaum, que separa as zonas israelita e jordana de Jerusalém, para irem a Belém.

Na exígua «terra de ninguém» em que a passagem dos peregrinos decorre sob a vigilancia de um oficial canadiano das Nações Unidas, um ligeiro incidente opôs um repórter fotógrafo francês aos soldados da Legião jordana, que se recusavam a ser fotografados. «Não se esqueça de que detestamos os Franceses e os Ingleses!» — gritou um oficial jordano.

Na fronteira, os peregrinos passam diante de um posto da Polícia israelita em que um cartaz diz: «Natal feliz». — (F. P.).

Em Budapeste

BUDAPESTE, 24. — As donas de casa tiveram de fazer «bichas», de madrugada, sob densa neve, junto dos armazéns e lojas, para fazerem as suas compras do Natal. A maior parte dos estabelecimentos abriu algumas horas mais cedo, mas todas as oficinas e fábricas estiveram fechadas para férias de Natal de três dias.

Milhares de cidadãos, transportando cabazes, embrulhos e árvores do Natal, acumulavam-se nas estações de caminho de ferro para se irem juntar a parentes e amigos na província, a fim de passarem juntos o Natal. Muitos deles constituiam grupos familiares com os filhos.

Soldados e aviadores soviéticos, com bonés de peles, que partiam para férias, misturavam-se com a multidão de Hungaros, nas estações, escassamente iluminadas.

Altas árvores do Natal, brilhantemente iluminadas e cobertas de neve artificial, encontravam-se nos vestíbulos das estações. As autoridades anunciaram que a ordem de recolher ás 21 horas foi levantada, para permitir que as igrejas celebrem, esta noite, os seus serviços de missa da meia-noite.—(R.).

Os proprietários da

CASA CONDEIXA

CASA DE LOTARIAS

217, Rua do Arco do Bandeira, 217 (Próximo do Rossio)

Desejam a todos os seus clientes e amigos muito Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades

SIEMENS RADIO

TELEVISÃO

hipolito

CASA HIPÓLITO, L.DA

TORRES VEDRAS

FUNDADA EM 1900

Aos seus amigos e clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas-Festas e feliz ANO NOVO.

DISCOS

polydor

À VENDA NAS BOAS CASAS REVENDEDORAS

Teatros e Cinemas

(Continuação da 6.ª pág.)

novo espectáculo infantil com o teatro de «marionettes», será apresentada a fantasia «Cinco letras luminosas», os palhaços Raulito, Noel & C.ª, e o pequeno actor-cantor Baptista Martins. Os preços são popularissimos e as crianças com menos de 10 anos, quando acompanhadas, têm entrada gratuita.

«Moral em concordata»

de tarde e à noite no Apolo

O publico, apreciador de um teatro novo, verdadeiro reflexo da sociedade de hoje, tem acorrido ao Apolo, esgotando as lotações todas as noites. O «Teatro Popular de Arte», com um elenco magistral encabeçado por Maria Della Costa, apresenta, com um ritmo inigualável de representação, o original de Abilio Pereira de Almeida, «Moral em concordata», obtendo do publico e da crítica os maiores elogios.

Correspondendo ao desejo do publico, a companhia também amanhã, no dia de Natal representará á tarde e á noite «Moral em concordata». Hoje não haverá espectáculo, por ser dia de descanso dos artistas.

Os filmes do ano

premiados em Nova York

NOVA YORK, 24. — O filme «Ricardo III», de sir Laurence Olivier, e «O Mundo silencioso», de Jacques Cocteau, estão incluidos nos 10 melhores de 1956, segundo uma lista publicada pelo «New York Times».

Apesar de «Ricardo III» ocupar o primeiro lugar na lista, os críticos não o consideram o melhor do ano. A lista foi elaborada de acordo com a ordem de apresentação ao publico novaiorquino. Os restantes oito filmes são: «O rei e eu», «Moby Dick», «Bus Stop», «Lust for life», «Gigante», «A volta ao Mundo em 80 dias», «Friendly persuasion» e «Anastasia».

Entre os filmes em lingua estrangeira especialmente mencionados estão incluidos «La strada», «Rififi» e «The magnificent seven», este ultimo falado em japonês. — (A. N. I.).

Crianças hungaras

Ao contrário do que foi anunciado, não chegou a Lisboa avião algum com crianças hungaras. Estas só chegarão na próxima sexta-feira, num avião dos T. A. P., que para tal fim vai á Austria.

Eng.º José Colen

Para tratar de assuntos profissionais, chegou de Angola, vindo de avião, o eng. José Colen.

O «Ballet Theatre»

em S. Carlos

Lisboa prepara-se para um notável acontecimento: a próxima apresentação, em S. Carlos, da maior companhia americana de bailados, o American National Ballet Theatre.

A ideia que presidiu á sua fundação é a que ainda hoje orienta os seus dirigentes: uma companhia de ballet tem de assumir uma responsabilidade estética, respeitar as tradições vitais, e conservar as obras-primas de cada estilo, período e origem, com o mesmo respeito com que o faz um museu. Deve ainda ser representativa das tendências e correntes contemporaneas, dando ao artista moderno todas as possibilidades de realizar as suas criações, pondo-as acima de qualquer risco de controvérsia.

Coliseu

A maior prenda do Natal !

Hoje, espectáculo da moda para todas as idades uma Grande Companhia de Circo, com as maiores atracções, no Coliseu. Amanhã, duas matinées 14,30 e 17,30. À noite espectáculo para todas as idades

A Grande Companhia de Circo do Natal, uma das maiores paradas de atracções que nos têm visitado, apresenta-se hoje no Coliseu num espectáculo para todas as idades com trapesista, aramista, um anão cómico-musical, acrobatas e ginastas aéreos, pombos amestrados, um cantor e guitarrista flamenco, equilibrista sobre pedestal. Um nunca acabar de novidades, além de duas engraçadíssimas parelhas de palhaços. Amanhã, Dia de Natal, duas «matinées», ás 14 e 30 e 17 e 15. A' noite, espectáculo para todas as idades.

Vida musical

Canções populares portuguesas no Tivoli para a J. M. P.

Será fácil, ou não, avaliar do significado traduzido pelo ultimo concerto da Juventude Musical Portuguesa, merecendo a direcção da referida entidade as maiores felicitações. O programa constava de 20 canções populares portuguesas, em versões *a cappella*, de Fernando Lopes Graça, pelo coro da Ac. de Amadores de Musica (secção de folclore), sob a direcção do autor.

Nós já conhecíamos bem os documentos e o que eles valem, sob todos os aspectos: enaltecimento de musica popular verdadeiramente representativa, poder de invenção *sui generis*, adaptação ás possibilidades de execução de um grupo coral que não sabe musica, de um modo geral, e composto de vozes não especialmente educadas, (se bem que treinadas numa prática salutar). O que mais se pode admirar talvez seja a diversidade de ambiente, sempre próprio, que Lopes Graça obtém, num estilo ao mesmo tempo tão marcadamente pessoal: a profunda religiosidade da «Senhora d'Aires», de «Aproveitai a azeitona», da «Encomendação das almas» (de S. Gens de Calvos); o ancestral lamento de «Os homens que vão prá guerra» e o irreprimivel sentido marcial de «Canta, camarada, canta»; a graça rural, com efeitos de divisão de vozes que a iluminam, de «Ó ladrão que te vais embora», «A moda da Rita», «Oh, que janela tão alta», «São horas de emalar as troixas», «Ó ladrão, ladrão»; o espírito idêntico, mas de condicionamento mais simples, de «Ó meu amorzinho» e «Ao passar em Vilarinho».

O coro tem presentemente um numero bastante equilibrado de componentes. Não atingiram igual perfeição todas as canções, como segurança vocal, mas foram quase sempre perfeitas a afinação e uma bela, rara homogeneidade dos ataques. O tratamento da pronuncia é maravilhoso, na sua absoluta aparência de naturalidade, é o produto de uma das exemplares qualidades de Fernando Lopes Graça, como cultor da lingua pátria e como director de grupo vocal. Para muitas das canções, a numerosa assistência pediu um «bis», consentido para algumas. Agradam em especial as execuções em que as intenções são ligeiramente exageradas, como em «São horas de emalar as troixas». Mas a lindissima «Encomendação das almas», que é já quase uma canção erudita, passou quase despercebida.

É justificável que fossem escritas e proferidas por Fernando Lopes Graça as palavras que antecederam a execução musical. Contudo, tinhamos preferido que esse encargo recaísse sobre outra personalidade.

FRANCINE BENOIT

Estão à venda as duas ilhas da baía de Nova York

NOVA YORK, 24. — O financeiro Bernard Baruch ofereceu a esta cidade 10.000 dólares para a compra das duas ilhotas situadas na baía de acesso a Manhattan.

As ilhotas pertencem ao Governo federal, que resolveu vendê-las, depois de as utilizar por muito tempo como lazaretos.

Moses declarou que Bernard Baruch resolveu oferecer os 10.000 dólares á cidade de Nova York, que não dispõe de fundos de reserva para adquirir aquela propriedade, com o fim exclusivo de impedir que as ilhotas fossem compradas por sociedades comerciais para instalarem nelas cartazes publicitários destinados aos passageiros dos transatlanticos que chegam da Europa. — (F. P.).

A mulher «que come fogo» equivale a um motor...

LONDRES, 24.—O problema incendiário da «mulher que come fogo» está resolvido a contento de todos. A «artista», Priscilla Birt, que, na altura da introdução do racionamento da gasolina colocara as autoridades em situação embaraçosa, ao pedir uma ração de carburante, foi autorizada, agora, a adquirir 18 litros de gasolina para 4 meses.

O Ministério dos Combustíveis classificou Priscilla Birt, que conta 18 anos, na categoria dos «engenhos de combustão interna», com 1/2 cavalo-vapor.—(F. P.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 15°,5; minima, 7°,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 18°,8; minima, 11°,2.*

—Temperaturas observadas hoje, ás 9 horas, no Estoril: na atmosfera, 11°; na água do mar, 13°,2.

Chás Medicinais «HERBIS»

Usados na Alemanha há 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Figado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do Sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e Bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

Preparados segundo formulas do Dr. E. Richter, de Munich

PACOTES DE 100 GRAMAS

FIDELIDADE 1835

Aos seus Ex.mos Segurados, Correspondentes, Colaboradores e Amigos, a COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE deseja um Natal muito feliz

Parreirinha de Alfama

CANTINHO DA AMÁLIA

O RESTAURANTE PREFERIDO PELAS MELHORES FAMILIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

HOJE E TODAS AS NOITES FADOS ATE' DE MADRUGADA EM QUE **BERTA CARDOSO** (A VOZ DE OURO DO FADO) APRESENTA UM VALIOSO ELENCO.

A GERÊNCIA AGRADECE A ANTECIPADA MARCAÇÃO DE MESAS, PARA A NOITE DE SÃO SILVESTRE.

OS PROPRIETARIOS, ARTISTAS E TODO O PESSOAL DESEJAM AOS SEUS CLIENTES E AMIGOS UM NATAL FELIZ E UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO.

Telef. 34209 (ADULTOS)

AUTO SANTA MARTA

Rua de Santa Marta, 51

Deseja a todos os seus estimados clientes e amigos BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito feliz

Oficinas—Reparações em todos os carros—Estação de serviço

SERVIÇO AUTORIZADO **GENERAL MOTORS**

A Diplomata

CAMISARIA

179—RUA AUGUSTA—179

MÁRIO COSTA, sócio-gerente, deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos, Boas Festas, e um Ano Novo muito próspero.

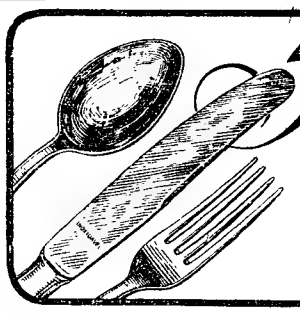
Externato Luís de Camões

Antiga Escola Luís de Camões

(Fundada em 1921)

CURSO COMPLETO DO LICEU EM AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — TRABALHOS PRÁTICOS DE FISICA, QUIMICA E CIENCIAS NATURAIS. ADMISSÃO AOS LICEUS

Avenida Almirante Reis, 27 Telefone 4 7803



Talheres

VEJA A NOSSA COLECÇÃO E OS NOSSOS PREÇOS ANTES DE COMPRAR

HORÁCIO ALVES, L.DA

43 RUA AUGUSTA 51

LISBOA

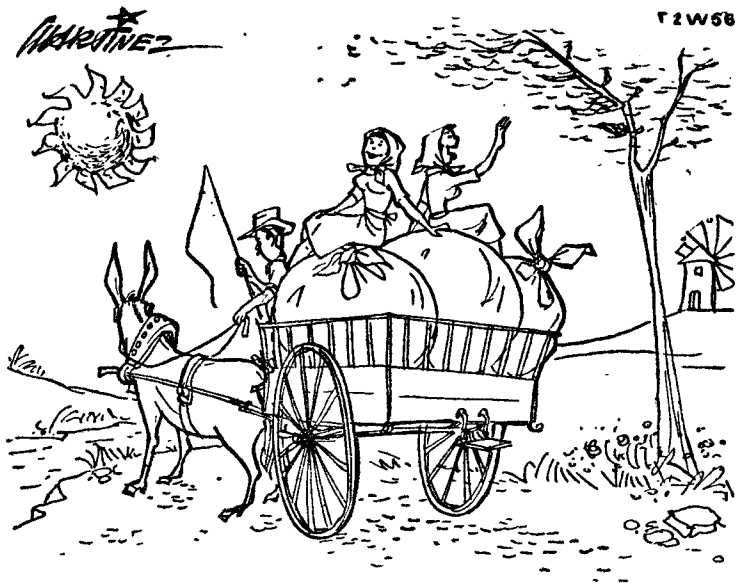
me opta

AMPLIADORES FOTOGRÁFICOS DE QUALIDADE INCONFUNDIVEL! Modêlos automáticos e não automáticos para amadores e profissionais. Optica de alta classe. Funcionamento de absoluta precisão

A VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

AGORA A PREÇOS EXTREMAMENTE REDUZIDOS

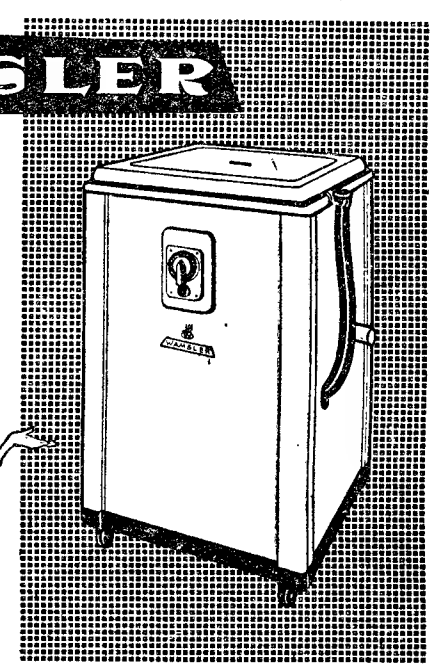
Representante: M. SIMÕES JÚNIOR - R. Conceição, 46, 1.º - LISBOA



antigamente era assim...

Hoje a máquina

WAMSLER aquece a água, lava e enxuga a roupa



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO A

Tecnigás, Lda.

AV. ALMIRANTE REIS, 189 - A - LISBOA

TELEFONES P. P. C. 46823 - 54118 - 56612

LAVA E SECA SIMULTANEAMENTE

A' venda nas seguintes casas:

C. R. G. E	—R. Garrett ou Rua da Boa-Vista, 41
Standard Eléctrica	—Rua Augusta, n.º 19
Soc. Rep. Algés, Ld.ª	—Av. Comb. G. Guerra, 28—Algés
Onda Eléctrica	—Rua S. Pedro de Alcantara, n.º 47
Rádio Bercko	—Av. Almirante Reis, 11-C
Honorato Henriques, Ld.ª	—Av. Duque d'Avila, n.º 40-G
Mariano Teixeira, Ld.ª	—Rua Eugénio dos Santos, 148

Para oferecer e..... mesmo para uso de V. Ex.ª

Pelikan

SIEMENS RADIO

TELEVISÃO

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

Rebuçados S. Paulo

contra a tosse, premiados no País e estrangeiro

A PRIMOROSA, L.DA

R. S. Paulo, 130

Sua dos pés?

Trate-os com

OXITRATOS

Balcões e vitrines

Grande variedade, para diversos ramos, mesas e cadeiras, tudo em bom estado, vende o

BAZAR NOBRE, LDA.

Rua de S. Bento, 224—Telef. 661227 (á Praça de S. Bento)

+

Dr. Armando Martins Guerreiro

Licenciado em Direito

FALECEU

Maria Duarte Guerreiro, Maria João do Nascimento Martins, Sofia Martins Guerreiro e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido, chamar á sua Divina Presença o seu muito querido marido, filho, irmão e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 10,30 horas, saindo da Igreja do Coração de Jesus, a Santa Marta para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SRAF

VIDRARIA MONUMENTAL

A firma Gouveia & Tavares, Lda., cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes festas felizes e um Ano Novo muito próspero.

SOCIEDADE ZICKERMANN — MAIS DE 60 ANOS SERVINDO — FUNDADA 1895

SOCIEDADE ZICKERMANN S. A. R. L.

LISBOA — ROSSIO, 3

PORTO — AV. DOS ALIADOS, 64

Deseja a todos os seus clientes e amigos Festas Felizes e Ano Novo próspero.

SPICA

DIESEL-electricidade

MECÂNICA

Oficina aberta das 9 ás 0 horas

AVENIDA DA REPUBLICA, 99-B

JUNTO AOS CORREIOS

Telefones 7 70925 e 7 60991

Estantes e secretárias

USADAS E NOVAS

Armários arquivo, mesas de trabalho, escrita, e p.ª máquina, em vários tamanhos, fauteuils, giratórios e simples, cadeiras, ficheiros, carpetes, maples, etc., grande variedade tem p.ª vender o

BAZAR NOBRE, LDA.

Rua de S. Bento, 224—Telef. 661227 (á Praça de S. Bento)

Policlínica de Arroios

P. DO CHILE, 14-1.º — T. 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterapia, 16 horas.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urin., 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doen. olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira—Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Cor. e pulm., 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clín. ger., 18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Anál. clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais, 14,30 h.
Dr.ª Maria Manuela Antunes—Doenças senhoras, 13 h.
Dr. Lu Andrade—Ouvidos, nariz e garganta, 15 e 18,30 h.

DISCOS polydor

À VENDA NAS BOAS CASAS REVENDEDORAS

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

+

Aedlaide dos Santos da Costa Cordeiro

FALECEU

Sua família participá o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, saindo da Igreja de S. João de Deus, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

Pequenas notícias

REGIONALISMO

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa da Madeira, ficando como presidente da assembleia geral o sr. coronel Óscar de Freitas; da direcção, o sr. brigadeiro Vasco da Gama Rodrigues, e do conselho fiscal, o sr. coronel Mauro Olavo Correia de Azevedo.

AMIGOS DE OLIVENÇA

Sob a presidência do sr. prof. dr. Ramos e Costa, realiza-se depois de amanhã, ás 12 e 30, na Casa do Alentejo, o almoço mensal do Grupo dos Amigos de Olivença, durante o qual o escritor Julião Quintinha, nosso camarada na Imprensa, dissertará sobre «Olivença na arte e na literatura».

ASSEMBLEIAS GERAIS

Depois de amanhã, ás 20 e 30, na Casa de Entre Douro e Minho, reune-se a assembleia geral ordinária daquela agremiação regionalista, para a eleição dos corpos gerentes de 1957.

QUEM PERDEU ?

A relação dos objectos achados ontem, e entregues na P. S. P. de Lisboa (Governo Civil) inclui: duas quantias em dinheiro; um chapeu de chuva, para homem; uma carteira de pergamoide com duas gelatinas; um porta-moedas com dinheiro; uma caneta esferográfica; um sapato de criança; um relógio de pulso para homem; um anel de fantasia; dois bilhetes de identidade; uns óculos graduados; uma gelatina com o bilhete de identidade e um cartão desportivo; um par de luvas de senhora; dois cachecois; um «macaco» de automóvel; uma caixa de ampolas, «Pulmonar-Om»; diversas luvas de homem, senhora e criança; argolas com chaves; uma boina de rapaz; um bocado de pára-choques de automóvel; um tampão de roda de automóvel.

O «Diário de Lisboa» vende-se em ESTREMOZ na casa Reinaldo Luz & Irmão Ld.ª

Para que os factos
correspondam às palavras

por GEORGES BIDAULT

Infelizmente temos de deixar a Hungria entregue ao seu martírio, gritando, desesperadamente, sem que lhe respondam, enquanto a instituição que devia correr em seu auxílio colabora com a ditadura de Nasser, deixando-a expulsar ingleses, franceses e judeus, e o Canal continua obstruído. Como se não estivéssemos, efectivamente, perante o caso caracterizado de uma insurreição nacional contra a ocupação comunista, apoiada na força de um exército estrangeiro!...

O relato do que se passou na O. N. U. é edificante, sobretudo para os professores de moral. Há quatro meses e meio que o Egipto violou os seus compromissos, sem receber outro castigo que não fosse a retirada daqueles que, no seu território, se propunham impor as regras elementares da moral e do direito internacional. Há um mês e meio que está a ser, sistemáticamente, massacrado um velho povo cristão, num diluvio de sangue e de revolta. Massacrado porque não quer ser comunista e por nunca o ter sido. Não há pior infamia do que insultar os mortos com as mãos tintas de sangue.

Entretanto as Nações Unidas prosseguem na tarefa estéril de se dirigir, com uma paciência irremediável, ao Governo Kadar que lhes não responde. Não desejo a ninguém que empregue, como elas, o tempo a apertar a mão a Nasser, recusar-se a receber o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel e adormecer tranquilamente com a leitura das notícias de Budapeste. Não nos sentimos com vocação para ser enganados e nem toda a gente perdeu a memória. Há, por toda a parte, bibliotecas e arquivos, felizmente. Um critério de justiça, mesmo elementar, exige que os professores de moral não comecem por ser cumplices do crime.

Não compreendo a razão por que o secretário de Estado americano recusa a convocação de uma conferência dos Três ocidentais. Será porque os Franco-Britanicos não evacuaram ainda completamente o Suez? Não é por tratar os inimigos como aliados e os aliados como inimigos que estes ultimos se modificam. Nada custa compreender esta verdade, nem o seu lógico corolário — é assim que se provocam as guerras.

Na ultima reunião do Conselho da N. A. T. O. toda a gente insistiu em dizer que não interessa lembrar o passado, pois só é preciso cuidar do futuro. Com uma condição porém — que o futuro se não pareça com o passado; e que não continuemos a deambular de conferência em conferência, caminhando para a destruição. A esmola do petróleo não deve ser tida — mesmo pelos que dele precisam — como uma liquidação moral das ofensas feitas á Grã-Bretanha e á França.

Quando se fala de refazer a aliança atlantica e a Europa é de desejar que as palavras correspondam aos factos, e que não fiquemos sempre no campo das aspirações, dos projectos e dos textos. Seria hipocrisia afirmar que a primeira não sofreu um duro revés. Os Americanos atribuem-no aos europeus. Antes que a justiça da História, sempre demorada, se pronuncie é bom que do outro lado do Atlantico saibam que na Europa pensam o contrário e que os inimigos de sempre da América se regozijam com o que se passou. Esses inimigos ainda há pouco escreviam nas paredes: «Os Americanos que se vão embora».

Agora não escrevem por pensarem que, no caso do Suez, a América trabalhou por eles. Uma aliança não sobrevive em peças soltas. O monolitismo não é, certamente, necessário á sua existência, mas sim a compreensão e a solidez das amizades, como vimos em Paris, no Quartel-General do S. H. A. P. E. Sem elas não há recuperação possível.

Os Europeus não querem ser defendidos na Europa e abatidos na Africa e molemente justificados na Hungria. A Grã-Bretanha e a França censuradas com o voto do Governo fantoche de Budapeste é o cumulo. Sobretudo porque a esse voto se juntaram os dos representantes dos Estados Unidos e do coronel Nasser. Gostaria que não fosse verdade. Infelizmente a verdade não se discute. Penso que não se responde á loucura com a loucura nem á colera com a cólera. Há, porém, uma fidelidade que exige a fidelidade como réplica.

VIDA MUNDANA

DIPLOMATAS

Para Paris, seguiu hoje, por via aérea, o ministro da Venezuela em Lisboa, dr. David Gimon, acompanhado de sua filha.

—De Roma regressou por via aérea o adido comercial da embaixada de Itália em Lisboa, sr. Marcel Egidi.

DE LUTO

Pintor Falcão Trigoso

Durante a noite e a manhã de hoje, até á hora da saída do funeral do pintor e professor Falcão Trigoso, estiveram na sua residência a deixar os seus cartões de condolências numerosas pessoas de todas as categorias sociais, principalmente artistas, escritores, antigos alunos e colegas do considerado mestre.

A' hora da saída do funeral, estiveram na sua residência a direcção da Sociedade de Belas-Artes, representada pelos srs. Fernando Santos, José Julio e Louro de Almeida; a «Voz do Operário», representada pelos srs. António João Regueira e Amadeu Faria e Sousa; e a Casa do Algarve, pelo sr. dr. Sousa Pontes; pintores João Reis, Armando Lucena, Conceição e Silva, Jaime Murteira, Marques Ferreira, José Campas, Pedro Guedes, Domingos Rebelo e Lino António; escultor João Silva, Agostinho Fernandes, Julião Quintinha, Amilcar de Barros Queirós, coronel Neves e Castro, eng. Pina Manique e Albuquerque, José Edmundo de Almeida Mendes, João António Baptista Soares, António Xisto do Vale, eng. João Nunes da Costa, António Durão Ferreira, Manuel Zuzarte Novais e Ataíde, Gustovão Forte Corte Real, F. J. Nobre Guedes, Henrique Ribeiro de Carvalho, Augusto João Simões, visconde de Ribamar, José Caetano Martins Leitão, Ernesto Martins Cardoso, António João Regueira, Eduardo Cunha e Sousa, Cordeiro de Sousa, dr. José de Sousa Dias, José Candido Rebelo Pereira, dr. Arlindo Vicente, eng. José Duarte Ferreira, Artur Inês, etc.

A urna com os restos mortais foi transportada num carro da «Voz do Operário», coberta com a bandeira da instituição. Foram oferecidas várias coroas de ramos de flores para várias instituições.

Dr. Armando Martins Guerreiro

Na sua residência, Rua Conde Redondo, 67, r/c., faleceu hoje o sr. dr. Armando Martins Guerreiro, de 49 anos, natural de Portimão, advogado. Era casado com a sr.ª D. Maria Duarte Guerreiro, filho da sr.ª D. Maria João do Nascimento Martins e irmão da sr.ª D. Sofia Martins Guerreiro. O funeral realiza-se amanhã ás 10 e 30, da igreja do Coração de Jesus (Santa Marta) para o cemitério do Alto S. João. Os serviços funebres estão a cargo da Agência SRAF.

D. Maria Rosa Barata Beirão Pires

Após ter sido submetida a uma intervenção cirurgica, faleceu ontem, em Alcains, a sr.ª D. Maria Rosa Barata Beirão Pires, de 77 anos, casada com o sr. José Cruz Pires. A extinta, pessoa que tinha a estima de toda a população local, era mãe do sr. juiz-conselheiro dr. Emídio Beirão Pires da Cruz e das sr.as D. Sofia Pires Barata Castilho e D. Maria José Pires Barata Monteiro, e irmã do conhecido advogado dr. Joaquim Félix Beirão.

O enterro realizou-se hoje e constituiu uma impressionante e sentida manifestação de pesar.

D. Adelaide dos Santos da Costa Cordeiro

Com 91 anos, faleceu a sr.ª D. Adelaide dos Santos da Costa Cordeiro, viuva, natural de Lisboa. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, saindo da igreja de S. João de Deus, onde o seu corpo está depositado, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Sofia da Silva Carvalho

PORTO, 24 — Com 90 anos, faleceu, na sua residência, Rua do Bonfim, 397, a sr.ª D. Sofia da Silva Carvalho, viuva do antigo proprietário da chapelaria «Centro da Moda», sr. José Carvalho da Silva.

O seu funeral, a cargo do armador Carlos Pinto de Barros, realiza-se amanhã, ás 15 horas, para o cemitério do Bonfim.

A extinta era tia do nosso camarada de redacção Guilherme de Carvalho, a quem apresentamos sentidas condolências.

Eng. António Guilherme de Oliveira

PORTO, 24 — Na sua residência, faleceu o eng. António Guilherme de Oliveira, de 87 anos, casado. O seu funeral realiza-se depois de amanhã, a hora a designar, para o cemitério de Gens. Trata a casa Alberto Xavier.

D. Maria Amália Leitão Bandeira Sampaio

BRAGANÇA, 24 — Faleceu, nesta cidade, a sr.ª D. Maria Amália Leitão Bandeira Sampaio, de 57 anos, casada com o sr. João Martins Pereira Sampaio.

O funeral realizou-se para o cemitério local.

D. Lucília Lopes Quaresma

VILA NOVA DE POIARES, 24. — No vizinho lugar de Louredo, faleceu a sr.ª D. Lucília Lopes Quaresma, de 37 anos, esposa do sr. Augusto Seco.

D. Leopoldina Candido Monteiro Bragança

BEJA, 24 (Pelo telefone) — No monte do Belo, concelho de Mértola, faleceu hoje de manhã a sr.ª D. Leopoldina Candido Monteiro Bragança, de 59 anos, natural de Evora, casada com o sr. Domingos Carvalho Bragança, natural desta cidade, importante proprietário em Lisboa, residente na Rua da Penha de França, 249, 1.º. O préstito sai amanhã ás 7 horas de Mértola, chegando a Lisboa cerca das 13 e dirigindo-se para o cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

D. Amália Osório Marinho Alves

Na igreja de S. João de Deus, rezou-se hoje missa do 7.º dia por alma da sr.ª D. Amália Osório Marinho Alves, mandada celebrar por seus filhos e a que assistiram os srs. almirante Gago Coutinho, director do Aeroporto, jornalistas, pessoal superior da Panair do Brasil, etc.

ROMAGENS

José Maria Alvares

Passando hoje o 16.º aniversário da morte do sr. José Maria Alvares, a direcção da Associação Industrial Portuguesa, de que foi presidente longos anos, foi hoje ao cemitério dos Prazeres, em romagem ao jazigo onde repousam os restos mortais daquele grande industrial. A' piedosa manifestação associaram-se, além do presidente e vice-presidente daquela colectividade, respectivamente, srs. dr. F. Cortês Pinto e eng.º Carlos Alves, outros directores e todo o pessoal da referida Associação, que foram recebidos, junto do jazigo, pelo filho do falecido, sr. eng. Pedro Alvares e outras pessoas da família.

As mesmas pessoas detiveram-se depois também alguns minutos perante a urna com o corpo do dr. Miguel Trancoso, que foi secretário-geral da mesma associação.

UM BRINDE DE CATEGORIA

É

Um candeeiro «MURANO» — Veneza

Modelos inéditos em Exposição

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

PRAÇA DA ALEGRIA, 44-1.º — TEL. 34774

ESTALAGEM DA LEZIRIA

PASSAGEM DO ANO

BAILE FAMILIAR

CEIA COM EMENTA ESPECIAL

Marcação de mesas pelo telefone 129

VILA FRANCA DE XIRA

OURO, PRATA, JÓIAS E RELÓGIOS

Grande sortido — Preços limitados

OURIVESARIA SANTOS CATITA, LDA.

Rua Eugénio dos Santos, 44

ULTIMAS NOTICIAS

Duas famílias aniquiladas em trágicos incêndios

NÁPOLES, 24 — Uma mulher de 68 anos, sua filha, três netas e um jovem de 16 anos morreram, em consequência da derrocada de um tecto, após uma explosão num armazém de foog deartifício, na vizinha Pogguolli.

Segundo informou a Polícia, quatro daquelas pessoas tiveram morte imediata e duas das crianças expiraram, hoje, no hospital. — (R.).

*

MERIDAN (Connecticut), 24 — Morreram cinco pessoas e ficaram feridas quatro, todas da mesma família, em consequência de um violento incêndio, num edifício desta cidade e cuja intensidade obrigou á evacuação de duzentos espectadores de um cinema contíguo. — (A. N. I.).

●

A agitação continua na Irlanda do Norte

LONDRES, 24.—Em duas cidades do condado de Londonderry, Swatrahj e Dungiven, os terroristas do I. R. A. abriram fogo sobre esquadras da Polícia, mas não há notícia de vítimas nem estragos. A polícia respondeu a tiro aos atacantes, que se retiraram.

Em Dublin, o primeiro-ministro do Eire, J. A. Costello, mandou distribuir uma nota na qual deplora a atitude dos governos da Grã-Bretanha e do Ulster, que se recusam a estudar a ligação dos «Seis Condados» (Ulster) á Eire. No entanto, condena os actos de terrorismo, e declara que o Governo da Eire fará quanto dele dependa para os fazer cessar, mas responsabiliza a política britanica pelos acontecimentos.—(F. P.).

ANGELO SOARES
e seus empregados
Desejam aos seus Ex.mos clientes da alfaiataria e limpeza a seco BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito Feliz.

Nehru chegou a Londres e conferenciou com Eden

LONDRES, 24.—O primeiro-ministro indiano, vindo do Canadá, no avião pessoal do presidente Eisenhower, chegou, esta manhã, e foi cumprimentado, no aeroporto, pela sua irmã, Vijaya Lakshami, alta-comissária da India em Londres, e por Peter Thorneycroft, ministro do Comércio, em representação do Governo britanico.

Nehru partiu, logo depois, de automóvel, para Chequers, residência de campo de sir Anthony Eden, com quem vai conferenciar. Será hóspede, em Boradlands, do antigo vice-rei da India, lord Mountbatten.

Rodeado pelos jornalistas que o assediavam com perguntas, Nehru limitou-se a declarar: —«No Natal, devemos pensar na paz. A despeito das dificuldades, há certos indícios de progresso nas relações internacionais».

Krishma Menon, representante da India na O. N. U., que chegara de Nova York, uma hora antes, conferenciou por instantes, com Nehru, no aeroporto, seguindo para Londres.—(F. P.).

As conversações em Washington e Otawa

OTAWA, 24—A' sua partida para Londres, ontem á noite, Nehru foi saudado por inumeras personalidades oficiais e, nomeadamente, por Lester Pearson, ministro dos Negócios Estrangeiros, o qual declarou: «O sr. Nehru e o presidente Eisenhower entenderam-se extremamente bem». «As conversações que o primeiro-ministro indiano teve, em Washington, e Otawa — acrescentou — «foram das mais uteis, na hora presente».—(F. P.).

Representação diplomática na Europa

NOVA DELHI, 24.—A India tenciona abrir embaixadas e legações em vários países da Europa Oriental, nomeadamente na Polónia, Hungria, Bulgária e Roménia — segundo indicam de fonte competente.

O Governo de Nova Delhi já tinha relações diplomáticas com aqueles países, mas o seu representante era embaixador noutra capital, ao mesmo tempo. O embaixador da India em Moscovo, por exemplo, estava, igualmente, acreditado em Budapeste.

Parece que, atendendo aos acontecimentos na Hungria, a India deseja, agora, ter representação diplomática nos próprios países.—(France Presse).

●

Assalto sangrento aos Correios de Nova Delhi

NOVA DELHI, 24 — A Estação Central dos C. T. T. foi teatro de um assalto que causou três vítimas: o próprio ladrão, um empregado dos Correios e um agente da Polícia.

Um indivíduo, que se apresentou ao guiché, disparou, repentinamente, a carga de um revólver sobre o empregado e apossou-se de 80.000 rupias.

Perseguido por um agente da Polícia, tentou fugir num automóvel. Mas o agente conseguiu estoirar um dos pneus com uma bala. Então, vendo-se perdido, o gatuno matou o polícia e, finalmente, disparou a arma contra si. — (F. P.).

●

Prisão em Cuba de elementos revolucionários

HAVANA, 24. — As autoridades policiais informam que, na cidade de Baracoa, foram presos 14 revolucionários, quando estavam reunidos e conspiravam contra a segurança do Estado. Outros cinco conseguiram escapar, depois de uma perseguição activa da Polícia.

Numa rusga, foram descobertos armamentos e material de propaganda subversiva.

Foi assinalada a presença de uma embarcação suspeita ao largo de Punta de Maisi. — (A. N. I.).

●

Violento incêndio numa ilha na baía de Montevideu

MONTEVIDEU, 24—Irrompeu durante a noite, um violento incêndio num depósito de matérias inflamáveis, na ilha da Liberdade, ou ilha das Ratas, na baía de Montevideu. Três homens que se encontravam ali, fugiram a nado.

Várias equipas de bombeiros lutaram com as alterosas chamas, conseguindo, finalmente, dominar o fogo, mas dois depósitos de carburantes ficaram completamente destruídos. Calculam-se os prejuizos em mais de 500.000 pesos.—(France Presse).

●

As vítimas das festas do Natal nos Estados Unidos

CHICAGO, 24 — Até aos 30 minutos de hoje, os acidentes registados nos Estados Unidos, desde o início das festas do Natal, causaram 357 mortes, das quais 313 por desastres de viação, 16 em incêndios, 2 em quedas de aviões e 26 em diversos outros sinistros.

Em relação aos acidentes de estrada, parece que serão ultrapassadas as previsões do Conselho Nacional de Segurança, de 660 mortos para os quatro dias de férias do Natal.

Estatísticas particulares assinalaram, esta manhã, 348 mortes em desastres de viação, 22 em incêndios, 6 em desastres de aviação e 86 em acidentes vários. Total: 412.

A Califórnia vai á frente, com 40 mortos, seguindo-se-lhe o Illinois, com 30, o Texas, com 23, e a Carolina do Norte, com 19. — (A. N. I. e R.).

CALÇADA DA GLÓRIA **SA'BIA'** «BOITE» DE LUXO MAIORES DE 18 ANOS

AMANHÃ

Inauguração em grandiosa festa de Natal

Um novo ambiente de conforto e distinção em constante alegria até altas horas

DUAS SESSÕES DE MUSIC-HALL
COM AS BRILHANTES ATRACÇÕES

TRIO ODMIRA
Em criações que provocam o entusiasmo

●

JENNY e BELGUERRA
No seu repertório de êxitos internacionais

●

FADOS E GUITARRADAS POR UM NOTÁVEL ELENCO TÍPICO

E AINDA:

FERRER TRINDADE e sua orquestra

ATE' de MADRUGADA - A'BIA' SERA' A «BOITE» DA MODA

ADMIRAVEL SERVIÇO DE «BAR» E DE RESTAURANTE

NOITE DE FIM DE ANO: **REVEILLON** RESERVAM-SE MESAS

HOTEL EMBAIXADOR

«REVEILLON»

«TERRAÇO DAS ESTRELAS»
(10.º andar) — esgotado

RESTAURANTE
(9.º andar) — esgotado

«COCKTAIL-LOUNGE»
(rés-do-chão) — Poucos lugares disponíveis

PROGRAMA

JOÃO VILLARET
com o seu pianista **Armando Rodrigues**

MARIA DO CARMO
TRIO GUADALAJARA
CONJUNTO DE SOUSA PINTO
FRANCISCO TORREGROSA e o seu Ritmo

As marcações devem ser levantadas até ao dia 28 do corrente, na Recepção do Hotel.

TRAJE DE NOITE TELEF. 58181

AMANHÃ DIA DE NATAL: Chá dançante com atracções

RIBATEJANO

(Reconhecido oficialmente de utilidade turistica)

Salvaterra de Magos — Telef. 14

A GERÊNCIA APRESENTA AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES OS DESEJOS SINCEROS DE UMAS FESTAS FELIZES E LEMBRA-LHES QUE JÁ POUCAS MESAS RESTAM PARA O GRANDE «REVEILLON» DA NOITE DE S. SILVESTRE.

Amanhã dia de Natal

ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTAS ESPECIAIS. Á TARDE CHÁ DANÇANTE COM OS SEUS CONJUNTOS PRIVATIVOS.

INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESA EM LISBOA
TELEFONE 770320

Reservado o direito de admissão

AS NOSSAS SALAS TÊM AQUECIMENTO

Restaurante «AQUARIO»

«REVEILLON»

com o pianista espanhol de categoria internacional

JOSÉ SANTIAGO URIA

Na tradicional «Sala Mariscos» também se comemorará a Noite de SÃO SILVESTRE com ceias e baile até de madrugada.

Reservam-se mesas pelos Telfs: 34782 e 368393

A FINANCIADORA

AV. DA LIBERDADE, 3
COIMBRA — LISBOA — PORTO

Aos Ex.mos Senhores Clientes, Colaboradores e Amigos, deseja um Natal Feliz e Ano Novo muito próspero.

...SÓ QUERO...
...VINHOS

MESSIAS
POR SEREM BONS

Restaurante MONTES CLAROS

«REVEILLON»

1956/57

Comunica aos Ex.mos Clientes de que devem fazer com urgência a marcação de ceia para a grande Noite de São Silvestre, pois há uma grande concorrência de pedidos.

O «Reveillon» de 1955/56 foi recordado pelos Ex.mos Clientes, como sendo o mais animado e num ambiente de grande categoria da nossa melhor Sociedade.

AMANHÃ — EMENTAS ESPECIAIS AOS ALMOÇOS E JANTARES

GAMBRINUS

Deseja BOAS FESTAS de NATAL e um ANO NOVO muito feliz aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

LISBOA

DIARIO DE LISBOA

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21 e 45—«Pleito de familia».
AVENIDA—A's 21,45 — «O drama que ele não escreveu».
TRINDADE — Ás 21,45 — Fogo de vista.
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A 8.ª mulher do milionário».
VARIEDADES — A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Não faças ondas».
MARIA VITÓRIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Reboliço».
ABC — A's 20 e 45 e ás 22 e 45 — «Daqui fala o Zé!».
APOLO—A's 21 e 45—«Moral em concordata».
COLISEU—Ás 21 e 30 — 4.ª Companhia de circo.
TIVOLI—«O meu tio Jacinto».
SÃO LUIZ—«Convite á dança».
EDEN — «Juventúde de uma rainha».
SÃO JORGE—«O rei vagabundo».
POLITEAMA—«O recruta e o gaiato».
MONUMENTAL—«Oklahoma».
CONDES—«Gilda»
IMPÉRIO—«Trapézio».
ALVALADE—«Convite á dança»
CAPITOLIO—«A conquista da Glória».
ODEON—«Magia do Oriente».
TERRASSE—«O bobo da corte».
IDEAL—«Cleópatra».
OLIMPIA—«A vingança do monstro»
AVIS—«Gilda».
JARDIM—«Nas malhas da rede».
PROMOTORA—«O tesouro submarino».
RESTELO — «O rei e eu».

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

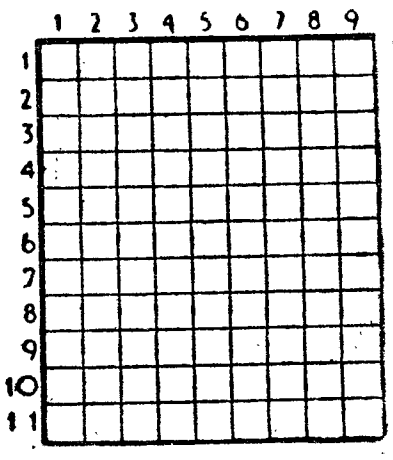
SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e o ceu está muito nublado, por acção de uma massa de ar muito humido, transportada na circulação de um anticiclone, centrado a Sudoeste da Madeira.

Temperaturas registadas hoje ás 9 horas em vários pontos do País: Penhas Douradas, 1°; Porto, 8°; Lisboa e Faro, 10°; Funchal, 13°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu muito nublado, vento bonançoso de direcção variável, fixando-se de Sudoeste moderado, períodos de chuva, principalmente durante a noite, temperatura sem grande alteração.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1760



HORIZONTAIS: 1 — Rilham. Direcção. 2 — Noticiário dos jornais. 3 — Com asas. 4 — O mais. Céu. 5 — Povoação entre aldeia e cidade. Outorga. 6 — Lavrem. Cinchos. 7 — Símbolo químico da prata. Em a. 8 — Querido. 9 — Prefixo de negação. Nome de mulher bíblica. Símbolo químico do bário. 10 — Recusa. Reduzi a farinha. 11 — Defendiam.

VERTICAIS: 1 — Planta leguminosa. Intuitos. 2 — Língua antigamente falada ao Sul do Loire. Estro poético. Domínio. 3 — Estava. Deixa em testamento. Partícula afirmativa do dialecto provençal. 4 — Conformam. A mim. 5 — Em a. Limpar. 6—Labutava. Oferece. 7—Apelido. Enfeito. Nota musical. 8—Imperfeita. Leva á sirga. 9—Datas célebres. Filho de Adão.

Solução do problema n.º 1759

HORIZONTAIS: 1 — Olga. Sara. 2 — Arcar. 3 — Tá. Eis. Br. 4 — Olé. Rio. 5 — Sita. Foca. 6 — Camarão. 7 — Pé. Pia. Sr. 8 — Mossa. 9 — Etal. Coam. 10 — Mora. Ossa. 11 — Em. Sés. Ir.

VERTICAIS: 1 — Ortos. Preme. 2 — Alice. Tom. 3 — Gá. Eta. Mar. 4 — Are. Ampolas. 5 — Cia. Ais. 6 — Sãs. Frascos. 7 — Ar. Roa. Aos. 8 — Bicos. Asi. 9 — Atroa. Remar.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18 Noticiário e Danças; 18 e 30, Alegria no trabalho; 19, Programa pelo Grupo Coral Aleluia; 19 e 20, «A menina que procurava o Natal», programa infantil de Isabel de Mendonça Soares; 19 e 50, Canções de Natal; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras ligeiras; 20 e 35, «O Natal das Flores», um conto de Maria da Soledade, numa adaptação de Miguel Trigueiros; 21, Noticiário; 21 e 15, Solos de instrumentos; 21 e 30, 12.º e ultimo episódio da adaptação da obra de Camilo Castelo Branco «Doze Casamentos Felizes», 21 e 30, Programa pela Orquestra de Concertos; 22 e 20, «Era uma vez um menino e chamava-se Jesus», programa de Silva Tavares; 22 e 38, A orquestra de Melachrino; 23 e 10, Crónica de Natal, por Vitorino Nemésio; 23 e 25, Recital pelo organista Karl-Heinz Müller; 23 e 45, Noticiário e Boletim meteorológico; 0, Missa do galo.

RADIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas da Adega Machado; 18 e 30, Cançonetas; 19, Programa Asas; 19 e 30, Jornal Publicitário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Musica portuguesa; 20 e 45, Variedades; 21, Festa Brava; 21 e 15, Melodias; 22, Novos Discos; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23, e 15, Solistas; 23 e 30, Festa do Natal; 0, Música do Natal; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 21 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Voz de Lisboa; das 19 e 30 ás 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 á 1, Voz de Lisboa.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO H — União — Estrada de Benfica 592-594 Tel. 780092. Aguiar—Avenida Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A e Rua Dr. António Granjo 1.º a 18-A (a Palhavã) Telef. 764629: Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Patulela, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332. Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; Marbel—Avenida de Roma, lote 2, J. A. A., Tel. 776235; S. João de Deus — Rua n.º 52, 1-A e 1-B, Telef. 725140 —Bairro de S. João de Deus, Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Telef. 777478, Miranda — Campo Pequeno, 38-B/C, Telef 770776; Figueiras — Avenida Marquês de Tomar, n.º 20, Telefone 44995, Latina — Avenida Antonio Augusto de Aguiar, n.º 17 A, Telef. 42312, Salutar — Rua Conde de Redondo, 9-A, Tel. 43314, Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216, Marvila (De) — — Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 391612, Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. 720703, Nova Luz — Rua D. Domingos Jardo, 9 Av Afonso III, 28-A, Tel. 843439, Martins, Ld.ª — Rua Fernão de Magalhães, 33, Tel. 849448, Arnali Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel 23940, Morão — Largo da Graça 53, Tel. 848700; Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 842518, Veral — Rua Morais Soares, 109 Tel. 40632, Delio — Rua Açores 32, Tel. 52388; Colonial — Caminho do Forno do Tijolo, 40, Tel. 841122, Maritns, Herdeiros — Rua dos Anjos, 41 Tel. 50730, Central de Campolide — Rua General Faborda, 17, Tel. 40304, Silva Santos — Rua da Escola Politécnica, 80, Tel. 660280, Lobel — Rua de Infantaria 16, 98-B, Tel. 663807, Palvas & Parente — Rua de Santo António a Estrela, 96-98, Tel 665196, Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Tel. 611454, J. A. Silva — Rua dos Quarteis, 25-27 Tel. 637777, Lisbonense — Rua do 1. de Maio, 10, Tel 637020, S. A. E. Silva, iFilhos — Rua S. João da Mata, 74, Tel. 661010, Valentim, Ld. Rua do Poço dos Negros, 88-90, Tel. 661353, Macedo — Rua do Loreto 71, Tel. 23631, Centro Farmaceutico — R. Eugénio dos Santos, 88, Tel. 21211, Unifa — Rua da Vitória 21 Tel 23793

Ourivesaria Portugal

Deseja boas festas aos seus Clientes e Amigos e um Novo Ano muito feliz.

ROSSIO, 122

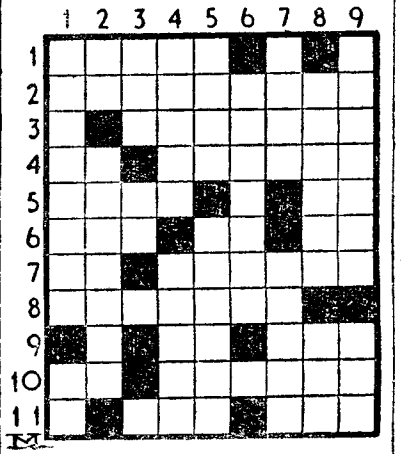
PARA LÁ DA CORTINA DE NUVENS — (7)

—Mas você não sabia que o marido usava revólver?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 751



HORIZONTAIS: 1 — Praia. 2 — Imortalizar. 3—Parteira (fam.). 4—Não. Posteriormente. 5—Caminhando. Antes de Cristo. 6—O qual. Laço. Símbolo do neóbio. 7—Grito de dor. Fendeu. 8—Comprimi o bagaço das uvas para lhe extrair o vinho. 9—Símbolo do escandio. Fluido aeriforme. 10—Pertences. Criança do sexo masculino. 11—Cajado. Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS: 1—Agasalhe. Pronome pessoal. 2—Acusada. Condescendemos. 3—Acredita (inv.). Conceda. 4—Qualificação pessoal, desfavorável. Vinte mãos de papel. 5—Governo. Veio ao Mundo. 6—Fécula da raiz da mandioca. 7—Todas as coisas. Deusa grega da saude, filha de Esculápio. 8—Língua que serviu de base imediata e comum ao sanscrito e ao persa. Espaço de tempo. 9—Desenvolveu-se. Ermos.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 750

HORIZONTAIS: 1—As. Mas. AC. 2—Rim. Resma. 3—REBENTAR. 4—Medina. Dr. 5—Voe. 6—Com. Feri. 7—MAS. Par. 8—Ut. Vi. Grã. 9—NÃO. Anais. 10—IV. Anura. 11—Rasgos. Me

VERTICAIS: 1—Ar. Mó. Munir. 2—Sire. Catava. 3—Médios. 4—Bi. Ag. 5—Arena. Piano. 6—Sena. Fá. Nus. 7—St. VERGAR. 8—Amador. Riam. 9—Carreiras.

(Provérbio: REBENTAR, MAS NÃO VERGAR).

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 24 de Dezembro de 1926 publicava uma carta do dr. Ramada Curto agradecendo palavras do nosso director sr. dr. Joaquim Manso e dizendo: «A propósito do «Caso do Dia», os jornais têm sido de tal forma lisongeiros que — e aqui contava uma história e acrescentava: «Está claro que tudo aquilo «é teatro». Basta, atentar na finalidade que cu dou á «Carmen», que Amélia Rey Colaço fez «plus belle que nature». Eu, no fundo, sou um dr. Pangloss, um optimista. Vejo a vida com óculos cor-de-rosa, e apresso-me a concordar em que, neste nosso doce e amável Portugal, os mariolões da minha peça foram concebidos fora de toda a realidade objectiva, e termino, como aquele beneficiado da Sé de que fala o Eça: Portugal é pequenino, mas é um torrãosinho de açucar».

A indústria nacional de máquinas de costura apresenta um novo modelo

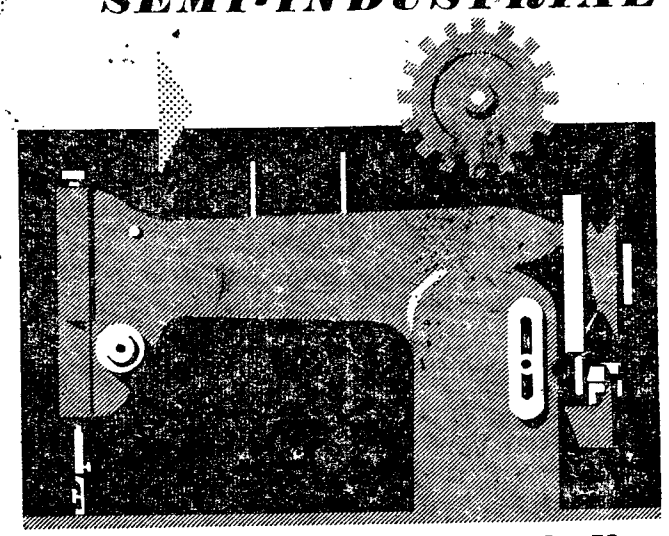
OLIVA Rápida CL 53

Magnífica afirmação de vitalidade e autonomia técnica

OLIVA

Uma indústria portuguesa ao serviço da economia nacional

SEMI-INDUSTRIAL



EM EXPOSIÇÃO — CALÇADA DO CARMO 9, — RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 52

A visita de Chu En Lai
à União Soviética
é independente da viagem
que está a fazer aos países asiáticos

KARACHI, 24. — O chefe do Governo da China Popular, Chu En Lai, de visita ao Paquistão, declarou, hoje, aos jornalistas que o seu projecto de viagem a Moscovo não tem relação alguma com a sua actual visita aos países asiáticos. Acrescentou que regressará a Pequim, antes de partir para a União Soviética e lembrou que voltará a Nova Delhi, em 30 do corrente.

Interrogado a respeito da situação dos dez cidadãos americanos detidos na China, respondeu que poderiam ser restituidos á liberdade, antes do termo da pena a que foram condenados, «se se portarem bem».

Como lhe pedissem opinião sobre um eventual projecto de encontro com o secretário de Estado americano, recordou que, há ano e meio, propusera encontrar-se com Foster Dulles, quando da Conferência de Bandung, mas que os Estados Unidos fizeram-se surdos á proposta, muitas vezes reiterada, aliás.

Ainda a propósito de uma eventual entrevista com Dulles, Chu En Lai entende que ela não devia ter condições prévias. Garantiu que o seu Governo é favorável a uma declaração comum, pela qual a China e os Estados Unidos renunciariam a utilizar a força nas suas relações. Mas — acrescentou, nomeadamente — os Estados Unidos tornaram essa declaração irrealizável, ao exigirem que a China reconheça, oficialmente, a ocupação americana da Ilha Formosa e aceite a intervenção dos Estados Unidos na solução do problema das ilhas costeiras chinesas. Aceitar tais condições, equivaleria a reconhecer a intervenção militar americana na Ilha Formosa, coisa que não podemos admitir.

Declaração conjunta sino-paquistaniana

Chu En Lai e Suhrawardy, primeiro-ministro do Paquistão, assinaram, hoje, uma declaração, renovando compromissos de amizade entre os dois países.

A declaração, publicada no fim da visita de Chu En Lai, diz que «tendo passado em revista a diferença de sistemas políticos do Paquistão e da China e as divergências de maneiras de ver sobre muitos problemas, isso não deve impedir o fortalecimento da amizade entre os dois países».

Diz, ainda, a declaração terem notado, com muita preocupação que houve um aumento de tensão desde que se encontraram pela ultima vez e que «a situação exige constante vigilancia e acção construtiva da parte de todos os países amantes da paz».

Numa conferência com a Imprensa, Chu En Lai disse que, durante a sua viagem e as conferências com os chefes asiáticos, verificara maneiras de ver comuns sobre alguns aspectos da situação hungara e maneiras de ver diferentes sobre outros aspectos.

«A situação mundial requer uma vigilancia constante e uma acção construtiva de todos os povos que amam a paz» — declara-se no comunicado conjunto. — (F. P e R.).

Chu En Lai vai à Polónia

VARSÓVIA, 24. — A agência «P. A. P.» informa que o presidente do Conselho da Republica Popular da China, Chu En Lai, chegará á Polónia em visita de amizade, a meio de Janeiro de 1957.— (F. P.).

Imre Nagy
teria sido
levado da Hungria
para Moscovo?

WASHINGTON, 24.—Imre Nagy deve estar em Moscovo e sujeito a «pressão» soviética, para tomar parte num novo Governo hungaro — disse Anna Kethly, que fez parte do antigo Governo de Nagy.

Ao mesmo tempo, a senhora Kethly, a unica componente daquele Governo, que conseguiu fugir para o Ocidente, afirmou que alguns polícias secretos hungaros devem ter-se deslocado para os Estados Unidos e outros países, a fim de «espiarem» os refugiados. — (A. N. I.).

Os refugiados

VIENA, 24.—Ontem á noite, 751 refugiados atravessaram da Hungria para a Áustria — segundo anunciou a Polícia, em Burgenland.

Ontem, em Neudorf, Burgenland, um soldado russo saltou de um comboio, mal chegado da Hungria e pediu asilo. Disse chamar-se Nikolai Rokanoff, de 34 anos, e que saira da sua unidade de tanques estacionada na Hungria. Entregou as suas armas e foi posto sob prisão temporária, pela Polícia, até ao seu caso ter sido investigado.

Entre os refugiados hungaros recentemente chegados a Viena inclui-se um cirurgião de Budapeste, com sua esposa e 11 filhos. Tentaram fugir, há algumas semanas, mas foram apanhados e reenviados para Budapeste. Há dias, tentáram, pela segunda vez, e foram bem sucedidos.—(Reuter).

Ofensiva moral
e defensiva militar
é a política do bloco ocidental
preconizada por Foster Dulles

WASHINGTON, 24.—O secretário de Estado, Foster Dulles, declarou, hoje, numa entrevista concedida á revista «U. S. News and World Report», que as dificuldades com que os dirigentes soviéticos se debatem, neste momento, podem levá-los a assumir riscos e que isso constitui «uma perspectiva de perigo» para o mundo livre. «Mas— acrescentou—o mundo livre também entrou na segunda década de após-guerra, com uma perspectiva de esperança de paz».

Prosseguindo, afirmou:

«As possibilidades de ambas as alternativas ressaltam dos mesmos factores: as condições na Russia e nos países seus satélites.

«Quando um regime despótico, dispondo de grande poderio militar e material, e sem sujeição a quaisquer inibições morais, depara com dificuldades como as que se levantam agora no caminho dos dirigentes soviéticos, há a probabilidade de vir a tomar riscos, na esperança de conquistar êxitos externos que ofusquem os seus malogros». E acrescentou:

«É essa a ameaça que pode fazer com que a próxima década seja outra década de perigo.

«Por outro lado, maiores pressões a exigirem maior grau de segurança pessoal e liberdade intelectual e melhor nível de vida, dentro da União Soviética, e a crescente atmosfera de rebelião nos países satélites já abriram uma perspectiva de esperança.

«Se os Estados Unidos e os seus aliados mantiverem a sua «ofensiva moral» e a sua «defensiva militar», a promessa de paz transformar-se-á —disso estou convencido—em realidade».—(A. N. I.).

Cai neve
na Grã-Bretanha

LONDRES, 24 — Cairam os primeiros nevões deste Inverno, desde ontem á noite, na Grã-Bretanha. Escassa na região londrina, a neve tem sido abundante nos condados do Norte.

Contudo, os meteorologistas prevêem que o Natal será, provàvelmente, mais molhado do que branco. — (F. P. e R.).

Na Áustria

VIENA, 24 — A cidade teve novo nevão e o ar frio do Leste, promete continuar o clima de Natal gelado.

Dos centros de desporto de Inverno da Áustria Ocidental, as notícias dizem haver 30 centímetros de neve caída durante a noite. Nesses locais as condições são excelentes para a prática de esqui. — (R.)

Grandes tempestades na América do Norte

ATLANTA (Estados Unidos), 24 —Os Estados de Alabama e Georgia foram assolados por um furacão, que se acentuou, especialmente, em Montgomery.

No Mississipi as chuvas torrenciais aumentaram perigosamente o nivel do rio Pearl e os Serviços Meteorológicos de Montgomery prevêem «severas inundações» nos pequenos rios de Alabama devido ás chuvas nos ultimos dois dias, que foram precedidas por uma onda invulgar de calor. — (A. N. I.).

Ultimas notícias

Ler na 14.ª pág.

LICORES

Ancora

SÃO BRINDES QUE NÃO ESQUECEM...

PELES
LAURA CAMPOS

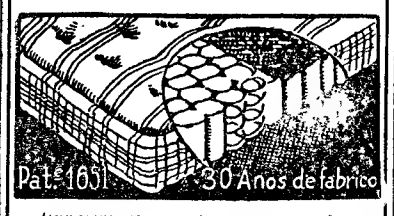
Cumprimenta as suas Ex.as Clientes com os melhores votos de Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

Av. Almirante Reis, 2-1.º
LISBOA

V. Ex.ª vai oferecer uma lembrança do Natal?
Encontra-a nas JOIAS, PRATAS OURO e RELÓGIOS
do BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56

RESTAURANTE
CHAVE D'OURO
DIA DE NATAL
JANTAR-ESPECIAL
COM
CONCERTO
MARCAM-SE
AS MESAS RESTANTES

Dorme mal?



Experimente V. Ex.ª os colchões de molas
30 anos de bom fabrico
Fornecedor dos principais Hoteis
AGUIAR RAMALHO, LDA.
Rua Actor Vale, 16-B
Telef. 831244

Salão de Chá - Boite de Nuit
edificio do Chave d'Ouro, R. 1.º de Dezembro, 3.º andar (elevador)
AMANHÃ ESTREIA
NESTE MAGNÍFICO SALÃO, DO TRIO SEVILHANO
HERMANA RODRIGUEZ
ATRACÇÃO DE 1.ª CATEGORIA
ÀS SOIRÉES consumo obrigatório de 40$00
ATENÇÃO AO REVEILLON
RESERVE A SUA MESA COM ANTECIPAÇÃO
MAIORES DE 18 ANOS

restaurante «AQUARIO»
AMANHÃ: GRANDE JANTAR DE NATAL
E
Inauguração da sua «Boite» com o distinto pianista espanhol
JOSÉ SANTIAGO URIA
Reservam-se mesas pelos Telfs: 34782 e 368393

Não se preocupe
Com as ofertas que tem a fazer. Desde as novidades para criança às de maior categoria tudo encontra na
Smarta
PASTELARIA RESTAURANTE

ESTRELA BAR
Café - Restaurante
R. Tomaz da Anunciação
9B—Telef. 661286
HOJE
Grande ceia do
NATAL

FORMIDAVEL NOITE DE FIM DO ANO
REVEILLON
SEMPRE O MAIS SENSACIONAL TODOS OS ANOS PELA SUA ALTA CATEGORIA E ELEGANCIA RESERVE COM ANTECEDENCIA A SUA MESA
NO "MAXIME"
(PARA ADULTOS)

A OURIVESARIA DA GUIA
FUNDADA EM 1875
(De Olinda d'Oliveira & C.ª, Ld.ª)
Apresenta a todos os Ex.mos Clientes e Amigos os melhores votos de Boas Festas e Ano Novo Feliz.
RUA MARTIM MONIZ, 2 a 10—Telefone 28336
R DA MOURARIA, 7 a 11 (Junto à Capela de N.ª S.ª da Saude)

RESTAURANTE ALVALADE
TELEFONE 779151
AMANHÃ 25 DE DEZEMBRO
CHÁ DANCANTE

Os meninos pasmados à vista das maravilhas

(Reportagem de uma visita aos presépios do Museu das Janelas Verdes)

Eram quinze crianças. As três Anas Marias, a Nini, a Teresa, a Isabelinha, o Luís... Eram quinze crianças e tinham todas entre os cinco e os seis anos. Meninos de um instituto pré-escolar, são iguais a todos os outros, esgrouviados, traquinas. Só que andam bem agasalhados e cuidam de lhes aguçar a sensibilidade, desenvolver os pequeninos cérebros, abrir caminho ás coisas belas que a vida lhes há-de reservar. Ali estão, diante dos presépios do Museu de Arte Antiga, com as suas pequeninas reacções, cheias de frescura e espontaneidade.

Amanhã, quando forem homens e senhoras, estes pequeninos, que periòdicamente fazem as suas visitas ao museu para ver «as coisas bonitas», formarão, com certeza, um grupo de «amigos». Criar-se-á em todos eles, os das muitas escolas que ali vão peregrinar e cultuar a arte, um solidário sentimento de beleza. Os museus de Lisboa—sobretudo o Museu de Arte Antiga—ser-lhes-ão familiares. As casas grandes, de aspecto muito sisudo, solitárias, distantes a poder de serem respeitáveis, encher-se-ão do marulhar das vozes, do tropear

«Vamos a ver quem descobre mais anjinhos!» — sugere D. Madalena Cabral

discreto das multidões, do calor afectivo dos homens.

Não serão, por certo, as estonteantes visitas dos turistas apressados que todos os dias maculam a verdade de Rembrandt ou a alucinada visão de Van Gogh. Os nossos discretos Tintureto, os nossos modestos Dègas podem permanecer sossegados, porque a formação espiritual das crianças que hoje passam pelas Janelas Verdes ajudarão a sentir e a ver a arte com o sentido estético do seu espírito carinhoso.

Por que não acontece outro tanto, nos restantes museus do País? Por que é que em cada um deles não funciona um Centro de Estudo de Arte e Museologia, como este que funciona nas Janelas Verdes, dirigido pelo dr. João Couto? Por que é que cada um dos nossos museus, sucumbidos ao peso do silêncio, da ausência de vida, de publico que os entenda e admire, não tem cada um deles, como o Museu de Arte Antiga, as suas sessões de extensão escolar, uma senhora, como D. Madalena Cabral (bolseira do Instituto de Alta Cultura para tanto designada) que vai guiando as crianças no seu amoroso tactear de caminhos, revelações de arte e de beleza que os seus pequenos espíritos sofregamente apreendem?

Não, não se trata de caminhos de rotina, de resultados obtidos com papel químico: é um trabalho original, espontaneo, que se renova em cada nova visita. Os grupos dos visitantes são propositadamente pequenos. E' preciso prender a atenção de cada criança, falar a todas, como se fossem uma só. E isto apenas se obtém, como se cada criança tivesse a grata sensação de que «as coisas do museu» estão lá só para ela...

Preparação prévia

Eram quinze crianças. As três Anas Marias, a Nini, a Teresa, a Isabelinha, o Luís... Eram 10 e 30 da manhã. Chegaram com a senhora directora, irrequietas, pulando, gritando. Iam já a entrar em turbilhão, quando a sr.ª D. Madalena Cabral lhes fez um breve sinal: nítido, terminante, afectuoso...

—Um momento!

As crianças param no meio da escada e ficam-se a ouvir, em anfiteatro, dispostas pelos degraus:

—Vamos, primeiro, conversar aqui um bocadinho. Ora, vamos lá a saber: que é que nós vamos ver? Presépios, não é verdade? Presépios muito bonitos, muito bonitos. Vocês, lá na escola, estão a fazer algum presépio? Quem é que está a fazer coisas bonitas para o presépio?

Quinze pescocitos estendem as cabecinhas loiras e trigueiras num «e-e-u-u» muito prolongado. D. Madalena Cabral—a Madalena, «tout court», como elas dizem—continua, depois de discutir com as crianças como são as figuras que as suas mãozitas modelaram:

—Pois, nós vamos ver presépios muito mais bonitos. Têm o Menino Jesus, os reis magos, os dois brancos e o preto...

Os pequeninos, que estiveram muito quietos, fazem menção de transpor o guarda-vento. Mas a sr.ª D. Madalena Cabral retém-nas ainda um instante:

—Vocês sabem o que é um museu?

Uma vozita define:

—E' uma casa grande com «coisas» lá dentro...

—E vocês sabem de quem é o museu?

Expectativa. Ninguém sabe. Mas vão saber. Com a ponta do dedo, a senhora explica:

—E' um bocadinho assim, de cada um de nós. Meu, teu, daquela... Ora, vocês sabem. A vossa mãezinha, lá em casa, não os deixa estragar as coisas bonitas. Vocês vão entrar aqui dentro e não estragam nada. Andam com cuidado, não se encostam aos vidros, para que não se partam nem vocês se magoem... E para que nada disto aconteça, os meninos vão entrar muito direitinhos, sem correrias, e limpam os pés nos três tapetes daqui da entrada para que não sujem o chão... Compreendido? Vamos lá a entrar!

Curiosos e atentos

Quinze pequeninos voltam-se para o guarda-vento. Esfregam furiosamente os pés nos três tapetes. Sem correrias nem gritos, olham, como os pombos-correios, a tomar direcção...

D. Madalena Cabral orienta-os carinhosa, alegremente. A sua presença infunde confiança, simpatia. Parece um raio de luz que penetra discreta e profundamente em cada pequenina partícula do ser espiritual e físico das crianças.

Estão diante do imponente presépio de Machado de Castro. Uma iluminação de efeitos pouco subjectivos, dá relevos e sombras, aqui e acolá... Os pequeninos encostam as caritas ao vidro que o protege. Abrem muito os olhos. Como tudo aquilo é sugestivo e atraente!

—Quem é capaz de descobrir o Menino Jesus?

Quinze deditos se estendem, espremendo o mesmo coro de há bocado: «eeu-u-u!».

Parecem borboletas buliçosas: aqui descobrem uma ovelhinha, ali, D. Madalena Cabral sugere-lhes que descubram o porquinho que está a ser «desmanchado», para a merenda, «porque quando nós vamos para algum lado, muito longe, ás vezes levamos uma merenda».

Os pequenos concordam. Aquele, aos domingos, vai para a praia, o outro para os pinhais...

—Quem é que conhece a história do Menino Jesus?

—Ee-uu!...

Uma velha, muito velha

A senhora corrige: que feio, então os meninos só sabem falar em coro?

A história do Menino Jesus, bocado de um, bocado do outro, vai-se construindo: o pastor estava a dormir, o «anjo» acordou-o, todos os homens acorreram á sua chamada (incluindo os três reis magos) e partiram com as suas oferendas: aqui um presente de galinhas, ali, outro de queijos; além um tocador de realejo, aqueles homens têm grandes barbas, um menino meteu o dedo na «cabaça»— o cantil—e está a lamber o dedo...

—Quem é que bebe vinho?

—Ee-uu!...

Todos — pressupõe-se... — gostam de vinho: com gêlo, com água...

Mas a grande fascinação é a «velha muito velha» que leva uma galinha. O seu ar caricatural aproxima-a do gosto das crianças. D. Madalena Cabral aproveita-a para submeter os miudos a um «test» de observação e memória:

—Reparem bem nesta velha muito velha de chapéu na cabeça, porque vão ver outras velhas noutros presépios. Sempre quero saber se lhes notam alguma diferença!

A voz dos anjos ressoa

O episódio, porém, passou. Os pequenos iniciaram um renhido

«Entrai, pastores, entrai, por esse portal a dentro»!...

desafio: a ver quem descobre mais anjos? Há um que consegue contar oito! Está radiante. E como este os mais. Sobem e descem um pequeno escadote posto ali para os aproximar das figuras. E quase se trava luta, porque um viu lá em cima um cão e um gato á bulha e agora todos querem comprovar a descoberta...

E' a primeira vez que este grupo de crianças vai visitar o Museu. Algumas outras, mais velhinhas, conhecem-lhe todos os cantos, sentem-se ali como em sua própria casa.

—As reacções destes que vêm pela primeira vez são sempre mais desatentas e desordenadas—comenta a sr. D. Madalena Cabral.

Pelo contrário, nós achamos que há um milagre de sugestividade e persuasão da sua parte que consegue já obter tamanhas provas de disciplina mental...

Sob a legenda do «verbum saro factum est» alguém sugere que as crianças sabem uma «cantiga ao Menino Jesus». E sob o silêncio claustral e solene do museu, comevedoramente, quinze vozitas se erguem, primeiro tímidas, depois ousadamente num trilo de anjos do Céu: «Vinde, vinde ao Deus-Menino!...».

E depois:

Entrai, pastores entrai,
por estes portais a dentro

(alguns dizem «por esses postais a dentro, mas não faz mal... «O Menino Jesus ficou todo contente! Isso é que ele gostou desta cantiga!»).

A senhora felicita-os com calor mas sem exuberancia. Os pequenos estão satisfeitissimos. Falta saber de que é feito o presépio e as crianças, que já estão habituadas a modelar o barro, identificam-no. Julgam que o resto é «pedra». Mas D. Madalena Cabral diz-lhes que não, que é cortiça... E vem uma pequena e clara explicação do que é a cortiça em bruto.

O «test» deu resultado

Sem desordem mas o mais possível á vontade, vão agora ver outro presépio. Pequenos grupos de raros visitantes páram admirados a olhá-los. As crianças, porém, não dão conta de nada, a não ser das «coisas do museu». A curiosidade, resultante de um espírito de observação cultivado, detém um aqui, outro ali, a olhar esculturas espalhadas pelo caminho. Meigamente, um menino afaga uma ovelhinha. Uma pequenina repara que tem o focinhito esmurrado.

—Bem se me importa—comenta o rapazinho.— Eu cá não fui que o esmurrei!

E, a encolher os ombros, vai juntar-se ao grupo que se deteve diante das figuras de presépio, saídas, no século XVIII, das oficinas de mestre António Ferreira.

Uma garotita, de nariz esborrachado no vidro que a separa do mundo criado pelos nossos mestres oleiros, reparou:

—Oh! Madalena, aquele menino não tem braço!

—Partiu-se.

—Porquê? Quem foi?

Como sempre, querem saber tudo e agora não é difícil explicar que as figurinhas estiveram muito tempo, muito, numa igreja, a Madre de Deus («eu já lá fui!»—interrompe um miudo). Puseram-nas lá para um canto, andaram com elas aos tombos.

De repente, um dedito estendido identifica a «velha muito velha».

—Olha! Está aqui!

As crianças acham graça. Esta não é igual á primeira, porque em cima do chapéu leva uma cesta com pães...

A Nini, cinco anitos, de calças e «rabo de cavalo» loiro, gosta de ficar só. Detém-se de mãos nos bolsos, cismática, muito atenta, meditando sabe-se lá em que interpretações do que vê. As crianças, porém, desceram já ao rés-do-chão, onde se expõem umas ultimas imagens de presépios. Também estas estão aqui e ali mutiladas, mas as crianças não olham ao todo, antes ao pormenor: ali um grupo faz uma matança, além vai um cão dançarino. Todos vão contentes, como quem se dirige para uma grande festa. Os pequenos, porém, começam a dar sinais de fadiga de maneiras várias. Uns querendo dar cambalhotas sobre as carpetas, os outros indo sentar-se nos antigos cadeirais de igreja, com os fundos de dobradiças e um bom encosto disfarçado, para que nas longas horas de oração os frades, sentados, dessem a ilusão de estar de pé...

Gaiola aberta

—Vamos, dentro do museu não se dão cambalhotas. Podem descansar um bocadinho nas cadeiras e sentados nos tapetes. Depois, vamos até ao jardim, que temos lá uma surpresa. Quem é que adivinha?...

Ninguém adivinha. E a sr.ª D. Madalena Cabral não lhes cultiva curiosidades mórbidas: a surpresa é um lago com peixinhos de todas as cores.

—Mas é preciso ter muito cuidado, não se mexe na água, não se mexe nos peixes. Um banho no lago, com este frio, não tinha graça nenhuma!

Os pequenos concordam. Daí a pouco, correm pelo jardim, debruçam-se sobre o lago, voltam a correr desenfreadamente, sobre a relva fofa e aparada.

—Isto faz-lhes bem! Depois de hora e meia de prisão, é bom abrir a porta da gaiola doirada.

E os passaritos como um bando de alvéolas graciosas, lá ficam nos seus volteios pelo espaço do Museu. Lá de cima, algures, de uma janela, talvez o director, o dr. João Couto, naquele instante recolha no seu coração uma luminosa resposta ás interrogações do seu espírito: valerá a pena?

Pois claro que vale!—responder-lhe-á o futuro.

São pequeninos, mas, ainda assim a alguns não passou despercebida a objectiva, quando interrogavam os grupos escultóricos de António Ferreira

Elegante casaco para noite realizado com Orlon de Nemours e pele. Foi um dos modelos que mais encantou o publico na ultima passagem de modelos

PAGINA D

PERGUNTE para saber

LEITORA IGNORANTE — Também nós desconhecemos as receitas a que se refere. Se alguma vez chegarem ao nosso conhecimento serão publicadas na secção de culinária.

UMA LEITORA EM VÉSPERAS DE SE CASAR — O Rioplex pode ser empregado nos bordados a ponto de cruz porque tem os fios regulares nos dois sentidos. Tem também a vantagem de poder meter-se em lixívias fortes sem risco de perder ou alterar a sua cor e por essa razão é empregado nos jogos de «napperons» para serviço de mesa, panos de tabuleiro e toalhas de mesa. Se deseja, podemos enviar-lhe as amostras deste tecido, em todas as cores em que é fabricado, desde que nos diga o seu nome e morada.

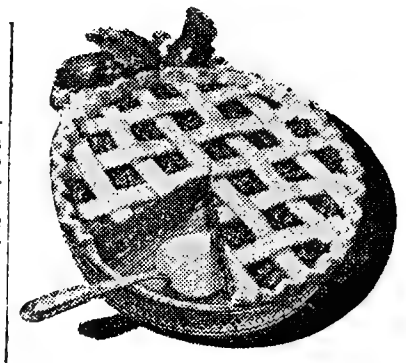
LOIRA PÁLIDA E TRISTE — Pode fazer o vestido de noite bastante rodado e meio curto. Sim, as «écharpes» continuam a usar-se. Por vezes, apareceme feitas do mesmo tecido empregado no vestido.

LEITORA AMIGA DO «DIÁRIO DE LISBOA — Os casacos usam-se soltos, amplos, de golas altas ou sem golas para fazendas espessas e cintados e estreitos para fazendas finas e maleáveis. Evidentemente que, no seu caso, deverá preferir o casaco cingido ao corpo e que não lhe tire altura no pescoço, isto é, sem gola volumosa.

Quanto á gola de pele também é para ponderar. Sendo de pêlo comprido a gola fica subida e dá a impressão de não ter altura de pescoço. Como diz que já o tem curto e a sua estatura geral é diminuta só lhe convém a pele de cordeiro ou outra qualquer rasa.

Brevemente são publicados os modelos que deseja.

GOSTO DUNS OLHOS AZUIS— O que lhe aconteceu é muito natural visto que o seu cabelo muito fino e seco não poderia suportar o tratamento a que foi sujeito no tal «cabeleireiro baratinho». Não podemos calcular que ingredientes lhe aplicaram nem qual a extensão de prejuizos que agora terá que suportar durante algum tempo. Só lhe podemos aconselhar a mudar de «artista» se quer continuar a poder pentear-se e a «parecer bem». Podemos indicar-lhe uma casa recomendável para o efeito onde vão muitas leitoras do «Diário de Lisboa» sem receio de contratempos. Diga-nos, para isso, o seu nome e morada.



SOBREMESA
para a consoada

Torta de compota

Farinha, 300 gramas; açucar, 150 grs.; manteiga, 150 grs.; ovos, dois; sumo de meio limão e essência de baunilha... q. b.

Amassa-se tudo, estende-se uma parte da massa com o rolo, corta-se em rodelas grandes e com ela se forra uma forma lisa untada com manteiga e cobrindo o fundo e as bordas até quase á parte superior destas. Enche-se com compota de fruta e por cima colocam-se tirinhas da massa que para esse efeito se reservou. Pinta-se a parte superior da massa com gema de ovo diluida com umas gotas de água e leva-se a cozer em forno regular.

Lembrança do seu menino

Pijama de flanela sarjada azul claro composto de casaquinho abotoado no cós das calças, sendo estas com meias pegadas como convém nestas idades irrequietas.

OS CARTÕES
de Boas Festas

Os cartões de Boas Festas podem constituir um ornamento da casa durante esta época do ano que vai do Natal aos Reis.

Esta gravura oferece-vos uma sugestão aproveitável, os cartões de mistura com ramadas de pinheiro, são presos no corrimão da escada interior.

RECEITAS UTEIS

A farinha deve ser sempre peneirada juntamente com o fermento e o açucar deve ser peneirado para lhe retirarmos os torrões que dariam aos bolos uma cozedura interior irregular. É, portanto, de bom critério, ter esses ingredientes preparados com antecedência quando sejam destinados ás doçarias.

Veja V. Ex.ª as ultimas novidades da «FOIRE DU CUIR» em Paris, na

ORION

R. Garrett, 42—Telef. 25943

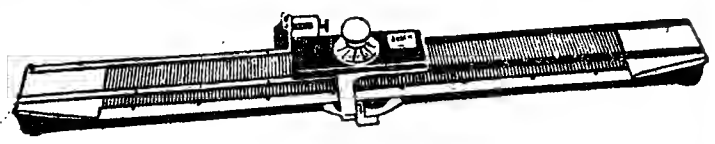
Faça as suas compras de saias, vestidos, echarpes, em

Italmoda

CONFECÇÕES E NOVIDADES

AV. JOÃO XXI, 11, r/c. Esq.º
Telefone 723712 — LISBOA

MÁQUINA DE TRICOTAR
BUSCH



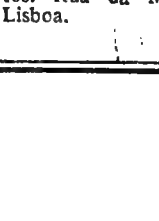
SEM PESOS NEM PENTES AUXILIARES
BUSCH
A mais prática e mais económica
Preço Fixo a p.p. Esc. 2.500$00
Ou com facilidades de pagamento
a Esc. 115$00 por mês
Aprendisagem Grátis, Demonstrações sem Compromisso
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Av. Fontes Pereira de Melo, 37 Tel. 5 91 81/2/3
LISBOA

CUIDE DA SUA BELEZA E DO SEU PENTEADO FREQUENTANDO O
Instituto de Beleza Martha
Avenida António Augusto de Aguiar, 13 — LISBOA
TELEFONE: 50194

LUVA AZUL

Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEUGAS e objectos para brinde
R. AUREA, 266

PRENATAL, L.DA
LARGO DO CARMO, 4-C.



Não esqueça o Natal do Bébé
Brindes escolhidos

Segurança de si mesma e da sua beleza transparecem nos olhos dela...
Estes resultados notáveis poderá também você obter por meio de um simples tratamento com:

Placentubex

Uma revolução no tratamento das rugas

«Um salto brusco na ciência dos cosméticos» ...foi desta forma que o Congresso Internacional de Paris denominou o tratamento com Placentubex.
É com efeito, o unico produto que, á base do Serol, faz penetrar eficazmente na epiderme o extracto de placenta fresca Os resultados são surpreendentes. Placentubex regenera a pele fatigada, faz desaparecer progressivamente os «pés de gálinha», as rugas do queixo e do pescoço, voltando a dar ás mãos um aspecto juvenil A sua aplicação é extremamente simples: Esfrega-se na pele uma pequena porção de Placentubex, que se deixa agir durante 15/20 minutos, e depois aplica-se o creme gorduroso habitual. Um tubo chega para alguns meses. A' venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120$00.
Merz & C.ª, Frankfurt/Main, Berlim, Zurique, Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos. Rua da Madalena, 273 — Lisboa.

A MULHER

Desenhos

para lençol e almofada

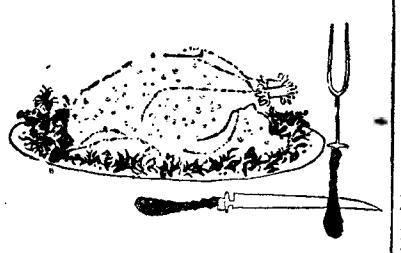
Publicamos hoje mais um lindo desenho para roupa de cama.

Deve ser bordado, a ponto cheio, ponto de cordão e ponto de crivo, com linha Ancora n.º 25.

Uma amostra de qualquer dos pontos custa 6$00. O desenho no tamanho natural para as duas peças importa em 8$00 e pode ser adquirido na nossa administração ou pelo correio. Neste ultimo caso os pedidos com a importancia em selos, devem dirigir-se á «Página da Mulher». «Diário de Lisboa». Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

Á cobrança, mais 2$00.

Perú assado e recheado



Depois de muito bem limpo, faz-se-lhe um corte ao longo das costas. Separa-se-lhe a carne dos ossos e retiram-se estes com o maior cuidado, para se lhe não romper a pele nem dilacerar demasiadamente a carne. Os ossos das pernas e das asas não se tiram. Estende-se o peru sobre um pano, com a parte que se abriu para cima, depois de se terem tirado as vísceras, e de o ter lavado por dentro com água fria. Unta-se por dentro com manteiga e sal bem misturado e recheia-se da seguinte maneira: moem-se 200 grs. de carne de porco, 100 gramas de vitela e 100 grs. de carneiro. Juntam-se-lhes uma colher de manteiga, sal, pimenta, um pouco de sumo de limão, duas colheres de vinho do Porto, uma pitada de pimenta moída e noz moscada raspada. Depois de cheio o peru, coze-se a parte que se golpeou com agulha e linha, ata-se com um cordel, enrolando-o com muitas voltas para que não fique deformado, mantendo-se as pernas e as asas na posição natural. Coloca-se num tabuleiro e cobre-se com banha ou tiras de toucinho fresco e vai ao forno a assar, regando de vez em quando com o próprio molho.

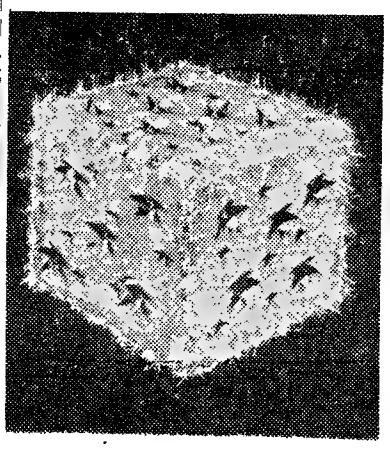
Os enfeites da Arvore de Natal

Quando não haja meios para alquirir enfeites para a árvore de Natal recorre-se a pequenos ornamentos como estrelas, corações, pombinhas, correntes e balões que podem fazer-se com papeis e cartolinas de cores garridas. As nozes e amêndoas pintadas com purpurina dourada produzem igualmente bom efeito com vantagem de poderem aproveitar-se, depois, para uma sobremesa. Uns bocadinhos de algodão em rama completam a decoração.

Conselhos às Noivas

E' conveniente incluir no seu enxoval algumas toalhas boas, de renda ou bordado, próprias para uma ocasião de cerimónia, ou para uma festa. Deve ter algumas de chá, outras de jantar. Se quiser ver um enorme sortido destas toalhas, visite a casa Lavores Femininos, da Av. Guerra Junqueiro, 3, D. pois são especializados neste artigo e possuem-nas para todos os preços e estilos de mobilia.

Os presentes de Natal



Qualquer embrulho pode ser melhorado com estrelinhas de papel metálico e fio prateado, passando a ser imensamente vistoso para figurar com relevo entre as prendas de Natal junto do pinheiro enfeitado.

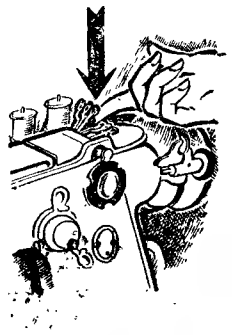
MORPHY-RICHARDS
TORRADEIRA AUTOMÁTICA

● Totalmente automática permite tostar o pão ao seu gosto pessoal.
● 2 torradas simultâneas desde um minuto.
● Cromada, numa linda apresentação, indispensável ao conjunto da sua mesa de pequeno almoço.

ESTABELECIMENTOS Sida, LIMITADA
RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. 33027

meias Christian Dior
À VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

PARA OFERTAS DE FIM DO ANO
NOV automática
SINGER *
Modelo 319
com Alavancas, além de Discos



Maravilhosa ! ! ! Basta um simples toque numa alavanca e passa a fazer recorte, ziguezague, cordão e uma infinita variedade de pontos ornamentais.
* Marca Registada de The Singer Manufacturing Co.

MODERNAS CONFECÇÕES
Ouvarela
Símbolo de elegancia e economia
SEMPRE PRONTAS A VESTIR
GÉNERO AMERICANO
Avenida João XXI, 10-D
* * *
Sucursal: Rua Tomás da Anunciação, 1-B

EMILIA
especialista de beleza e estética feminina
Tratamentos de rosto e corpo
Av.ª de Roma, 13-3.º-Esq.º
Telefones 760864 — 777368

FAQUEIROS
Faianças, nacionais e estrangeiras; Máquinas de café e as mais recentes novidades
CASA ALEMÃ
Rua da Palma, 33 — LISBOA

QUIOSQUE TIVOLI

A mais popular casa de lotarias do País

com FILIAIS em LISBOA e PORTO

Cumprimentam os seus Excelentíssimos Clientes, desejando-lhes muito BOAS FESTAS E um NOVO ANO muito feliz.

EVARISTO DOMINGUES, LDA.

Avenida D. Carlos I, 75 e 77 — LISBOA

TELEFONE 662227 — Endereço telegráfico BACALHAU

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes e Amigos e um Ano próspero.

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.

Moedas estrangeiras — Coupons — Papeis de Crédito — Ordens de Bolsa

Telefone 2 4755 **End. Tel. JODRACIR**

R U A A U R E A , 8 5

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

«O TRABALHO»

Companhia de Seguros

Deseja a todos os seus Ex.mos Segurados, Congéneres, Delegados, Agentes e Colaboradores um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Marcelino Ilídio Pereira & C.ª (Irmãos)

IMPORTADORES DE BACALHAU
ARMAZENISTAS DE MERCEARIA

Telefone 26792 — 12, Rua do Corpo Santo, 20

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Natal Feliz.

João Inácio da Conceição & Filhos

LANIFÍCIOS

Cumprimentam os seus estimados clientes e amigos, desejando Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Rua de Santa Justa, 61-1.º — Telefone 27775 — L I S B O A

JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA

R. Barros Queirós, 68 — LISBOA — Telefone 35454

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos deseja Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

João Lopes, Lda.
Mendes & Domingos, Lda.

CALÇADA DO DUQUE, 31-43 — Telefone 26298

RELOJOARIA E OURIVESARIA

Deseja aos seus Amigos e Clientes, festas felizes e um Novo Ano próspero.

Zacarias C. Franco

GRAVADOR
CARIMBOS-GRAVURAS
Telefone 30956—6, Rua da Vi-
Telefone 30956—6, Rua da Vitória, 6—(Junto á Rua dos Fanqueiros)—LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Domingos Dias Júnior

Casa fundada há 100 anos

Calçada do Combro, 20 — LISBOA. Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão, Grafonolas, etc., etc.

DROGARIA DE

Viúva Coelho, L.da

(Antiga Casa Pimenta)

Óleos, tintas, pinceis, gessos, vernizes, anilinas, petróleo, camurças, perfumarias e produtos químicos

38—E, Calçada do Combro, 38—F

TELEFONE 21168

Artísticos ramos de noiva

Florista CHIC

SEMPRE AS MAIS LINDAS FLORES
POÇO DO BORRATEM, 16
Telefone 2 3217 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes um Natal alegre e um Ano Novo cheio de prosperidades.

João Cândido da Silva-Cambista

104, RUA DA PRATA, 106

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

FRITZ CAMISEIRO

R. DA ASSUNÇÃO, 42

Deseja aos seus Amigos e Clientes Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

Delmiro Adan Andion, L.da

Rua Eugénio dos Santos, 14

DEPÓSITOS DE TABACOS

Deseja Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes.

A NEGRITA, LDA.

Fábrica de Torrefacção e Moagem

Rua Maria Andrade, 18—Lisboa
Telefone 843653
Teleg.: TORREFACTOS

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Ano Novo.

Loureiro & Antunes

LIMITADA

ALFAIATES — Civil e Militar
Largo da Anunciada, 19 s/loja
Telefone 27574 LISBOA

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes.

Sousa

Cumprimenta afectuosamente as suas excelentíssimas clientes, desejando-lhes um Natal alegre e um Novo Ano muito próspero.

Chiado, 76-78 — LISBOA — Telefones 29101-33439

Rolamentos e chumaceiras STEYR

Representantes Exclusivos:
PARA PORTUGAL E COLÓNIAS
PRAZERES & GOMES

TELEFONE 660017

LISBOA — Rua da Boa Vista, 51-53

Desejam Boas Festas e um ano feliz a todos os seus clientes e amigos.

PINHEIRO & FILHOS, LDA.

RUA SERPA PINTO, 14-A

FÁBRICA DE PASSAMANARIA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes.

TINTURARIA PIRES BRANCO

FUNDADA EM 1835

45 — CALÇADA DO CARMO — 47

(AS ESCADINHAS DO DUQUE)

Telefone 21860

Deseja muito Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

COSTA & DIOGO, LDA.

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 4-A, 4-C — Telefone 43315

Depósito de Tabacos Nacionais e Estrangeiros

Sucursal—TABACARIA NINA—Avenida Almirante Reis, 2-G

Desejam Boas Festas e Ano próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

JOIAS ANTIGAS

BARRETO & GONÇALVES, LDA.

17 — RUA EUGÉNIO DOS SANTOS — 17
(Antiga RUA DE S. ANTÃO)

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam um feliz Ano Bom.

A GERÊNCIA DA

Caixa de Crédito Caucionado, Lda.

Rua da Assunção, 88, 1.º — Telefone 25334

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

António de Sousa

ALFAIATE — Confecções para Homens e Senhoras

Telefone 25645 — Rua da Prata, 267, 1.º — LISBOA

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos muito Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Sociedade Industrial de Luvas, L.da

Travessa Nova de S. Domingos, 42, 3.º, Esq.º

TELEFONE 24754 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Metalúrgica Luso-Italiana, L.da

VENTILAÇÃO — AR CONDICIONADO — AQUECIMENTO INDUSTRIAL — SECAGEM ARTIFICIAL — QUEIMADORES A FUEL-OIL
MATERIAL OLEICOLA E VINICOLA
TORNEIRAS MAMOLI — ESQUENTADORES CARLONI

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS, 7 LISBOA

MÓVEIS
Janel

165, R. da Palma Tel. 2 7984
76-A, R. Rodrigues Sampaio Tel. 51695

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz.

BARREIRA LIMITADA
RETROSEIROS

Desejam aos seus Ex.mos Clientes, Amigos, Fornecedores e Colaboradores, Festas muito felizes e um Novo Ano próspero.

127, RUA DA CONCEIÇÃO, 129 — LISBOA

C. Marques, Lda.

ARMAZENS DO MERCADO
18-B, Rua Eng.º Vieira da Silva, 18-C—LISBOA—Telefone 46557

Deseja aos seus Amigos, Clientes e Fornecedores um Novo Ano muito próspero.

Auto Carrocerias, Lda.

A GERÊNCIA

Cumprimenta os seus prezados amigos, clientes e fornecedores, desejando-lhes umas Festas Felizes e um Bom Ano Novo.

Drogaria Central

de A. TAVARES, LDA.
190, Rua da Prata, 192

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Filmarte

F. COSTA, LDA.
249, RUA AUGUSTA, 251 — RUA DO CARMO, n.º 74, 3.º, 4.º
LISBOA — Telefone 31243-33333
Artigos seleccionados para fotografia e cinema

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos, desejando-lhes FESTAS FELIZES e um NOVO ANO muito próspero.

Carlos de Sá Pereira, Lda.

Rua dos Sapateiros, 115-2.º, D.º

Deseja Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

José Santos
LIMITADA

Compra e venda de Propriedades
Empréstimos Hipotecários
Rua dos Correeiros, 101-1.º
Telefone 2 7616 LISBOA

Deseja Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Moinho de Ouro
E
AFRICANISTA
DA
CASA DO CAFE', LDA.
Rua da Palma, 39-41—LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Amigos e Fregueses Festas Felizes e um Novo Ano com muitas prosperidades.

António Brás,
LIMITADA

Antiga Casa Brás & Silva

Louças, Vidros, Esmaltes e seus derivados, por atacado e a retalho
Rua da Palma, 252, 254-A
Armazem:
Rua do Benformoso, 133-B
Telefone 28961

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

F. C. MATIAS
ALFAIATE

Cumprimenta e deseja Festas Felizes e um ANO NOVO muito feliz.

Av. Almirante Reis, 16, 1.º-D.
Telef.: 57221 — LISBOA

M. PRAXEDES SIMÕES & C.ª, F.ª
SUCESSOR
Jorge Simões

Sucrs.
Encerados e lonas, impermeáveis
Largo de Santos, n.º 14-A
Deseja aos seus Ex.mos clientes um feliz Ano Novo.

Auto Cais Sodré

De MANUEL DUARTE LEÃO
Praça Duque da Terceira, 9
Telfone 2 6733

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

A CASA DA BORACHA
DE
J. V. BAPTISTA

Apresenta as Boas Festas a todos os seus Clientes e Amigos.

RUA DA PRATA, 263

TOMÉ
LANIFICIOS

Casacos de senhora — Sobretudos — Gabardines — Samarras
Rua dos Fanqueiros, 137-139
Telefone 26944 LISBOA
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Alegre e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Higino Mendes Cascalho

CAMPO DAS CEBOLAS, 9-A
Telef. 24439
Residência:
S. Pedro do Estoril — Tel. 068037
Alhandra — Estaleiro de Construções Navais — Telef. 050005
FRAGATAS — BATELÕES
REBOCADORES

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano próspero.

Associação dos Inquilinos Lisbonenses

Largo do Intendente, 52-1.º, Dt.º—LISBOA

Telefone 41020

A DIRECÇÃO da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, expressa a todos os inquilinos de Portugal e, muito em especial, aos seus numerosos associados, os votos sinceros dum Feliz Natal e de um Ano Novo de plena prosperidade.

Estabelecimentos Custódio Alves, L.da

Grande Organização de Alfaiataria

Séde: RUA DOS CAVALEIROS, 110, 1.º—LISBOA—Telef. 23550
Filiais em Lisboa: Rua dos Cavaleiros, 100 e 102; Rua do Benformoso, 80; Rua Prior do Crato, 29 Telefone 665607
Filial em Coruche: Rua dos Guerreiros — Telefone 204

Desejam Boas Festas aos seus estimados clientes e Novo Ano próspero.

CARDOSO FREIRE, LIMITADA

RUA DE S. JOÃO DA PRAÇA, 102-104
Telefone 22381 Teleg: CARDOFREI

Armazens próprios: **Póvoa de Santa Iria** e **Arruda dos Vinhos**

Batata de semente Holandesas, Dinamarquesas e Irlandesas—Aceitam-se encomendas para entrega a partir de Dezembro
Preços e Bónus Oficiais

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

ANTÓNIO DA ESCOLA

ESCOLA DE CONDUÇÃO — TRANSPORTES DE CARGA E OFICINA DE REPARAÇÕES EM AUTOMÓVEIS
Sede: Praceta da Rua Pascoal de Melo, 6, 2.º
Telefone 47326 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e Um Ano Novo muito próspero.

Germano Machado

SERRALHARIA CIVIL E MECÂNICA
CALÇADINHA DO TEJOLO, 45-A — Telefone 27237 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos e Clientes desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Ferragens e Ferramentas
RAFAEL LOPES, LDA.

Rua de S. Paulo, 43-47—Travessa dos Remolares, 50 a 52
— LISBOA —

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

ARMAZÉM DE FAZENDAS DE
CALADO & SEQUEIRA, LDA.

CAMISARIA — GRAVATARIA — MODAS E CONFECÇÕES — ETAMINES PARA CORTINADOS — ARTIGOS DE NOVIDADE ALGODÕES, LINHOS, LÃS E SEDAS
279, 281, RUA DOS FANQUEIROS, 283, 285
PRAÇA DA FIGUEIRA, 14
Telefone 2 3826 LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e Novo Ano próspero.

EQUIPE O SEU CARRO COM RADIO «EKCO»

ROMÃO & COMP.ª
Fábrica de Balanças
LISBOA

Feliz Natal e próspero Ano Novo

AOS EX.mos CLIENTES E AMIGOS

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, L.DA

Rua da Cascalheira, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA — Telefone 3 8008

FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO TIPO-LITOGRÁFICAS, VERNIZES e MASSAS PARA ROLOS

Sociedade Importadora e Exportadora

BASTOS, FERNANDES & MAGALHÃES

S. A. R. L.

Café — Chá — Especiarias e produtos coloniais — Frutos secos — Drogas e Produtos Químicos

PORTO — R. Comandante Rodolfo de Araujo, 108
Telefs. 50056/59—Est. 152

LISBOA — Paço da Rainha, 54 — Telefs. 41065/50725

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Armazéns da Betesga, Limitada

Praça da Figueira, 15 e 15-A
Telefone 26601
Rua dos Douradores, 222-1.º

ARMAZEM DE FAZENDAS POR ATACADO COMPLETO SORTIDO EM CAMISARIA E GRAVATARIA

Desejam aos seus Ex.mos Freguêses e Amigos, Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Telefones 20066/9 e 21331/2

G.ME GRAHAM J.OR & C.A

Rua dos Fanqueiros, 7 — Lisboa

*

FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA
Tojal — Loures

*

Papeis e Cartolinas — Papeis parafinados — Papeis Gomados — Sacos de papel Multi-folhas

*

Rua dos Clerigos, 6 — Porto

Telefones 26961/2

ANTIGOS ARMAZÉNS DO BAIRRRO AMÉRICA

CASA FUNDADA EM 1913

de **CODOFREDO D'ASSUMPÇÃO DIAS, LIMITADA**

Av. Almirante Reis, 3 — Lisboa — Telef. 43239

Tecidos de lã, algódão e seda ● Malhas ● Meias ● Camisaria Roupariа ● Sapataria ● Chapelaria ● Alfaiataria ● Peles, etc.

Manuel da Costa

OFICINA DE PINTURA

Letreiros, Tabuletas, Brasões Monogramas a Ouro e Prata

4, TRAVESSA DO CARMO, 4
(Próximo do Chiado)
Telefone 28327 LISBOA

Deseja Novo Ano cheio de prosperidades.

Sociedade Portuguesa de Graxas, Lda.

RUA DA INDUSTRIA, 52 (Edificio próprio) — LISBOA
Telefone 637413

Deseja Boas Festas aos seus Amigos e Clientes.

Casa Regional

AÇORES, MADEIRA E CONTINENTE

Artigos e Produtos Regionais

Manuel Dias de Sousa

Rua da Misericórdia, 94 a 98
Telef. 21673 LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Ch. Lorilleux S. A.

FABRICANTES ESPECIALIZADOS DE TINTAS — VERNIZES — SECANTES
para todos os processos gráficos

Novas instalações em
CASO RUIVO — OLIVAIS — Telefone 399061
LISBOA

137 anos ao serviço das Artes Gráficas

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

Manuel J. Monteiro & C.ª, L.da

ARMAZEM DE MATERIAL ELECTRICO ◆ REPRESENTAÇÕES

Deseja Boas Festas e um Ano Próspero aos seus estimados clientes e amigos.

Telefs. 31574 e 34506 • Teleg. «Mongo» • LISBOA • Rua dos Correeiros, 140

ARMAZENS DE SANTA MARTA

DE

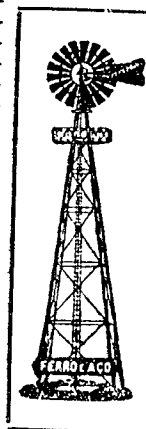
ÉLIO SEDAS NUNES

ARMAZEM DE FAZENDAS

Secção de: Modas, Retroseiro, Malhas, Rouparia, Tapetes, Lãs e Camisaria

RUA DE SANTA MARTA, N.º 1 — RUA MANUEL DE JESUS COELHO, 2, 4 e 6 — LISBOA — TELEFONE 45054

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e amigos, Festas Felizes e um novo ano muito próspero.



Manuel Maximiano Marques

SUCESSOR DE

Manuel Marques & Adrião

19 – Rua Nova do Desterro – 27

Deseja aos Ex.mos Freguezes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

Lamalgo, Lda.

RUA DE SANTA JUSTA, 42

Telefone: 34256 e 26707

Cumprimenta os seus estimados Clientes, Fornecedores e Amigos, agradecendo-lhes a dedicação e simpatia com que nos têm distinguido, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Vasco Dias M. Galvão

ESTABELECIDO DESDE 1890

Sucessor: Joaquim Dias M. Galvão

Av. Almirante Reis, 46-C Telefone 45245

DEPÓSITO DE TABACOS E PAPELARIA

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

CASA RIBEIRO

SIRGUEIRIA

Guarnições para todo o género de decoração, Franjas, Borlas, Galões e Cordões

Rua Ivens, 48 – LISBOA – Telefone 366708

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um feliz Natal e um Ano Novo muito próspero

Fábrica especializada em divãs e colchões de arame

DE

José Maria André

CALÇADA DO DUQUE, 19-A

Telefone 30032

Colchoarias, Mobílias e utensílios para casas de banho

Visite a nossa casa, que ficará bem servido

Deseja aos Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Arco Iris

Rua Alves Torgo, 16-B — LISBOA

Casa Especializada em reportagens e todo o material fotográfico

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Natal Feliz e Novo Ano próspero.

MARTINS CABELEIREIRO

E SEUS COLABORADORES manifestam às suas Ex.mas Clientes a sua gratidão pela deferência com que os têm distinguido e votos para um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

Salão Avila

Av. Duque de Avila, 65, 1.º – Telef. 48933

Frederico Ferreira

MOBILIAS E MAPLES

FABRICANTE

Ano Novo próspero é o que desejo aos meus Ex.mos Clientes e Amigos.

41, Rua Passos Manuel, 43

Telefone 48721 LISBOA

Barbearia Popular

DE

J. Leite & Ferreira, Ld.ª

Beco do Cascalho, 2-4 — Telefone 35949 LISBOA

(à Rua Arco Marquês do Alegrete)

TABELA DE PREÇOS: Barba, Um Escudo; Cabelo, Três Escudos; Barba e Cabelo, Quatro Escudos

O Cliente não espera; temos muitos oficiais às ordens de V. S.ª

ANTONIO ALVOEIRO & C.ª

CALÇADA DO COMBRO, 34 e 36-A

Louças de alumínio e esmalte — Talheres e cutelaria — ARTIGOS DE MENAGE — Completo sortimento de escovas para fato, dentes, cabeça, etc. — Vassouras de diversos modelos em Palma, Piassaba, Junco, etc.

Tampico, Cairo, Junco, Piassaba e Palhinha para cadeiras

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos umas Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

Telefone 21585 End. Teleg. ALVOEIRO

Nova Sapataria Brasil

DE

J. LOURENÇO

208, Rua da Madalena, 212

Tel. 30206 LISBOA

Cumprimenta todos os seus Freguezes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e novo Ano Feliz.

TELEFONE 29688 End. Teleg. SANLUAR

Pereira, Limitada

Armazém de Mercearia — Cereais — Legumes — Conservas — Comércio Geral — IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LARGO DO TERREIRO DO TRIGO, 15 — L I S B O A

Sauda os seus prezados Clientes, Fornecedores e Amigos, desejando Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Cambista TESTA

LOTARIAS

Rua do Arsenal, 74-78 — LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Fregueses e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes.

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(D I A M A N G)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

COM O CAPITAL DE ESCUDOS 294.100.000$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E ADMINISTRADOR-DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

VICE-PRESIDENTE

Com. Alvaro Morna

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO GERAL NA LUNDA

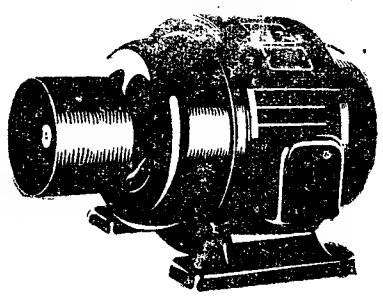
DIRECTOR-GERAL

Eng.º Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

REPRESENTANTE

Dr. Sílvio Guimarães



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES, TRANSFORMADORES
— DISJUNTORES, ARRANCADORES —

SOC. LUSO ELECTRICA, LDA.
11 — CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES — 13
Telefone 668061 (5 linhas) LISBOA

ARMAZENS DE MÓVEIS

JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(aos Anjos)
Telef.: 846385 LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal feliz e Novo Ano muito próspero.

A Casa Custódio Cardoso Pereira, Lda.

Rua do Carmo, 11

Cumprimenta os Ex.mos Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal Feliz e Ano Novo próspero.

Endereço telegráfico: **ARSOFE** Código telegráfico: **GUEDES**
Telefone 41752

RÁDIO CONTROLE

ARMANDO S. FERREIRA
(Electrotécnico T. S. F.)
RÁDIO, ELECTRÓNICA, TELEVISÃO E TELECOMUNICAÇÕES
TUDO SOBRE **T. S. F.**
ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA MÁXIMA EFICIÊNCIA

Equipamentos — Construções — Montagens — Reparações — Sistemas radioeléctricos — Conversores de ondas curtas — Conversores de corrente e vibradores — Receptores de Radiodifusão — Receptores de Televisão — Receptores de comunicações — Transmissores

Radiogramofones — Auto-Rádio — Radiogoniómetros — Inter-comunicadores — Amplificadores — Gravadores — Detectores de metais — Electromedicina — Giradiscos automáticos — Flash Electrónico — SERVIÇOS EM APARELHAGEM DE ALTA CATEGORIA

Técnicos especializados em radiotecnia e electrotecnia desde 1927
Estação Oficial «PHILIPS RADIO»
(Serviço autorizado desde 1939)
RUA DR. SOUSA MARTINS, 33-35 LISBOA—Portugal
Depart.º técn.º RADIO CONTROLE—Rua dr. Sousa Martins, 22-B a 22-D

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País
oficialmente reconhecida pelo Governo da Nação e em edifícios próprios

Os melhores e mais ricos «auto-cars» fúnebres
Garages
— e oficinas próprias nos seus edifícios —

SEDE NA:

194 - RUA SARAIVA DE CARVALHO - 202
Telefone P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

S. A. R. L.

Capital realizado : Esc. 200.000.000$00
Reservas : Esc. 96.000.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — L I S B O A

FILIAIS : **Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.**

AGÊNCIAS : **Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.**

DEPENDÊNCIAS URBANAS :

L I S B O A

Alcantara, Almirante Reis, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belem.

P O R T O

Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

CNN

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Uma frota ao serviço da Nação e do Império

MOÇAMBIQUE — ANGOLA — NIASSA
ÍNDIA — TIMOR — ROVUMA
MOÇÂMEDES — SOFALA — QUANZA
ZAMBÉZIA — SAVE — LURIO
S. TOMÉ — NAGALA — TAGUS
CHINDE (em construção) — ANGOCHE (em construção) — 6 REBOCADORES — 33 BATELÕES

Num total de cerca de 200.000 tons.

LIGANDO PORTUGAL À ÁFRICA E AO ORIENTE

Soares & Rebelo, L.da

Especialistas de sementes de hortaliças, flores e pastos

Rua do Amparo, n.º 2 — LISBOA

Desejam a todos os seus Amigos e Clientes Boas-Festas e um Ano Novo muito feliz.

TREZENTOS

RUA DO CARMO, 100

Cumprimentam os seus clientes e amigos com desejos de Boas Festas e Ano Novo muito Feiliz.

LOTARIA NACIONAL

VARETA

89 – RUA DO CARMO – 89

Deseja Boas-Festas aos seus Clientes e Amigos

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

Extracções semanais

Prémios maiores

1.000 ... ... CONTOS
100 ... ... CONTOS
50 ... ... CONTOS

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais Instituições de Assistência Pública, nos termos da legislação em vigor

Raul Galamas, L.da

MUDANÇAS

Embalagens de mobílias e expedição para todos os países

Rua da Madalena, 68-70

Telef. 28600 **LISBOA**

Boas Festas e Ano Novo muito feliz.

Colchoaria Central

CASA FUNDADA EM 1859

— DE —

Raul de Carvalho

128, Rua dos Fanqueiros, 130

Telefone 26551 LISBOA

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e Novo Ano próspero.

LAMPADAS **LUMIAR**

MOTORES **ENAE**

A Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica

deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz

P A S T E L A R I A
E R E S T A U R A N T E

«COLOMBO»

10-H, AVENIDA DA REPUBLICA, 10-J — Telefones 49225 e 55228

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e bom Ano Novo.

CAMISARIA
GRAVATARIA
GABARDINES
PULOWERS
LANIFICIOS
PARA HOMEM
PEÚGAS
GUARDA - CHUVAS

CASA CESAR

C. S. MATOS, L.DA

6-C, AVENIDA ALMIRANTE REIS, 6-E — TELEFONE 40245
CUMPRIMENTA OS SEUS EX.mos CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS DESEJANDO-LHES UM ANO NOVO FELIZ.

FAZENDAS DE LÃ
SEDAS
ALGODÕES
MEIAS
MALHAS
MALAS
E ATOALHADOS

Restaurant Cortador
«OH! LACERDA»

AVENIDA DE BERNA, 36-A — TELEF. 774057

LACERDA esposa e filhos desejam BOAS FESTAS, NATAL FELIZ e um NOVO ANO muito próspero aos seus Clientes e também aos estrangeiros e suas familias que residem em Portugal e aos que estão nas suas Pátrias que visitaram este Restaurant.

A TODOS VOTOS DE MUITAS FELICIDADES

Nunes & Santos, Lda.

Postais ilustrados, Cromos, Oculos para sol, Boquilhas, Cachimbos, Pedras para isqueiros. Canetas de tinta permanente, Artigos escolares, etc. — Novidades Nacionais e Estrangeiras, Representantes e depositários de molduras de metal com vidros, concavos M. L.

RUA DOS CORREIROS, 174, 3.º, D. — LISBOA — Telefone 27788

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e Ano Nova muito feliz.

Agência de anúncios EVA, L.DA

Anuncios para todos os jornais do País, inclusivé *Diário do Governo* pelos preços da tabela dos jornais

GRANDE SECÇÃO DE VALORES SELADOS

Rua da Conceição, 147, 149 Telef. 22250 — LISBOA

Cumprimenta os seus prezados anunciantes e amigos desejando-lhes Festas muito felizes.

Eduardo Gomes Cardoso, Herdeiros

CONSTRUTOR MECANICO

Avenida 24 de Julho, 26 — telef. 60239 — teleg. Edcard
LISBOA

Cumprimentam os Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Casa MAX

183-A — R. D. ESTEFANIA — 193-F
2-A — AV. PRAIA DA VITORIA — 2-D

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Fesats e um Novo Ano feliz.

D. J. SILVA, LTD.

VINHOS DE COLARES V. S. (VISCONDE SALREU)
Rua Barata Salgueiro, 15, 1.º

Deseja Boas Festas a todos os seus estimados Clientes e Amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

JOALHARIA, OURIVESARIA E RELOJOARIA

CASA DAS BENGALAS

Sortido colossal de Taças para prémios desportivos. Preços sem competência. Grande sortido de joias, ouro, prata e relógios

Rua da Prata, 87 a 91 **Telefone 20256**

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

Tinturaria e Engomadoria da Graça

DE

BORGES & NUNES

Tinge, Limpa e Engoma: Fatos, Sobretudos, Gabardines, Vestidos, Carpetes e Tapetes, com Rapidez e Perfeição, pelos processos mais Modernos

Rua da Graça, 44-A
Telef. 846074 LISBOA

Deseja Boas Festas a todos os seus Clientes e Amigos e um Novo Ano muito próspero.

VILARINHO & RICARDO, L.DA

RUA DA PRATA, 230-232

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

Os proprietários do

Restaurante Leão d'Ouro

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes felizes festas e um Ano Novo muito próspero.

Viuva José da Silva, L.da

SERRALHARIA MECANICA
156, Rua de S. Lázaro, 158
Telefone 52666

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um ano feliz.

A União

Fábrica de Espelhos de ANTONIO DA SILVA DORES, LIMITADA
Rua Luz Soriano, 23-A

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um novo ano próspero.

OENOL — Sociedade Portuguesa de Enologia, Lda.

RUA DA PRATA, 185, 2.º, D.
LISBOA

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados clientes e amigos.

LOJA DAS CAMISAS
Filipe Nunes

FAZENDAS, SEDAS, LAS E MEIAS

LARGO DA GRAÇA, 108-A
LISBOA

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e um Feliz Ano Novo cheio de prosperidades.

A FABRICA DE CHOCOLATES

Regina

ENDEREÇA A TODOS OS SEUS EX.MOS CLIENTES E AMIGOS OS MELHORES VOTOS DE FELICIDADES PARA O NATAL E ANO NOVO.

Pensão Central da Covilhã

A melhor entre as melhores. A preferida pela classe dos Ex.mos viajantes e turistas, pelo seu óptimo serviço e esmerado asseio. O gerente José da Silva Barata deseja a todos os seus clientes, amigos e suas Ex.mas Famílias alegre Natal e Ano Novo repleto de felicidades.

Júlio Baptista Ribeiro

AGENTE DE COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

Rua dos Sapateiros, 128, 2.º
Telefone 27135

Não comprem sem o consultar, pois é um técnico em propriedades e em construção civil e tem sempre muito bons prédios para vender de todos os preços.

Desejo aos meus Ex.mos Clientes muito Boas Festas.

LOJA DAS MALAS
ALEXANDRE VIEIRA

Camisaria e Gravataria — Artigos de Fanqueiro e Retroseiro — Sortido completo em calçado para homem, senhora e criança — Vendas a prestações — Preços sem concorrência.

103, Largo da Graça, 103-A
Telefone 840826 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Ano Novo cheio de prosperidades.

DROGARIA

DE

JOSÉ PIMENTA

Rua do Alecrim, 84-86
Telefone 234439

Perfumaria — Produtos químicos — Oleos — Tintas — Pincéis—Vernizes—Anilinas

Verniz brilhante «Blondeau», especial para chapéus de palha, encadernações, metais e couros

---

Ervanária Confiança

Rua do Benformoso, 123-125
Telef. 35669

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando a todos Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

A Morgadinha da Graça

DE

NEVES MARINHO

Chás e Cafés Seleccionados, das melhores marcas e procedências

FARINHAS E CHOCOLATES
Louça Artística de «Alcobaça»
Farinha Nutritiva *Morgadinha*
Rua da Graça, 32
Telef. 848059 LISBOA

Deseja boas festas e um Ano Novo muito próspero a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

A pequena Gabriella Gabos tem 11 anos e faz parte do primeiro contingente de refugiados hungaros recenchegados ás terras de Tio Sam. O seu primeiro jantar no campo «Kilmer N. J.» meteu coxa de peru que a pequena e gulosa Gabriella recebe como verdadeira acção de graças. «Peregrinos do século XX», assim denomina a América as grandes massas de populações que se deslocam de Leste para Oeste

Quando as recordações nos entristecem!...

NATAL!

por GRACIETTE BRANCO

Será possível que o milagre da graça do Natal e a fôrça infinita da Fé divina consigam amenizar ou trazer uma suave calma, a um espírito conturbado e aniquilado pela amargura?! Será possível que o fulgor daquela estrela magnífica que iluminou o estábulo sagrado, tenha, ainda hoje, o esplendor tão forte, que consiga conduzir, junto a Jesus, um coração cuja Fé talvez tenha sido abalada?!

Será possível que as mãos contorcidas por desespero e revolta, nas profundidades impiedosas da Dor, consigam ainda erguer-se, docemente, em preces de fé cristã?!

Será possível?!

A vida e a Morte eternamente ligadas, formando um elo de mistérios e estranhas surpresas, abrem, nas almas, as brechas profundas do sofrimento, que apenas o alimento divino poderá suavisar.

Mas a crença será tão forte, que resista a tanta decepção e amargura?!

Poderá ainda uma restea de Fé e Sol espiritual entrar nos subterrancos da alma e conseguir aclarar as sombras pesadas que a desventura adensou?!

A Vida, que traz sempre consigo, lado a lado, a presença da Morte— é o sorriso enganador que fascina e ilude...

Os Poetas — cujo olhar se encandeia na beleza efémera do Sol e do luar — são os eternos enamorados da Vida!

Apesar de adivinhos e profetas, apenas adivinham quimeras de oiro e profetizam fantásticas venturas irrealizáveis...

Até ao seu ultimo momento, existe sempre uma esperança e um projecto!...

Passam, pela vida num sonho embalador, onde asas de pombas brancas os elevam acima da lama do Mundo, fazendo-os tocar as estrelas e perscrutar os segredos milenários e divinos. Olhos que só se abrem para quiméricos esplendores e se cerram, doce e obstinadamente, ás misérias e aos charcos!

E se, por acaso, topam com um charco imundo, logo descortinam, nele reflectido, o encanto puríssimo das estrelas...

Ser Poeta é ser criança ingénua, só acreditar no que é belo e puro, cerrando o olhar a desgraças e torpezas. Para ele existe sempre uma madrugada maravilhosa, fazendo renovar e desabrochar as tenras e belas ilusões!

Para o Poeta, o Natal é um poema de amor divino, de eternidade espiritual. E' a materialização—em Beleza do seu sonho místico, é a mais pura legenda escrita, na face do Mundo, pela mão eterna de Deus!

E mesmo que, alguma vez, a alma do Poeta sangre de amargura e se abrase e devore na chama dilacerante da Dor — lá vem pacificá-la a Primavera em flor do seu sonho, na virtude, sempre renovada, das ilusões nascentes.

Por isso, é bom ser Poeta e rasgar novas estradas de luz, para além dos estreitos atalhos da Vida!

Para quem sonha, existe sempre um mundo a descobrir, um mistério a desvendar, novos horizontes que apenas se descortinam com os olhos do espírito!

* * *

O Natal tem o perfume inefável duma flor eterna, que Deus legou á Humanidade, para a compensar de tanta desventura que a Vida, traz consigo!

Porém, para os corações que sangram de luto e dor profunda, o Natal rasga mais pungente saudade, pelas infinitas recordações que derrama nas almas infelizes! Mais violentamente se aviva o sofrimento, quando, em nosso redor, tudo se agita em alegre festim de felicidade!

O coração, porém, habitua-se a sofrer e pela vida fora, vai ganhando uma couraça, que faz resistir e suportar...

Pode vir o Natal, com as suas alegrias, as suas luzes, o seu calor de grata intimidade, que o coração saberá resistir, estoicamente!

Pode vir o Natal, que o coração não reclamará piedade e tudo aceitará, num sofrimento mudo!

Pode vir o Natal, que a alma — sendo, como é, uma alma de Poetisa — enlear-se-á em doiradas ou pálidas quimeras e conseguirá fazer, dos míseros farrapos do coração, um trajo decente e tranquilo para receber as recordações que surgem, inevitavelmente! E talvez até, que por milagre divino, as lágrimas se transformem em pétalas, caindo, docemente, no seio de Jesus!

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

NATAL 1956

Dia Feliz! Boas Festas!
Requinte de tradição
A saltar
Na lareira
No caule de secas giestas
Transformadas em braseira
De faúlha crepitante
No meu lar...

Ah! Boas Festas! Boas Festas.
Que saudade é recordar...
Que saudade é não lembrar...

Se o meu lar não fosse o hoje
Igual ao de toda a gente,
Igual ao tempo que foge
Era bom. Era tão quente!

Ah! Boas Festas! Boas Festas!
Que saudade é recordar!

Que, de boa, é a saudade
Quando posta num altar
De ternura e claridade
Em nosso peito vibrar!

NARIADE GALVÃO

VIANA DO CASTELO

vai celebrar o centenário do seu primeiro foral

VIANA DO CASTELO, 23.—Na ultima reunião da Camara Municipal, foi resolvido criar uma comissão encarregada de organizar o programa das comemorações da entrega do primeiro foral a Viana do Castelo. Os srs. drs. Araujo Novo e Paula Santos ficaram incumbidos de estudar o assunto e indicar o nome das pessoas ou entidades que devem figurar na respectiva comissão.

Melhor organização? Maiores lucros!

SEELDEX
SISTEMA DE FICHAS VISÍVEIS

INDÚSTRIA NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

VENDAS • CRÉDITOS • COBRANÇAS • EXISTÊNCIAS • ASSINATURAS
PROPAGANDA • MÃO DE OBRA • PREÇOS DE CUSTO • ETC. • ETC.

SERVIÇOS PÚBLICOS • COMÉRCIO • INDÚSTRIA • PROFISSÕES LIBERAIS

RESOLVAM OS PROBLEMAS QUE SE LHES DEPAREM UTILIZANDO O SISTEMA VISÍVEL "SEELDEX"

CONSULTE

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.
LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1. — TELEFONE 2 498
PORTO: A LENCASTRE & SOUSA — RUA DE SANTO ANTONIO, 216-220

Valorize desde já o seu presente de Natal

BOSCH

A MAIOR FABRICA DE FRIGORIFICOS DA EUROPA

Refrigeradores POLAR
SOCIEDADE INDUSTRIAL LIMITADA
RUA DA EMENDA, 66 r/c. F.
TELEF. 2 2396-367611 LISBOA

DEPOIS DO JANTAR
Vis'te a **CASA MAX**
onde encontrará vestidos de malha a 360$00 e todas as **NOVIDADES** para a **QUADRA DO NATAL.**
193 A—RUA D. ESTEFANIA—193-F

NOVA LISBOA
A. SANTOS & PINTO, LD.ª
*
125, Rua dos Fanqueiros, 127
LISBOA
*
Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos e Clientes desejando um NATAL FELIZ e um ANO NOVO próspero.

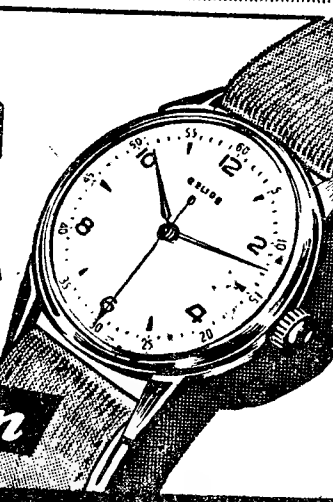
ROUPEIROS
MODERNOS
Em todas as madeiras, de 2 a 3 portas c/ gavetas, prateleiras, espaço para fatos e para todos os preços, vende o
BAZAR NOBRE, LDA.
Rua de S. Bento, 224—Telef. 661227
(á Praça de S. Bento)

José Rodrigues dos Santos
SÓCIO-GERENTE DE
SUMUS, LDA.
PASTELARIA E CHARCUTARIA
Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-D — TELEF. 59220

AVENIDA RADIO
Av. Almirante Reis, 12-C. T. 46770
Rádios N I C E e frigorificos A D M I R A L
todos acessórios para rádio
Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e amigos festas felizes e novo ano próspero.

A GERÊNCIA DAS
Tinturarias Unidas de Portugal
Sede: Rua Tomás da Anunciação, 38-A—Tel. 665567; com as suas sucursais na Rua Maestro António Taborda, 61, 61-A—Telef. 666435, e Rua Sant'Ana á Lapa, 158-B—Telef. 666995.
Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

COM CERTIFICADO DE GARANTIA



CONTRA TODOS OS ACIDENTES

Escolha um
RELIDE

LISBOA, A NOIVA DAS FLORES

Do bucolismo do passado Passeio Público

à exuberância presente do Parque de Monsanto

A velha Lisboa do Passeio Publico já não pode ser evocada sem um sorriso de ternura. Era no Verão, nas noites de calmaria, que o Passeio, á luz baça do bico de gás, tinha o seu ar envolvente de romantismo. Tudo se prestava á meditação. Ali, debaixo duma frondosa acácia, numa roda de amigos, um poeta suspiroso, lia, com o lábio a tremer de emoção, as guias da bigodaça sacudidas de fervor amoroso, o apaixonado poema, escrito numa tarde inspirada, a uns lindos olhos, de cor do céu, que o poeta vira, emocionado, na Procissão de S. Roque. Mais além, num grupo alegre, algumas donzelas jogavam as prendas com risinhos abafados nos leques, refrescando a garganta com capilé do Marrare, que tinha água fresquinha das bilhas de Estremoz. Ainda ninguém usava os balcões frigoríficos, nem era chique beber whisky, fazendo caretas. Em grandes tabuleiros, agitando campainhas, vestidos de branco com largos colarinhos de goma, os empregados do Ximenes Hespanhol vendiam o delicioso torrão de alicante, a vintém, uma delícia para paladar e que, no dizer de muita gente, curava a catarreira. No coreto, ao domingo, tocava a musica. Mas musica que se podia ouvir e até se podia dançar. Vinha a polka, saltitante, alegre, dançada num alarido de reviravoltas. A valsa a dois tempos, isso, senhores! não era para toda a gente. Tinha o seu ritmo suave, a sua cadência alada. Elas, de saia de balão, com as anquinhas encomendadas no Salão Modelo de monsieur François, no Rossio, reclinavam a cabeça, docemente, e olhavam, num extase sonhador, as estrelas belas do céu; eles, garbosos, com os bigodes encerados de véspera para estarem mais firmes, sobrecasaca cor de vinho, com uma enfiada vistosa de botões amarelos, botas de cano de pelica, que custavam para cima de seis tostões diziam os madrigais decorados nos livros romanticos que faziam voga.

Na tombola, para vestir as crianças dos asilos, as prendadas meninas ofereciam rifas de almofadões, de tampas para bule em crochet e, também, as indispensáveis meias de lã, que afastavam as frieiras no Inverno. Os rapazes, em grupos, pediam licença para dizer um madrigal. «Para quê olhar para o céu, se o céu existe nos seus olhos!» ou então, «Quem me dera deitar-me a afogar nas ondas do seu cabelo!» As donzelas riam. Contavam em segredinhos os madrigais que iam coleccionando. As vezes, a festa, era mais animada. O italiano Rendini, que dera um pulo de S. Carlos, subia ao estrado, atapetado de verdura e, entre vasos de flores, cantava, acompanhado a rabeca, a «serenata ao luar» ou «a prece a uma pálida donzela». Havia lágrimas nos olhos. Nestas alturas, de cima duma peanha, o fogueteiro atirava os primeiros valverdes e os fósforos de estrelinhas, que punham, no ambiente, uma nuvem de fumarada e o cheiro a pólvora queimada. Já muita gente sentada em volta da mesa, mandava vir os pratinhos de arroz doce, o leite creme, e, numa roda-viva, com a sorveteira ás costas, o criado do botequim servia os morangos, os autenticos morangos de Sintra!

No relógio do Carmo batiam as onze horas. Ih! que tarde! As primeiras tipoias, guisalhando contentes saiam do Corpo Santo para irem buscar os fregueses!

* * *

As cidades preocupam hoje a atenção dos higienistas. Na verdade, os grandes aglomerados humanos precisam de ser imunizados contra a densa asfixia que o ambiente citadino vai criando na população. Daí a necessidade crescente de dar ás cidades o seu arejamento salutar. Os pulmões das cidades são os seus parques, os seus jardins floridos, as suas cercas, as extensas tapadas e os pinhais. Lisboa pode orgulhar-se, justamente, de ser uma cidade arejada, batida pelo vento e, generosamente, bafejada pelas brisas que trazem o fortificante iodo. Desde a grande Mata de Benfica — o Parque Silva Porto — ás grandiosas e belas tapadas da Ajuda e das Necessidades, ao prodigioso arvoredo de Monsanto, Lisboa oferece aos lisboetas o ar puro das autenticas e famosas latitudes. Já um ilustre escritor que nos visitou, embevecido, disse que o Parque de Monsanto era uma das grandes maravilhas que tinha visto através da Europa. O seu arvoredo, a densa vegetação, a relva, o seu ar bucólico, a tranquilidade virgem dos seus recantos floridos onde, idilicamente a passarada canta, abençoando o sol festivo, tudo, enfim que se renova em poesia e se abre em perspectivas luminosas conforme a luz que o envolve, tudo repetimos, faz do Parque de Monsanto um verdadeiro monumento incrustado na natureza.

Mas Lisboa, a cidade bela, tem ainda, um parque frondoso, acolhedor que o lisboeta adora: o Campo Grande. E' um parque popular, onde a gente a pé, para enrijar as pernas, pode deambular, á sombra de velhas árvores.

O Campo Grande tem tradições vivas para o lisboeta. Havia feira, romaria de farneis, casas de petiscos e vinhos de regalar. Ir ao Campo Grande era viajar, no tempo em que, para cima da Rua das Pretas e no Salitre já havia hortas e cães de guarda nos quintais murados. Garrett, o grande poeta e político, cansado e doente, sempre que podia, lá ia veranear para Campolide. O seu generoso amigo Alexandre Herculano, vivia no sítio de Nossa Senhora da Ajuda, pois era o director da Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, e, muitas vezes, recebia a visita do seu amigo, que fazia aquela viagem de sete quilómetros arrazado pela fatigante jornada. De Alcantara para lá era fora de portas. O sr. Pedro Franco, Conde do Restelo, administrava Belém e zelava, com proficiência, os desmandos de três elegantes que tinham ido tomar banho á Praia da Torre e, seduzidas pela ligeireza de Carmen Rossi uma cantora de S. Carlos a quem os homens aplaudiam escandalosamente, mostraram — Ih! Jesus! — dois dedos acima dos tornozelos (sem respeito pela candura das crianças que entravam na água com fatinhos de malha).

Pois o Campo Grande, nesse tempo, e durante muitos anos, foi a sedução do lisboeta. Comia-se bem — e barato. Com dois tostões matava-se uma galinha gorda, escolhida a dedo, na capoeira, pois não havia o uxo da balança. E o vendedor que tinha casa de pasto tratava de fazer a cabidela e de a apresentar na travessa, com grossas fatias de paio e um arroz perfumado que enchia o ar de aroma e fazia crescer água na boca. Hoje, o Campo Grande, é mais acessível. Quem morár no outro extremo da cidade, num instante chega lá. E pode comer a galinha, se a levar de casa. Lisboa, bela cidade, tem nõ Campo Grande um parque acolhedor onde o lisboeta pode passar o seu domingo com o ar puro e bucólico duma estancia de repouso!

* * *

A sugestão bela das janelas floridas poderia emoldurar cada bairro da cidade numa formosa corbelha, dando a Lisboa a visão surpreendente de pequenos jardins suspensos. Na verdade, a graça, o encanto, o sortilégio poético das janelas floridas há muito interessou o nosso Município que, por mais duma vez, enquadrou toda a fisionomia do Rossio num cenário feérico de flores. Nos bairros pobres, na Mouraria, de ruas estreitas, no Castelo, na Madragoa, em Alfama há por muitas casas, de antigas varandas, manchas coloridas de sardinheiras, vasos de mangericos, craveiros nos caixotes e arabescos verdejantes de trepadeiras crescendo ao sol, neste sol abençoado que é uma dádiva de Deus. Lisboa ama as flores. Por isso, nos jardins, elas enchem os olhos de suave encanto. Mas não basta tê-las nos parques. Cada um poderá ter, no terraço, numa varanda, num recanto da marquise, um pequeno jardim que caracterize a aproximação do homem pelos fecundos mistérios da natureza. Assistir ao crescimento duma planta, vê-la desabrochar, ressurgir na plenitude da seiva, enformar, até, numa manhã de Primavera, abrir explendorosa em flor, dá ao homem um crente amor por tudo que a natureza, pródigamente, cria. E, numa sugestão plena de vida criadora, o homem sente que aquela flor que lhe nasceu em casa lhe pertence um pouco, porque a ajudou a viver feliz ao sol. Velando pelo crescimento, fecundando a terra, arejando-a, vitalizando-a com raízes o homem empenha-se numa jornadas da vida onde o egoismo campeia desabrido. Por isso, Lisboa, cidade bela, é a noiva das flores. Nas cristas altas de Monsanto, em bucólicos canteiros, em recantos onde a Primavera faz ninho, ficam todo o ano, as pétalas garridas de flores, bailando ao vento, como sorrisos perénes de alegria dando aos olhos dos poetas o extase contemplativo da beleza. Um pintor francês, vindo de jornada através da Europa, quando chegou a Lisboa, numa manhã de sol, ficou embaraçado de surpresa:

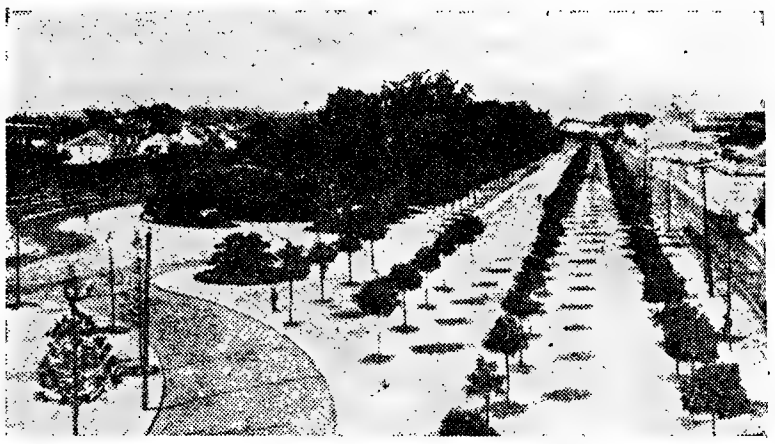
— Já sabia, disse, que Lisboa era uma maravilhosa cidade! Mas, agora, vejo que não é sómente maravilhosa: é fascinante! Dentro da sua beleza há qualquer coisa de indizível que subjuga os olhos e enamora a alma: O seu sol, as suas flores, o perfume que se evola da própria terra como se, nas suas entranhas, germinassem jardins de belas flores!

*

Lisboa tem agora na grande Avenida das Naus, desde o Cais do Sodré ao Poço do Bispo a oportunidade de guarnecer toda aquela estrada, que corre á beirinha do Tejo, de lindos canteiros ajardinados. Serão flores a homenagear o Tejo. O Tejo que deu sempre a Lisboa o seu caminho de grandeza, nessas jornadas imorredoiras cantadas em épicas estrofes.

Um grande jardim poderá, então, debruar toda a margem do rio para que a bela Lisboa receba quem vem pelo mar, com o abraço florido da sua juventude. O sol de Lisboa fará vicejar sempre, entre canteiros, as mais belas pétalas! Lisboa, a noiva das flores, provará assim que, apesar dos oito séculos da sua vida, tem a alegria e a juventude duma linda moça de vinte anos!

MANUEL MARTINHO



Este perfil nosso conhecido — onde é?... Era assim, há algumas dezenas de anos, o Campo Grande, quando o Campo Grande era passeio arrabaldino de Lisboa...

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. A N I B A L Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

E a geada vai ca

por CARI

IMPONDERÁVEL como um sonho feito de musica, a geada vai caindo, vai escrevendo pelos caminhos solitários, o seu poema branco de pureza. Nas aldeias distantes, perdidas entre fragas dum místico tom azul, a santa noite de Natal tem um perfume diferente; enquanto a geada traça formas simples nas telhas, se acastela nos terreiros de breves dimensões, que pertencem a cada fogo, e crista de alvura, oliveiras, pinheiros e cedros, os pobres habitantes desses mundos quase ignorados, riem felizes, á roda das lareiras baixas. Os lumaréus atiçados com ganas plebeias, assumem proporções de incêndio; as labaredas ondulantes, lançam faiscas cor de ouro para os tectos fuliginosos, sem forro. E as gentes debruçam-se, coradas e alegres, para a gamela onde o pão-trigo está a levedar, ou para o alguidar esborcelado (com bastas serventias, Deus louvado...), cheio de massa loira para ás velhozes. São aqueles, dois regalos que só se permitem uma vez por ano, e, por isso, as pupilas reluzem com o prazer antecipado da guloseima satisfeita.

Ali não há presépios, árvores carregadas de brinquedos, a ilusão candida da vinda do Menino-Santo e perdulário. Os mocitos esquálidos, sabem apenas que a ceia será farta, com um golpe mais grosso de azeite nas tronchudas carnosas e gordas e que, no dia seguinte, lhes é permitido comerem broa mais ou menos espoada, durante horas seguidas... E' Natal — dizem-lhes. E eles vão á capela do lugar, ou longe, á igreja da vila, e vêem o Menino-Deus entre luzes e flores, sem alcançarem o verdadeiro sentido de tal aparato. Apenas ficam entorpecidos de espanto. Tal imagem, jamais se apaga dos acanhados cérebros infantis. Beleza!

Estoirejam gravetos e o aroma purificador do eucalipto, da alfazema e das pinhas carregadas de resina, anda no ar, á mistura com o perfume do alecrim roxo de saudade.

Os seres humanos que se amontoam por acolá, com a angustia esculpida nos seus rostos de bronze, nem sequer podem imaginar o que será a noite de Natal nas opulentas cidades, nas casas ricas... Para eles, toda a festa se resume no transbordar da escudela, lume mais forte, e o triunfal apelo dos sinos que, de quebrada em quebrada, chega até os seus corações que se apequenam, sentindo a velha sinfonia de eterno encanto.

No magestoso cordão de serras que cerca a planura imensa, os povoados sucedem-se, como flores selvagens abertas num rustico sorriso á promessa que lhe vem da chuva, do vento, do Sol, da própria geada, do ceifante granizo. E em cada povoado lá se encontram almas que lutam e sofrem, sem arremedos de vindicta ou estéreis revoltas. São almas transparentes, almas eleitas do Senhor, sem ambições estultas, sem nódoas de pecado. Aos filhos legam o seu exemplo — uma vida de trabalho, labuta árdua e constante, os lombos curvados para a terra, a enxada, o machado, a picareta, tudo o que constitui seu mundo, sua riqueza e sua paixão.

Para os humildes, não há horizontes limitados, pois eles sabem que todo o céu lhes pertence, que é deles a serrania, com seus caminhos de mistério e clareiras de liberdade completa.

Algures, um sino anuncia que é meia-noite. Noite branca de Natal... Ruidos de tamancas, vozes a fixarem-se numa circunferência de prata... O luar petrefica as árvores, as pedras estão escorregadias, a geada cai e cai, em ritmo suave, em cadência invisível. E' poesia, é musica, é perfume, a envolver e a beijar as duras formas dos nossos irmãos pobres, que vivem nas aldeias de longe, e na grande noite-nova glorificam Deus indo ajoelhar nas lages humidas das capelas bafientas ornadas a vasos com «cabeleiras» verdes, e das igrejas com altares de talha, adorando o Menino-Jesus.

De volta aos tugurios desconfortáveis, esfregam as mãos vermelhas, espreitam

O romance verdadeiro de uma família pobre no Bairro de Santo António

Um caso igual a muitos? Talvez. E, contudo, não há dois casos iguais. As vidas mais anónimas ocultam os seus segredos pungentes, as suas chagas secretas.

Ficha: Carlos Rodrigues da Silva, nascido em Lisbôa em 1918, rebarbador há dezasseis anos.

Uma profissão ingrata. «Nunca hei-de passar da cepa forta»—pensava ele de noite, quando o Inverno chorava lá fora, no Bairro da Urmeira, onde habitavam todos em molho num quarto tão pequeno e indiscreto.

Oito filhos. A mulher ainda nova, mas tão frágil e já tão cansada!... Negra vida!

Depois mudaram-se. Boa vontade do senhor governador civil. Mas o desastre, agora, veio estragar tudo.

*

Dia cinzento, árvores esfolhadas, o vento frio. O numero da porta é o 606, no Bairro de Santo António. A porta, uma garota loira, de olhos muito verdes, os lábios cheios de cieiro, embala uma criança de colo.

—Carlitos!—grita ela, a certa altura.

Na rua lamacenta os miudos jogam á bola. Há tantos, tantos miudos no Bairro de Santo António! Ventres enormes, pernas enfezadas, corpos mimosos, sorrisos claros, miradas tristes e graves, um arco-iris de expressões.

O chefe da família, impossibilitado pelo acidente de fazer outra coisa, entretem-se a caiar as paredes. Tem um rosto magro, enegrecido pela barba crescida, mas franco e ainda jovem

O Carlitos só tem um pé calçado, o pé direito, e da unica bota resta-lhe apenas o cano, de modo que se aleija sempre que chuta com força. Mas que importa a dor, se conseguir meter golo?

Uma voz fora do tempo e do local, a mais bela voz da nossa terra, canta algures, num aparelho de rádio, um desencontro de amor:

«Ai funesta Primavera!
Quem me dera,
Quem nos dera,
Ter morrido nesse dia!...

—Carlitos!—torna a chamar a Maria da Conceição.

Ele volta-se, impaciente, e encolhe os ombros.

—Imagina, hoje não ouvimos o «Tide»—exclama para uma amiga uma rapariga que passa, de rosto amendoado, descuidada no traje, quase rota, macerada por trabalhos rudes, mas sinuosa e grácil a andar, com uma bilha á cabeça, qual uma vestal desgarrada em sonho de um coro helénico. E leva as mãos encardidas, um atilho a ajustar-lhe a saia á cintura firme.

—Carlitos—insiste a petiza—, deixa a bola, vai á escola buscar os teus irmãos. Está cá em casa um senhor jornalista.

Ele entretinha-se a caiar de azul, escrupulosamente, as paredes interiores do casinhoto que o destino acabou por lhe conceder. Cento e vinte escudos por mês de renda—vá lá! O pior é que são dez pessoas aperreadas naquelas três divisões. Dois dos catraios—o João Luís, de três anos, e a Gininha, de ano e meio—dormem na cama dos pais (como há-de ser de outra maneira?) e á beira deles, num pequenino catre, o bebé. Dois meses, os olhitos espantados: é o Vítor Manuel, cuja face vermelha agora assoma das pregas do xaile, nos braços da Maria da Conceição.

Ele pinta, manquejando, apoiado á parede, para ter ao menos os quartos asseados. Alto, franzino, anguloso, tem uma silhueta ainda jovem, os traços vincados mas claros, a barba crescida. Aparece-lhe a camisola branca sob o fato-macaco, aberto ao peito, manchado de tinta.

Foi há quinze dias que, na oficina, lhe caiu um ferro em cima do pé. Tiveram de lho meter em gesso. Doeu. Mas doem mais as ralações. Fala-nos dos piores momentos e dos menos maus: «Passa-se uma semana a café, depois tapam-se as faltas com um bocadito de carne... Não há outro modo de nós defendermos a vida...».

Pobre Carlos Rodrigues, heroi sem história, heroi de todos os dias, que pega a vida de caras e não ouve palmas, mas ás vezes choros... e não pode calá-los. E nem sequer se revolta, (a vizinhança é que fala), é um «bom», nem mesmo vai á taberna; outros, por esse Mundo, não fazem «nenhum» e vivem de grande; ele aguenta tudo, respira fundo, encaixa e ainda sabe rir.

Todos se sacrificam pelo mais pequeno

A Olívia parece mais triste, nos seus seis lustros fanados, miudinha, silenciosa, esquecida de si, com os catraios á volta, aloirados como ela, vagamente intimidados por duas presenças estranhas. Todo o mimo da mãe vai agora para o ultimo rebento. Mal alimentada, não tem leite que preste, mas ao petiz ninguém regateia os dois biberões que ele suga em cada mamada. E' o príncipe, o pimpolho adorado, o enlevo dos pais e dos irmãos, o pequeno ídolo a quem cada um oferece em sacrifício um pouco da sua fome dia a dia.

Diz o Hermenegildo—treze anos ariscos, as guedelhas castanhas para a testa—que a Conceição é má, em lhe dando a veneta. Mas, quem acredita nisso? Princesinha da pobreza, fruto exótico, com as bochechas sujas de terra e aquele olhar verde tão líquido e tão meigo! Onze anos: o tronco magro a adolescer-lhe á sombra das privações, sem enfeites nem carícias—segunda mãe dos mais novos.

Mau passadio, ás vezes, sim, e quantas vezes, mas vão todos á escola, que esse é um ponto de honra dos pais.

—Eu cá tive fraca criação—declara o Carlos Rodrigues.—Não aprendi a ler na idade competente. Mais tarde foi preciso. E custou. Ai não!

A mãe: uma tez estragada, a expressão paciente, os cabelos quase sem viço. Apesar disso, um encanto de bondade e singeleza. Acalenta amorosamente, o seu pimpolho, fixo o olhor numa ilusão

Andou aos trambulhões pela vida: primeiro servente de pedreiro, depois vendedor, até que acertou no seu ofício. Rebarbador. Foi então que teve de acometer a cartilha. E veuceu. A boa vontade pode muito. Mas não o levou longe esse pequeno triunfo.

—Trinta e um escudos por dia, para esta gente toda, é pouco.

Desde o desastre só recebe vinte e um, do seguro.

—Sempre é melhor que nada. Mas... Com oito filhos, estão a ver: nem chega para a comida. Comida!... Ponha-lhe agora a renda da casa, a água, a electricidade... E até as prestações dos móveis, que nem estes trastes ordinários que aqui ve são meus!...

O Benfica: um estímulo de vida

Mesa de pinho, três cadeiras manhosas, toalha de riscado, papel recortado a alindar um móvel: eis a saleta e casa de jantar, centro daquelas dez existências. Na parede, duas molduras. Numa, os retratos da família, dispostos em medalhão, ao centro o do pai. Na outra, uma estampa colorida, em papel barato: a equipa do Benfica. E então? Porque não há-de o Carlos ser do Benfica, mesmo na fronteira da miséria? Há-de renunciar a tudo, até á mais inocente paixão?

Mas o Carlos já nunca vai ao futebol (onde ia ele arranjar o dinheiro?), a não ser lá uma vez por acaso, se alguém lhe oferece um bilhete. Ouve os relatos pela rádio, quando calha, e já é um pau!...

Porém, se o Benfica perde, mesmo assim, «sofre». Está-lhe na pele aquela querença. Tem de se ter na vida um fervor desinteressado, um ideal, uma chama qualquer. Assim, para o Carlos, á margem da família, o Benfica é uma bandeira, um amor.

A Gininha tem uma otite

—Então, vamos lá tirar o retrato!

Juntá-los a todos não é fácil: o Hermenegildo, a Maria da Conceição, o António Manuel, o Carlos José, o Jorge, o João Luís, o Vítor. Falta a Gininha. Está doente, com uma otite. Dorme, no quarto ao lado, o dos mais velhos, embora o seu lugar, á noite, seja junto dos pais.

Uma vizinha, bonita e prestável, destas raparigas do povo de coração á flor dos lábios, que se encontram, graças a Deus, nos bairros mais humildes—a Vicência—, vai buscar a pequerrucha. Pega-lhe com tacto, que ela tem febre (é só um minuto, talvez nem acorde).

Espreitamos, na meia luz do cubículo desnudo. Duas tarimbas pardas, um monte de roupas velhas; sobre a mesa de cabeceira improvisada um candieiro de petróleo, para poupar a electricidade.

E pronto! O grupo ficou a sorrir. Sorriso de um instante, na esteira das horas amargas e neutras...

Os garotos correm, em bandos, a acenar adeuses, praga de amores famélicos, esperanças e dores em botão. Cai, fina e constante, ressoando nas lamas, tristemente, a chuva de Dezembro, pelo Bairro de Santo António...

—Viva o Benfica!—disse um vizinha. E todos sorriem. Um segundo de alegria, perante o fotógrafo

...indo...

...IEN DE FIGUEIREDO

...á boca do forno onde os carvões se esbajoam numa farandolagem de cinza cintilante, ou dilatam as narinas absorvendo o cheiro da canela que enfeita as velhozes...

A algaraviada familiar intensifica-se; a roda do tempo deslisa mansamente... Os tijolos das lareiras, a cal crespa das paredes, sem um cromo, sequer, animam-se de braceiro quente, estão lambuzadas daquele supr de vida que escorre das labaredas palpitantes que dançam nas pupilas desatentas.

E' noite de Natal!

E a geada vai caindo, vai gravando pelos atalhos pedregosos das cordilheiras, em letras imortais, o poema santo da simplicidade dos humildes que nas cabanas miseráveis, festejam com broa espoada, sopas azeitadas, velhozes e altas fogueiras ateadas com folhas de arbustos e ervas cheirosas, o Natal dos cristãos.

Na aragem de neve os sinos repetem: Natal... Natal... — enquanto a noite avança e a geada, como um hábito de Deus, peneira pétalas de luz sobre todos os espaços, livres ou estreitos. Entretanto, os homens das barulhentas cidades, festejando embora a data simbólica, na sua perturbada inquietação, continuam a desejar mais alguma coisa. Talvez a desejarem, neste mundo convulso, a verdadeira fraternidade... A serena harmonia, a doce compreensão... Talvez... E' Natal... E a geada vai caindo... Beijos de amor na branca noite de Fé... Sinos a badalejar... Mais um Natal...

AUTOMÓVEIS

novos e usados. Auto-Boavista, Ld.ª Rua da Boa Vista, 81-B. Telef. 666124. Consulte os nossos serviços.

Uma oferta de Natal
PYREX
Uma oferta util

CARPETES E PASSADEIRAS MECÂNICAS — TIPO INGLÊS
WILTON
UMA PRODUÇÃO
FÁBRICA SULTÃO
À VENDA NAS BOAS CASAS
A R L

NO CONCELHO DE ALMADA

se tem electricidade em casa, pode ter

ÁGUA QUENTE A QUALQUER HORA

graças ao termo-acumulador que a **U E P** lhe permite adquirir em condições excepcionalmente vantajosas

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

FACILIDADES ESPECIAIS PARA A INSTALAÇÃO

Peça uma demonstração e informações no estabelecimento de vendas da

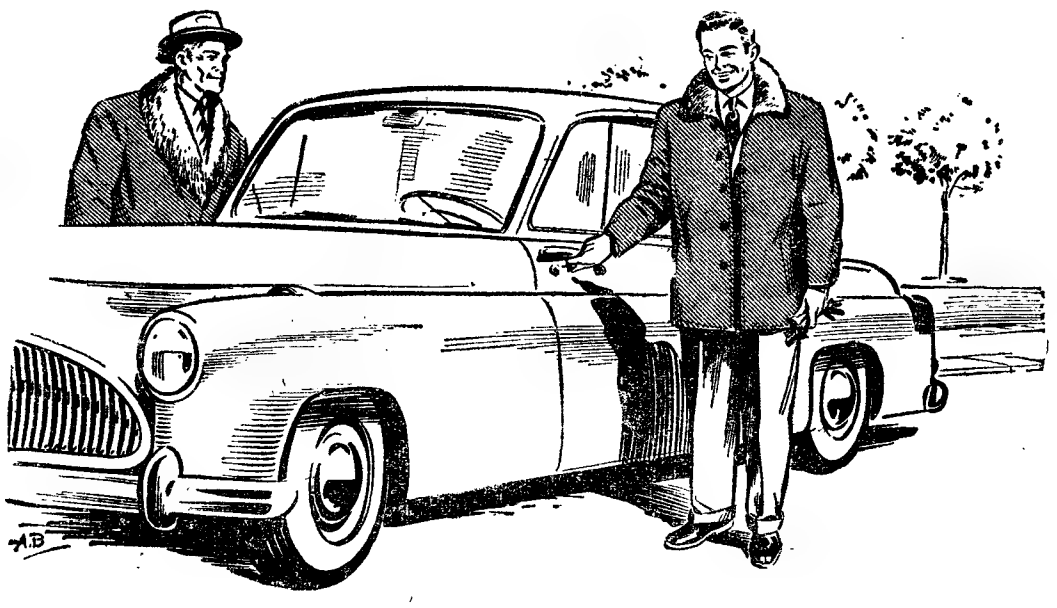
U E P

União Eléctrica Portuguesa

ALMADA

SAMARRAS

PARA PASSEIO E CIDADE



COMPLETE A SUA COMODIDADE E A DE SEU FILHO
COM AS MAIS BONITAS **SAMARRAS DE LISBOA**

ADÃO CAMISEIROS — RUA AUGUSTA, 238

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UIGE» Em 3 de Janeiro	Com escala prévia por **Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.**
«LUANDA» Em 12 de Janeiro	Com escala, por Leixões, para **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town** (se necessário), **Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.**
«IMPÉRIO» Em 18 de Janeiro	Com escala por Funchal, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.**

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 16 de Janeiro Às 12 horas	Com escala por **Funchal** para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» Em 28 de Dezembro e 29 de Janeiro	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Kingston, Havana e Port Everglades (Miami).**

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342

EM LISBOA:
CAMPO DOS MARTIRES DA PATRIA, 68
TELEFONE 51106

NO PORTO:
RUA DAS FLORES, 6
TELEFONE 29865

Restaurante Estrela

LIMITADA

Rua dos Sapateiros, 111-113
LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Amigos e Clientes desejando-lhes um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

PASTELARIA BIJOU

ABILIO ALVES

84-88 — AVENIDA DA LIBERDADE — 87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

ADÃO

CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 24064

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo.

ENCERADO
Elgon
É O ÚNICO BOM

Distribuidores
SOCIEDADE COMERCIAL ALVES DE MATOS, LDA.
P. DA ALEGRIA 58-3.º AR.TO G-LISBOA-TELEFONES: 25919-PRC. 35313/4/5

Rosas & Carvalho
Limitada

«CASA RIO DE JANEIRO»
Camisaria -- Malhas -- Meias
264, RUA AUGUSTA, 266
TELEFONE 22107

Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro de lei, sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.

JOSÉ MAYER

Deseja boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.
18, Rua do Loreto, 20—T. 22881

Perola do Rossio

105 — R O S S I O — 105
Especialidades em chás e cafés

Deseja Boas Festas e um ano de muitas felicidades ao seus Ex.mos fregueses e amigos.

A GERENCIA
DO
Comptoir Français d'Acessoires

RUA DAS PRETAS, 22-24

Deseja Boas Festas e um ano de prosperidades aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

Paris-Chiado

A mais elegante casa de flores naturais, do Chiado

Apresenta boas festas aos seus Ex.mos Clientes.

Rua Garrett, 62, 64—T. 26068

J. RICARDO DOMINGUES, L.da

CAMBISTAS
R. AUREA, 85 Telef. 24755
LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

Lanifícios de Coimbra, Lda.
Matos & Mendes

Telefone 23738

Deseja muito Boas Festas e um ano feliz a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos.

Rua dos Fanqueiros, 240-242
na mesma rua, 215

J. Simões Travassos

PRAÇA DA FIGUEIRA, N.os 15-B e 15-C

Apresenta aos seus Ex.mos Clientes e amigos cumprimentos de Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

C A S A
DAS
GRAVATAS

RUA DO OURO, 121

Deseja Boas Festas e um novo ano feliz aos Ex.mos Clientes.

DOMINGUEZ & LAVADINHO, LDA.

Desejam aos seus prezados Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.

Rua da Assunção, 79 a 85
Rua dos Sapateiros, 135 a 143
L I S B O A

CASA TIROL

70, RUA DA PRATA, 72

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes festas felizes.

A. S. BAETA

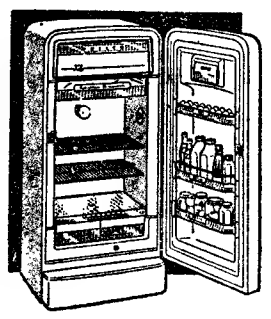
OURIVES-JOALHEIRO
65, Rua do Ouro, 67

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos clientes e amigos.

PHILCO

a Esc. 9.900$00

Frigorífico AMERICANO de 8,1 pés cúbicos
(MODELO DE LUXO)



- ★ **Camara de congelação a toda a largura**
- ★ **Quick Chiller (arrefecedor rápido)**
- ★ **Prateleiras ajustáveis**
- ★ **Hidratores para frutas e legumes**
- ★ **Porta totalmente aproveitada com manteigueira**
- ★ **Unidade blindada SUPER POWER**

5 ANOS DE GARANTIA
ENTREGA IMEDIATA

Vendido também em 6, 12, 18, 24 e 36 prestações pelo plano de colaboração das C. R. G. E. ou noutra modalidade

PRESTAÇÃO MENSAL DESDE 289$00

Veja este modelo entre outros nas salas de exposição da:

Refrigeração
POLAR
L I M I T A D A
R. da Emenda, 66, r/c., frente
Tel. 22396/367211 LISBOA

Banco Pinto & Sotto Mayor

S. A. R. L.

Capital e Reservas Esc. 59.100.000$00

SEDE — Rua Aurea, 18/30 — LISBOA

FILIAL-PORTO

SUCURSAIS: Coimbra — Viseu — Braga — Viana do Castelo — Chaves — Régua — Pombal — Campanhã — Póvoa de Varzim — Santo Tirso — Agueda — Fundão — Algés — Almada — Barcelos — Campo de Ourique (Lisboa) — Praça de Londres (Lisboa) — Santa Apolónia (Lisboa) — Santa Marta (Lisboa) — Antero do Quental (Porto) — Infante D. Henrique (Porto) — Oliveira de Azemeis — São Mamede (Lisboa) — Vila Nova de Gaia — Palácio do Comércio (Porto).

OS PROPRIETÁRIOS DO
Suisso Atlantico Hotel

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos cumprimentos a quem desejam Boas Festas e as maiores venturas no Novo Ano.

LISBOA RUA DA GLÓRIA, 3 TELEF. 31713-7

PRIMAX, L.DA

Comunica a todos os seus Ex.mos clientes, fornecedores e amigos que, para efeitos de Balanço, encerrará os seus armazéns e escritórios de 28 de Dezembro a 2 de Janeiro e aproveita a oportunidade para a todos enviar os seus cumprimentos de Boas-Festas e desejos de um Novo Ano felicíssimo.

Empresa dos Tabacos de Angola

Sede: L U A N D A

Agência em LISBOA — PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º, Dt.º
TELEFONE 20232 Telegramas AMENDOENSE

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas, e um Ano Novo muito feliz.

Confeitaria Primor

DE
RIBEIRO & ALVES, Limitada

Pastelaria, Confeitaria e Conservaria. — Serviço de lanches para casamentos, baptizados, ceias e banquetes

101, Rua dos Cavaleiros, 103
Telefone 28238 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e Novo Ano próspero.

Antiga Farmácia Ferrão, Lda.

(com quase meio século de existência)

Rua da Mouraria, 12-16
LISBOA

Deseja a todos os Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

António Ferreira Guerra

Variadíssimo sortido de Fanqueiro e Retrozeiro. Todos os artigos para homem, Senhora e Criança

Apanham-se Malhas com Perfeição e Rapidez

RUA DAS FARINHAS, 34
Telefone 27903 LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes um Natal Feliz e um Ano Novo muito próspero.

ANTIGA AGÊNCIA FUNERÁRIA
MEGA

de Maurício Lopes Mega & C.ª

Grande fornecimento de urnas e coroas. — Trata de funerais completos dos mais simples ao de maior pompa. — Trasladações em todos os cemitérios e para o Estrangeiro. — Urnas de todas as qualidades de madeira e de todos os modelos. — Preços módicos.

●

Sede: Largo das Olarias, 41, 42, 43, 44 e 45 — Garagem e Depósito: Travessa do Jordão, 3

Telefone 27832 LISBOA

Grande Hotel Lisboa

Termas de S. Pedro do Sul
Melo & C.ª (Irmãos)
Rua dos Fanqueiros, 314-316

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

CARREIRAS FLUVIAIS de passageiros

AVISO

As Empresas das carreias entre o T. do Paço (Cais da Alfandega) e Cacilhas, vêm por este meio comunicar, que, a partir de 1 de Janeiro de 1957, têm á venda as seguintes assinaturas:

Semanais para estudantes, válidas de 2.ª-feira até sábado, 12 viagens ..... 6$00

Semanais para operários e para as carreiras até ás 10 horas e das 17 ás 21 horas, válidas de 2.ª-feira até sábado, 12 viagens 7$00

Mensais, com início no dia 1 e termo no fim de cada mês, 52 viagens ..... 33$00

Local da venda: No escritório da A. G. P. L. no Cais de embarque em Lisboa.

A CAFÉEIRA, L.da

CASA CHINESA

CASA CHINESA BAR

CAFÉ BAR RIBATEJANO

MONTE CARLO

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, Colegas, Fornecedores e o Público em geral, desejando-lhes um Natal e Novo Ano de prosperidades.

ARMAZEM: Rua dos Sapateiros, 213 e 215 — Telef. 28565
ESCRITORIO: Rua dos Anjos, 13-A, 13-C — Telef. 49661

Malhas Mac, L.da

Rua 1.º de Dezembro, 45-1.º
Telef. 31036

MALHAS JOANINHA

R. Eugénio dos Santos, 62-64
Telef. 24506

E SUAS FILIAIS

Rua do Arsenal, 70
Telef. 66313

Rua 1.º de Dezembro, 62
Telef. 31036

Praça do Chile, 1
Telef. 731717

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes BOAS FESTAS e um ANO NOVO muito próspero.

Liane

Fábrica de Bonés, Chapeus e vestuário para homem
Armazém de plásticos e diversas especialidades estrangeiras

CUMPRIMENTA OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES, COLABORADORES, AMIGOS E SUAS FAMILIAS, DESEJANDO-LHES FELIZ NATAL E ANO NOVO COM SAUDE, PAZ E ALEGRIA.

RUA DO NORTE, 83, 1.º **TELEF. 24292** **LISBOA**

TODOS OS PRODUTOS DA

Companhia Portuguesa de Tabacos

(Arrendatária das Fábricas e Marcas de Tabacos do Estado)

INVICTA, VERA CRUZ, SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, VIC, TIP-TOP, AVIS, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, etc., etc.

são fabricados, com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos para bem servir os fumadores

SEDE: — Avenida da Liberdade, 16 — LISBOA

Fábrica de Confeitaria

PRODUTOS ALTEZA LIMITADA

Rua Tenente Raul Cascais, 13 e 13 A — LISBOA

Telefone 67 21 74

REBUÇADOS, DROPS e CARAMELOS

João Camilo Alves, L.da

VITI-VINICULTORES

Escritório e Armazém

R. Fernão Lopes, 5-7 — LISBOA

Telefs. 4 5066 e 4 0261

Adegas BUCELAS Telefone 1

Aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos desejam Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

H. VAULTIER & C.a

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

Alfaiataria Triunfo da Moda e Camisaria Oxford

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES e um ANO NOVO muito próspero.

Sociedade de Pedreiras Serra da Mira, L.da

Pedreiras: Serra da Mira — Tel. 092116
Escritório: R. Elias Garcia, lote 16, r/c. Dt.º Amadora

Britas seleccionadas de máquina.

Alvenarias rija e semi-rija

desejam aos seus estimados clientes e amigos, um

Feliz NATAL e ANO NOVO próspero

RODRIGUES

ARMAZÉM DE LANIFICIOS — SEDAS E VELUDOS

— DE —

João António Rodrigues & C.a

Rua Augusta, 76, 78, 80 — LISBOA

Prefiram sempre Conservas TENÓRIO

ATUM TENORIO

à venda nos bons estabelecimentos

AOS SENHORIOS

Se quereis ficar descansados, e não ter incêndios ou reclamações dos v/ inquilinos, entregai a limpeza das chaminés á mais antiga e acreditada

Empresa de Limpeza de Chaminés

«O GALO»

DE DOMINGOS LOPES

MEGA

Praça da Figueira, 7, 2.º, Esq.

Telefone 23857

Os proprietários

da CASA AFRICANA

Desejam aos seus Ex.mas Fregueses e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

RUA AUGUSTA, 161

VIOLANTES, Limitada

Fábrica de Sirgaria e Passamanaria

RUA DOS FANQUEIROS, 208-210

Desejam a todos os seus Excelentíssimos Clientes, Fornecedores e Amigos muito boas festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Aos Ex.mos Clientes e Amigos FESTAS FELIZES, ANO NOVO PRÓSPERO.

São os desejos sinceros da

Meia de Vidro

R. Augusta, 158 **LISBOA**

Restaurante PALMEIRA

RUA DO CRUCIFIXO, 69 a 73
Telefone 28372

A Gerência e empregados cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

OURIVESARIA

NOGUEIRA

NOGUEIRA & SIMÕES, LDA.

RUA DE S. LAZARO, 171 E 173 — TELEFONE 50786 — LISBOA

AGÊNCIA OFICIAL **OMEGA E TISSOT**

CAIXA DE CRÉDITO PRESTAMISTA
Dinheiro s/ Penhores
Ao juro da Lei
Fundada em 1900
RUA DE S. LAZARO, 169

CASA NOSIL
UTILIDADES
MAQ. COST., ESCR., TSF, ETC.
R. DE S. LAZARO, 203 A 207

SOCIEDADE GERAL
de Comércio, Indústria e Transportes

CARREIRA REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole	Cabo Verde e Guiné	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole	S. Tomé e Principe e Angola	Mensais
Norte da Europa	S. Tomé e Principe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

CARREIRAS REGULARES

Transporte de fosfatos do Norte de Africa e de pirites do Pomarão Tramping — Consignações — Transitos — Serviço de reboques fluviais e de alto mar — Lanchas — Fragatas — Batelões

FROTA PRINCIPAL

n/m «ÁFRICA OCIDENTAL».	1.560 T.	n/m «BRAGANÇA»	7.224 T.
n/m «ALCOBAÇA»	9.588 T.	n/m «CARTAXO»	1.376 T.
n/v «ALCOUTIM»	10.526 T.	n/m «COLARES»	1.376 T.
n/m «ALENQUER»	9.588 T.	n/m «CONCEIÇÃO MARIA».	2.974 T.
n/m «ALEXANDRE SILVA».	3.215 T.	n/m «CORUCHE»	1.376 T.
n/v «ALFERRAREDE»	2.118 T.	n/v «COSTEIRO»	900 T.
n/m «ALFREDO DA SILVA».	3.643 T.	n/m «COSTEIRO TERCEIRO».	1.426 T.
n/m «ALMEIRIM»	9.588 T.	n/m «COVILHÃ»...	1.376 T.
n/m «AMBRIZETE»	9.245 T.	n/v «FOCA»	2.060 T.
n/m «ANA MAFALDA»... ...	3.643 T.	n/m «MANUEL ALFREDO»...	3.600 T.
n/m «ANDULO»	9.245 T.	n/v «MARIA AMÉLIA»... ...	3.005 T.
n/m «ANTÓNIO CARLOS»...	2.974 T.	n/v «MELLO»	6.253 T.
n/m «ARRAIOLOS»	9.588 T.	n/m «RITA MARIA»...	3.458 T.
n/m «BELAS»	7.259 T.	n/m «SÃO MACARIO»	1.221 T.
n/m «BORBA»	7.259 T.	n/v «SAUDADES»	6.430 T.
n/m «BRAGA»	7.224 T.	n/v «ZÉ MANÉL»	1.240 T.

TOTAL: 151.558 T.

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a Motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de água, 1 Draga e 5 Batelões de dragadas

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 H.P., para serviço costeiro
2 navios de 320 T., com motores de 500 H. P., para transpórte de carga e passageiros no serviço de cabotagem na Provincia de Cabo Verde

CARGA E EXPEDIENTE:

LISBOA: RUA DO COMERCIO, 39
Telef. 26314/5
Teleg. GERAL

PORTO: RUA SÁ DA BANDEIRA, 82
Telef. 27363
Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa.

BANCO DE ANGOLA

S. A. R. L.

EMISSOR DA PROVÍNCIA

Capital Esc.: — 100.000.000$00

— SEDE —

Lisboa: — Rua da Prata, 10 a 22
Endereço telegráfico — Aldaro

Direcção Geral em África:—

Luanda:
Endereço telegráfico — Daroal

Filial:

Luanda:
Endereço telegráfico — Aldaro

Agências

Benguela, Cabinda, Gabela, Lobito, Malange, Moçamedes, Nova-Lisboa, Novo Redondo, Sá da Bandeira, Silva Porto, Luso e Carmona.

Endereço telegráfico — Aldaro

Correspondentes nos principais centros económicos da Província

Delegações do Departamento do Fomento em todas as Dependências.

Banco Borges & Irmão

PORTO S. A. R. L. **LISBOA**

Instituição fundada em 1884

Capital e Reservas — Esc. 111.500.000$00

DEPENDÊNCIAS URBANAS NO PORTO — Bonjardim (Casa Antiga) — Sá da Bandeira — Infante D. Henrique — Costa Cabral — Campanhã — Carvalhido

DEPENDÊNCIAS URBANAS EM LISBOA — Praça dos Estados Unidos da América e Av. Fontes Pereira de Melo

AGÊNCIAS — Braga, Setubal Ovar, Matosinhos, Amarante, Lourosa e Gondomar — POSTO em Vilar Formoso

Correspondente no Rio de Janeiro — **Banco Borges**

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

COMPANHIA DE SEGUROS

SAGRES

SEDE EM LISBOA — RUA DO OURO, 181

(EDIFICIO PRÓPRIO)

Sinistros pagos até 31-12-955

Cerca de noventa e sete milhões de escudos

AGENTES EM TODO O PAIS

Efectua seguros de «INCÊNDIO», «MARITIMOS e GUERRA», «AUTOMÓVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» **em todas as modalidades**

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, **mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações**

Telefones P. B. X. 24171-24172

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referências

Os proprietários da

SAPATARIA PARISIENSE, LDA.

R. de S. Nicolau, 49

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Foto Fidelidade

J. REIS PINTO

TRABALHOS EM TODOS OS GÉNEROS

Calç. de Santo André, 18-20

Aos meus Ex.mos Clientes e Amigos, desejo Feliz Natal e Ano Novo próspero.

Armazéns de Lanifícios

*

Praça da Figueira, 5-A e Travessa de S. Domingos 55-61

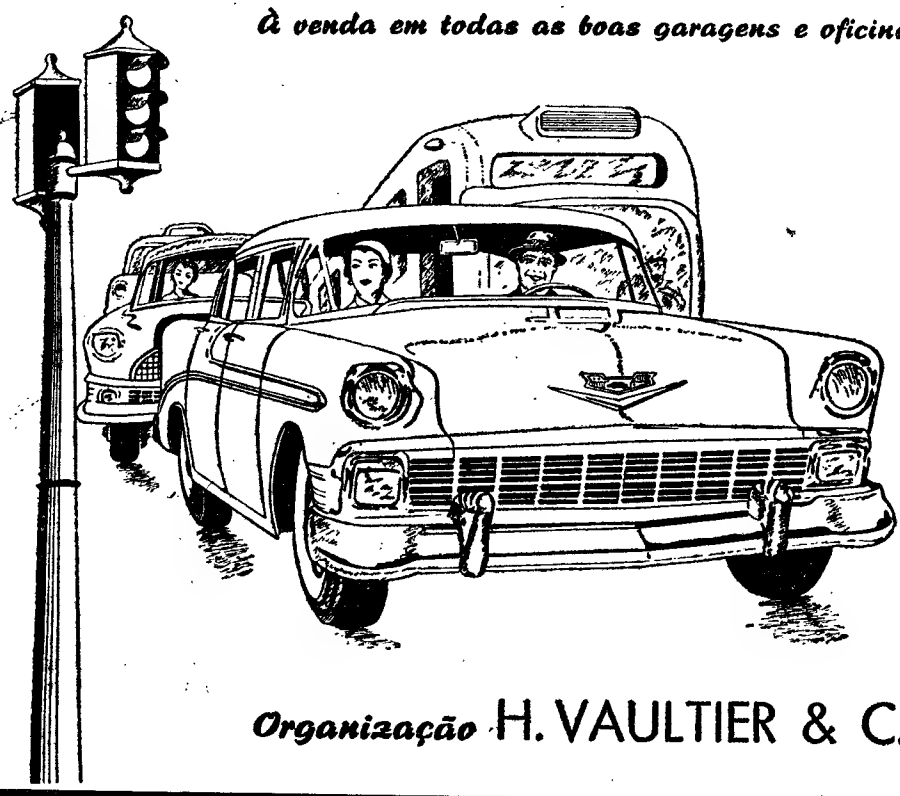
*

Desejam Boas Festas a toda a sua Ex.ma Clientela.

EAGLOIL
Superlube

O LUBRIFICANTE QUE O SEU CARRO EXIGE

À venda em todas as boas garagens e oficinas



Organização H. VAULTIER & C.ª

O MAIS BONITO BRINDE para creanças e adultos

O RELOGIO MEALHEIRO

da Sociedade Portuguesa de Seguros,

em que só é possivel dar corda depois de se lhe introduzir diariamente uma moeda, obriga os pais e ensina os filhos a serem economicos. Aplique essas economias constituindo um dote para os seus filhos ou para assegurar o futuro dos seus fazendo um seguro de Vida que a Sociedade Portuguesa de Seguros lhe dará gratuitamente um destes lindos relogios.

Dirija-se á

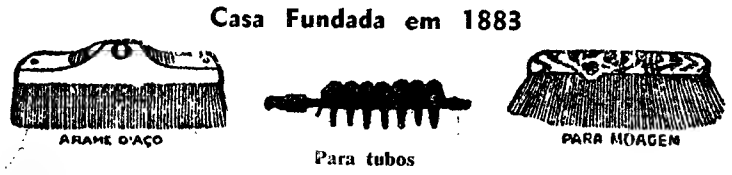
SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

RUA DA MADALENA 36, LISBOA — ou aos seus Agentes em todo o país, que terá todas as informações que carece.

Luís Baptista, Suc.res, L.da

Fabricantes de escovas de todas as espécies em cabelo e em arame para máquinas, tubos, garrafas, estradas, etc.

Casa Fundada em 1883



Telefone 2 8807

49 – Rua da Fé – 49 **LISBOA**

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo próspero.

Sapataria Rombert

Rua do Loreto, 27-29

LISBOA

Deseja Boas Festas e um Ano Novo muito próspero a todos os seus Ex.mos Clientes.

Tudella & Esteves, Lda.

Praça da Alegria, 40-A – LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Novo Ano muito próspero.

A AUTO SAGRES, LIMITADA

RUA JOSÉ ESTEVÃO, 24
LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal Feliz e Novo Ano muito próspero.

Centro Antiquário do Alecrim, Lda.

ANTIQUARIOS

48, RUA DO ALECRIM, 50

TELEF. 36 68 92 LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

CAPRI

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Novo próspero.

2-C – AV. ROMA, 2-D

TELEFS. 720789–721038

Fábrica de Malas

Manuel Machado Agostinho

Rua da Madalena, 205
LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Electro-Luso Alegria, Lda.

CASA DE VENDAS E OFICINAS

PRAÇA DA ALEGRIA, 51-52-53 — LISBOA

A GERÊNCIA: Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Grandes Armazens do Carmo

Alfaiataria, Sapataria e Chapelaria

FATO FEITO E POR MEDIDA

Encarrega-se de qualquer encomenda com a máxima perfeição

CORTE IMPECÁVEL

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

40, CALÇADA DO CARMO, 46

TELEFONE 22165 LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos Festas Felizes e um novo ano muito próspero.

Abel Lopes Martins, Lda.

Rua dos Sapateiros, 112, 1.º

Telefones 25477 e 24187

Desejam muito Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

AFONSO SERGIO & C.ª

Funileiro, Canalizador, Torneiro de Metais e Electricista

NIQUELAGEM E CROMAGEM

12-A, 12-B, Rua Edite Cavel, 14-A, 14-B—Lisboa—Telef. 849435

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

Casa das Utilidades

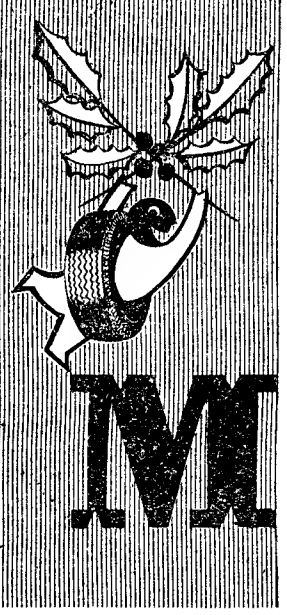
Sortido completo e ARTIGOS DE MENAGE. Louças, Vidros, Talheres de todas as qualidades. Fogões de aquecimento, etc. 52, RUA IVENS, 54 (Chiado) — Telefone 28612 — LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

A MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA

deseja Boas Festas

a todos os seus clientes, amigos e colaboradores que, dedicadamente, têm acompanhado o progressivo desenvolvimento desta indústria e contribuído para a expansão dos seus produtos, na Metrópole e no Ultramar

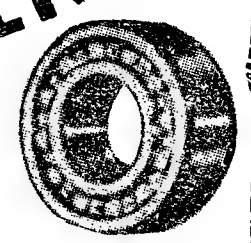


Pneus MABOR GENERAL

MABOR

14-56

RIV ROLAMENTOS para AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES



ESMERADO FABRICO ITALIANO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA

AV. DA LIBERDADE Nº 73 A 79

LISBOA

A. M. SILVA

ARMEIRO

Cumprimenta, desejando aos seus amigos e clientes festas felizes e próspero Ano Novo.

Rua da Betesga, 1

L. Praça da Figueira, 17, 2.º — LISBOA

Telefones 31313-31314

JOSÉ MARIA GOMES & IRMÃO

ARMAZEM DE SUCATAS

Novas instalações: Rua do Arco—Alcantara, n.os 34-46

LISBOA — Telefone 66614/33191

Compra e venda aos melhores preços toda a qualidade de sucatas de ferro e metais

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, umas Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

LANIFICIOS, FATOS FEITOS CASACOS DE SENHORA E SAMARRAS

TELEFONE 28389

RIGMAR

ALFAIATARIA

Mário Soares Pereira, Lda.

Gabardines, Camisaria e Chapelaria

107, Rua dos Fanqueiros, 109

LISBOA

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo próspero.

Armazens Dias

Lanifícios e Alfaiataria

161, Rua dos Fanqueiros, 163

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Boas Festas e um próspero Ano Novo.

Em VISEU o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa Domingos & Agostinho.

A Pernambucana, Lda.

Importadores e Exportadores

CAFÉS

Rua António Maria Cardoso, 1

Telefones 29981—25106

(Casa especializada em fornecimento para Cafés)

HÁ 17 ANOS — Não tem filiais

Felicita os seus Amigos e Clientes, desejando-lhes NATAL FELIZ e um NOVO ANO muito próspero.

CAFÉ PASTELARIA BAR

A FLOR DE S. MAMEDE

Rua de S. Mamede (ao Caldas), 22-A

LISBOA — Telefone 22736

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

Rouparia Central

RUA AUREA, 286-290

Tel. 20935 LISBOA

Cumprimenta e deseja um Natal Feliz e um Novo Ano muito próspero.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açucar em Luabo e Marromeu

(Provincia de Moçambique)

Delegação: Avenida da India, 8 — L I S B O A

FRUTARIA BRISTOL

de MARIA LUISA GOMES

Casa especializada em frutas verdes e secas

Rua Engénio dos Santos, 57—LISBOA—Telefone 2 4637

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos muito Boas Festas e um Ano Novo repleto de prosperidades.

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

H. Parry & Son, L.DA

SEDE: 6, AVENIDA 24 DE JULHO—LISBOA

Telef.: 64187 (4 Linhas) 66065

Teleg.: NAVIOS-LISBOA

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL REALIZADO: ESC. 37.250.000$00

SEDE: VIANA DO CASTELO — PORTUGAL

Telef.: 281-302

Teleg.: NAVAIS-VIANA DO CASTELO

Construções e reparações navais

DOCAS SECAS

Execução de qualquer trabalho de **mecânica, electricidade, fundição, caldeiraria, forja, soldadura, etc.**

DESENHOS - PROJECTOS - ORÇAMENTOS

Rocha, Amado & Latino, Limitada

RUA NOVA DO ALMADA, 13 e 15 RUA DA BOA VISTA, 54
RUA DA PRATA, 82

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Natal Feliz e a maior ventudo no Ano Novo.

União Predial e Comercial

Direcção de J. Neves Balseira, Func.º Superior do Ultramar (Aposentado) — Compra, Venda, Hipoteca e Administração de propriedades — COBRANÇA DE RENDAS — TRESPASSES

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53 (elevador)
(Junto ao Correio) — Telefone 32902/368952

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um feliz Ano Novo.

V.ª DE A. AFFONSO DE CASTRO, SUC.

Fábrica de Fios e Cabos Eléctricos

Escritório e Vendas
Calçada de S. Francisco, 17
Lisboa — Telefone 21269

Fábrica
Rua Policarpo Anjos, 68
Dafundo — Telef. 012738

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano próspero.

TELE fones 31516, 31517, P. B. X.
gramas FURTAYRES

António Furtado dos Santos, Ayres & C.ª

Ferragens, ferramentas, máquinas, torneiras, válvulas, metais

Cumprimenta os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

132-134, Rua da Boa Vista, 144 a 154 LISBOA

Marques, Sequeira, Lda.

ARMAZEM DE LANIFICIOS

Telefone 28851 **Praça da Figueira, 4-2.º**

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de passageiros e carga

Carreiras regulares para: AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMERICA CENTRAL e AMERICA DO SUL e entre ANGOLA e o NORTE DA EUROPA

FROTA

	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
Paquetes:		
«SANTA MARIA» (n. t.)	21.500	7.900
«VERA CRUZ» (n. t.) ...	21.500	7.900
«PÁTRIA» (n. t.)	19.173	10.743
«IMPÉRIO» (n. t.)	19.173	10.743
«UIGE»	14.480	8.226
Navios de carga:		
«LUANDA» (n. m.)	13.790	9.820
«GANDA» (n. m.)	13.114	9.419
«AMBOIM» (n. m.)	13.114	9.419
«BENGUELA» (n. m.) ...	12.303	9.347
«LUGELA»	12.250	8.340
«PUNGUE»	8.750	6.356
«CHAIMITE»	3.597	2.129
«NAMPULA»...	3.080	2.062
«SENA»	2.458	1.700

ESCRITÓRIOS:

Lisboa — Rua de S. Julião, 63
Telefones n.os 30131 a 30138

Porto — Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 23342

AGENCIA COLONIAL E COMERCIAL, L.DA

Rua do Comércio, 8 — LISBOA

Telefones: 20055-28840-23688 — End. teleg. OMNIA

Filiais em LUANDA e no LOBITO

Importação e exportação de todos os géneros coloniais

*

AGENTES DE NAVIOS

Empresa Comercial e Industrial de Pesca

S. A. R. L.

(PESCAL)

FROTA

Arrastão «PÁDUA»	17.000 quintais
Arrastão «ÁGUAS SANTAS»	19.000 quintais
Lugre-motor «MARIA das FLORES»	10.000 quintais
Navio-motor «LOUSADO»	18.000 quintais

ESCRITÓRIOS:
RUA DO COMÉRCIO, 8
LISBOA

SEDE E SECADOURO:
ALCOCHETE
TELEFONE 125

TELEFONES: 20055 — 28840 — 23688

Saluzena
— é a saúde!
Saluzena
— é o vigor físico!
Saluzena
— é a boa disposição!
Saluzena
— é a farinha ideal!

Um produto **AMIDEX**

A' venda em todo o País

SOCIEDADE INDUSTRIAL AGRO-REPARADORA, LDA.

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 80 B/80 E — TEL. 52360-53135-55354 — LISBOA

Máquinas Agrícolas e Industriais

A todos os nossos Ex.mos Clientes e Amigos apresentamos cumprimentos de Boas Festas e votos das maiores prosperidades de Novo Ano.

J. V. Feijó, Limitada

Ourivesaria e relojoaria

Desejam festas muito felizes aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores e um Novo Ano muito próspero.

RUA DA PRATA, 299 a 303
PRAÇA DA FIGUEIRA, N.º 18-A
TELEFONE 21896 **LISBOA**

Grande Armazém de Víveres

de JERÓNIMO TAVARES DA SILVA

Cumprimenta todos os seus Excelentissimos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo feliz.

278, Rua da Prata, 288 (Esquina da Rua da Betesga)
Telefone 22345

Ourivesaria ALGÉS

Gerente J. FIRMO DINIZ
OFICINAS PRÓPRIAS
Joias, Pratas e Relogios
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 13-A ——— ALGÉS
Telefone 012523

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Electro Automobilista

(Vulgo Casa Lucas)

Garagem D. João V, Lda.

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes e Amigos desejando-lhes Natal feliz e Novo Ano muito próspero

Perfumaria «Vogue»

RUA DO OURO, 254

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

O PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE E PASTELARIA
A CENTRAL DA BAIXA
R. AUREA, 94-98

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e amigos e deseja Boas Festas e Feliz Ano Novo.

CASA DAS LIMONADAS
RUA DA CONCEIÇÃO, 120 e 122

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos e deseja Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Restaurante «LA GONDOLA»

AVENIDA DE BERNE, 60 — LISBOA

Deseja Festas Felizes aos seus Ex.mos Clientes e amigos.

ARMAZENS DE PARIS, L.da

R. dos Fanqueiros, 217—219
Telef. 24926

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Natal feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Alfaiataria Paris

LEAL, LDA.
Rua de S. Nicolau, 106-LISBOA

Deseja boas Festas e um Ano Feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

CHAVES & REZENDE
LIMITADA
Material eléctrico e sanitário—Rádios e reparações—Revendedores da lampada «ASTRA»
VENDAS A PRESTAÇÕES
Deseja Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.
22, RUA DO SÉCULO, 24
Tel. 368994 **LISBOA**

A. da Cunha Rosa

FOLHA, ESTANHO, CHUMBO, COBRE, ARAME E ARCO PARA EMBALAGENS
RUA DA PRATA, 56—Telegramas: ROSAFOLHA. Telef.: 2 6744 — LISBOA

EDUARDO MARIA DA SILVA

A CASA MAIS ANTIGA NO GENERO
Reparações em taxis, conta-quilómetros, e Relógios eléctricos, Limpa-vidros, Carretos helicoidais e sem-fins para diversos aparelhos. Carretos, Rodas dentadas e Cramalheiras para aparelhos eléctricos, Veios de Carburadores
Rua da Horta Seca, 46-Tel. 25533-LISBOA
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas Festas e feliz Ano Novo.

A DROGARIA
Marchal, L.da
20-A—Rua dos Bacalhoeiros
Telefone 2 5497
Vernizes, alvaiades, ácidos nítricos comerciais e puros Perfumarias, hervanária, etc.
Aos seus Clientes e Amigos, deseja Boas Festas e Ano Feliz.

JESUS AMUEDO GARRIDO, LDA.
RUA DA MADALENA, 54
Telefone 29655
Com loja e armazens de sacaria, cumprimentam os seus Ex.mos clientes e amigos desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

GINGINHA
de J. MANUEL LOURENÇO LIMA (Herdeiros)
Aguardentes, Vinhos e Licores
Rua das Portas de Santo Antão, 7
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e amigos, desejando-lhes Festas felizes e um ano novo muito próspero.

MAGINA
Restaurante, Cervejaria e Tabacaria
Esmerado serviço — Vinhos especiais-Aperitivos escolhidos
Largo do Regedor, 17
R. das Portas de Santo Antão, 9
Deseja aos seus estimados clientes Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

«Agricultural Summer»
AGRO, LDA.

71-A — RUA DE SÃO PAULO — 71-B

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e feliz Ano Novo.

INSTITUTO DE BELEZA

Reis CABELEIREIRO
MANUCURE E CALISTA
Rua do Carmo, 91-2.º — Telef. 29816
CABELEIREIRO — MASSAGISTA

Desejam a todas as suas Ex.mas Clientes umas festas felizes, e um Novo Ano muito próspero.

CASA "URANIA"
de ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA
Representante da Industria de Tratamento de Aluminio
ROSSIO, 93, 2.º, (Porta 37)

Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Sapataria Versailles

RUA DE SANTA JUSTA, 96

Cumprimenta os seus amigos e clientes desejando-lhes um Novo Ano muito próspero.

ARTIGOS PARA BRINDES
DECORATIVALAR
J. R. ASCENÇO
Louças, Vidros, Talheres e Utilidades
108, Calçada da Estrela, 110 — Telef. 664826 — LISBOA
1, Rua de S. Bernardo, 3

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Casa Travassos, Ltd.

RUA DA PALMA, 43 — ROSSIO, 42 e 43

Cumprimenta os seus numerosos Amigos e Clientes, desejando-lhes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

SILVEIRA & MARQUES, L.DA

253, Rua do Ouro, 255 — Tel. 2 5664 — LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

SAPATARIA PRESIDENTE, LTD.

Rua 1.º de Dezembro, 11 a 13 — LISBOA — Telef. 23770

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

Torre Eiffel

CAMISARIA, GRAVATARIA E NOVIDADES

104, Rua do Carmo, 106

Desejam Boas Festas e Ano Feliz aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos.

Máquinas de escrever **HERMES**

De somar e calcular **BRUNSVIGA**

De franquiar **FRANCOTYP**

De calcular **MADAS**

Duplicadores **REX-ROTARY**

Balanças **INCA**

Ferros Automáticos **JURA**

Material Fotográfico **ILFORD**

Aparelhos de cinema **PAILLARD**

Camaras Fotográficas **EXAKTA e BALDA**

M. Simões Jr.

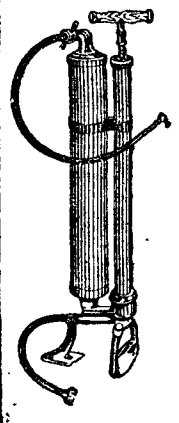
COM OS MELHORES CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

RUA DA CONCEIÇÃO, 46-48-50 • RUA DA PRATA, 68 • TELEF. 30306-7 • LISBOA

BOMBAS

«MOUTELA»

(MODELO REGISTADO)



Aos mestres de Obras e automobilistas

São de grande rendimento em caiação de prédios, lavagem de automóveis, pulverização de árvores e noutros serviços.

São manuais e portáteis, mantendo um jacto contínuo com mínimo esforço.

CASA MOUTELA

Rua da Palma, 284-A e B

Telef. 27851 LISBOA

QUINTA DOS LOMBOS — Tel. 044048 — Carcavelos

FLORA DE CARCAVELOS

— DE —

LUCIANO DE MATOS

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

AGUAS CASTELLO

Assis & C.ª, Limitada

BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO

Telef.: 2 6120
Telegr.: MOURAGUAS

RUA DOS SAPATEIROS, 26
LISBOA

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

A. CONTREIRAS, LDA.

Rua Eugénio dos Santos, 112

AGENTES GERAIS DOS FAMOSOS

OLEOS PENNZOIL

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, um Novo Ano cheio de prosperidades.

Velha Lisboa...

(Imagens de todos os séculos e de todas as horas)

por Pedro Mayer Garção

MANHÃ cedo, a azáfama começa. Aos ombros dos operários passam baldes de argamassa com que vai erguer-se o novo edifício. A pedra é triturada em betoneiras rangentes. Esqueletos rígidos sustentam o musculo rugoso do cimento. Serras, martelos, guindastes, vozes, ruidos, tudo se amalgama no afã da laboração em marcha. Esta politonia aguarda quem a aproveite para escrever uma partitura no estilo da Fundição do Aço que Mossolow orquestrou.

Dia a dia progride a obra encetada. Uma, duas, dezenas de habitações vão empilhando para o ceu as vértebras de ferro. Os homens não se poupam ao cansaço. Embora se apaguem na colectividade, fazem da sua labuta uma contribuição pessoal, não desvirtuando a disciplina da turma com o escrupulo célere do artífice. Dir-se-ia que o tempo avança para eles, ameaçando-os com os ponteiros materiais do relógio, e eles têm pressa de caminhar, subir, ver concluido o corpo vivo da construção a que insuflaram o ardor do seu sangue. Aquilo tem escadas, portas, janelas, lucarnas, outras tantas vias de acesso das modernas fortalezas que se fizeram para as alegrias da paz.

Depois da solidez, vem a subtileza, o requinte da arte, o ornamento simbólico, a fantasia discreta. Do bloco informe liberta-se a harmonia; e das secas estruturas, que pareciam caprichos improvisados, surge a justa perspectiva que embeleza a urbe. Figuras de mulher, em que se define a fecundidade do lar, estendem sobre os portais os corpos de mármore. Ao alto, no dorso convencional da vaga, singra a nau emblemática com os corvos; ou, então, arredonda-se a esfera armilar, cingida por circulos metálicos, lembrando que o grão faz parte do areal, a casa pertence ao Mundo.

As edificações, ainda que obedeçam á exigência da composição geral, individualizam-se em audácias arquitectónicas. Lançam no espaço um grito estridente de modernidade. Tem-se a impressão que um misterioso poder atractivo, exercido sobre elas de cima para baixo, as atrai para as estrelas; e a mole altiva vai-se despegando da terra, num movimento ascensional de levitação, pondo a descoberto as raízes pétreas dos pilares.

A sua imponência, avolumada pela massa do conjunto, limita as avenidas amplas. Sente-se que não se trabalha apenas para o momento actual. O caudal sempre crescente da cidade carece de margens largas para deixar fluir e refluir a maré humana. Lisboa esbraceja em tentáculos metafóricos de pleuvre. Conserva a tradição mourisca em alguns bairros centrais que estagnaram sob a velha protecção do Castelo, como para atestar que não perdeu o interesse pelo passado do qual se emancipou nas pugnas da fé.

Mas o beco transformou-se em rua, a rua alargou em avenida. Fez-se praça, rotunda, alameda, jardim. A mobilidade hodierna dos nossos hábitos, abrindo novos horizontes á curiosidade profissional dos técnicos, multiplicou e arejou o agregado popular, escavou as galerias do metro aristocratizou o prédio residencial, a moradia privativa, o cinema publico. O próprio templo de Deus saiu diferente do critério das novas linhas. S. João de Deus, S. João de Brito, Santo Condestável, Santo Eugénio tendem a recordar, na sobriedade das paredes nuas, nos vitrais exiguos das frestas, que o Cristianismo começou por ser uma religião criptica; e talvez a sugestão das catacumbas, sagradas pelo sangue seminal dos primeiros mártires, dê ás almas que vão abrigar-se nesses templos um sentimento católico mais fervoroso.

Não foi sòmente o arquitecto, o engenheiro, o paisagista, o topiário, o artista em suma do ar livre, que se pôs a correr mundo para a colheita das recentes concepções urbanisticas. De maneira geral, o nivel mais elevado da vida permitiu que o português, levado por outros interesses, entrasse em convivio de cenários, ambientes, países estranhos, nimbados pela fama da sua perfeição. Essa experiência abriu-lhe os olhos á seguinte realidade: Lisboa é de uma beleza incomparável. Não houve nesta descoberta o embevecimento papalvo do provinciano. Todo aquele a quem é dado estabelecer confronto com as principais capitais do estrangeiro sabe que a nossa Lisboa é de uma doçura infinita, unica, quando recebe a benção solar de um azul sem mácula. Pode aplicar-se-lhe o êxtase impressionista que arrebatou Ortega y Gasset perante o alvorecer de Leon: la ciudad, irradiando reflejos, tiene un despertar de joya». E pelo dia fora, envolta quase sempre na luminosidade que faz rebrilhar as cantarias claras, Lisboa oferece ao coração enamorado dos seus filhos a graça permanente de um sorriso. Mesmo quando o bairrismo não invocasse as razões emotivas do seu apego, viria em apoio dele o testemunho imparcial dos que a visitam e ficam, como nós, presos ao seu sortilégio.

Alude-se com frequência á escassez da sua monumentalidade para refrear o impulso que a hiperbole possa tomar na boca dos panegiristas. Não são, contudo, os monumentos que concorrem obrigatòriamente para o encanto particular de uma cidade. Se assim fosse, Nova Iorque, com a sua «floresta de cimento», seria a mais bela cidade do Mundo, quando nem sequer é a mais bela da Norte América. E' preciso ir a Washington, onde não é consentido erguer arranha-ceus, para conhecer a cidade mais formosa dos americanos e a que mais lisongeia o seu apurado sentido das proporções.

Temos de procurar noutro parágrafo do código da estética o sinal distintivo que faz de Lisboa a maravilha que ela é. Com maior ou menor grandeza, a regularidade rectilinea dos seus arruamentos serve de vale transitável á cordilheira dos edificios. Aqui e além, um relvado, uma estátua, um busto entre flores, uma fonte jorrando água. Caminhando, descendo, chega-se á beira-rio. O Tejo é um deslumbramento. Fica-se, então, rendido por este gigantesco peixe prateado que, antes de morrer na foz, expõe ás flechas do meio-dia as escamas cintilantes.

Casas, ruas, árvores, um rio — eis os seus componentes elementares, sobre os quais teria de pairar mais alguma coisa que o ideal apolinio que os conjugou para o seu equilibrio geométrico. A' inspiração das entidades responsáveis, que sempre se esforçaram através dos tempos, por representar a capital numa escala grandiosa, era preciso se sobrepuzesse o privilégio da situação geográfica, em que a amenidade do clima se somá á transparência da luz. Nesta, predominantemente nesta, é que reside o segredo do peregrino esplendor de Lisboa.

Se «a luz é a principal personagem de um quadro», temos de concordar que Lisboa exemplifica, dentro da sua largueza panoramica, a opinião de Manet. Sem a vibração molecular da luz, compondo o fluido esparso de um espirito invisivel, mas presente, Lisboa não seria o quadro admirável, aliciante, que lhe confere um lugar aparte no museu universal do bom-gosto.

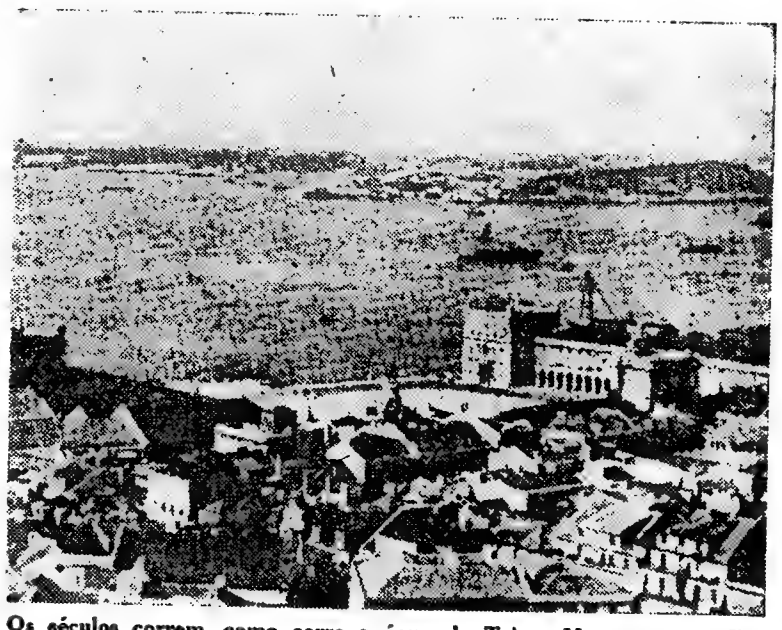
O efeito estético que a luz lhe assegura funde-se com o efeito psicológico das suas consequências, pois a alegria de viver implica sempre um motivo de indole espiritual que dimana, em ultima análise, de um foco de beleza activa. Volumes, superficies, cores, espelhos de água, impregnam-se do espectro luminoso do grande astro, comunicando á alma o estimulo salutar que se contém nas suas promessas de futuro. Todos os dias, ao contacto da ressurreição do Sol, que foi o centro vital da crença antiga, Lisboa adquire o fulgor renovado de tudo o que surge intacto das trevas, dando a ilusão de ser vista pela primeira vez. Nunca será demais exaltar as virtudes transfiguradoras da prodigiosa bola de fogo. Sem a glória do seu manto, «que faz de uma flor morta uma borboleta viva», as coisas seriam apenas o que são. Assim se exprime Rostand no canto auroral do Chantecler:

O' Soleil! toi sans qui les choses
ne seraient que ce qu'elles sont.

Para beneficiar em toda a plenitude desta magia do ceu, Lisboa vai traçando solários no topo das suas colmeias, rasgando vastas janelas na face das frontarias, invadindo os campos vizinhos no centrifuguismo da sua expansão. Por toda a parte irrompem do sub-solo, ao calor de uma febre germinativa, essas enormes inflorescências de pedra que abrem á luz a multiplicidade dos receptáculos. Pois sempre o homem será o obreiro da sua criação. Para que possa rever-se na realização dos seus empreendimentos, terá de fazer do preceito divino do trabalho o imperativo da sua missão na terra.

E, manhã cedo, a azáfama começa.

PEDRO MAYER GARÇÃO



Os séculos correm, como corre a água do Tejo... Mas sempre o Tejo será o encanto e o atractivo de Lisboa...

Sua Majestade, o Peru

vem encontrar em Lisboa a glória do trono e a raiva do cadafalso

O peru é um animal ridículo, caricatural, grotesco. Se é certo que ele pode chegar a parecer uma aberração, o certo é que ele é apenas uma instituição. O peru está aí para ser degolado, esventrado e assado para honrar as nossas mesas e fazer o gozo de uns quantos cidadãos. A galinha pode ser comida em qualquer altura. O peru é sacrificado periódicamente, anualmente. A morte do peru é um rito. Ele parece sabê-lo. Mantém um certo ar digno de grande mártir, de monarca a caminho do cadafalso.

O peru invadiu Lisboa. Durante vários dias caminhou em legiões para a grande cidade. Há perus em toda a parte. Mas a região do peru, a sua pátria por excelência, é o Alentejo. O peru impera aqui e faz ouvir o seu «glu-glu», com autoridade, durante um ano. Há grandes concentrações de perus em Moura e Beja.

Anualmente, os perus, comandados por homens erguendo enormes canas, sobem até Lisboa. 7 aqui são chacinados, numa grande sangueira, pela quadra do Natal.

O peru paga-se bem. E tão bem que só os privilegiados o comem. Três quartos de Lisboa não comem peru. Este ano o peru está mais caro—custa em média, 130$00. Não circula nas ruas. Como raridade, expõe-se em locais certos, apontados e alugados pela Camara Municipal. Os terrados, em numero de vinte, doze no parque de estacionamento de automóveis do Marquês do Alegrete e oito na Rua Marquês de Sá da Bandeira, foram arrematados por quantias relativamente fabulosas, entre 300$00 a 1.095$00, não contando com a percentagem e selo para o Estado, licença camarária, contribuição industrial, etc. Apesar de tudo, os concorrentes foram muitos, em numero de 200, e os quatro metros quadrados de cada terrado foram disputadíssimos. Isto prova que o peru, além de saboroso, é rendoso.

—Não senhor, a coisa não rende...—lamuriavam-se sete homens rijos, armados com altas canas. E riam e piscavam o olho, rodeados de fregueses, mostrando notas *grandes* na confusão dos trocos.

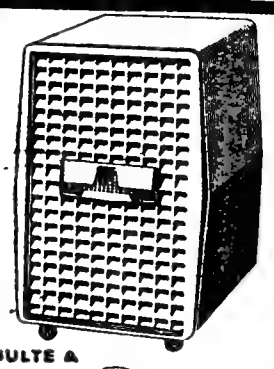
Lisboa em peso debruça-se sobre o peru. Mira-o, remira-o, toma-lhe o peso, discute por um abatimento (que geralmente não consegue), desiste ou, leva-o para casa, em triunfo.

A coisa é rápida. O animal chega, fumegante, corado, tentador. As facas abatem-se sobre ele. Trincham-no, despedaçam-no, dividem-no. E nada mais resta dessa ridicularia rara e preciosa. Outros não o comem mas imaginam tudo, com molho e batatas.

O peru impõe-se no Natal. É comê-lo. Comê-lo ou desejá-lo.

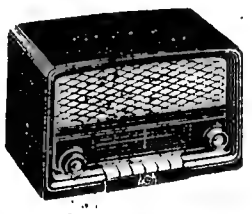
Á Casa Branca (residência presidencial em Washington), começaram a chegar os presentes de Natal. Entre todos, que têm ainda a intenção de celebrar as melhoras de «Ike» e o seu regresso á suprema chefia da nação, figura este corpulento peru. É uma oferta do presidente do Conselho de Criação de Aves Domésticas e Ovos. O presidente Eisenhower contempla aqui embevecido o raro exemplar, que não será essencial para o seu banquete de Natal, mas que não deixará de lhe trazer á lembrança a saborosa ideia de um petisco bem temperado

contra a HUMIDADE...



CONSULTE A GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

AGA



MODELO CONTINENTAL

UM PEQUENO RECEPTOR PARA OS AMADORES EXIGENTES

ESCALA CONTÍNUA DE 13 A 570 METROS

ESC. 1970$00

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

VENDOR LIMITADA

TRAV. DA GLÓRIA, 19 - LISBOA - TELEF. 24501-24551

Diário de Lisboa

As razões da vitória (1-0) do Sporting

*** No 1.º tempo, a equipa leonina jogou melhor.**

*** Na 2.ª parte, agarrou-se ferozmente à bola solitária . . .**

por *Tavares da Silva*

Tinhamos dito que, dada a falta de confiança que se pressentia no Sporting, o melhor que poderia acontecer ao clube seria colocar-se em vencedor, isto é, marcar primeiro do que o seu adversário, porque, era nossa opinião, se tivesse de recuperar, dificilmente havia de conseguí-lo. Continuamos ainda a manter o mesmo juizo, se bem que ele não possa fundamentar-se na prática (felizmente para os sportinguistas). Porque se deu a melhor hipótese para o quadro verde-branco, ao colocar-se na posição de vitorioso, ainda na primeira fase da partida (18 minutos). Por sinal, o golo de Hugo, mole, triste, incolor, sucedeu a uma modelar defesa de Carlos

(Continua na página seguinte)

O GOLO DA VITÓRIA — Aos dezoito minutos, Huga colheu um passe de Pompeu, quando este tinha ido á linha, marcando o unico golo da partida, num remate rasteiro, com o pé esquerdo, que encontrou o guarda-redes em posição de desiquilibrio. Embrulhado, no chão, Bastos é uma imagem de vencido, enquanto os jogadores do Sporting dão largas á sua alegria. Tinham razão! O golo valia uma vitória.

A equipa A do Sport Clube do Porto, vencedora do Torneio de Abertura, constituída por Adelino Barbosa, que ganhou individualmente, e Veiga da Silva

GINÁSTICA

A utilidade do Torneio de Abertura não foi compreendida pelos clubes

Em apenas dois dias foi cumprido o primeiro capítulo do calendário desportivo da Federação Portuguesa de Ginástica, representado por uma realização inédita cuja falta há muito se fazia sentir.

Honrando a verdade, o «I Tor-

(Continua na 3.ª pág.)

Portugal foi convidado a fazer-se representar num torneio internacional de juniores

A Federação Portuguesa de Futebol recebeu da sua congenere do Sarre, um convite para designar uma equipa de juniores a fim de tomar parte num torneio internacional que se efectua em Sarrebruque nos dias 4 e 5 de Maio próximo.

A este torneio, que já foi disputado na época passada com assinalado êxito, concorrem também as equipas do Metz (França), Liège (Bélgica), Admira (Áustria), Malmoe (Suécia), Young Boys (Suíça), Kaiseslautun (Alemanha) e o Sarrebrucken.

Podemos informar que a F. P. F. deu bom acolhimento a este convite e que está na disposição de autorizar e subsidiar a deslocação do campeão nacional de juniores, caso já esteja designado, ou o campeão de Lisboa.

A organização paga todas as despesas de estada.

NO ESTÁDIO DO RESTELO

Susto, regozijo e... contem com o Belenenses

por LUIS ALVES

Se considerarmos anormal, como é justo, a fria exibição feita pela equipa do Belenenses na penultima jornada, contra o Atlético, e isso é justo — como dissémos — porque a equipa jogou consideràvelmente desfalcada, temos de reconhecer que os homens do Restelo, ainda que menos «jactos» que no início da época, formam um conjunto com valor suficiente para disputar qualquer um dos três primeiros lugares da classificação final. Surpreender-nos-á mais, que ela venha a situar-se para além do 3.º lugar, que se cometer a inesperada proeza de se guindar ao posto mais alto e mais honroso.

Contra o Oriental, que não é uma equipa qualquer nem em casa, nem fora, o Belenenses teve resistência moral para suportar, primeiro, o mais adverso correr do jogo que possa imaginar-se, e depois resistência física e valor técnico para vencer por 5-1 (sem exagero) um adversário firme, resoluto e que sabe defender-se e atacar.

Para o bom acerto da equipa muito contribuiu o regresso de Matateu e seu irmão Vicente. Matateu não chegou a convencer-nos de ter regressado no melhor da forma, mas não há duvida que a sua presença é sempre uma inquietação e um valor de consequências

(Continua na 7.ª página)

Di Pace, que mais uma vez foi o melhor jogador em campo, aparece nesta gravura conduzindo a bola no seu estilo elegante e descontraído, tendo como guarda de honra nada menos que quatro orientalistas: Martinho, Fernandes, Capelo e Luz

Um concurso de contos desportivos a partir de hoje no "Diário de Lisboa"

O desporto não é apenas o acontecimento espectacular que se desenrola nos campos, perante o publico. Para lá desses campos, desenrolam-se outros acontecimentos que nem sempre o publico pode apreender, porque o desporto é praticado por homens com as suas paixões, os seus interesses, os seus dramas, a sua dignidade, o seu pundonor, as suas pequenas e grandes baixezas e emulações. Fonte rica de emoção e de vida, nela se foi inspirar a literatura. Grandes nomes de escritores—Lins do Rego no Brasil, Montherlant em França, Hemmingway nos Estados Unidos—debruçavam-se, auscultando-os, sobre esse novo tipo de homens, tão característicos da nossa época, que nos campos do desporto encontarm os momentos da mais funda emoção da sua vida. E, fazendo-o souberam esses escritores descobrir o dito manancial de novos elementos, material novo e rico de valores humanos, de sentimentos que se desdobram numa grande variedade de temas.

Assim nasceu um novo género literário, bem expressivo do nosso tempo—a Literatura a que pode chamar-se dos desportos. Em Portugal, todavia, pode dizer-se que nenhum documento literário fixou os dramas de estádio, da competição, da derrota e da vitória dos homens que praticam o desporto. Sempre na vanguarda de quanto sirva para exaltar e ilustrar, nos seus justos termos, prática desportiva, o «Diário de Lisboa» lança agora nas suas colunas um concurso permanente de literatura. Quer dizer, a partir de hoje, começaremos a receber pequenos contos que nos falem de desporto e dos homens que o praticam.

Atenção, pois, jovens contistas portugueses! O «Diário de Lisboa» abre-lhes as suas colunas, para um sensacional e permanente concurso de literatura desportiva. Mandem-nos os seus contos que nos falem de desporto e dos homens que o praticam!

A condição fisica influenciou a partida

Gabriel, que substituiu Vasques na linha dianteira do Sporting, acaba de desferir um remate vigoroso. A propósito, cabe relembrar que o melhor esquema de ataque leonino foi traçado aos quarenta minutos e acabou com um remate de Gabriel, que passou por alto, á boca das balizas...

(Continuação da página anterior)

Gomes, a remate de Coluna; de pôr os cabelos de pé...

Este golo deu a confiança de que a equipa necessitava, e o conjunto de Alvalade, que era lógicamente o menos favorecido pelas previsões, pôde agarrar-se á vitória, ferozmente, pressentindo no decorrer do encontro que poderia ganhar...

*

Como julgamos cada vez mais importante o factor humano ou pormenor psicológico, não queremos deixar de acentuar que, tendo a partida decorrido da melhor forma para as cores sportinguistas, a própria evolução do jogo provocou o ímpeto, a garra, o espírito de sacrifício dos componentes da equipa. Afinal, devem ter dito os jogadores uns para os outros, no fecho do encontro, nós valemos um pouco mais do que aquilo que julgávamos, podendo conquistar resultados que a falta de fé e confiança considerava já fora da nossa capacidade. Nada melhor como o desafio de ontem (ou um bom resultado) para revigorar energias e tornar mais fortes os conjuntos. Mais fortes e confiantes. E pode esta bola solitária ser um bom começo!

*

A vitória de um-zero sobre o Benfica, não deverá olvidar os muitos problemas que agravam e tornam difícil a vida da equipa leonina. Nem sequer se pode afirmar que a exibição sportinguista tenha sido modelar, ou uma cópia daquelas do passado que tornaram famoso o onze. E' apenas agradável verificar, no plano crítico, que o «team» conta com forças e elementos suficientes para resolver os seus casos.

*

Um grupo que traça, como sucedeu no primeiro tempo, alguns esquemas primorosos, em que do ataque adversário, cortado, logo nasce a ofensiva, a qual se determina pela rapidez e oportunidade de desmarcação, fazendo avançadas pelo lado direito, do tipo daquela que ocorreu, aos 40 minutos, finalizando com um remate, instantaneo, de Gabriel, á boca das balizas, não pode ser uma equipa vulgar ou que não mereça o apreço do futebol português...

Seria tolice afirmar-se que os defeitos desapareceram num instante, como se uma varinha mágica tivesse tocado o corpo da equipa, mas, sem duvida, o conjunto beneficiou dum complexo de circunstancias, de ordem técnica e psicológica, constituindo um todo que foi capaz de jogar melhor do que o Benfica, pelo menos, no primeiro tempo.

*

Quais foram os factores que tornaram possivel o bom futebol, de jogada rápida e desmarcação apropriada, evidenciado pelo mundo sportinguista?

Não querendo enumerar, exaustivamente, todos esses factores, pois não estamos a cuidar exclusivamente do problema sportinguista, mas trata-se duma crónica do jogo, colocamos em primeiro lugar a manobra de homem-a-homem, désta vez adoptada convenientemente pelo quadro sportinguista que, no decorrer deste campeonato, poucas vezes se tem votado ao estudo conscienciosa do futebol do adversário. Queremos dizer que, praticamente, esse estudo não se tem revelado.

São muitas, não diremos, inumeras, as tácticas deflagradas por esse Mundo fora buscando eliminar o velho Sistema de que a acção de cada jogador deve ser directamente combatida, mas a verdade é que ainda não se encontrou melhor, como manobra, e todos os técnicos, quase sem excepção, se lhe confiam.

Foi possivel ao Sporting manter a supremacia do conjunto, durante o primeiro tempo, mandando no centro do terreno, porque o adversário esteve estreitamente vigiado ou marcado, o que não quer dizer que as operações sportinguistas não se tenham desencadeado.

*

Consideramos que a presença de José Travassos, o avançado que melhor sabe jogar em Portugal, influiu nesse futebol de conjunto, e não nos rala absolutamente nada que a nossa opinião não seja compartilhada por quem adopta argumentos com a fragilidade de vidraça e parece rebolar-se na queda dos ídolos. Com a sua acção, certa e metódica, Travassos contribuiu para que a defesa funcionasse com regularidade e para que a dianteira se movesse no bom rumo, procurando evitar a intervenção do adversário.

*

O grupo deu, assim, a impressão de estar certo, arrumado, com as suas peças bem colocadas na pista. O sector defensivo revelou até uma conjugação de movimentos de que há muito se havia olvidado. Não quer isto dizer que a exibição suprema de Carlos Gomes tenha sido a consequência da solidariedade do futebol defensivo, mas a verdade é que, sendo o guarda-redes a unidade mais autónoma do quadro, ele acabará por ser vitima se não for devidamente coberto nos lances. Ora, toda a defesa funcionou bem (Pacheco estava em dia indómito), tornando-se particularmente notado o entendimento Passos-Osvaldinho, os quais se coligaram modelarmente, trocando a marcação conforme as contingências da jogada.

O craque brasileiro pôde dar-nos, ontem, em Alvalade, a sua melhor exibição, demonstrando de maneira clara e insofismável uma vocação de futebol, longe das fantasias em que andou metido, e que tanto custaram ao clube... Devemos até afirmar que a configuração da defesa nos pareceu um excelente achado, além de tudo por desfazer a linha defensiva que deixa um dianteiro ultrapassado logo que um dos homens-defensivos fica para trás... Não sendo o ferrolho, tanto Passos como Osvaldinho funcionaram dentro da fórmula suiça.

O ataque sportinguista, por sua vez, traçou brilhantes esquemas, ainda que não houvesse passado da bola solitária de Hugo, tendo sido invalidado (o árbitro estava cerca do lance) um golo de cabeça de Martins, a finalizar um canto.

*

Afinal, o Sporting acabou a primeira parte a ganhar por um-zero, podendo ter ido mais além..., mas, em compensação, foi em seguida bastante bafejado pela sorte, pois, na segunda parte, podia ter sido depenado. E conservou a sua brilhante plumagem!

*

Como encarar estes problemas, aliás, tantas vezes postos, em que se procura analisar e investigar as transformações por que passam as equipas num mesmo jogo, que, de dominadoras em toda uma longa parcela de três quartos de hora, passam a dominadas, inexplicàvelmente, perdendo o fio do jogo e passando-o para as mãos do adversário?

Sempre se busca a justificação, mas como não há meio de fazer a prova, renova-se sempre uma busca através dos tempos—nunca mais havendo a certeza de acertar...

Carlos Gomes, que fez ontem uma exibição plena de segurança e golpe de vista, sai das balizas e capta uma bola por alto, antecipando-se ao centro-dianteiro Águas, o qual realizou uma exibição simplesmente discreta...

*

A equipa do Benfica veio ao de cima na segunda parte de maneira flagrante, inquestionável. As razões que devem ter motivado essa subida, que teve o condão de provocar a descida do adversário, devem ser de ordem intelectual e física.

Queremos prestar a justiça ao onze benfiquense de que, mesmo nos maus instantes, o conjunto não se desligou nem perdeu a serenidade, talvez pelo convencimento íntimo de que chegaria o momento oportuno — do empate e da vitória até... Se é certo que talvez haja razões para acusar uma leve crise no pendão altaneiro dos águias, a equipa deu-nos a sugestão de reagir bem — será erro nosso? — no jogo de ontem.

Isto não equivale a afirmar que o «team» jogasse maravilhosamente, ou mesmo dentro da bitola do que é lícito esperar dum quadro tão perfeitamente organizado, significa apenas o juízo de que a equipa reagiu convenientemente, isto é, de que jamais se considerou batida, procurando sempre a ocasião para devolver o golo sportinguista. Não foi feliz, é certo! Mas um quadro que faz a segunda parte que o Benfica realizou, embora as jogadas saissem mal, com amor á camisola, não pode ser acusado por ninguém de bom senso. Se se recordar, a frio, muitas das jogadas do 2.º tempo, ver-se-á que foi uma coisa intraduzível que fez com que o empate não se tivesse verificado. E da igualdade á vitória a distancia seria muito pequena.

Poder-se-á objectar, já o dissemos, que o adversário jogou abnegadamente e que Carlos Gomes estava num dia fluente, com o patrono dos guarda-redes a protegê-lo, mas o certo é que vários lances benfiquenses não resultaram, apenas e sómente, devido ao futebol ser, sem duvida, um jogo...

*

Na fase inicial da 2.ª parte ainda o Sporting pretendeu crguer a cabeça, mas depressa o Benfica meteu o seu adversário dentro das realidades, fazendo uma afirmação de força. Era o Benfica que podia jogar, o Sporting vivia agarrado ao calor da bola de Hugo.

O instante dramático foi o do lance de Aguas, que, aos 25 minutos, surgiu isolado em frente das balizas, atirando á figura do guarda-redes, já ajoelhado, e voltando a recargar do mesmo jeito e direcção, como que reforçando a ideia de que não estava em dia de remate.

Após este lance, o quadro do Benfica realizou talvez o seu melhor trabalho atacante, mas o golo negou-se-lhe sempre. Era um dia-não! No ultimo quarto de hora, já dentro da feição benfiquense, em que os extremos surgem na ponta das passagens vor dentro, o cerco apertou-se ainda mais, desferiram-se remates, mas já ninguém acreditava nessa altura na possibilidade de se alterar o desfecho.

*

Todavia, a condição física do Benfica revelava-se, e, ao revelar-se, fazia ao Sporting a acusação de falta de força, não sendo nosso intento investigar o porquê... Reportamo-nos tão simplesmente aos factos. E' claro que, partindo-se desta verificação, talvez se possa pôr um problema que, só de enunciá-lo, despertará interesse. Teria o Sporting permitido que o Benfica dominasse no 2.º tempo se a sua condição física fosse boa, já que o plano táctico estava a decorrer sem atritos, pelo contrário, até com sucessão de boas imagens? Eis um caso que ficará sempre por desvendar, a sua decifração torna-se impossivel. Permitem-se sómente as conjecturas, e estas conduzem, ao que parece, á afirmação de que o quadro sportinguista tem forças e elementos suficientes para entrar no problema dos títulos, desde que disponha de bussola, tenha confiança e preparação.

*

O Benfica apresentou-se envergando o mesmo uniforme de sempre, o que tanto pode ser um bem como um mal, segundo o angulo de visão, a que deveria chamar-se talvez a diagonal portuguesa, mostrando a tendência, já notória nas ultimas partidas, para colocar o centro-dianteiro recuado, dando-lhe sem duvida um campo de manobras mais vasto, tirando-lhe grande parte do seu poder acutilante. Coluna, em ponta-de-lança mostra o seu estilo infatigável de trabalhador, faltando-lhe porém a destreza e a astucia do seu privilegiado companheiro.

O futebol é, aliás, um jogo curioso! Consideramos que a orientação benfiquense de jogar preferentemente pelos extremos era a mais aconselhável, ao invés do que sucedia com os sportinguistas que preferiam o meio da pista para as suas incursões. Na prática, porém, as operações benfiquenses não deram resultado, conduzindo-nos á conclusão de que, em ultima análise, na maioria dos casos, são os jogadores os culpados do que se passa na pista, de ganhar ou de perder, ainda que haja grande tendência para lhes tirar o fardo de cima dos ombros e atirá-lo para as costas de outrem, decerto responsável mas só em justa medida.

*

Aflora-nos a ideia, em fecho desta croniqueta, que o futebol continua a ser um espléndido jogo, como o comprova esta vitória de um golo, que é um golão, do Sporting sobre o Benfica. Queremos referir, no entanto, que a arbitragem de Calabote, tendo como características a calma e a ponderação, talvez haja sómente falhado em dois ou três casos, da lei da vantagem. Devemos todos perdoar-lhe esses possíveis erros, em conta das suas boas decisões. Cada vez é mais preciso ter respeito e tolerancia pelos árbitros, especialmente pelos bons juízes de campo, o que cada adepto conseguirá fácilmente se se lembrar que a sua opinião, a respeito do que se passa e acontece em campo, não coincide muitas vezes com a do vizinho do lado, e ambos estão no mesmo angulo, a observar atentamente o mesmo caso, ás vezes ligados pela mesma paixão.

— T. da S.

A derrota do Salgueiros

e as vitórias do Braga e Gil Vicente deram novos aspectos à luta

ZONA NORTE

A' medida que se encaminha para o fim, a luta que se trava na zona Norte, aumenta de interesse. A derrota do Salgueiros, em S. João da Madeira, não sendo comprometedora para a qualificação dos «encarnados» portuenses, tornou, porém, mais insegura a sua posição de «leaders», pois o Vitória, acusando embora as dificuldades de Viana do Castelo, aproximou-se, mercê do empate ali conseguido. E o Leixões, ainda que sentisse embaraços significativos contra o Peniche, reduziu, também, de dois pontos o seu atraso. Mas os pormenores mais importantes, no bloco dianteiro, foram, sem duvida as vitórias conquistadas por Gil Vicente e Braga, tornando dupla a ameaça ao terceiro lugar, de que estes dois fortes competidores minhotos ficaram distando um ponto, apenas. E o perigo que correm os matosinhenses melhor se avaliará ao considerar-se que o grupo de Barcelos colheu o seu êxito fora de casa e que a equipa da capital do Minho se impôs por cinco golos sem resposta a um adversário como o Boavista, o qual, mais uma vez, foi decepcionante.

Na cauda, os efeitos da jornada foram, ainda, mais sensíveis, pois o imprevisto revés do União de Coimbra no seu terreno, ante o Marinhense, colocou quatro equipas sob a alçada do ultimo lugar, a que o Peniche regressou, ficando no entanto um minimo degrau abaixo de Espinho, Chaves e União. Mas, a luta continuará a ser dura e difícil, para todos, e imprevisível nos seus resultados finais — tanto entre os do fundo como entre os do cimo.

As classificações

	J.	V.	E.	D.	Golos		Pontos
Salgueiros	17	13		4		26	26
V. Guimarães	17	8	6	3		25	24
Leixões	17	10	3	4	31	23	23
Braga	17	10		5	37	17	22
Gil Vicente	17	10	2	5	30	18	22
Boavista	17	8	4	6	26	26	20
Sanjoanense	17	9	1	7	38	31	19
Vianense	17	7	2	8	29	33	16
Marinhense	17	6	4	8	34	30	14
Tirsense	17	5	3	9	28	33	13
Espinho	17	4	2	11	17	42	10
Chaves	17	5	—	12	24	50	10
U. Coimbra	17	4	2	11	24	30	10
Peniche	17	4	1	12	20	36	9

O espirito de luta da Sanjoanense derrotou o Salgueiros

O resultado de S. João da Madeira não surpreendeu inteiramente. O grupo local, além de vir acusando sensível melhoria de forma, foi sempre, especialmente sobre o seu terreno, contendor dos mais difíceis, pelo seu sistema de jogo amplo e enérgico. No encontro de ontem foram mais uma vez essas as principais «armas» de que se serviu a Sanjoanense para derrotar o «leader», actuando toda a equipa animada com extraordinária vontade.

O Salgueiros, apoiado por numerosa falange, tentou impor-se no começo, procurando manter os locais sob o ascendente do seu jogo mais bem estruturado, mas estes responderam com golpes vigorosos de contra-ataque, e conquistado o avanço de dois golos, jamais consentiram em vê-lo diminuido. Deste modo, ao entusiasmo dos Sanjoanenses aliou-se a convicção do triunfo e o Salgueiros não pôde, só com o seu maior apuro, anular a embalagem adquirida pelo seu contendor.

O Vitória podia ter conseguido mais...

Em Viana do Castelo, os Vimaranenses não desmereceram da sua reputação nem do lugar que ocupam, mantendo-se dentro do melhor plano ao longo do seu encontro com a bem trabalhada equipa da cidade do Lima. O ataque de Guimarães mostrou abertamente as suas actuais possibilidades, mas a defesa da «casa» após-se sempre com firmesa e justificou até que fossem os visitados a atingir o intervalo em situação de vencedores, com um golo obtido em contra-ataque, cerca da meia hora. No segundo tempo, a luta foi mais igual, mas o Vitória continuou a ser o conjunto mais completo, chegando com merecimento ao empate e construindo ensejos para ir mais longe. O processo dos Vimaranenses, contudo, tornou-se mais complicado a partir de certa altura, em razão das dificuldades que se lhe deparavam, e isso serviu ainda melhor para que a retaguarda vianense limitasse o resultado á igualdade.

O Leixões não se afirmou

A partida de Matosinhos valeu aos Leixonenses os dois pontos, mas nada mais. A equipa visitada esteve longe de realizar exibição convincente, actuando em diversos períodos sem fulgor, com falhas de entendimento, o que permitiu ao Peniche sustentar-se numa toada de equilíbrio, que o desfecho tangencial acabou por traduzir. Os visitantes, batendo-se sem desfalecimentos e mostrando-se rápidos e empreendedores, fizeram jus ao resultado, o qual, entretanto, não deixou de reflectir o momento que o Leixões atravessa, bastante menos firme do que na primeira volta, quer na defesa, quer no ataque.

Gil Vicente e Braga igualaram-se em mérito

Os dois clubes minhotos, de Barcelos e Braga, que têm feito carreira paralela, chamaram a si as honras principais da jornada, com dois brilhantíssimos êxitos.

Os gilistas, que enfileiram entre as mais marcantes figuras do torneio, deram mesmo novo aspecto ao seu futuro com os dois pontos que truxeram de Chaves, podendo ir até onde não se sonharia. Ontem, o seu sucesso foi inconstestável, pertencendo-lhe sempre o domínio dos acontecimentos, a despeito de os flavienses, animados pelo ambiente, se terem esforçado na réplica.

O êxito do Braga não foi menos rotundo. A equipa bracarense viu-se lançada no caminho do triunfo com um golo logo aos dois minutos e jamais o abandonou, apesar de todas as tentativas do Boavista, em cuja equipa figuram as suas melhores pedras do momento, inclusive o seu actual treinador, Luigui. Os «axadrezados» operaram á base de rapidez, mas isso não foi suficiente para evitar que a superioridade dos Minhotos viesse ao de cima e que o ataque destes acumulasse cinco golos que espelharam bem os seus recursos e a sua supremacia. Algumas reacções dos Portuenses não chegaram para diminuir a justiça do triunfo e muito menos para oô-lo em risco.

O Espinho foi o mais feliz, entre os ultimos

O União de Coimbra não foi, nesta jornada, a equipa que, dentro do seu terreno, costuma ser. A toada de ligeireza, que os Marinhenses puseram em prática, surpreendeu os Conimbricenses. Após o empate registado ao intervalo, um segundo tento do grupo da Marinha Grande foi o suficiente para decidir a contenda, abonando os Marinhenses e comprometendo sériamente o esforço que os Conimbricenses vinham realizando, para afastar-se da zona perigosa

O Espinho, animado por forte reacção, lutou com todas as suas forças para aproveitar o ensejo que lhe concedia a visita do Tirsense, incerto no seu rendimento, e conseguiu os seus objectivos. Adoptando, desde os primeiros instantes, o ritmo que lhe convinha, de ataque deliberado, o grupo da Costa Verde logrou, a despeito do bom trabalho do guardião Pardiñas, atingir o triunfo com dois golos, justo prémio do empenho posto na luta.

GINÁSTICA

Torneio de abertura

(Continuação da 1.ª pág.)

neio de Abertura», não alcançou o êxito que tudo fazia prever, por culpa unica e exclusiva dos clubes praticantes de ginástica de competição, que com a sua atitude de passividade, julgando defender-se, prejudicaram, uma iniciativa de tão rara utilidade. Desde sempre se lastimou, e com razão, que o programa federativo se limitasse aos clássicos campeonatos nacionais. Tudo o que pudesse fazer-se para emprestar á modalidade movimento, vida, expansão — seus males maiores — seria precioso. Mas, que acontece?... Realiza-se um torneio com facilidades jamais igualadas— inscrições gratuitas para clubes e ginastas — numero ilimitado de equipas, todos os exercícios facultativos, aparelhos neutros, data acessível em atenção ao interesse das colectividades que preparam os atletas para os seus saraus, prémios de valor, reservado ás categorias mais fecundas — e, surpreendentemente, é o Porto, um centro cuja ausência seria desculpável, que traz á capital, beneficiando de um subsidio, prémio justo, o maior numero de concorrentes!...

Tal indiferença, quanto a nós, reside fundamentalmente em dois aspectos nada agradáveis: deficiência de trabalho técnico ou directivo e falta de cooperação com o organismo dirigente. E embora sintamos a existência do segundo, reflectido em variadissimos pormenores, repugna-nos, no caso presente, a aceitá-lo, encarando como mais lógico a perturbação ou a insegurança da orientação técnica da maioria, o que pouco nos custa a acreditar.

Apenas o Ginásio Clube Português e o Sport Clube do Porto se inscreveram no torneio, o primeiro comparecendo com uma equipa e o segundo com duas, todas masculinas. Femininas, nem uma!... E justo é que fique registado o triunfo absoluto da representação portuense, em numero e em qualidade, sem na ultima depreciar o valor dos Lisboetas. Apresentou o Sport um lote muito agradável de ginastas. Adelino Barbosa, João Justiniano e Fernando Veiga da Silva, cujo entusiasmo pelo desporto que tão inteligentemente escolheram parece sempre maior, serão, estamos certos, dentro em breve, dos melhores praticantes nacionais, a prosseguir a orientação que o seu professor tem imprimido. Com o «ginasista» Sá Chaves ofereceram os melhores momentos técnicos do torneio, um pouco prejudicado pela frigida temperatura que teve de suportar-se. Não há duvida de que o Sport Clube do Porto forneceu uma nota bem clara das excelentes possibilidades de desenvolvimento da ginástica desportiva na capital nortenha, que ganhou agora o seu maior estimulo.

Não foi, realmente, sem dificuldades que o ambicionado «Torneio de Abertura» foz a sua aparição. Saudamo-lo com entusiasmo e simpatia, esperanças em que a sua realização constituirá um bem para a ginástica portuguesa.

CÉSAR FAUSTINO

«A realização dum campeonato nacional no Porto seria para a nossa ginástica um grande incentivo»—declarou-nos o prof. Horst Appel

Findo o torneio, mantivemos com alguns dos componentes da vitoriosa equipa nortenha ligeiro colóquio, de que transcrevemos as passagens mais importantes. Disse-nos o seu treinador, o jovem alemão Horst Appel:

—Surpreendeu-me tão pequeno numero de equipas concorrentes. Viemos nós do Porto para encontrar apenas em prova um grupo lisboeta, quando esperavamos competir com 6 ou 7, pelo menos... Que é feito do Lisboa Ginásio, do Sporting, do Ateneu, do Algés, etc.?!...

«Contamos voltar para concorrer aos campeonatos nacionais de 2.ª, 3.ª e iniciados, mas o clube tem necessidade de auxílio financeiro superior para isso. A efectivação dum desses campeonatos no Porto seria para a nossa ginástica um grande estímulo. Entretanto, organizaremos, em Fevereiro, um sarau, para apresentação dos praticantes mais jovens; e em Março, um concurso com os melhores do Ginásio Clube.

«Estou muito satisfeito com a actuação dos nossos representantes, apesar de falhas inesperadas, como, por exemplo, de Veiga, em movimentos livres e saltos e de a ter-se magoado num pé, e de Justiniano, na barra. Isso representa o resultado de um trabalho sivo. Actualmente, temos 15 rapaem profundidade, sempre progresprontos a entrar em campeonato. O vencedor, Barbosa, participará, com Veiga, na 2.ª categoria.

«Verifiquei um pouco de desequilibrio no critério dos juizes; e, sobretudo, que os clubes de cá não colaboram com a Federação, o que muito me impressionou, e não poderá continuar, pois a ginástica correrá grande risco!

«*Não esperava ganhar!...*» — confidenciou-nos Adelino Barbosa.

Por sua vez, Adelino Barbosa, duplamente vencedor (individual e por equipas), estudante de Medicina, com 19 anos, disse-nos que treina cerca de 1 hora e meia por dia, excepto ao domingo, e que:

— Não esperava ganhar, depois dos maus resultados da primeira jornada. Mas, após a prova de cavalo, senti que ainda podia vencer. Estou muito satisfeito com a vitória, que para mim foi um grande estímulo.

«Acho que estes torneios têm finalidades muito úteis, e lamento que tão poucos concorrentes o tenham compreendido. Apraz-me registar o ambiente de puro desportivismo que neste se verificou».

CORTA-MATO DOS 10

Um título para o Benfica

e três atletas na forja para o «Cross Internacional de San Sebastian»

De tudo o que nos foi dado ver e observar, o que nos calou mais fundo foi, sem duvida, a forma brilhante como o campeão Manuel Faria, do Sporting, correu, dominando, claramente, os adversários e, ainda, a potência (força de conjunto) desenvolvida pela excelente equipa do Benfica que, entre os vinte primeiros chegados á meta, classificou nada menos que treze atletas!

Claro, outras verdades e apontamentos se registaram no «Corta-Mato dos Dez» que teve até aqui a presença de um numero «record» de concorrentes — 56! Entre os factos que observámos há que afirmar, em primeiro lugar, que o êxito do Benfica colectivamente não oferece discussão. Os «encarnados» apresentaram-se em força, pondo em linha de combate os seus melhores homens de momento. Desde os seniores aos principiantes, todos cumpriram a sua missão, salvo, bem entendido, umas pequenissimas falhas verificadas no maquinismo geral da equipa, falhas que, afinal, não vieram emperrar a engrenagem.

Os «encarnados» souberam, portanto, por mérito próprio, demonstrado no decorrer da competição, manter o ceptro da vitória conquistada em 1955. Um dos factos mais curiosos que permitiram a conquista deste título nos dois anos foi-nos dado pela forma e pelo numero de atletas empregados durante as duas competições. Assim, em 1955, o Benfica apresentou 36 corredores, enquanto este ano o numero não foi além de 23. Isto fica a demonstrar que os «encarnados» preferissem esta época a qualidade á quantidade.

O reverso pertenceu ao Sporting, pois enquanto em 1955 utilizou 18 atletas, na corrida de ontem empregou 24 corredores.

O que chamou a atenção foi a maneira sábia do aproveitamento das qualidades naturais do terreno para traçar o percurso. Os obstáculos aqui e ali sinalizados tornaram de certo modo mais difícil a competição. Esta, apesar disso, nada perdeu da sua beleza. Pelo contrário, aquele pormenor serviu, não só para «peneirar» os corredores como, também, para valorizar o tempo obtido. Deste modo, podemos dizer que os 13 m. 15,4 s. de Manuel Faria são de facto marca de apreciar.

O vencedor do «Corta-Mato dos Dez» — o campeão dos sete títulos, 2.000, 3.000, 4.000, 5.000 10.000, 1.500 e milha — correu, ontem, muito «desligado», denotando á-vontade extraordinário. Estamos certos, e os factos não nos deixam alterar a opinião, de que Manuel Faria, com o andar dos anos, atingirá plano singular no nosso atletismo. Se olharmos para trás, algumas épocas, verificamos quão longe estão os seus primeiros «tempos» na modalidade dos de agora! Que lição de dedicação nos tem dado Manuel Faria!

A corrida de ontem teve um sabor especial, pois a selecção para o «Cross Internacional de S. Sebastian, que se efectua daqui a um mês, pairava no ar. Três homens demonstraram não ter descurado a sua preparação — Manuel Faria, José Araujo e António Ventura. Foram eles os unicos que chamaram sobre si as atenções. Os restantes, ou ficaram pelo caminho ou ainda classificaram-se em lugares que não estão em relação ao seu real valor.

Os benfiquistas José Araujo, António Ventura e Augusto Silva fizeram uma corrida muito bem doço, principalmente o «maraton» seada. Souberam distribuir o esfor- José Araujo, que está com passada mais rápida.

Por outro lado, os sportinguistas Joaquim Ferreira, Albino Neves e António Natário, fizeram também uma corrida interessante. O primeiro, se não tivesse uma quebra no final, teria discutido com Augusto Silva o quarto lugar. Aponte-se ainda o poder dos benfiquistas António Patrício e José Jesus, este ultimo o primeiro corredor junior a cortar a meta.

Como nota curiosa, diremos que se houvesse classificação por categorias o Benfica teria vencido em todas elas. Eis como: 2-3-4, em seniores; 7-11-13 em juniores; 15-17-20, em principiantes.

Os «leões», neste aspecto, alcançariam: 1-5-8, em seniores; 9-10-24, em juniores; 29-31-32, em principiantes. Como se vê, por este sistema teriam sido esmagados.

O Belenenses, com um lote muito reduzido, precisamente o numero exacto para formar equipa, lutou apesar de tudo com dignidade, sendo até de louvar o espírito de sacrifício de um dos seus atletas, o qual, com uma pontada que o atormentava fortemente, não desistiu para não contrariar a classificação da equipa.

JOSÉ BATALHA

Relojoaria Solora, Limitada
MONOGRAMAS — RELOJOARIA — OURIVESARIA
RUA DE S. NICOLAU, 42—TELEF. 21550—LISBOA

A BELGIÇA

venceu o Luxemburgo (selecções B)

COURTRAI (Bélgica)—A selecção nacional B belga derrotou a do Luxemburgo por 1-0, no encontro internacional de futebol que disputaram nesta cidade.

Ao intervalo, o marcador estava em branco.—(A. N. I.).

Otto Glória diz...

*** Ou melhor, sugere uma nova fórmula para a disputa da Taça de Portugal.**

*** E presta justiça à actividade, enérgica e dedicada, dos jogadores do Benfica na partida de Alvalade.**

No momento em que se trata de estudar um novo modo de disputa da Taça de Portugal, devendo a comissão encarregada apresentar brevemente o resultado dos seus trabalhos, não queremos deixar de fazer uma sugestão que talvez possa ser encarada com algum interesse; embora, por não conhecermos ainda suficientemente alguns importantes detalhes, possamos estar longe do objectivo pretendido.

Assim é que alvitramos a realização da Taça em moldes diferentes, sendo disputada pelas Selecções das várias provincias da parte continental e ainda pelas ultramarinas. Exemplificando, diremos que seriam organizadas selecções das provincias, dirigidas por técnicos a serem indicados pelas Associações regionais e integradas por jogadores nascidos nessas mesmas provincias, embora joguem, no momento, em qualquer clube de outra região do País. Deste modo, os jogadores naturais do Minho, por exemplo, que estejam actuando em Lisboa, integrar-se-iam na selecção minhota e assim sucessivamente. Do mesmo modo, os Moçambicanos formariam uma selecção, os Angolanos outra, e as demais provincias ultramarinas, se não tivessem jogadores em numero suficiente, poderiam mandar vir os elementos que faltassem. E para que não adviessem prejuizos aos clubes, em virtude da sua inatividade durante esse período, a Federação estabeleceria uma compensação económica, segundo a qual caber-lhe-iam sessenta por cento das receitas, sendo a restante parte dividida equitativa e proporcionalmente. Temos a impressão que essa competição despertaria enorme interesse, avivando o entusiasmo regional do povo e proporcionando encontros bastante interessantes, além de fugir-se, pelo menos, experimentalmente, a um sistema que vem sendo repudiado quase por unanimidade.

Bem sabemos que há uma série grande de obstáculos para serem removidos, mas o que aqui expomos é apenas a ideia em princípio, sem nos aprofundarmos em pormenores especiais. Procuramos apenas colaborar para a obtenção de uma fórmula capaz de despertar um maior interesse, e ao mesmo tempo dar uma projecção condigna á Taça de Portugal, que, justificando o seu nome, passaria a ser disputada por todas as provincias portuguesas. E quem nos diz que não teriamos jogos excelentes, entre semelhantes selecções?

De qualquer forma, aqui fica a ideia!

*

Depois de quase 5 anos, sofremos a primeira derrota frente ao nosso mais acérrimo rival. O jogo foi disputado palmo-a-palmo, e embora tenhamos baqueado pela diferença mínima, somos de opinião que um empate traduziria melhor o desenrolar do prélio. Ao contrário do que sucedeu nos encontros anteriores em que também perdemos pontos, o nosso quadro, depois de uma primeira parte incerta e incaracteristica, reagiu bastante no período final, só não conseguindo traduzir a sua superioridade devido aos imponderáveis que fazem justamente com que o futebol constitua o espectáculo mais aliciante.

Também, é preciso convir que não é impunemente que uma equipa se vê privada em quase todo o decorrer de um campeonato de algumas das suas mais valiosas pedras. É que, embora, os substitutos tudo façam para substitui-los á altura, é inegável que a sua ausência tem de se fazer sentir forcosamente. Não queremos com isso justificar o revês sofrido, pois o nosso leal e valoroso adversário fez tudo para merecer o triunfo, mas apenas desejamos mostrar aos eternos descontentes, que só querem saber de vitórias que elas não se fazem por obra de mágica, nem se conquistam quando se quer... Resta-nos o consolo de ver os nossos valentes rapazes — alguns em fase completamente adversa — lutarem bravamente contra essa adversidade, mostrando-se dignos e pundonorosos, e honrando, mesmo na derrota, a gloriosa camisola do seu clube. O Benfica e os verdadeiros benfiquistas sabem que, apesar do período menos certo que se atravessa, poderão contar sempre com o brio e a fibra dos seus valorosos jogadores! E convém não esquecer que ainda faltam onze dificeis jornadas. Boas Festas e Feliz Natal! E até segunda-feira, se Deus quiser!

OTTO GLORIA

Os serranos perderam

quando o empate seria mais justo...

Uma vez mais andou a sorte arredia dos sportinguistas da Covilhã. O empate já favoreceria os estudantes, mas foram estes que sairam vencedores do prélio disputado na cidade serrana.

A igualdade aceitava-se perfeitamente quando surgiu o período de repouso. Depois, porém, os Covilhanenses chamaram a si o comando das operações, dando muito que fazer á defesa contrária, de longe o melhor sector da equipa. O guarda-redes Ramin voltou a executar um punhado de defesas valorosas, daquelas que «in-extremis» salvam golos tidos como certos.

O Sporting da Serra dominava — mas não marcava. Os seus dianteiros falharam no remate muitas vezes porque a fortuna os desamparava.

Quando, no ultimo minuto, os locais estavam já resignados com o empate, os estudantes obtiveram o golo do triunfo! Rocha realizou um centro largo e Bentes rematou vitoriosamente de cabeça.

De novo os Serranos se sentiram subjugados por singular fatalismo. De novo perderam — quando mereciam a vitória...

Principalmente no segundo tempo os estudantes foram dominados em todos os pormenores do jogo. Nem sequer se tornaram profícuos uns quantos lances de razoável ligação, em especial no que se refere aos componentes da defesa e do compartimento intermediário, porque os avançados agiram por demais ao sabor do acaso em largos trechos da partida. Só os defesas, rijos, decididos e rápidos, travaram rude batalha com os dianteiros adversários, que por esse motivo mais se pertubaram na altura do remate. Mas, acentue-se, de novo, em vários disparos foram perseguidos pelo infortunio, sem, claro, se furtar muito aos defesas da Lusa-Atenas, entre os quais, recorde-se, o guarda-redes esteve soberbo e felicíssimo.

Descontado um período de jogo feio, originado por uma carga contundente de Wilson sobre Suarez, o prélio decorreu com toda a correcção, facilitando, assim, a vida aos componentes do trio de arbitragem.

Houve nas equipas contendoras três jogadores que actuaram em excelente plano: Carlos Ferreira, Cabrita e Martin, no Sporting da Covilhã; Wilson, Ramin e Rocha, na Académica.

Os Covilhanenses são, não há duvida, ou melhor: têm sido, no torneio em curso, os autênticos «ases» do azar!

A. R.

Os Brasileiros

preparam-se para receber com alegria e imponência a selecção de Portugal

RIO DE JANEIRO, 24. — Está confirmada a visita em Junho próximo ao Brasil da selecção portuguesa de futebol, para defrontar o seleccionado brasileiro no Estádio de Maracanã.

Esta visita do onze português a terras de Santa Cruz é aguardada com o maior interesse, tanto nos meios desportivos brasileiros como na grande colónia portuguesa do Brasil, estando já em estudo pela Confederação Brasileira de Desportos um programa de festejos, que serão dos mais grandiosos que aquela entidade tem organizado no Rio de Janeiro em honra de qualquer representação estrangeira.

Além do desafio do Maracanã, o grupo português jogará também em S. Paulo, não havendo, porém, ainda confirmação da data em que os dois encontros serão disputados. — (Lusitania).

VOLEIBOL

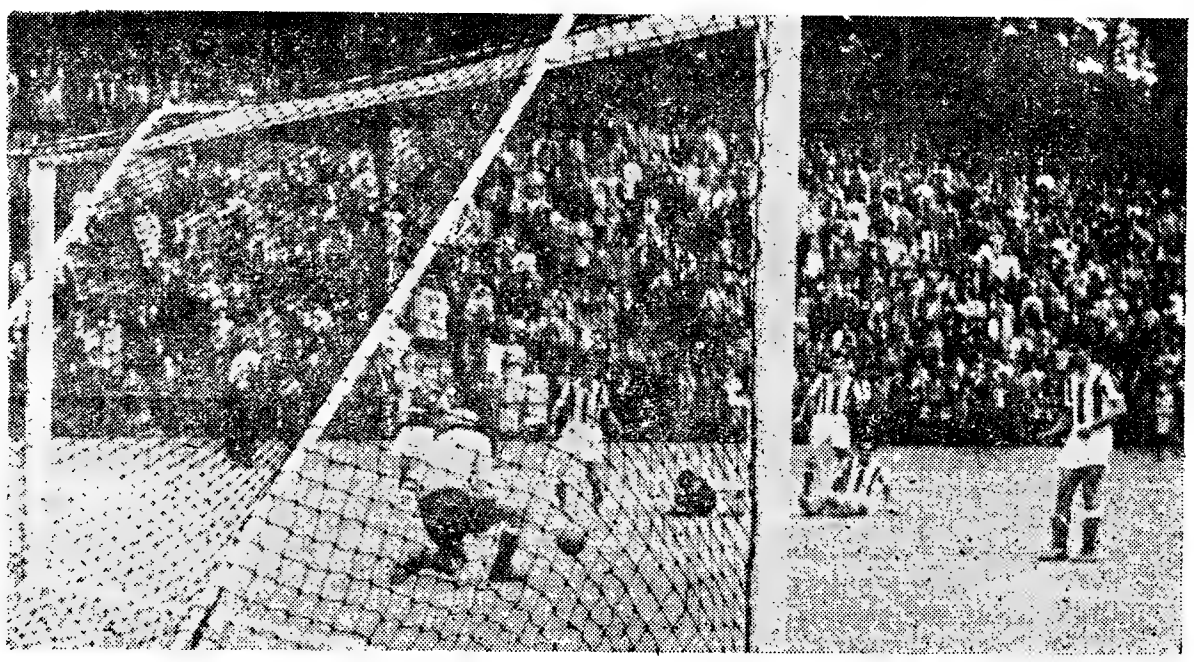
na Académica da Amadora

O jogador do Benfica, Fernando Reis, tomou a seu cargo a orientação das equipas de voleibol da Académica da Amadora.

SPORTING-BENFICA — A exibiçã ontem foi simplesmente modelar! J elástico, o guarda-redes sportinguist um punhado de defesas de grande conseguiu, num salto pro

Superioridad da equipa do

Devemos começar por dizer que o resultado não está de harmonia com o jogo desenvolvido. Na realidade, os avançados do Lusitano desperdiçaram flagrantes oportunidades de golo, as quais surgiam como corolário lógico da superioridade sempre patenteada pela sua equipa. Bastará apenas dizer que se o extremo eborense Fialho tivesse a pontaria mais afinada, os



Um impetuoso ataque da equipa caldense acabou, no entanto, por morrer ás mãos do guarda-redes setubalense, que nas circunstancias os colegas souberam proteger com voluntariedade

NAS CALDAS DA RAINHA

Os Setubalenses não se perturbaram

com a perspectiva da derrota

e souberam construir uma vitória folgada...

Por ISAAC PAIS

Finda a primeira parte do encontro do campo da Mata, ninguém se admiraria que, no segundo tempo, a equipa da casa perdesse a margem de dois golos com que chegara ao descanso e viesse a sucumbir de forma tão clara, como o próprio resultado indica.

Pondo de lado a vantagem alcançada pelo Caldas nos primeiros 45 minutos (sem duvida substancial e, de certo modo, tranquilizadora quando os contendores se situam em plano semelhante de valor), a forma como as duas equipas estavam actuando não fazia prever a reviravolta que veio a verificar-se no marcador

Na verdade, a turma da cidade de D. Leonor desenvolveu, em todo o primeiro tempo, manobra mais consciente, mais ordenada, mais intencional do que o adversário, até porque, com maior frequência, os seus elementos procuravam baixar a bola, contrariando, assim, uma toada imposta pelos Sadinos. Estiveram António Pedro e Rogério com os pés afinados, e a vantagem dos Caldenses ao intervalo

(Continua na 7.ª página)

NA ITÁLIA

Internazionale e Milão em igualdade...

ROMA, 24—Nos jogos ontem disputados, a contar para o campeonato da Primeira Divisão da Federação Italiana de Futebol, registaram-se os seguintes resultados:

Bolonha, 3-Génova, 1; Internazionale, 2-Fiorentina, 1; Lanerossi, 1--Roma, 0; Lazio, 2-Triestina, 0; Nápoles, 1-Juventus, 2; Palermo, 0--Spal, 0; Sampdoria, 3-Milão, 2; Turim, 0-Pádua, 2.

O encontro Atalanta-Udinese foi suspenso por causa do nevoeiro.

Após estes desafios a classificação geral ficou assim ordenada:

Milão e Internazionale, 16 pontos; Fiorentina 15; Juventus e Sampdoria, 14; Pádua, 13; Roma, Nápoles e Triestina, 12; Udinese e Lazio, 11; Turim, Atalanta, Palermo, Bolonha, Spal e Lanerossi, 10; Génova, 8.

EM ESPANHA

O Real de Madrid continua em 1.º lugar

MADRID, 24.—Resultados dos jogos correspondentes á 15.ª jornada dos campeonatos nacionais da Federação Espanhola de Futebol:

Primeira Divisão: Sevilha, 2-Barcelona, 1; Espanhol, 1-Real Sociedad, 0; Valhadolide, 3-Corunha, 2; Celta de Vigo, 0-Real Madrid, 3; Atlético de Madrid, 1-Jaen, 1; Osasuna, 1-Atlético de Bilbau, 2; Condal, 1-Valencia, 1 (jogado ontem); Saragoça, 3-Las Palmas, 2.

Classificação geral: Real Madrid, 23 pontos; Atlético de Bilbau, 22; Sevilha, 20; Barcelona, 18; Valhadolide e Saragoça, 17; Atlético de Madrid, 16; Valencia, Las Palmas e Espanhol, 15; Osasuna, 13; Real Sociedad, 11; Celta e Condal, 10; Corunha, 9; Jaen, 9.

O Udinese e o Atalanta têm mnos um jogo.—(A. N. I.).

...de Carlos Gomes na partida de ...gando com grande atenção, ágil, ...fechou as suas balizas, fazendo ... classe. Nesta fase, Gomes ainda ...digioso, captar a bola

...e convincente Lusitano

Alcantarenses teriam regressado a casa com goleada memorável.

(Continua na 7.ª página)

No Estádio das Antas

viveram-se momentos de grande ansiedade...

Não voltaram os campeões nacionais a realizar exibição idêntica ás últimas feitas no Estádio das Antas, chegando até a preocupar os seus adeptos, que viam passar o tempo com o resultado a manter-se, teimosamente, num empate a zero bolas.

Ao fim e ao cabo, porém, tudo acabou da melhor maneira para as cores azuis-brancas com um estupendo golo de Monteiro da Costa, que abriu o caminho da vitória. O médio dos campeões nacionais recebeu um passe lateral de Pedroto, deu duas passadas e não vendo nenhum companheiro próximo nem qualquer adversário, atirou com força extraordinária para a baliza, fazendo a bola tocar, com violência, o fundo das redes.

O lance marcou o momento alto da partida, por ter desfeito um empate que se acreditava já impossível desfazer. A boa mas inutil estirada de Gama e, sobretudo, pela distancia a que foi desferido o pontapé—cerca de 10 metros, fora da grande área—completou o quadro que fixou a grande jogada. Pouco depois aparecia novo golo para os Poreuenses, que fixava o resultado final do encontro.

Os campeões nacionais não estiveram em tarde feliz, como já acentuámos. Começaram o jogo convencidos da sua superioridade e os lances foram aparecendo bem esquematizados, mais perigosos quando desenvolvidos pelos flancos, colocando em acção Jaburu e os elementos que o ladeavam.

O domínio dos Portuenses passou a vir ao de cima, com ataques contínuos e sem preocupações na sua retaguarda, onde Pinho só entrou em acção, aliás sem perigo, aos 17 minutos.

As jogadas eram, porém, mal finalizadas. Não havia direcção nos remates. Até Hernani, que aos dois minutos apontou um «penalty», fê-lo de maneira que a bola passou muito por alto.

Claro, os jogadores do Torriense dificultaram, em extremo, a tarefa do adversário actuando, absolutamente fechados, na defesa. Na frente só se encontravam o avançado-centro e os extremos e, algumas vezes, até um destes vinha em auxílio dos seus companheiros a braços com a ofensiva portuense.

DUAS IMAGENS DO ENCONTRO PORTO-TORRIENSE — Á esquerda: Gama falhou a intercepção, mas António Manuel pôde remediar o lapso; á direita: outra tentativa frustrada do «keeper» torriense, porque Fernandes se lhe antecipou com acerto e decisão

Passada a meia hora, os «azuis-brancos» começaram a afunilar muito o jogo, fazendo quase todas as suas incursões pelo centro do terreno, facilitando a missão dos defensores contrários, acantonados na sua grande área e sempre muito rápidos e esforçados.

No segundo tempo, os campeões nacionais mantiveram-se dentro do mesmo estilo, com excepção de algumas descidas de Perdigão, o melhor e mais incisivo avançado portuense que, por vezes, fugia pelo seu corredor, causando grave perigo.

O tempo corria e os visitantes esperançados já no empate mais se esforçavam por acautelar a baliza de Gama desfazendo as ofensivas do adversário, de qualquer forma, sem se preocuparem em colocar a bola, tentando apenas afastá-la para longe da sua zona. Foi um período angustiante para uns e outros, pois os Portuenses, bastante enervados, buscavam, a todo o transe, o golo da vitória, enquanto que alguns defesas de Torres Vedras — principalmente Mergulho e António Manuel—se excediam em entradas á margem das leis, procurando, de qualquer forma, evitar que o adversário atingisse o fim em vista.

Os golos vieram por fim traduzir a verdade da partida, de nada servindo a reacção do Torriense, depois do primeiro golo sofrido, enviando para o ataque os seus interiores até ali empenhados na defesa.

A essa tentativa responderam os visitados com energia, vontade e decisão, empurrando o jogo para o campo defendido pelos adversários. Os «azuis-brancos» acabaram por conquistar uma vitória difícil, não só porque não revelaram a regularidade e certeza dos ultimos jogos, mas também pela maneira tenaz e enérgica como os elementos de orres pracuraram contrariar todo o labor defensivo desenvolvido pela equipa azul-branca.

Fernando Valério, de Setubal, teve actuação acertada na direcção da partida, revelando, contudo, pouca autoridade, não reprimindo, convenientemente, as entradas mais ríspidas da alguns jogadores.
—A. P.

EM SETUBAL, NO CAMPO DOS ARCOS

Uma tarde inferior do Barreirense

Por ANTÓNIO DE SEQUEIRA

O derby barreirense, localizado em Setubal por força das circunstancias, pouco interessou os desportistas da cidade do Sado por via do que a assistência quase se limitou aos adeptos dos dois clubes da laboriosa vila da margem sul do Tejo, com ascendência notória do Barreirense, cujos simpatizantes em numero mais elevado e confiantes no seu favorito ostentavam bandeiras rubro-brancas que agitaram com visível entusiasmo mal a sua equipa assomou á entrada do rectangulo.

Os adeptos cufistas, mais parcimoniosos, tiveram reforço — a tendência de simpatia é sempre para os mais fracos — da gente setubalense e, assim, quase se nivelaram as forças.

Afinal, o decorrer do prélio iludiu a expectativa. Durante os noventa minutos da partida, os Barreirenses da C. U. F. superiorizaram-se aos seus vizinhos rivais, vindo a terminar vencedores com mérito indiscutível e até por margem inferior ao valimento demonstrado pelas duas equipas no encontro de ontem.

De facto, o onze cufista, porventura considerado menos apto para resultado vitorioso, foi o que conseguiu maior ascendente através da partida, mercê de uma movimentação global mais certa, mais harmónica e com evidência no empenho dos jogadores.

Temos para nós que o Barreirense encarou a partida com demasiada confiança, a que um golo marcado a minuto e meio do início terá dado mais consistência.

O golo de Faia, primoroso pelo sentido de desmarcação e oportunidade do remate, teve influência diferente da que se poderia esperar e o certo foi que, enquanto o Barreirense mais se convenceu das suas possibilidades, a C. U. F. se agigantou não descrendo das suas.

E o caso foi que, durante os primeiros quarenta e cinco minutos mais se esperou pelo golo do empate — Pireza, Bispo e Gastão tiveram ensejo para tal — do que pelo tento de consolidação dos Barreirenses, já que as suas avançadas, por inconsistentes, pouco ou nenhum panico causaram entre os defensores cufistas.

José Augusto vai driblar o médio-esquerdo cufista. Será mais uma das tentativas infrutíferas do Barreirense para mudar o curso das coisas. O G. D. da C. U. F. terminará como vencedor

O golo do empate, de Arsénio, magnífico, merecidissimo aliás, veio a ser um facto no preciso quadragésimo quinto minuto do jogo e o resultado de empate, lisonjeiro para os rubro-brancos, criou inegavelmente outras perspectivas para o segundo tempo.

E elas não foram desmentidas no que se refere ao crescimento dos cufistas, pois que, exactamente a minuto e meio do recomeço, Arsénio, outra vez ele, colocava a sua equipa em vencedora.

A marcação do golo cufista, como sucedera no primeiro tempo com o tento dos Barreirenses, deu alento, mas desta vez aos companheiros de Faia, que entraram no caminho de replica mais firme e de melhor conjugação de esforços.

E viu-se o Barreirense ao ataque, no seu melhor período do jogo, para recuperar terreno perdido. Todavia, todas as suas tentativas depararam com atenta e segura actuação dos defesas cufistas, em

(Continua na 7.ª página)

A marcha do campeonato

Venceu-se ontem a 15.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, que foi a 2.ª da segunda volta do certame. O Sporting-Benfica dominou a situação e constituiu o grande atractivo da «ronda», que deu os resultados que a seguir relembramos:

Sporting-Benfica	1-0	(1-1)
Belenenses-Oriental...	5-1	(1-1)
Lusitano-Atlético... ...	5-0	(7-3)
F. C. Porto-Torriense	2-0	(1-1)
C. U. F.-Barreirense...	2-1	(1-3)
Caldas-V. Setubal ...	3-5	(1-1)
Covilhã-Académica ...	0-1	(0-0)

A jornada de ontem teve resultados bem dispares dos que se haviam anotado há 13 domingos. Dos cinco empates então registados... nem um só se repetiu. Portanto — jornada de rectificação de possibilidades, que não de confirmação.

O factor «casa» foi, desta vez, decisivo. Nada menos de cinco visitados conseguiram vencer, o que, em boa verdade nada tem de surpreendente em relação ao Belenenses, ao Lusitano, ao F. C. do Porto. Nem mesmo relativamente ao Sporting e á C. U. F. os seus êxitos serão de espantar, pois, apenas, os vaticinios estarão mais repartidos pelos «leões», pelos cufistas e pelos seus adversários.

Venceram, no campo dos adversários, o Vitória de Setubal e a Académica, o que é sempre de assinalar; e, neste caso, muito em especial no tocante aos sadinos.

A nota saliente da jornada está na primeira derrota sofrida pelo Benfica. Quebrou-se o encanto dos «encarnados», o que as suas ultimas exibições já deixavam adivinhar que viria a suceder. No critério que sempre adoptamos para a ordenação das equipas, o desaire dos benfiquistas provoca uma mudança de «leader». O «goal-average» geral é favorável aos portuenses (33 golos á maior contra 18) e daí a preferência.

Com o Porto a ganhar em dois campos (Antas e Alvalade) estabeleceu-se uma igualdade de pontuação entre os dois primeiros que veio dar maior interesse ao campeonato.

O Belenenses manteve-se em terceiro e está, agora, a dois pontos dos que o antecedem, com o Lusitano «teimoso» na posição de realce a que se alcandorou. O Sporting continua em 5.º lugar, fazendo renascer as esperanças entre os seus adeptos...

Seguem o Vitória de Setubal, o Barreirense e o Oriental—todos com 15 pontos, mas com os sadinos em melhor posição, passando de 9.º para 6.º lugar; o Barreirense pode guardar o 7.º lugar, enquanto o Oriental «caiu» de 6.º para 8.º.

A Académica subiu um degrau (de 10.º para 9.º), ao passo que o Torriense baixou de 8.º para 10.º. Vem a seguir a C. U. F., por permuta com o Caldas, estando nos dois ultimos lugares o Sporting da Covilhã e o Atlético que, ontem, a despeito de tudo, não agravaram as suas posições.

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.	J.	V.	E.	D.	B.	P.
F. C. Porto ...	7	7	—	—	27- 1	14	8	3	3	2	18-11	9	15	10	3	2	45-12	23
Benfica	7	5	2	—	18- 5	12	8	4	3	1	15-10	11	15	9	5	1	33-15	23
Belenenses ...	8	7	1	—	34- 9	15	7	1	4	2	10-14	6	15	8	5	2	44-23	21
Lusitano... ...	8	7	—	1	22- 9	14	7	2	2	3	14-16	6	15	9	2	4	36-25	20
Sporting C. P	7	5	1	1	25- 7	11	8	2	3	3	12- 9	7	15	7	4	4	37-16	18
Vitoria F. C.	8	4	3	1	16-11	11	7	2	—	5	12-20	4	15	6	3	6	28-31	15
Barreirense ...	8	5	1	2	15-10	11	7	1	2	4	6-15	4	15	6	3	6	21-25	15
Oriental	8	3	5	—	12- 7	11	7	2	—	5	7-19	4	15	5	5	5	19-26	15
Academica ...	7	3	4	—	15- 5	10	8	2	—	6	8-16	4	15	5	4	6	23-21	14
Torriense.. ...	8	4	2	2	15- 9	10	7	1	1	5	7-18	3	15	5	3	7	22-27	13
C. U. F.	7	5	1	1	11- 6	11	8	—	1	7	6-36	1	15	5	2	8	17-42	12
Caldas..	7	2	2	3	11-17	6	8	—	4	4	4-12	4	15	2	6	7	15-29	10
S. Covilhã ...	7	2	1	4	7-10	5	8	—	2	6	6-23	2	15	2	3	10	13-33	7
Atlético	8	1	2	5	12-22	4	7	—	—	7	3-21	0	15	1	2	12	15-43	4

OS JOGOS DA 2.ª DIVISÃO

ZONA SUL

O torneio da Zona Sul, na sua 17.ª jornada, decorreu com a maior regularidade e interesse, ainda que não tenha fornecido alterações sensiveis na ordenação das equipas.

O resultado mais sensacional foi, sem duvida, a vitória do Arroios sobre o Farense, que não chegou a trazer complicações para a vida dos Farenses, tão folgado era o seu avanço.

A luta para as posições intermediárias mantem-se renhida e plena de entusiasmo, com o Olhanense, Montijo e Coruchense a darem tudo por tudo para se alcandorarem nas melhores posições. O empate de Montemor desfez o trio, com prejuizo para o Coruchense que se atrasou. O Olhanense e o Montijo, embora dificilmente, lograram vencer, mas o perigo do Coruchense não desapareceu.

Nas posições intermédias houve várias oscilações, mas sem qualquer importancia. Na Zona de perigo — tudo na mesma. Todavia os resultados feitos pelo Portimonense e pelo Almada (ambos visitantes) denotam bem a vontade com as duas equipas se empregaram, desejosos de fugirem dos lugares que ocupam.

As classificações

					golos		Pontos
Farense	1	12	3	2	44	24	27
Olhanense	17	11	1	5	41	23	23
Montijo	17	9	5	3	37	27	23
Coruchense	17	8	6	3	2[illegible]	[illegible]	22
Desp. Beja	17	8	2	7	[illegible]	5	18
Arroios	17	6	6	6	26	27	16
Portalegrense	17	6	4	7	1	5	16
União M.	17	7	2	8	28	39	16
Estoril Praia	17	6	2	9	25	28	14
Olivais	17	6	2	9	28	31	14
«Os Leões»	17	6	2	9	25	31	14
Juventude	17	5	3	9	16	6	13
Portimonense	17	5	2	10	32	49	12
Almada	17	5	4	10	20	28	10

Chuva de golos em Olhão

O desafio disputado em Olhão teve um resultado — que não um desfecho — de certo modo inesperado. Nove golos e uma marca tangencial não estariam tão dentro das previsões como a vitória dos Olhanenses.

Tão elevado numero de golos constituiu um dos aliciantes do desafio, ficando a dever-se em parte ao trabalho pouco certo do sector defensivo olhanense.

A equipa local passou um mau bocado, chegando a estar em desvantagem (0-2).

O certo é que os Portimonenses foram equipa mais igual no ataque e na defesa, tendo jogado o suficiente para justificar o empate.

O Coruchense merecia melhor

O jogo disputado em Montemor-o-Novo caracterizou-se pelo muito entusiasmo com que as duas equipas se bateram. E isso constituiu, sem duvida, motivo de agrado.

O empate não custa a aceitar, explicando-se por certa imperícia dos dianteiros da equipa local e, também, pelo acertado trabalho da sua defesa, em especial, Capinho.

Sob o ponto de vista técnico, o Coruchense deu melhor conta de si do que o União de Montemor, sobretudo, com maior sentido prático.

Dificil vitória dos escalabitanos

Ao fim e ao cabo os Escalabitanos, visitados pelos Eborenses do Juventude, conseguiram vencer e... respirar fundo.

A equipa santarena saiu-se bem do confronto com os Alentejanos, mas, é inegável que a equipa experimentou enormes dificuldades, suportando a pressão do adversário, pressuroso na busca do empate, que não deixaria de estar certo.

O tardio aparecimento do unico tento do desafio manteve o interesse do publico por largo tempo. E, mesmo depois, a incerteza quanto ao desfecho do jogo foi atractivo de considerar.

NO CAMPO DA AMOREIRA

O empate foi lisonjeiro *para a equipa visitante*

O Estoril poderia ter conseguido uma vitória, se três motivos de peso não tivessem feito pender a balança para o lado dos Alentejanos: a indecisão dos seus avançados na grande área adversária; o golo do empate ter sido um autêntico «brinde de Natal» dado por Brandão; e, a mais preponderante, a sorte ter-se-lhe negado inumeras vezes no decorrer da partida.

Porque o Estoril esteve, do princípio ao fim do jogo, constante e invariàvelmente ao ataque.

E é lógico que uma equipa, lançada desta forma ao ataque, tenha mais probabilidades de vencer do que aquela que se remete á defesa.

Mas, apesar deste assédio ininterrupto, o Estoril não soube ou não pôde concretizar com êxito esse domínio. O certo é que a equipa da Costa do Sol nunca conseguiu uma margem no marcador, que lhe desse calma e confiança no resultado. E isto, também, se deve, evidentemente, ao facto de os Alentejanos nunca se deixarem confundir ou desmoralizar com a pressão a que estavam sujeitos, e a responder com contra-ataques, isolados, sim, mas sempre com perigo, tirando partido da velocidade dos seus avançados, especialmente dos extremos, que aproveitavam o espaço desguarnecido pelos defesas adversos adiantados no terreno, para as suas incursões rapidíssimas e perigosas. Assim puderam ser os primeiros a marcar e assim puderam, igualmente, responder aos golos marcados pelo adversário.

Pode inferir-se, pois, que os golos do Portalegrense foram obtidos por este processo, em jogadas «limpas». Mas, a não ser o primeiro, na verdade, os outros dois só indirectamente lhe são devidos: o segundo, na transformação de uma grande penalidade, nasceu realmente de uma falha do guarda-redes do Estoril, que, consentindo a um avançado contrário que lhe tirasse a bola das mãos, forçou um companheiro a defendê-la em falta sobre o risco fatal; e o ultimo, surgiu, inesperadamente, de um remate feito de longe e de lado, a todos os títulos defensável, mas que Brandão, decerto, confiado no seu golpe de vista, deixou finalizar... no fundo da sua baliza. Em contrapartida, os golos do Estoril foram feitos naturalmente, como corolário lógico do seu domínio. E outros mais teriam conseguido, se a fortuna não lhes virasse as costas no momento preciso.

Todavia, os Alentejanos não joram mal. Tiveram até bons esquemas de futebol, feitos com serenidade e segurança, e mostraram rapidez e vivacidade. Mesmo obrigados a uma toada defensiva imposta pelo adversário, nunca perderam o sentido de contra-ataque.

O Estoril jogou quase sempre no meio-campo do adversário, mas em jeito de força e de vontade, sacrificando a técnica á eficiência de jogo.

A arbitragem teve alguns erros de interpretação, mas foi imparcial e sóbria.

CARMO RAMOS

EM BEJA

O empate *Seria o resultado mais justo...*

Os Almadenses, nesta sua visita a Beja, fizeram por merecer o resultado que os Bejenses alcançaram na primeira volta, no seu campo—um empate.

Tiveram porém, a sorte contra eles e acabaram por sofrer uma derrota tangencial, quando a igualdade seria o desfecho mais justo da partida. O nivel técnico desta foi pobre.

Os locais, no primeiro quarto de hora usufruiram domínio territorial, mas não tiveram talento para tirar resultados práticos.

Depois, o Almada atacou com grande insistência, obrigando o guarda-redes local a aturado trabalho, que o cotou como o melhor homem em campo, impedindo que os Almadenses atingissem o intervalo na posição de vencedores.

No segundo tempo, o desportivo de Beja impôs domínio com dois golos. Perto do final, o Almada reagiu, obtendo um golo e tornando o resultado final menos injusto.

Entre os vencedores, destacaram-se Rosa, Sesinando, Marcelino, Aureliano, Diamantino e Feliciano. Este, contudo, sem atingir a bitola de há duas semanas.

No Almada, sobressaiu o trabalho de Veloso, Bernardo, Martins e José Augusto. Arbitragem fácil do lisboeta Alfredo Louro, mas que perdoou, no entanto, uma grande penalidade aos visitantes.

J. CARRACINHA

NO MONTIJO

Desafio animado *com a vitória justa do grupo da casa*

Embora nem tudo tivesse corrido de feição para os Montijenses, a verdade é que o seu jogo foi desenvolvido em condições de justificar plenamente o triunfo alcançado.

Até o Olivais alcançar o seu unico golo (e isto verificou-se á volta da meia hora do tempo inicial) o grupo do Montijo exerceu pleno domínio, com jogadas concebidas de forma a perturbar sèriamente o reduto defensivo visitante. É evidente que nos referimos aos lances que não deram golo, pois dos outros aqueles que fizeram funcionar o marcador, nada há a apontar quanto á concepção das jogadas que remataram tão evidentes propósitos da equipa vencedora. Quer dizer: os lances que deram os dois golos do Montijo foram a consequência lógica da preparação que vinha sendo concebida para esse objectivo. Mas esses golos, em nosso entender, vieram cedo demais, não porque a equipa não os merecesse, mas porque veio a quebrar o ritmo que, porventura, seria possível adivinhar pelo resto do encontro.

O Olivais não se deu por convencido quando sofreu os dois golos e replicou como era conveniente. Em todo o sentido, não só em jogo desenvolvido, equilibrando a partida, como ainda na marcação de um tento, é certo que este contra, o que se costuma dizer, a corrente do jogo. Mas falar disto seria desviar-nos um pouco do jogo e isso não é o que queremos.

No segundo tempo, quando as coisas pareciam decididas (e afinal ficaram mesmo decididas), o grupo de Olivais tomou iniciativas bastante perigosas, colocando em cheque a equipa da casa. O trabalho do guarda-redes Redol, nessa altura foi o que se pode chamar de muito valioso. Salvou mesmo a situação da equipa com as suas intervenções feitas com muito acerto. Isso deu oportunidade a que, passados esses momentos, o Montijo, refeito, se fizesse ao ataque em condições de ter tido ocasião de aumentar a marca.

Este despique, aliás, favorável ao grupo da casa, entre duas equipas capazes de fazer alterar o rumo dos acontecimentos quando estes pareciam já definitivamente decididos, deu motivos a que fosse bastante agradável a partida que se disputou neste campo «Luís Almeida Fidalgo», onde, mais uma vez, o futebol teve dois bons intérpretes.

Concluindo, podemos dizer: o Montijo ganhou com justiça, mas o Olivais foi um digno adversário.

NO-NIK
A BOQUILHA ANTI-NICOTINA QUE OS MEDICOS RECOMENDAM

ARROIOS-FARENSE — Dois «pares» com todas as atenções na bola e com o predominio dos avançados lisboetas

NO CAMPO DA PICHELEIRA

Uma exibição em cheio do Arroios *ditou a derrota do Farense*

Os espectadores habituais dos jogos da Divisão Maior, não teriam dedenhado, decerto, de assistir ao jogo da II Divisão entre o Arroios e o Farense que ontem se disputou no campo da Picheleira.

Foi, a todos os títulos, uma bela partida de futebol, disputada com virilidade, sem excluir correcção, em que se viram alguns esquemas de bom jogo aqui e ali salpicado de técnica muito aceitável, e tudo isto feito quase sempre num andamento diabólico.

Para cumular um vencedor certíssimo. De facto, o Arroios, com um segundo tempo a roçar por vezes em brilhantismo, conseguiu ditar a segunda derrota dos briosos sportinguistas farenses no decorrer deste campeonato, que já vai na sua 17.ª jornada.

A primeira parte foi quase toda de sensível equilibrio, ainda que no ultimo quarto de hora os Algarvios tomassem as redeas do comando, mercê do bom entendimento do seu binário Fausto de Matos-Bento e da vivacidade do centro-dianteiro Campos.

Na segunda metade, porém, após o empate conseguido pelo Farense, os rapazes do Arroios chamaram a si tal gama de energias que a melhor estrutura dos visitantes ruiu por completo e os «tricolores», com a sua linha avançada em veia, especialmente quando o esférico passava pelos pés de Amadeu, Severino ou Custódio, puderam construir um resultado confortável de dois tentos de diferença que diz com muita justiça do que se passou no terreno.

No «team» vencedor três jogadores se elevaram bem alto. Mendes, um baluarte quase inultrapassável; Amadeu um extremo rápido e sabedor do jogo e, finalmente, Severino um verdadeiro ariete, que, além de marcar três golos, esteve sempre na base de todos os ataques dos visitantes. Diga-se, no entanto que todos os demais elementos do Arroios contribuiram dentro das suas possibilidades para o êxito obtido.

O Sporting Farense, que vimos pela primeira vez esta época, apesar de derrotado não ficou diminuido no conceito que lhe tem sido dado. E', de facto, uma boa equipa. Simplesmente ontem encontrou um adversário que lhe foi superior. Celestino, Fausto de Matos e Campos foram os seus elementos mais destacados.

Arbitrou bem o juiz escalabitano Paulo de Oliveira.

RUI DIAS

REGIONAL DE HANDEBOL

Duas surpresas *assinalaram o final da primeira Volta*

Terminou a primeira volta do Campenonato de Lisboa da Divisão de Honra e foi precisamente nesta jornada que se verificaram as primeiras grandes surpresas da prova. Na verdade, poucos vaticinariam a igualdade de 2-2 que se verificou no encontro Sporting-Oriental e a vitória do Benfica sobre o Almada, no Pragal, por 11-6.

No primeiro, a réplica entusiasta dos orientalistas foi a nota dominante da partida. O empate imposto ao grupo do Sporting — é este o primeiro ponto perdido pelos «leões» — foi a consequência de uma luta renhida a que o Oriental se entregou com mais ardor que o adversário. O golo que deu o empate apareceu na transformação de uma «grande penalidade», mas isso nada significa quanto á expressão, em numeros, que caracterizou o jogo.

Os «leões» mantém a posição da frente, agora seguidos pelo Benfica, que passou do quarto lugar para sub-«leader» em virtude da vitória que alcançou sobre o forte grupo do Almada, ao qual a falta de uma boa peça, nesse desafio, não justifica o rendimento dado e que permitiu aos «encarnados» preciosa vitória. Os Almadenses desceram para o lugar do Benfica e o Oriental conservou-se na terceira posição. A luta, agora, passa a residir, no interesse para a qualificação no Nacional.

O Belenenses alcançou esperada vitória por 5-0 sobre o Alverca, mas mantém-se na situação de antepenultimo, uma vez que o que lhe segue na frente, o Glória, também venceu o jogo em que defrontou o Liberdade (10-4). Este e o Alverca continuam em ultimos, com o mesmo numero de pontos.

Com essas surpresas, houve, também, grande mexida na tabela, como se disse, quanto aos que seguem o Sporting de perto. O grupo «leonino», porém, não obstante o empate, continua com a mesma margem de pontos favorável.

Eis a tabela:

	J	V	E	D	B	P
Sporting	7	6	1	—	83-28	20
Benfica	7	5	—	2	63-35	17
Oriental	7	4	2	1	49-32	17
Almada	7	4	1	2	62-38	16
Glória	7	3	—	4	39-59	13
Belenenses	7	2	—	5	38-50	11
Alverca	7	1	—	6	17-73	9
Liberdade	7	1	—	6	21-57	9

UM TORNEIO

de tenis de mesa

Organizado pelo jornal «Ténis de Mesa», vai disputar-se um torneio individual da referida modalidade, dotado com o trofeu «Hanno». Efectuar-se-á em seis jornadas, com classificação por pontos, e está a suscitar justificado interesse.

O regresso de Matateu

e do médio Vicente contribuiu para o acerto da equipa

(Continuação da 1.ª pág.)

directas e indirectas. Não jogou bem, de facto, mas sempre foi assinando dois golos...

E não será com golos que se ganham os desafios?

Já com Vicente sucedeu o contrário, porque regressou em absoluto apogeu de forma e disposto a demonstrar que é um médio completo e não apenas um bom médio em certas zonas do terreno. Esteve na defesa com a mesma ligeireza de movimentos e jogo fino que se lhe conhecem, e foi também para a frente, com o ataque, e... marcou o golo que colocou a equipa no caminho da tranquilidade — a tranquilidade que permite mais golos, e mostrar tudo quanto se sabe.

No entanto, o Belenenses chegou a apanhar um grande susto e a andar no campo enervado e atabalhoado. A defrontar um guarda-redes (Soares) em tarde desacertada, pelo menos de início, teve á vista três ou quatro oportunidades de golo que só por grande e arrebatadora infelicidade não fizeram funcionar o marcador. De uma vez, estando Soares fora da baliza, Perez desferiu forte remate a meia altura, mas Luz surgiu a salvar o golo com a cabeça! Logo a seguir foi Matateu que, já dentro da grande área, meteu o bico da bota á bola e a fez embater no poste, para depois se cruzar com o ressalto. A baliza estava aberta e a dois metros, mas Matateu não teve trabões que lhe obedecessem!

Estes foram dois casos, entre muitos, que apontámos nos primeiros dez minutos do encontro. Outros houve que também se perderam. Mas aos 13 minutos o Oriental ensaiou um dos seus perigosos contra-ataques, e Pires, em terrenos que lhe não pertenciam, cometeu uma desnecessária irregularidade sobre Hidalgo. Rogério marcou o castigo para o centro do terreno e Leitão (cremos que foi Leitão...) deu-lhe um pequeno toque para o avançado-centro Hidalgo, que é homem de baliza, e José Pereira nada mais pôde fazer que ir buscar a bola ao fundo das redes.

Como ainda era cedo, este golo que foi dos tais que se chamam «contra a corrente do jogo», não terá preocupado, mas a verdade é que o tempo foi passando e o Oriental reforçando a sua confiança.

Matateu voltou a perder nova oportunidade á boca da baliza e Tito, para lhe não ficar atrás, também falhou a cerca de dois metros da linha de golo!

E o caso é que só por milagre o Belenenses não sofreu outro golo, porque José Pereira se não mostrou seguro e porque o Oriental, quando atacava, fazia-o com boa ligação e muito perigo. Foi Pellegero, segundo julgamos, que substituiu o seu intranquilo companheiro da baliza.

Mas o merecido golo do empate chegou ainda antes do intervalo, ainda que com uma história que nada perderia se fosse mais clara. Assim, temos a impressão de que Tito controu a bola já depois de ela ter transposto a linha de cabeceira.. Matateu rematou de cabeça, mas a bola ainda foi á trave! No ressalto esbarrou em Capelo, que acorreu a salvar a baliza, mas que acabou por ser ele a quebrar o enguiço que perseguia o Belenenses.

Foi um grande susto!

Logo no recomeço, Matateu poderia ter desempatado, porque Luz lhe deixou a baliza á mercê. O remate saiu alto. Essa honra veio a caber a Vicente, aos 55 minutos, com um remate rasteiro e fora do alcance de Soares.

De aí, em diante o Belenenses sacudiu os receios e cresceu até ao nível que lhe permite olhar para o lado, sem receio de descortinar quem lhe esteja acima. Verdade seja que o Oriental, que nunca jogou ostensivamente á defesa, ainda mais facilitou a reunião das peças do Restelo, porque se espalhou mais pelo campo. A luta passou a ser mais aberta e mais agradável. Pena foi que «aquecesse» também um pouco, com culpas para as duas cores. Não era necessário.

O terceiro golo, consequência de uma aparatosa falha de Orlando, foi marcado por Tito irregularmente, uma vez que ajeitou a bola com a mão. E' natural que Hérminio Soares não tenha visto a irregularidade, porque estavam dois jogadores a disputar a bola.

O golo que se seguiu, todo ele da inspiração e execução de Dimas, já nos fez apontar no papel uma faceta do jogo que não depõe a favor do espírito de equipa, uma vez que já estavam a ser frequentes os «raids» individuais. Di Pace, que foi o melhor avançado em campo, teve largas culpas nos individualismos que se generalizaram, mas também teve o respectivo castigo...

Foram precisamente estas jogadas individuais que provocaram o que de pior houve no desafio e fizeram vir ao de cima o prazer que alguns jogadores sentem em não respeitar os «oficiais do mesmo ofício», e ainda quanto custa a outros verem-se desfeiteados. Moreira (do Oriental), se a lesão que sofreu foi grave, poderá dizer que foi vítima destes dois perniciosos sintomas...

Já no fim do encontro, Matateu recebeu um excelente passe de Dimas e elevou a conta para 5-1.

Momentos depois terminava o desafio e recebera-se no Restelo a notícia de que o Benfica havia sofrido a primeira derrota. Como era natural, visto que essa derrota também abre auspiciosas perspectivas á equipa do Belenenses, tal notícia foi recebida com satisfação idêntica á do triunfo sobre o Oriental.

Depois do susto — o humano regozijo!

Há que contar, de facto, com a equipa do Belenenses, para tudo quanto diga respeito aos três primeiros lugares da tabela. Não está completamente ligada, nem é de força igual em todos os postos, mas isso também sucede nos outros competidores. Individualmente tem valores em quantidade e qualidade para qualquer embate entre os «grandes». Apenas José Pereira e Paz não deram indicação favorável.

O Oriental perdeu muito bem, mas deixou boa impressão como equipa serena e intemerata. Hidalgo é homem de golo, Rogério ainda remata muito forte e os restantes cumprem a missão com desenvoltura. Soares é que nos pareceu muito enervado e Orlando pouco seguro no lugar de Marois.

A arbitragem esteve longe de ser facilitada pelos jogadores e registou algumas falhas, mas a nota a conceder-lhe ainda é francamente positiva.

LUÍS ALVES

Confusão junto das balizas do Oriental. Soares tenta repelir a bola, tendo junto dele os seus companheiros Fernandes, Luz e Orlando e os adversários Matateu, Perez e Tito

O jogo Caldas-Setubal

(Continuação da página central)

poderia expressar-se em numeros mais elevados.

Neste primeiro período de jogo, o Vitória de Setubal exibiu-se de forma um tanto confusa, parecendo uma equipa sem estrutura, sem sentido de manobra, vivendo da inspiração deste ou daquele elemento em certos pormenores técnicos e da decisão que todos punha na luta.

Ter-nos-á dado uma ideia errada da sua capacidade, tão dispare foi a qualidade do jogo produzido na segunda parte, especialmente depois de obtida a igualdade, mais precisamente, na última meia hora.

E' certo que em seguida ao 2-2 a equipa das Caldas alterou tão profundamente a sua formação, sem quaisquer vantagens práticas, que não hesitamos em afirmar que tal modificação está na origem da quebra geral verificada naquela última meia hora de jogo.

Mas não é menos certo que já antes, após a obtenção do primeiro golo, aos 5 minutos, os visitantes davam mostras de acentuada melhoria, especialmente a meio-campo, por virtude de mais certa aplicação de Pinto de Almeida e Soares, aquele gizando movimentos ofensivos de boa qualidade, este dando um apoio efectivo á defesa.

Por outro lado, os avançados de Setubal, pondo de lado as tentativas de jogo alto, procuravam acercar-se da baliza de Vítor em movimentos largos, abrindo o jogo pelos extremos, a aproveitar a boa corrida de um (Inácio) e o excelente domínio de esférico do outro (Miguel). Sem retenções e com o esférico tanto quanto possível a rasar o terreno, o jogo dos Sadinos ganhou clareza e eficiência, aparecendo então uns tantos esquemas de bom traçado, a fazer-nos crer que a ideia da primeira parte devia ser corrigida.

* * *

A vitória dos Setubalenses apenas peca, quanto a nós, pelo excesso de golos marcados. Cremos que se o resultado final se tivesse cifrado num ponto de diferença (nos 3-2, por exemplo), ele corresponderia, realmente, ao que se passou no campo.

Os Sadinos terão pensado, quando o marcador acusava a desvantagem de duas bolas, que a derrota não era ainda inevitável, que faltava jogar outro tanto tempo, em suma, que aquilo que o Caldas havia feito na primeira parte, poderiam eles fazê-lo na segunda.

O Caldas pode lamentar-se do desamparo da sorte, e, possivelmente, de um excesso de confiança que veio a provocar confusão á medida que o adversário crescia e se adiantava no marcador. A sorte negou-se-lhe, ainda na primeira parte, num remate de Rogério que a madeira da baliza defendeu e depois, na segunda parte, no lesionamento de Romero, figura fundamental da manobra da equipa a meio-campo e por virtude do qual se verificou a primeira alteração na formação da equipa.

A desorientação veio depois e ficou expressa nas sucessivas mudanças de lugar a que os jogadores se entregaram, alguns acusando pronunciado desgaste físico. Terá ainda influido nos jogadores do Caldas o segundo golo dos visitantes—a dar o empate—obtido por Fernandes em nítida deslocação, negada pelo fiscal de linha do lado da bancada.

Aliás, o trabalho global da equipa de arbitragem, chefiada pelo sr. Abel Macedo Pires, de Lisboa, foi bastante irregular. Além da falha já assinalada, o juiz da partida teve algumas decisões desconcertantes, especialmente no que respeita a lances de choques na disputa de bolas altas.

ISAAC PAIS

A Cut ganha em Setúbal

(Continuação da página central)

antecipações bem vistas, nas quais se evidenciou meritório espírito de sacrifício.

E foi assim que, mesmo no melhor período do Barreirense, este esteve á beira de sofrer terceiro golo num remate esplêndido de Arsénio que fez vibrar os simpatizantes da C. U. F. e fez alguém, perto de nós, exclamar: — aquele está fazendo falta em Alvalade...

Não obstante a esforçada actuação dos Barreirenses, o volte-face não esteve na mente dos espectadores, tal a ineficácia dos atacantes barreirenses — quando muito o empate que não seria justo para os cufistas, merecedores até de resultado mais concludente.

O segredo da vitória cufista, para além dos considerandos a que aludimos, principalmente o do excesso de confiança do Barreirense, terá estado no magnífico sentido de entre-ajuda dos companheiros de Arsénio, na sua magnífica oportunidade de scorer *(o que sempre se lhe reconheceu) e no inexcedível labor do melhor jogador em campo — Pedro Gomes.*

Palma creditou-se também de uma excelente exibição. Está ali madeira!...

Uma má tarde todos os jogadores têm: Faia foi uma sombra do magnífico jogador que é. E com a sua menos útil exibição — isso sucede ao mais pintado — terá padecido o Barreirense.

Contingências do futebol que não poderão fazer desmerecer as esplêndidas qualidades do melhor jogador barreirense do momento. E como José Augusto e Correia se perderam em preciosismos, um dos melhores trios interiores do ataque de clubes da I Divisão falhou. Estará nisso também a justificação da derrota.

De que as duas equipas se equivaleram em esforço e vontade ninguém duvidará.

Ontem, porém, os cufistas foram superiores, senão técnica pelo menos tacticamente. E em manobra nunca foram inferiores, mesmo quando o adversário, em período de certo modo diminuto, teve ascendente.

Certa e imparcial a rabitragem do sr. António Calheiros, de Lisboa.

Uma «mão» atribuída a Carlos Silva, para grande penalidade, pareceu-nos involuntária.

ANTÓNIO DE SEQUEIRA

A vitória do Lusitano

(Continuação da página central)

A equipa eborense teve actuação de grande relevo, fazendo alarde de magnífica preparação física e manobrando no terreno com uma calma e personalidade só próprias das equipas de categoria que sabem quanto podem e quanto valem.

E o Lusitano está, na verdade, uma equipa de certa categoria que, jogo a jogo, nos afirma claramente que não é por mero acaso que ocupa um dos lugares cimeiros da tabela da classificação.

O quadro possui uma homogeneidade impressionante, manobrando todos os seus sectores em conjugação perfeitissima e desenvolvendo os seus esquemas com um á-vontade que surpreende. Por vezes, dá-nos até a sensação de que a sua toada de jogo é um pouco lenta, mas tal facto apenas nos comprova que o futebol exibido é produto, não da improvisação, mas, sim, de planos preconcebidos e que, no relvado, são executados a preceito, com cabeça.

Outra faceta que caracteriza o grupo eborense, é a extraordinária preparação física que denotam todos os seus componentes. E é interessante frisar que antes de entrarem no relvado, os eborenses — á vista do publico — disputaram um jogo de basquetebol, com a duração de 30 minutos, sob a orientação do seu já considerado técnico, o brasileiro Otto Bumbel.

Contra a forte equipa do Lusitano, o Atlético pouco pôde fazer, a não ser — e isso deve ser destacado — lutar com o maior brio e espírito desportivo, sabendo aceitar com elevada correcção a superioridade do antagonista e a sua elevada expressão em golos.

Os Lisboetas entraram no campo com o propósito firme de procurarem a vitória, jogando em toada francamente ofensiva. Isto deve ter-lhe sido fatal, pois a preocupação de atingir as redes de Vital levou-os a esquecer a marcação estreita aos homens que dirigiam a manobra da equipa eborense.

Com efeito, Vieirinha e Flora gozaram de liberdade quase absoluta que, aliás, souberam aproveitar da melhor maneira.

Se Vieirinha era o cérebro da equipa, Flora era o homem que dava sequência ás iniciativas daquele, lançando, sempre, o pânico na grande área alcantarense, pois as suas jogadas chegavam, pelo imprevisto, a desnortear a defesa adversária, impotente ainda para refrear a vivacidade e o oportunismo de um Batalha, presentemente em grande forma.

Por outro lado, Fialho era o jogador desconcertante de sempre, alternando o muito bom com o muito mau, embora, desta vez, o bom fosse em maior número do que o mau, pois dos seus pés partiram os passes que deram os dois primeiros golos conseguindo ainda em brilhante jogada pessoal, marcar o quinto golo da sua equipa.

No pouco que teve de fazer, o sector defensivo de Evora mostrou a sua segurança sendo de salientar a preocupação constante de colaborar na ofensiva, entregando a bola sempre jogável e á flor da relva.

Em resumo, diremos que o Lusitano efectuou excelente exibição que pecou apenas por os seus dianteiros ficarem a dever ainda alguns golos que a serem obtidos, dariam mais justa expressão ao marcador.

O Atlético, que vive sob o espectro de baixar á divisão secundária, não mostrou capacidade para se opôr aos lusitanistas, pujantes de força, compenetrados do seu papel.

Os Alcantarenses, acusam a demasiada veterania de alguns elementos e, denotaram insuficiente preparação física. Todos os seus componentes lutaram com entusiasmo, com todas as suas forças, mas não puderam suportar o ritmo imposto pelos adversários. Distinguimos Gonçalves, Oliveira e Correia, que demonstrou muita oportunidade ao sair das balizas para defender a pontapé jogadas de muito perigo. Esta sua decisão evitou vários golos.

Dirigiu a partida, Braga Barros, de Leiria. O seu trabalho pode considerar-se bom num jogo, aliás, fácil de dirigir pela extrema correcção com que foi disputado.

B. C.

DIA DE NATAL

Estádio de Alvalade, ás 15,30 horas

Sporting Club de Portugal

contra

First de Viena

(Campeão da Austria)

Os bilhetes aos preços do Campeonato Nacional, vendem-se na Sede do SPORTING e Agências habituais e no DOMINGO nas bilheteiras do Estádio José Alvalade

Os sócios terão entrada, mediante a apresentação do cartão de sócio, acompanhado de, pelo menos, da quota do mês de Novembro e de um bilhete especial de Esc. 10$00.

Afirmações

sensacionais de um jogo também sensacional

Isto não é bem a reportagem das cabinas após o jogo Sporting-Benfica. Não! É escusado dizer que a alegria invadiu uns e a tristeza apossou-se de outros... No futebol e em todos os desportos de competição isto é, afinal, vulgaríssimo—e só desaparecerá quando for possível (?) encontrar dois vencedores num jogo disputado por duas equipas. Claro que é impossível...

Não sendo reportagem das cabinas, «isto» não deixa, porém, de ser respigado do que nelas se passou. Os desabafos próprios dos que mais sentiram o jogo—ou pelo menos dos que mais de perto o sentiram—que damos a seguir no geito de frases autografadas:

«O Sporting teve uma oportunidade e aproveitou-a, o Benfica desperdiçou todas quantas se lhe depararam».

OTTO GLÓRIA

«O triunfo do Sporting foi a melhor prenda de Natal que me podiam ter dado».

ABEL PICABEA

«Carlos Gomes foi o principal causador da nossa derrota».

ISIDRO

«Dominámos setenta dos noventa minutos do jogo».

PASSOS

«O Sporting jogou bem, mas... ainda está longe da sua categoria».

ALFREDO

«Ainda bem que pude mostrar á torcida leonina *que valho alguma coisa».*

OSVALDINHO

«Tarde formidável a de Carlos Gomes! Aquele meu remate que o encontrou no caminho com a baliza deserta...».

SALVADOR

«Lá consegui ganhar uma vez!».

TRAVAÇOS

Pama

— uma dedicação ao serviço do Belenenses

Completa hoje quarenta e sete anos de idade e vinte ao serviço do Belenenses, o conhecido e competente massagista Pama, que tem sido uma verdadeira dedicação ao serviço das equipas de futebol do popular clube de Belém.

Por essas duas razões, um grupo de amigos de Pama oferece-lhe hoje, á tarde, um «copo de água», no decorrer do qual serão postas em relevo as suas excepcionais qualidades de homem de carácter e profissional competente e dedicado.

Pontos perdidos

no máximo possivel de 30

	Casa	Fora	Total
F. C. Porto ...	0	7	7
Benfica	2	5	7
Belenenses ...	1	8	9
Lusitano	2	8	10
Sporting	3	9	12
V. Setubal ...	5	10	15
Barreirense ...	5	10	15
Oriental	5	10	15
Académica ...	4	12	16
Torriense ...	6	11	17
C. U. F.	3	15	18
Caldas	8	12	20
Spt. Covilhã ...	9	14	23
Atlético	12	14	26

Panorama do futebol internacional

O sempre discutidoYen Amalfi regressou do Brasil e colocou-se imediatamente á disposição do Red Star, seu clube de França, agora em posição muit crítica. Os seus antigos camaradas aceitaram o reforço com certas reservas... Lembram-se que Amalfi, anteriormente, os desanimava com as suas atitudes e as suas investidas.

* * *

Continuando a sua série de contactos com equipas estrangeiras, a Russia concluiu a realização de dois sensacionais desafios com a Argentina. Um, em 9 de Julho de 1957, em Moscovo; o outro, em 16 de Novembro de 1957, em Buenos Aires.

* * *

O ultimo encontro dos oitavos de final da Taça dos Campeões Europeus será disputado no próximo dia 28, em Bucareste, entre o Dynamo e o Sofia. No desafio anterior, os Bulgaros ganharam por 8-1, o que leva a admitir a sua qualificação.

* * *

Paulo Nicolas, do comité de selecção da Federação Francesa de Futebol, declarou recentemente que, no caso da França se qualificar para a fase final do campeonato do Mundo, é de admitir a chamada de Kopa para o «team» nacional. A não ser que a sua forma baixe, o que não parece provável, ou que surja um novo Kopa em França...

* * *

Os dezasseis elémentos da equipa hungara de Juniores resolveram não voltar a Budapeste enquanto o seu país estiver sob a dominação russa. O seu treinador, Vineze, que foi 24 vezes internacional austríaco, acompanhará esta decisão. Três jogadores irão para Francfort, dois para Viena, três para a Bélgica, um para a Inglaterra. Seis ficarão em Genebra, no Servette.

* * *

A França fixou já um dos seus desafios da época internacional de 1956-1957. Será o França-Hungria, a realizar, em Budapeste, no dia 6 de Outubro de 1957.

Os Ingleses propuseram a data de 27 de Novembro.

* * *

Segundo noticia a Imprensa estrangeira, o «manager» do Manchester United, o famoso Mat Busby, chegou a acordo com o presidente do Real Madrid, para a realização, em Fevereiro ou Março, em Manchester, de um desafio nocturno entre as duas grandes equipas.

* * *

Na Argentina, o problema da arbitragem continua a ser muito delicado. A Federação resolveu manter sob contrato três dos juizes de campo ingleses que na época em curso dirigiram desafios do campeonato. São Gil Turner, Bert Cross e Robert Turner. Três valentes!

* * *

A Checoslováquia fixou já as datas dos seus desafios para o campeonato do Mundo (torneio de apuramento): 1 de Maio: Gales-Checoslováquia; 28 de Maio: Checoslováquia-Gales; 16 de Junho: Checoslováquia-Alemanha de Leste, 27 de Outubro: Alemanha do Leste-Checoslováquia.

* * *

O famoso hungaro Csibor assinou um contrato com o Roma, parecendo que a importancia das «luvas» atinge 3.500 contos. Se a F. I. F. A. mantiver o ponto de vista de que não são de abrir excepções para os magiares, Csibor só dentro de um ano poderá jogar pelo seu novo clube.

* * *

O Wolverbampton assegurou, diz-se, os serviços do jovem hungaro Kovacs, da equipa nacional de Juniores. E' um rapaz de 19 anos que pode jogar em qualquer lugar. Stan Cullis, «manager» dos Lobos está radiante, mesmo que Kovacs só esteja em condições regulamentares para alinhar daqui a um ano. Como é muito novo, pode esperar...

MENASSE
um dos melhores jogadores vienenses

OS AUSTRIACOS EM PORTUGAL

O Sporting e o First de Viena

jogam amanhã no Estádio Alvalade

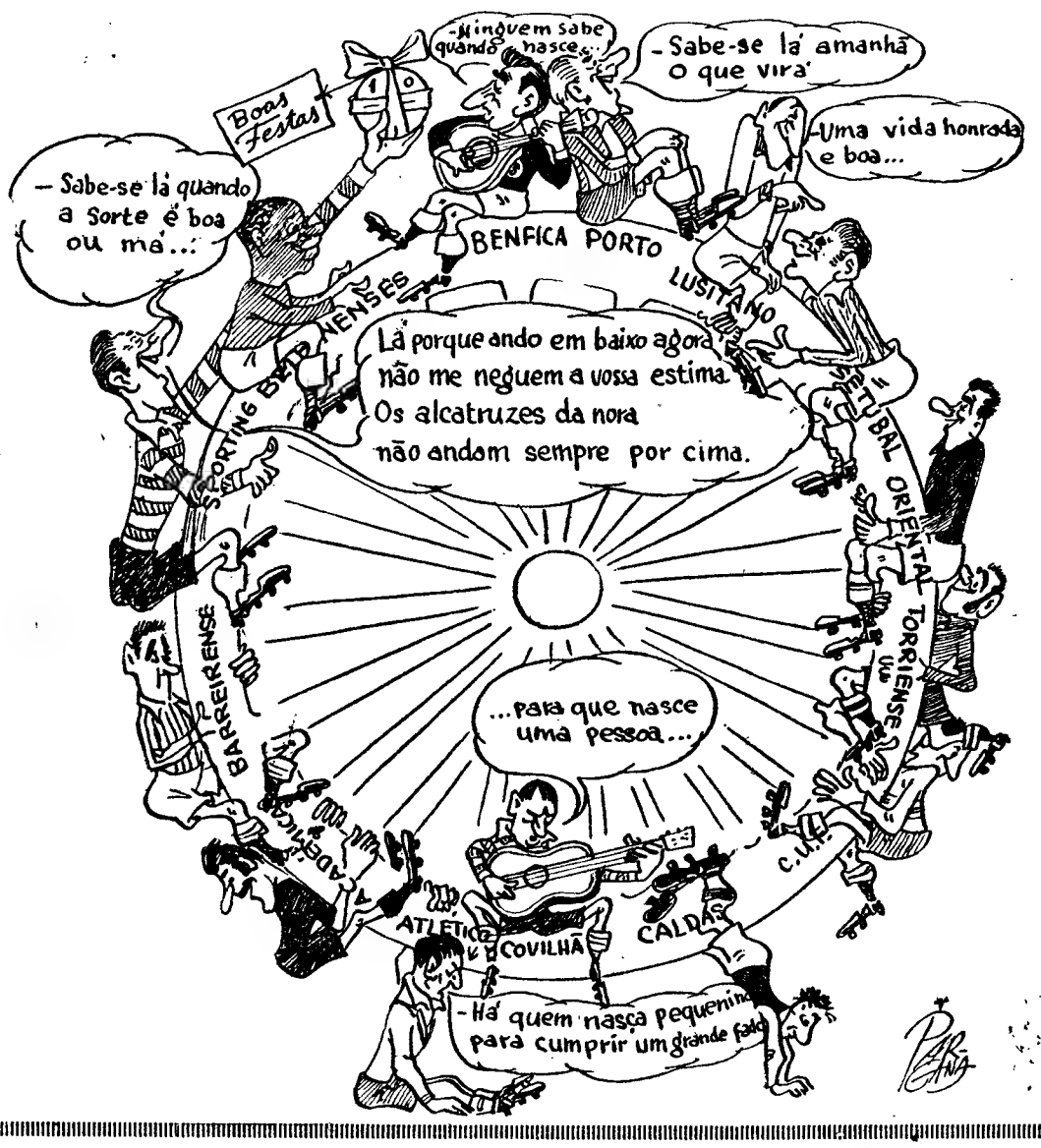
A exibição com que os «leões» conseguiram impor a primeira derrota aos «leaders» do campeonato, veio fazer incidir sobre a equipa do Sporting as atenções dos amadores de futebol e criar, para o jogo que amanhã disputam com o First de Viena, um ambiente de certa espectativa e curiosidade.

Com o seu triunfo de ontem, os jogadores do Sporting criaram a confiança que lhes faltava e mostraram que a equipa tem ainda valores capazes de jogar como nos «velhos tempos». É de crer, por isso, que o encontro da tarde do Dia de Natal, contra os austríacos do First de Viena, possa servir de *confirmação* para a subida de forma da equipa de Alvalade.

Um jogo sem a preocupação de pontos de campeonato, com uma equipa de valor há muito confirmado, deve oferecer aos amadores de bom futebol um belo espectáculo de grande interesse.

A equipa do First de Viena comanda actualmente o campeonato do seu país e isso significa que se trata de um conjunto bem preparado, pois, como se sabe, na Áustria há muitos clubes de grande categoria europeia, tais como o Rapid, Austria, Wienner, Admira, Wacker e outros, todos bem conhecidos do nosso publico, por terem já jogado em Portugal.

Tudo indica que teremos, portanto, amanhã, á tarde, um bom desafio de futebol no Estádio de Alvalade.



Yustrich

pensa voltar em 1957

BELO HORIZONTE, 24. — O conhecido treinador brasileiro Yustrich, que tanto deu que falar quando do seu afastamento da equipa do F. C. do Porto, foi convidado pelo América Mineiro para seu orientador.

Porém, Yustrich, que ainda não perdeu a esperança de voltar a exercer a sua profissão em Portugal, disse quando do convite do «América Mineiro» que «sómente em condições excepcionais poderia permanecer em Belo Horizonte, mas não acredita que o América esteja, no momento, em condições de satisfazer as suas exigências. Isto porque tem um compromisso assumido com elementos do F C. do Porto, sendo muito provável a sua volta ao futebol luso em 1957». — (Lusitania).

Futebol brasileiro

RIO DE JANEIRO, 24. — O técnico Silvio Pirilo aceitou o convite para seleccionador do grupo carioca com vista ao próximo Campeonato Brasileiro de Futebol. O seleccionador convocou já 27 jogadores para o primeiro treino que se realiza no próximo dia 27, no campo do Fluminense. A equipa carioca jogará no dia 3 de Janeiro, em Recife, e em Salvador no dia 6 do mesmo mês, ambas as partidas com caracter amistoso. Depois entrarão no campeonato jogando em Belem ou em Manaus. — (L.).

EXCURSÕES
Noite de Fim do Ano em Salvaterra no
RIBATEJANO
AGENCIA DE VIAGENS ROQUE
Telef. 28829

O SPORTING

promove amanhã duas sessões de atletismo

Em substituição do tradicional «Grande Prémio», o Sporting promove amanhã, no Estádio José Alvalade, e nos seus terrenos anexos, duas sessões de atletismo—o «Prémio do Natal» e o «Corta-Mato Popular»—devendo começar ás 9 horas. Na primeira sessão participarão alguns dos melhores valores do atletismo, em representação do Sporting, Belenenses, Centro Universitário e Casa Pia. Disputar-se-ão as seguintes provas: aspirantes —60 e 1.500 metros; principiantes —100 metros e 110 m. barreiras; juniores—1.000 metros; seniores—peso e triplo-salto, podendo nestas juntarem-se atletas da categoria de principiantes e juniores. A prova de corta-mato, na distancia de 2.000 metros, só poderão concorrer sócios e adeptos do Sporting, dos 16 aos 19 anos de idade.

Os impulsionadores

do pugilismo amador vão reunir-se num jantar

Depois de amanhã, ás 20 e 30 horas, no Parque Mayer, a Associação de Pugilismo de Lisboa realiza um jantar de confraternização, com o objectivo de nele reunir quem tem trabalhado pelo progresso da modalidade. A inscrição está aberta no restaurante Bucelas e na sede da referida Associação, Praça da Alegria, 65, 1.º.

Raguebi internacional

BORDEUS—A Austrália conseguiu ganhar á França por 10 pontos a 6, depois de ter terminado a primeira parte a perder por 4 a 2, no segundo jogo de raguebi da série que veio realizar á França.

Assim, a Austrália já averbou duas vitórias.—(A. N. I.).

CIGARRILHAS E CHARUTOS
KAREL
MAIS SUAVES E AROMATICOS

Dona Aida radiografou-se!

por

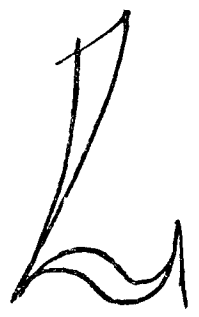
José Ferreira Monte

ANTES de principiar, meu caro, a caminho dos mares dos Açores, permite-me um ligeiro introito, um introito talvez insignificativo pelo que tem de intimo, pelo que tem de vivido por ambos, por nós, digo, pelo Pinto, pelo Carlos Mendes, enfim pelos que estiveram presentes á roda daquela mesa de taberna, na cidade da arremetida do estudante Zagalo e do David de Sousa... Desta feita, não é sem dificuldades que te declaro — como percebeste... — que sou muito dado a profundidades de alma! Certo que ela, a Dona Aida, logo que á entrada do Casino gemeu aquelas lágrimas representadas, deixou imediatamente em todos uma impressão pobre de... pobre figura de romance! O acaso quis (ah! lembras-te do asco que ela devotava a esse termo e por isso o sublinho, em vez de a outra coisa mais concreta?), no entanto, que dentro de mim ficasse mais do que um sorriso, mais do que uma rememoração... Sei lá! Por de dentro do mundo comum que, pelo menos naquela noite, a habitou, achei um pequeno interesse, aquele pequeno e veridico interesse que tem um individuo pela radiografia de um ser que desconhece — ou que ficou a conhecer precisamente no instante da... observação! Para encurtar factos —aqueles que não podem comover um

★★★★ Natal de 1956 ★★★★

★★★★★ Diario de Lisboa ★★★★★

contos



ESTA COLECÇÃO DE CONTOS FOI ORGANIZADA E PUBLICADA COMO BRINDE DE NATAL AOS LEITORES DO «DIARIO DE LISBOA», E INCLUIDA COMO PARTE INTEGRANTE DO N.º 12.232, QUE SE PUBLICOU COM UM TOTAL DE 60 PAGINAS, AOS 24 DE DEZEMBRO DO ANO DE 1956

possível leitor fora da história —, sou em dizer-te que a nossa Dona Aida está cheia de lesões internas, com cavernas e bacilos, tudo de se lhe tirar o chapeu... É sociológicamente — agora ri-me porque ia a afirmar clinicamente... *— um caso perdido! Perdido? Sim, meu caro, basta que te avive aquela anemia psicológica, aquela tendência megalómana, aqueles resquícios para a efabulação, aquele jogar de gestos e de esgares, tudo cortina de fumo nas mentiras sem escrupulos! Sim, sim, meu caro, é um caso perdido! Mas como prometi, com o mar nos ouvidos e nevoeiro entranhado nos ossos, naquela madrugada de Agosto cheia de acinte burguês, aqui estou a cumprir! E nós, os que escrevemos, nem sempre temos a humanidade silenciosa no coração: trocamo-la e misturamo-la sem pudor com as palavras que saem da boca, nada mais! Somos uns biltres, atrelamos á máquina de outrem até a chegarmos a... conduzir! Conquistamos sem sequer travar combate: — persute-se primeiro, e a laçada atingira o objectivo!... A vitima pode ir em verdade para casa, sózinha, — para palácio ou choupana —, mas, nós, no regresso, é que já a rojamos pelo solo, qual cão de chagas, ou a visionamos nos ares, a modos fada ou astro de olho! Somos assim. Pelo menos até um dia!)*

A Dona Aida

(Que queres amigo!? Palavra, palavra de honra que me custa deveras falar da... — Vi agora os seus lábios a proferir:

— Eu... Eu... sou muito amiga... Sou muito amiga de todos!

E apontava um a um:

— Daquele... Daquele... Daquele... Deste (e abraçava o que lhe estava mais perto, o Daniel...) nem se fala...

Depois erguia a mão copiosa de argolas caidas dos braços e afirmava em tom exaltado:

— Não, não, não há acaso!

E, se quiseres fazer um esforço, breve que seja, recordar-te-ás como procurou filosofar em redor da palavra, de tal modo que me fez vir á ideia um conto do meu camarada Virgilio Ferreira, onde o tema era, em vez do acaso, inóquo, inoque, *depois das voltas que ousou dar-lhe uma das personagens, se bem me lembro.*

Não quero destacar, pois és capaz de me insultar de pulha, os olhos que lançou para os camarões que pespegaram tarde e a más horas (á espera que ela partisse, que ela se ausentasse, como todos secretamente desejavam...) em cima da mesa ensebada e velha... Não, não vale a pena... Não vale a pena pôr a nu a arte mesquinha de que se serviu para justificar tanto brilhante ao lado de uma camisola crivada de manchas... Anda, recorda-te. Ouço, precisa, distinta, a frase concordante do Miranda a esmagá-la, a cair implacável, como um abutre:

— Todos nós já tinhamos reparado nisso, Dona Aida!

E ela respondeu, dando um safanão no Daniel que já dormia de bêbado, exigindo, com o intuito de nos fazer chegar ás mentes o problema: objecto que leva coisas dentro é igual a possui-las:

— Bijou, *vê se a mala...*

E assim por diante...

Não, meu caro, eu postilava quando te declarei que...

A Dona Aida

...É uma destas mulheres que surgem em todas as novelas e romances, em todas as cidades e paises (?), e que os escritores *temperam* a seu belo gosto e necessidade... Todas as facetas literárias se consideram a

---

✱ DONA AIDA RADIOGRAFOU-SE
por *JOSÉ FERREIRA MONTE*

É religião. É Fé. É o que contém o drama de viver neste mundo. O mais é fantasia da imaginação e nada mais falho de verdade do que a imaginação pura. Só as crianças aceitarão isso. Essa experiência dramática dá-me maior confiança em mim e nos homens. Sabe o que é a Paz? As ondas continuam dentro de mim e eu sinto a quietude da natureza que me rodeou, a placidez das águas e até nos troncos hirtos e nus das árvores. Não tem medo dos silencios que o rodeiam? Não distingue os passos dos outros? Não ouve as vozes dos outros? O diamante corta o vidro — mas onde está o seu diamante, meu caro, você que parece vidro resistente como aço?

— Para que o pudor falso de dizer a Verdade? Digamo-la, agora, antes que seja tarde. Sejamos dóceis a Deus, como a natureza o é; como o são as árvores e os ribeiros, as aves e os frutos. Não tenhamos o pudor de nos darmos. Sejamos as amoras da vida, para cada um dos nossos semelhantes o sejamos aquela palmeira que se descarna para dar fruto, como a água que corre para nós a bebermos. Nus, dóceis, simples e humildes!

— Pede o impossível! Os homens não são assim — nem os homens nem os povos! Somos inimigos uns dos outros. A sua experiência — é a sua experiência e não a dos demais. O que você sentiu não o sentem os outros. É tudo uma questão de merecianos. Você «VIU» o coração? Os médicos também o vêem... E depois?

— São as surpresas da vida que nos atiram ora para o Bem ora para o Mal. Eu sinto que as injustiças com que se terem, por vezes, são benefícios que me fazem. Talvez Maurice tenha razão. Quantas vidas não se perdem ingloriamente só pela incompreensão? Quantas vezes um gesto de ternura, uma palavra compreensiva não poderão salvar uma alma? Quantas vezes bastaria uma palavra para aproximar duas almas?

— Está a pensar? Não pense! — Outra vez o meu companheiro de viagem. Não pense em contrariedades. Há coisas piores neste Mundo. Talvez a ignorancia, a inconsciência...

— Sabe? Eu quero antes as histórias maravilhosas de Disney e de Wilde. Não quero pensar no coração que o senhor VIU nas mãos dos homens... Isso será com os médicos...

— Eu sei, sei bem o que isso é! Sabe-lo-á um dia, sabe-lo-ão um dia todos os homens. Só agora comecei a ver todos os promontórios, todos os cabos e a foz do Rio Infinito — e só agora, eu que sou filho de todos os mares. Não vos chegou ainda o momento de sentirdes pena de vós proprios. Não sabeis ainda o que é sentir a Fome da Graça. Mas também está enganado. Prefira as histórias de Disney e de Wilde — mas veja se consegue ser como as crianças. Só assim compreenderá o maravilhoso da inocência, da simplicidade, da humildade, essa magnífica trilogia da coração humano. Foi esta a minha experiência. Com ela penetrei na trilogia e com esta me achei a caminho da Graça. A Graça é Deus. Os homens preciam de Deus. Sem Deus o coração não existe — nem mesmo nas mãos maravilhosas de qualquer médico.

E fechou-se e desapareceu depois de desembarcar em Lisboa. Não voltei a ver o meu companheiro de viagem: talvez até não o reconhecera se o vir. Mas ao recordar o nosso diálogo sinto que lhe presto homenagem, pelo menos á sua Sinceridade, numa época em que as palavras verdadeiras morrem nos lábios dos homens e são substituidas por outras «verdades», que se não dizem...

obsessão, o mesmo ardor. Em duas almas diferentes, o amor, quando existe, desencontra-se. Esse ponto de união, que não chegou a vir, teria sido a solução para tudo.

*

Não quero recordar o que se passou depois. Só verdadeiramente me dei conta da situação quando pude olhar, como o faço agora, para estas mãos que seguram as grades de mansinho, as acariciam lentamente, até as apertar com força, cada vez com mais força, com mais força ainda...

preceito na indumentária leprosa que as veste — alma de duqueza ou de criada a dias, paisagem que se compõe tanto de sol radioso como de lodo atolante...

Naquela noite...

Tem paciência... Desculpa... Recuso-me a prosseguir!

Tu deves ir agora num sumptuoso beliche de 1.ª, como engenheiro que és, quem se sabe se dado, por associação de ideias, ás viagens do dr. Bombarda, ou coisa que o valha; e eu, simplesmente por tolo capricho, por escravo de um compromisso a saber a vinho tinto, trituro o estro e a estima que me devo, com uma farsa supinamente chata que me deparou o acaso... Pronto, ouve-la? Ouve-la? Aí a tens, de novo, manhosa e ingénua, ao mesmo tempo manhosa e ingénua, disserlando: «...Não, não, não há acaso!» *E sibilina:— «Este copo não é por* acaso *que é copo...»*

«Eu não estou junto de vós por acaso...». *E lembras-te o que retorquiu ao ronronar do Pinto, que disse: «A quem o dizes, pomba...» Lembras-te? Apenas isto: «—Você não está a antipatizar comigo por* acaso!» *Ergueu a voz e peremptóriamente afiançou a seguir: «...Escutem: o* acaso *aqui é diferente!»*

Eu suava. Todos suavam. Instantes depois como um réptil e por endossamento malévolo, calculista, do Daniel, havia já passado para o teu lugar, para perto de ti, para ser mais preciso. E foi quando pediu branco gelado — gelado, gelado como o belo champanhe, que era no que pensava, sabes? — que o tinto pesava-lhe no estômago e decerto na cabeça!

Cá na minha, o ultimato feito pelo Pinto caira! Caira com o imprevisto de uma Dona Aida, que rompera de Lisboa e se apossara do nosso campo entrincheirado, talvez com laivos de pára-quedista, destemida e heroica — na ideia com o desenho antecipado do terreno da possível batalha... E tanto desta forma que a sua voz decidiu queimar mais aquele cartucho... aquele cartucho de que não andava usualmente a pé!

— Que julgam?! Eu sei guiar!

O que provocou da parte do Miranda o trocadilho gracioso:

— Minha senhora guiar... *na nossa terra... só conhecemos o da* Beira!

E ela fez não sentir o ridículo cerceando-a, e correu pelos nossos olhos o livrete de condução, tendo dito antes já com o peito por sobre um dos teus braços:

— Vejam!

Confesso que ao chegar a minha vez, reconheci que toda a curiosidade seria reles — uma questão de feitio — e coloquei os sentidos todos os sentidos... — na fotografia e não contive, após, mais o silêncio e rompi em lisonja, com mescla de imfortunio:

— Está muito bem...

Oportunista, aproveitando a deixa, decidiu mudar a cena! E que horrivel... Que cena horrivel... Apre! Vai para o diabo, pois tenho a certeza que esqueceste tudo, tudo...

...Naquela noite ela resolveu tirar um desforço com a vida causticante da capital. Muniu-se de todo o ornamente capaz para aventuras exteriores, vingativa, apocalítica...

Bom, amigo: não tens que puxar pela memória! De resto tudo se liquidou no segundo macabro — macabro, sim, macabro sem mortes, mas pela tristeza, pelo despautérico do acto... —, naquele segundo dolorido em que se ergueu como um moribundo para a frase ultima, derradeira, e adejou entre os odores alcoólicos e as moscas volteando entontecidas no fumo dos cigarros, os retratos dos filhos! Dos dois filhos! Um casal!

7 contos

* CHICO CHINÓ
por *ANTUNES DA SILVA* — pág. 4

* CALEIDOSCÓPIO
por *BOTELHO DA SILVA* — pág. 12

* CINQUENTA E SEIS DIAS
por *F. BORGES DE SOUSA* — pág. 18

* DONA AIDA RADIOGRAFOU-SE
por *JOSÉ FERREIRA MONTE* — pág. 24

* TRAPEIRAS
por *LENA RODRIGUES* — pág. 30

* A AVÓ CANDIDA
por *MARIA JUDITH DE CARVALHO* — pág. 36

* O HOMEM QUE ENVELHECEU NUMA HORA
por *MARQUES GASTÃO* — pág. 42

vras da Palavra e a Palavra é Deus e Deus é Aquilo que faz jorrar o Sangue — o Sangue que é a sua Divindade, no sacrifício e na Dor com que se deu por nós, como nós homens, nos havemos de Dar por Ele.

Deus meu! A revelação talvez estivesse próxima e o jornalista, com aquela Voz a dominá-lo, propunha-se dos grandes criadores, dos músicos e dos pintores, dos escultores e dos poetas. Lembrei-me de «Europa, filha de Agenor, Rei da Síria» e todas as presenças de «uma viagem mal dormida» me encheram a alma. Os que criaram e foram criados, esculpidos também, cada qual com a sua missão, compreendidos ou não, desbaratados ou não.

— Sei o que está a pensar! (outra vez, de novo a voz!) O Mundo é criação permanente e desbarato consequente e o homem está entre aquela e este e no meio está Deus. É isto o que importa. Servir os homens em Deus ou Deus nos Homens?

— E a humildade afirmada e mantida? Também não é o que importa?

— Também, de certo modo. Estamos, numa anfora, suspensos no Espaço. O Mundo deu uma volta dentro do homem e é preciso sentir e ver quando a anfora se enche ou esvazia para a encher ou esvasiar de novo. Entende?

— Viu? — De novo a voz do escritor irancês. Encarei-o, mal. Sentia-me perturbado com as intromissões doentias do meu caro companheiro de viagem. O mistério persistia, a milhares de metros de altitude, depois de curtas horas nas Bermudas.

— Vi?

— Sim. Viu e sentiu a beleza e a frescura da Natureza, que nos sacode, por momentos, mas sem nos destruir. O que me dói não é a frescura nem a beleza — mas o que ela revela a um homem que envelheceu numa hora, já com cabelos brancos e com uma experiência até há pouco infantil em relação à vida e aos homens! Mais nada...

— Mais nada?

— Sim, mais nada! Que importam agora todas as ilhas, se o que importa são os náufragos dessas ilhas e que são os nossos corações sem intangibilidade, carne nas mãos humanas, palpáveis como os seios arfantes de uma mulher ou como a polpa sedosa de um pêssego? É isto o que eu sinto, é este o meu drama, sabe? Um drama de mistério, de incompreensão, de sangue e de carne e de espírito e de alma. O drama de ter visto, numa hora, o Coração nas mãos do homem, aberto pelas mãos do Homem!

Eis a verdade! E fechei-me por dentro. Aquele homem estava a exagerar, doentiamente, o valor da ciência perante Deus ou a negar Deus diante do valor miraculoso da Ciência. Fixei os olhos na imensidade do Mar e procurei atentar na beleza da sua cor, na serenidade das suas águas ou até na sua revolta; procurei abarcar o verde da vegetação que se distinguia ao longe. E senti-me outro também. Outro homem, com outra sensibilidade, como se fosse um homem novo, também alterado, depois de desbaratado, em todas as minhas dimensões.

— Para quê comodidades? Para quê o conforto? Para que o gosto voluntário e a ideia premeditada? Para que tincar os pés nos tais «actos gratuitos»? A vida não se vive de graça. Vive-se a peso de todos os oiros — que não os oiros deste mundo.

— Deixemo-nos de especulações dramáticas. O meu caro assistiu a um acto vulgar da Ciência, pelas mãos do Homem. Actos mecanicos, mais nada. Sujeitos a erros e a desvios...

— Nisso está o seu erro. O drama não é especulação. É só drama.

Radiografara-se com raiva, como te afirmei á saida!
Inegável que fazia uma galopante! Subita, a hemoptise corroborá-ra-a! Caso perdido?... Vaticinio justo.
No restante, acredita-me, finar-se-ia a literatura...
E nem mesmo sei se a comprometi desta feita...
O que não tem remédio remediado está! Boa viagem e... até um dia!

Não me tornarei melhor nem pior. Continuarei como antigamente, como antigamente...

*

Naquela tarde em que nos encontrávamos estendidos na praia, ouvindo o marulhar das ondas e parecendo querer entender a sua agitação, só houve uma pessoa que pôde considerar-se culpada: ela!

— Repara naquele barco! Como as suas velas parecem erguidas para o céu! — dissera eu quase num murmurio.

Ela respondeu-me com um leve agitar de cabeça, que traduziu bem a sua impaciência e desinteresse. Calei-me, e assim fiquei durante aquele breve resto de tarde. Mergulhados no silêncio e entregues aos nossos próprios pensamentos pareciamos dois entes que o destino caprichara em separar. Depois, como se qualquer coisa tivesse querido aproximar-nos, começámos a falar de coisas vagas, sem sentido. Até que ela me olhou um instante e exclamou:

— A tua vida já me não pertence. Deixei tudo para trás. Fiz de ti aquilo que eu sempre quis que tivesses sido: o meu sónho, o fulcro de uma vida vazia até então. Conheci a derrota moral, conheci as quebras que um corpo pode ter, sem imaginar uma vida como a tua, que me desse a felicidade por que eu ansiava e chorava. A's vezes, nesta mesma praia, enquanto ouvia as ondas e olhava o céu puro, pensava para mim que um dia a felicidade viria, mas não como qualquer outra. Não. Eu exigia mais da vida. Queria a agitação febril que a tua presença me deu, o alvoroço que não me deixasse repousar, queria sentir, até, a incerteza que nos desespera, mas que nos faz bem ao mesmo tempo. Tudo isso eu desejava do fundo da minha alma. Tudo isso eu tive. E posso dizer-te que nunca, até hoje, eu soube compreender o que um peito sofre ou uma alma geme. Foste tu, sim, que me fizeste sentir os mistérios do amor, daquela intranquilidade constante em que vivi. Quantas vezes eu bendisse a hora em que, juntos, trocámos as primeiras confidências, em murmurios débeis, como se as nossas próprias bocas tivessem vergonha do que proclamavam! Quantas vezes na escuridão do meu ser se fez luz, a luz de uma esperança até então nas trevas! Oh, como eu me senti feliz! Agradeço-te infinitamente o bem que me fizeste. Eu não queria tanto, eu não devia ter querido tanto! Não faz mal. Tudo o que me deste, tudo o que sofri por ti guardo-o bem dentro de mim para que ainda me fique a vontade de tornar a sofrer, de tornar a sofrer as mesmas amarguras. Porque é bom sofrer. Ao sofrimento de uma hora ou de um dia seguem-se horas de infinita alegria. E, ás vezes, estas não têm para nós o saboroso aroma que nos pode dar a tortura de uma incerteza ou de uma palavra que nos faça sentir mais profundamente a nossa pequenez. Eu fui pequena para ti; não soube compreender a tua alma inquieta, febril, louca. Devia tentar compreender que uma mulher, quando ama, como eu te amei, deixa de ser ela, para passar a ser ele. Mas não pude, não fui capaz. Houve qualquer coisa de mais forte que fez com que não visse o caminho recto, o procedimento honesto, a linha direita a seguir. Eu tentei tudo... Perdoas-me, sim? Eu tentei tudo, acredita!

Não senti coragem para lhe responder. Aquelas palavras fizeram-me ver toda uma verdade que a mim próprio me custava a aceitar. Ela não me tinha amor e considerava isso como um imperativo da consciência. Eu, apesar de tudo, tinha por ela a mesma loucura consciente, a mesma

Chico Chinó

por

Antunes da Silva

A INDA não viram as olaias da vila a tremer de frio? Então, voltem-se para o fim do Largo, e reparem bem: as olaias tremem de frio e o Sol, ao rebentar do meio-dia, consegue furar aquele mundo cinzento de nuvens e aquecer a alma dos rapazes que brincam, à espera de qualquer notícia dos barcos.

«Nesta cerração nem se vê um palmo á frente do nariz!»—gritou Cristóvo, ainda estremunhado.

Era domingo e, como de costume, o Largo estava cheio de pessoal. Os barcos chegavam à noitinha, ai pelas sete horas. Assim o dissera Chico Chinó. Dat-á dois dias, o mais tardar, um velho de óculos e um calado, vestido de bombeiro, desembarcava com os brinquedos.

«O' Chico Chinó, ràs-te-parta, mas olha lá que o Pai-Natal antigamente não usava óculos e nan tinha calado!».

«Ora aí está uma coisa que é a pura da verdade, Cristóvo. Mas isso era dantes. Agora, o velhinho tem falta de vista e padece do reumático, como a minha avó. Nan é nada para admirar, porque uma pessoa com a idade de oitenta anos já nan é nenhuma criança. O saco que ele há-de trazer. só queria que vissem, é de plástico azul, muito azul, carregado de estrelas!».

Os moços rebolavam-se de contentamento.

«Nós queremos ver os barcos!...».

«Qual! Nan se pode, pazes. O mar tá bravo. E' proibido ver os barcos!...».

— Doente, talvez? — esboçámos a pergunta, a medo. O mistério persistia. Aquelas palavras continham algumas verdades, mas por entre elas havia um mistério — a substancia que as provocara.

— Doente? Talvez os homens chamem a isto uma espécie de doença: a perseguição e o amor da verdade, a nossa e a dos demais. Se eu pudesse gritar! Se eu pudesse viver! Mas o que é o grito e o que é a Vida? E vale a pena gritar e viver como se grita e como se vive nos nossos dias?

— Não sei! — respondi, encarando o meu companheiro de viagem. Por instantes, um sorriso aflorou aos meus lábios. O avião aproxima-se de Hamilton e ouvem-se os grithos de contentamento das raparigas americanas, que fumam, nervosamente, cigarro após cigarro.

— Repare. Eu não sei quem o senhor é. E não importa. Na nossa época não nos conhecemos uns aos outros, mesmo que saibamos os nossos nomes e até vivamos em comum, parentes com parentes. Somos quase sempre uns desconhecidos, até para os nossos. Ou não somos? Não importa. O que quero dizer-lhe é isto: todas as valdades se diluiram em mim e todas as rectificações se forjaram já. Não é necessário mais ter pressa de viver ou de morrer nem de interrogar o destino, porque a Deus nada se interroga. Agora é só fazer a preço, o rosário entre os dedos, os olhos semi-cerrados ou abertos, fixos no Calvário — a Cruz é a Vida que vivemos.

— E a alegria? E a juventude? E os sonhos e as lutas?

— Tudo cabe na Cruz!

A conversação foi interrompida pela simpática hospedeira, que nos serviu o almoço. A voz do homem que envelheceu numa hora ouviu-se de novo, a recordar Marselha. E o jornalista interrogou-se: não será a vida apenas uma enorme colecção de hábitos? O Amor e o Sonho não serão hábitos? Hábitos não serão as nossas preferências e as nossas leituras? E também será um hábito a nossa fé? E o amor dos nossos filhos, das nossas mulheres e de nossas mães? E a amizade dos amigos e pelos amigos? Impossível. Aquele homem estava enganado. Dissemo-lo, com certa aspereza e de novo aquela voz se ouviu, apesar de tudo vibrante.

— Não, não é impossível. Há dentro de nós uma antora que se encha e esvazia. Talvez um pouco o arranha-ceus, frio, mudo, duro, inesperado, mas que contem lá dentro homens, mulheres, crianças, seres vivos e seres mortos, tudo o que vive ou se faze viver, em cada andar, em cada degrau, em cada janela, em cada quarto, em cada escritório, em cada elevador... E nós, homens, somos assim... Pretendemos a Deus, de alto a baixo, por dentro e por fora; e, por dentro do nosso «arranha-ceus» — que é o nosso corpo, meu caro! — é que existe tudo, ouviu? Tudo!

E isto o que eu sei! O que eu sei desde Boston! Que eu SEI por ter perdido o valor do exterior do «Arranha-Ceus»!

O jornalista já quase não podia com aquela «tirada» violenta do companheiro de viagem. E os olhos fixaram-se na capa de um livro de Maurlac e a figura desse homem perseguido — herói não menos estranho do escritor francês —, desse homem de vingancas malogradas, regressou a meus olhos naquele passageiro desconhecido que se abrira — mas não completamente ainda. Havia mais vincos no seu rosto. O fio suspenso a vida nas alturas dentro do avião que continuava a viagem depois de deixar aquele grupo de rapariga nas Bermudas. O Sonho a dar-se e aquela voz medonha a ouvir-se, de novo.

— Nós somos como um livro deixado esquecido numa prateleira, largos anos abandonado, até ao dia em que o folheamos e lhe descobrimos a substancia nas palavras armadas gramaticalmente. Mas que lhe interessa mais, meu caro? As palavras ou a Palavra? Nós, homens, somos palavras!

as dos outros! Eu senti, durante muito tempo, aquilo que ela, afinal, não tinha consigo. E porquê negá-lo? Foi uma das suas atitudes, uma das suas loucuras que produziu a minha. Para quê deixar de o confessar? A unica culpada de eu ter estado aqui todo este tempo foi ela. E no entanto, foi a mim que o juri condenou.

— Quinze anos!

A frase soou-me brutal, seca, mas não reagi. Nem podia, mesmo se quisesse. O coração de um homem deixa, ás vezes, de bater. Nesse momento, fiquei paralisado. Só pude, furtivamente, olhar a expressão dura e implacável dos juizes. Olhá-lhos de frente seria impossível, impiedoso. Ouvi a sentença com a fria indiferença com que tenho ouvido as outras da minha existência. A vida é um tribunal. Cada um de nós é reu de qualquer crime. Acontece, apenas, que, muitas vezes, a absolvição cede lugar ao castigo.

Quinze anos á cumprir. Cumprir o quê? Penitência de quê? Deus é o melhor julgador dos homens! Era Deus que eu tinha querido como juiz. A sua justiça seria diferente. Mais ninguém devia julgar o meu caso. Estranha coisa a justiça! E o meu drama teve quinze anos para ser meditado, resolvido, analisado até á minucia. O meu caso merecia ter sido desvendado. Há coisas na vida de um homem que não podem ser resolvidas com quinze anos de prisão maior celular.

*

Agora estou aqui. Tenho como companheiras de todas as horas as grades nuas e frias: toco-lhes, acaricio-as e elas parecem querer compreender a minha linguagem, a linguagem das minhas mãos. Elas conhecem melhor do que ninguém os horizontes cerrados da minha alma, tudo quanto o meu cérebro anseia por desabafar e o que os meus lábios gostariam de pronunciar, sem, no entanto, serem capazes de o fazer. A principio, foi como num sonho, como num horrivel pesadelo de que acordamos esgotados, vencidos. Mas habituei-me a sofrer dentro destas quatro paredes. Lá fora seria diferente. Aqui, sofre-se melhor. Sofre-se sem a consolação de uma palavra amiga, sem um queixume, sem a secreta esperança de que alguém possa compartilhar a nossa dor. Sofre-se o verdadeiro sofrimento. Só as grades nuas e frias são testemunhas. E estas testemunhas não falam nem alteram a verdade. São frias no seu julgamento e olham-me como a um ser estranho, espiando-me as passadas, prescrutando-me o olhar.

Tenho de agradecer ás grades o carinho que têm demonstrado por mim. Nem um lamento, nem uma suplica ou um olhar menos compadecido.

Estou certo de que estes cinquenta e seis dias vão ser os mais felizes da minha vida. Tive muito tempo para viver uma existência de que eu próprio me não dava conta. Vai saber-me bem regressar e sentir aquilo que nunca senti: a alegria de viver! Quando sair, deitarei um ultimo olhar á minha cela e chorarei. Não quero ter, no ultimo momento, uma atitude fria, de desprendimento. Chorarei. De alegria, de tristeza, de nostalgia, de qualquer coisa. Mas chorarei. Quero ser a mesma pessoa que sempre tinha sido. Os meus defeitos e qualidades serão os mesmos.

* TRAPEIRAS

por *LENA RODRIGUES*

Boston e Lisboa, esse homem desconhecido: figura franzina de homem, magro e ossudo, cabelos negros mesclados de fios prateados, olhos igualmente negros, voz roquenha, mãos e dedos afilados, homem de muitas ânsias, de muitos ódios, de muitas concentrações, de demasiados recalcamentos: numa época terrivel em que a necessidade de dizer a Verdade — que não pode ser dita! — arrasta o homem para dentro de si, em enstinamentos que o anulam, que o esmagam, que o deformam...

O jornalista, que não é um homem de negócios nem um gozador da vida, observava. Entre Boston e Lisboa houve tempo para observar aquele conjunto de lindas rapáriigas que iam gozar a vida nas Bermudas. Aquele sádio optimismo expresso nos olhos e nos sorrisos dessas rapárigas tornou-se contagioso — menos para o meu companheiro de viagem, que parecia — ou pareceu só até dado momento — um homem fora da vida. O jornalista, de cigarro entre os dedos, olhou esse homem estranho e os olhos encontraram-se. A palidez do seu rosto, o nervosismo das suas mãos, e sobretudo aquela luz confusa nos seus olhos... e o jornalista não resistiu, tentado pelo mistério. Aquele homem não falara ainda e era preciso que falasse. A tentação do mistério, a atracção da personalidade, talvez. Um drama? Uma trágica existência dentro daquele avião que nos transportava para Lisboa? E sentia que esse homem teria de falar — descobria-lhe nos olhos a pressão interior, diante dos risos frescos e saudáveis daquelas rapárigas americanas.

— Como é possivel isto? — Era a voz esperada. A primeira interrogação, o inicio, talvez.

— Isto, o que? — interroguei também, habilmente, fingindo não entender, embora continuasse a perguntar a mim próprio quem era esse homem estranho que viajava a meu lado.

— Aqueles risos, aquela indiferença perante a vida. Como é possivel que estas dezenas de passageiros, felizes, sorridentes, faladores, cada qual á sua maneira, constituam um problema, que eles próprios desconhecem? Como é possivel que este grupo formoso de rapárigas, que vão divertir-se nas Bermudas, nos campos e nas praias, não sinta que a Vida, na sua efemeridade, lhes não dá também senão um aspecto, esquecido minuto a minuto, dessa mesma vida?

— Mas é natural! É a juventude, com o seu direito á vida! A alegria de viver, de sonhar! Já bastam as tropelias dos homens que se enganam a si proprios e se traem uns aos outros por qualquer prato de lentilhas! — respondi, com certa vibração

— Sim, talvez tenha razão! Mas é um direito mesclado de certa inconsciencia. Ou não será? Veja: tinha aqui a meu lado. Flaubert, o belo estilista francês. Fechei aquelas páginas! Não estamos em época de concentrações, que estas acabam por ser devoradas por esse chamado direito á vida. Envelheci! Aquele Outro que há em mim já se domina em sensibilidade, a cabeça mais forte, porque a certeza se robusteceu. Vamos a milhares de metros de altitude, entre os abismos do mar e os lucelros do Céu... pois sinto-me como que no solo. Em dado momento deixei mesmo de ouvir tudo o que nos rodeia e até a mim próprio deixei de me ouvir. Senti-me como que uma síntese da confusão de vozes de todos estes passageiros que falam línguas diversas e o silêncio que me envolvia, por dentro. Mas sabe? Era um silêncio que falava na minha cabeça. E o que arde agora em mim...

(Chamava-se François M. Escritor. Casado e com filhos. Regressava da América a caminho de Marselha. Teria, quando muito, 40 anos, mas parecia muito mais velho. Andara pelo Mundo e conhecia o Mundo e os homens).

Manel Zé coça uma ferida dum joelho e olha os pais, feito paspalho. Por ele acima sobe uma vontade danada de lhes perguntar se sabiam, efectivamente, que um vapor do tamanho duma casa, estava chegando... Mas Chico Chinó avisara, muito amigo, muito autoritário também, com o dedo indicador no nariz rebiteso, num mistério tão grande, que os outros ficaram logo unidos na tramóia:

«Isto nan é nenhuma conversa fiada! A gente o que sabe nan diz nada a ninguém! Valeu ?».

«Valeu, pois!».

«Juram ?».

«Juramos!».

Mexeram nas blusas, a atiçar pensamentos, os dedos engadanhados. Puxaram os bonés mais para as orelhas, que o taró era uma coisa desconforme, a zunir, zzzzz, como se viesse do Céu escuro e minasse de lágrimas paradas os olhos deles todos.

Chico Chinó tirou da algibeira meia duzia de castanhas assadas e distribuiu-as pelo grupo. «Tomem!». Deu-as todas. Só ficou com uma para si. Seguidamente, pôs as mãos friorentas junto dos lábios e deu em aquecê-las com o bafo: «Chiça, está um frio de rachar, hem!».

Os ourtos rapazes puseram-se a sorrir e disseram: «Pois está!...».

E o malvado do vento? Vinha a correr pelo Largo, o gatuno, e nem deixava que o companheiro contasse a história mais bem contada.

Manel Zé, com olhos de pássaro, inquieto, arrebentou para a malta:

«Ih! Tantas estrelas que havia ontem, nan viram? Aquilo é que era uma fartura de as, caramba! Se a gente pudesse agarrava meia duzia, duas ou três que fossem. Havia de ser giro, elas a saltarem nas mãos duma pessoa. Eh Chico Chinó, a gente, se pudesse, com as fisgas e uns [illegible] novos, logo á noitinha, sempre experimentávamos, iamos á caça delas!...».

«Tás maluco!» disse Cristovo assoando o ranho á manga da blusa.

Manel Zé enterra ainda mais a boina na cabeça e incita o companheiro: «Eh Chico Chinó, já que sabes muito, conta lá aquela história do Mar!».

«Quem, eu ?».

«Sim, tu e depois ?».

«Aí querem conversa»—e Chico Chinó esfrega as mãos, sorve o pingo do nariz, arremeda o vento, uh! uh! uh! e o frio, brr, brr, brr, e depois conta:

«O mar é tal e qual o nosso Largo, pazes. Isso é. Anda uma pessoa nos barcos e só vê estrelinhas de todo o tamanho, muito maiores do que as de ontem. Que pensam? Diz a minha avó que o meu pai foi marinheiro e contava os contos mais lindos que há!».

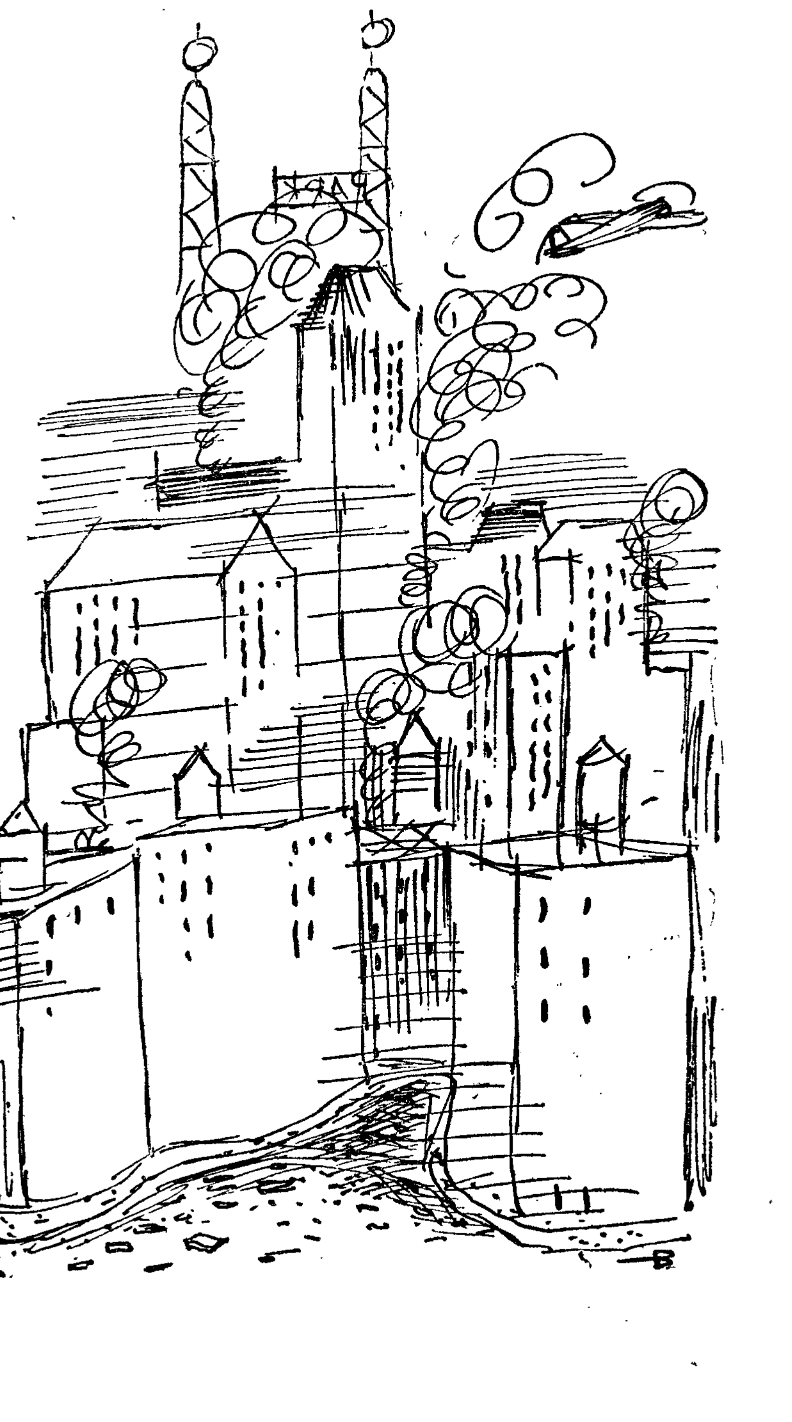
O grupo juntou-se e um deles desabafou:

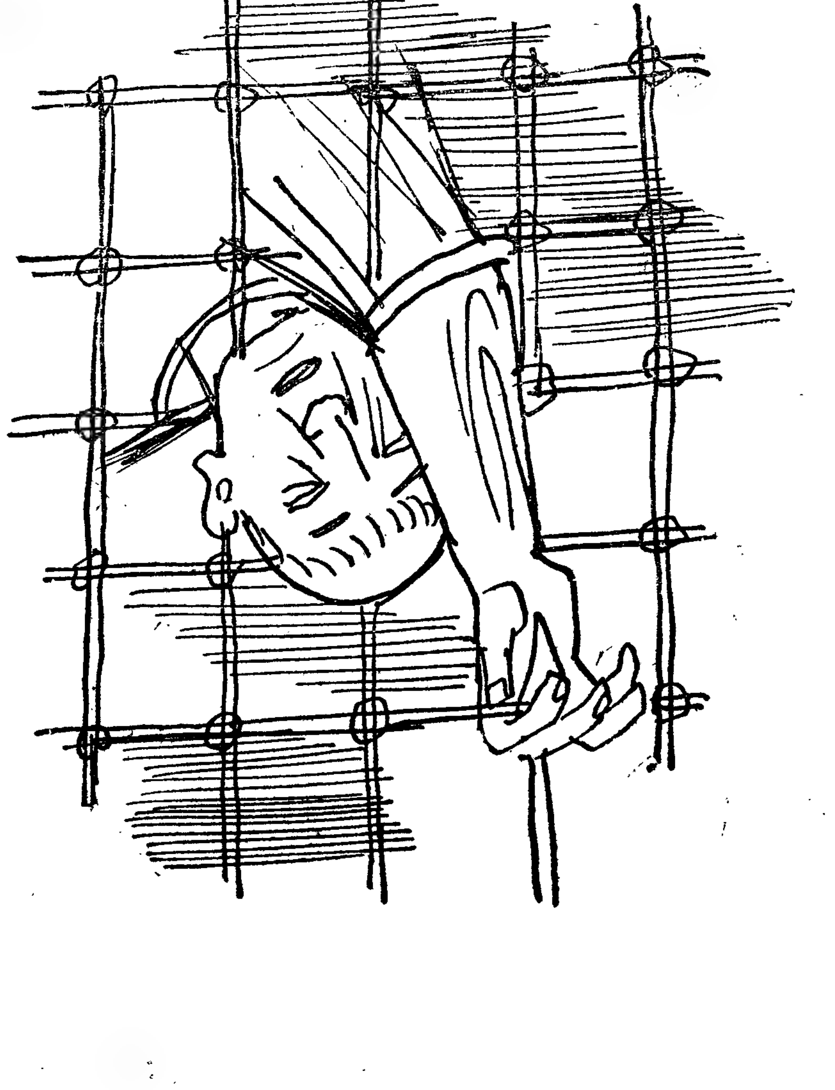
Eh Chico Chinó, isso é que é fazenda, hem!».

«Calma, Oiçam O mar é um poço tão fundo, tão fundo, que cabem lá o Largo, a Rua Direita, a adega do Silvano e a vila toda Até cabe o prédio do sr. Sabino, sem ao menos se ver o telhado! Diz a minha avó que contava o meu pai, que está no Céu, que por esses mares fora há tubarões e há baleias maiores que um campo de estevas, a espirrarem água pela cabeça e peixes voadores que passam ao pé dos olhos duma pessoa, a chiarem. Nan sei se é verdade, mas se foi o meu pai que contou, é porque as coisas se passaram tal e qual a minha avó diz!».

O vento varejo varria o Largo e os meninos encolhiam-se agora junto á porta do estabelecimento do sr. Caetano. Manel Zé levantou-se, a tremer, e disse:

«Eu vou-me embora!».





Trapeiras

por

Lena Rodrigues

UMA... duas... três quatro...

As quatro badaladas foram-se perdendo na distancia, levadas pela brisa da madrugada que chegava. O rio estava calmo e chorava, de manso, penas de amor e sacrifício, de encontro á muralha velhinha.

No seu canto escuro deitada de costas, a tia Zefa há muito que não dormia. Pensava. E sempre gostara de pensar. Agora, ouvia o rio a murmurar, via a Lua a espreitar pelas frinchas das tábuas mal unidas, tocava-lhe no rosto a carícia do vento fresco da manhã e sentia-se mais só do que nunca. Uma lágrima silenciosa rolou-lhe pelo rosto encarquilhado, pergaminho velho onde uma história inteira estava escrita, e foi perder-se nas sarapilheiras ásperas e sujas que lhe serviam de leito.

Porque chorava nem ela sabia

Se estava convencida de que já não tinha lágrimas, se toda a sua capacidade de sofrer se esgotara, se há tanto era um tronco abandonado á corrente... porque chorava? Donde tinha vindo aquela lágrima serena e cristalina, pérola perdida sabe Deus por quem?

Choraria pela sua vida gorada? Pelos filhos lindos que nunca tivera? Pela casinha tranquila que perdera? Pela mãe que nunca havia conhecido? Pelos carinhos que nunca expermientara?

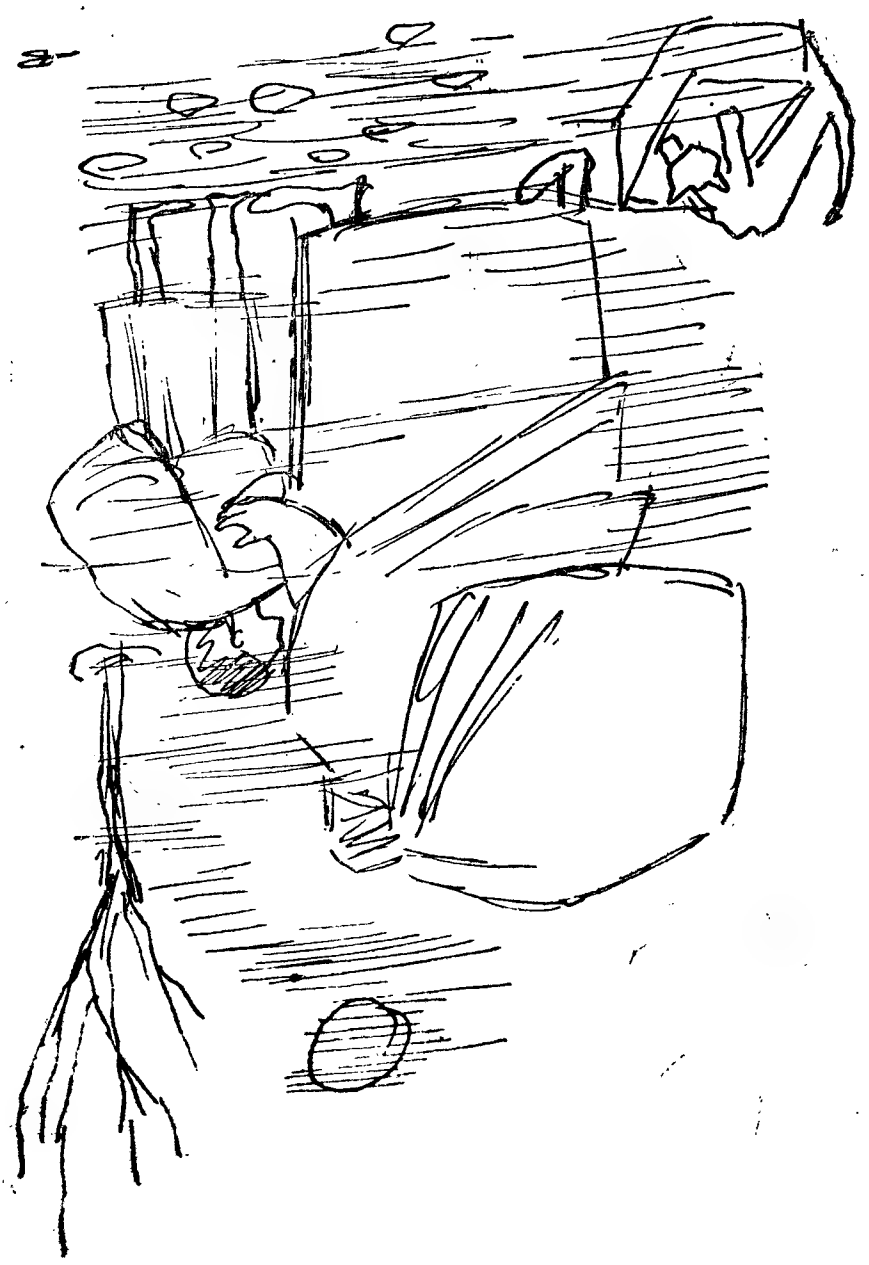
Sabia lá! Chorava. Era tudo. Talvez que apenas a calma daquela noite prestes a findar, a beleza branca da Lua bolando no céu, espreitando-a no seu catre imundo, a cantilena suave e melancólica do rio, tivessem despertado o seu coração cansado de sofrer.

O homem que envelheceu numa hora

por

Marques Gastão

DEIXARA para trás aquela corrida medonha de cimento armado, a querer, ambiciosamente, escalar o Céu, nas ruas de Nova York; deixara para trás a fantasmagoria brilhante, viva, encandescente da Broadway; deixara para trás as máquinas que engraxam sapatos, vendem cigarros e bebidas e nos põem a ouvir musica; as latas com os alimentos concentrados, os cinemas e os teatros, a televisão e o «Quartier Latin», o Cinerama e o Cinemascópio; deixara para trás o formigueiro de gente nas ruas e nas colossais avenidas; o povo e os automóveis, os «bus» e o metropolitano, as cafeterias, as grandes lojas, os grandes armazens da milionária Bárbara Hutton, a «Five Cents»... esse homem estranho, deixara para trás a loucura apressada de viver; o amor e a mentira, a verdade e o sonho; deixara na distancia tudo o que lhe parecia exterior e falso, para apenas fixar e viver, uma hora da vida do homem que envelhecera nesse espaço de tempo! Uma hora apenas!! Terrivel, medonha! Uma hora de encontro o reencontro com Deus? Isso sentia ele que lhe bastava e mo disse, a bordo do avião, entre



Foram-se todos embora, menos Chico Chinó, que ficou sentado no poial vermelho a sonhar com a sua casinha enfeitada de papeis verdes, de estrelas brancas e azuis... Uma pena não haver papoilas e malmequeres neste tempo... Viria com um molho de flores e entregava á avó. Chegava-se ao pé dela, sorrateiro, com o ramo escondido. A seguir, falava-lhe assim: «Aqui tem, avòzinha, é a minha prenda de Natal!». E mostrava-lhe as papoilas entrançadas e os malmequeres. E punha-se a rir. Mas neste tempo não se encontravam papoilas nos campos. Nem cardos nos baldios. Só lamaçais e ervas de leite, serralhas anãs, pampilhos enrêlados, daquela erva mal crescida que nascera em Novembro, já depois do verão de S. Martinho.

Chico Chinó sabia que o pai, antigamente, trazia encomendas de triciclos, comboios eléctricos, automóveis a tocar telefonia e jogos muito bonitos, para vender aos amigos. Ainda ele não era nascido e já depois, quando amarinhava pelas cadeiras, O pai morreu num naufágio por via duma tempestade. Veio o retrato no jornal a chamarem-lhe valente, e a avó contava que ele era aquilo que se pode dizer uma boa pessoa.

Chico Chinó agarra na boina basca e enterra-a até ás orelhas. Levanta-se, espreguiça-se junto ao candeeiro, e lembra-se novamente das estrelas. Tal era aquilo, até dava vontade de agarrar na fisga e zabumba, catrapumba, derrubar um mancheia delas, para as ver saltitar na mão!...».

Mas ná. Desejo por desejo, antes queria uma bonita moto. Agachava-se no empedrado e era só dar corda naquela geringonça, trique, trique. A moto, tão pequenina, corria pela casa, dava curvas pelo Largo e uma pessoa sentia-se tão contente como se já fosse um homem! E um cavalo? Com correias bem arreadas e um freio autêntico, dos de ferro. Isso é que era fazenda! Um gajo saltava para cima do animal, agarrava muito bem nas rédeas, enfiava os pés nos estribos, com os olhos fechados punha-se a baloiçar e até parecia que dava voltas á vila, muito direito na sela. Digam lá o que disserem, mas um cavalo é um cavalo!

Chico Chinó espirrou, já quando regressava a casa.

Truz, truz. Bateu á porta e a avó lá de dentro a bradar:

«Quem é ?».

«Sou eu!».

Entrou. O primeiro gesto do pirralho foi tirar da alibeira o sebento porta-moedas, desenrolar uma nota velha de vinte escudos e pô-la em cima da mesa:

«Avó, eu ontem esqueci-me... fui aumentado na jorna!».

Arrependera-se. Lutara um dia inteiro contra o desejo de comprar um cavalinho. Mas não era capaz de a enganar. O pai, lá do Céu, não havia de gostar daquela feia acção... Por isso, ela ficava mais contente assim.

«Tens frio, Chico?»

«Eu? Nan senhor!»

A avó puxou a pá e mexeu a braseira.

«Amanhã é dia de Natal e tu fazes treze anos. Se o teu pai fosse vivo, vinham os barcos carregados de prendas para ti...

O garoto torce o nariz, ao ouvir falar nos barcos.

«Avó, quantas léguas tem o mar?»

«Quantas léguas tem o mar?...»

«Sim, senhor! Será maior que ir da vila de Arraiolos até á cidade de Evora?»

Cinquenta e seis dias

por

F. Borges de Sousa

ALTAM cinquenta e seis dias para começar a ser feliz. A felicidade, no meu caso, só depende de uma questão de tempo. Para ser intelizz não foi preciso tanto. Nem sequer esperei, como agora, que passasse cada hora e cada minuto. Não foi necessário. A infelicidade surge na altura própria, sem a esperarmos e sem contarmos a sua chegada pelo relógio. Os cinquenta e seis dias que me separam da vida — da vida lá de fora — vão ser os melhores da minha existência! Estranha contradição esta! Quanto mais tempo esperamos pelo momento decisão, mais a nossa alma anseia por ele. E dentro desse anseio vão mil esperanças, mil promessas, a risonha certeza de uma felicidade que tarda em chegar, mas que chegará, porque a ela temos direito e porque a ela nos agarramos teimosamente, como a qualquer coisa que nos é querida e não podemos pôr de lado.

Estive quinze anos aqui. Quinze anos de luta, de sofrimento, de desespero, de amor, de vida, tudo quanto podia fazer lá fora, fi-lo aqui. O que havia sentido fora das quatro paredes que me cercam, voltou a repetir-se. E tudo, ainda, quanto absorvia o meu pensamento numa loucura constante, persistiu e avolumou-se. Longe daqui é diferente. Nós temos as pessoas, o mundo, os prazeres e tristezas dos outros, aquilo que nos compartilhamos porque temos de o fazer. A nossa inteligência, o nosso espírito acompanham as nossas próprias dores e, quantas vezes,

Dolorosamente, gemendo a cada movimento, ergueu-se.

— São horas! Tem que ser...

Enfiou pela cabeça a saia velha e remendada, alisou os cabelos, brancos e encardidos, com a travessa quase sem dentes, ajeitou o lenço, dobrou em bico o xaile que lhe servia de manta, cruzou-o no peito, pegou na saca e abriu a porta.

Ao longo do cais, humido de relento, os candeeiros espalhados eram pingos de luz, pondo reflexos nas águas escuras, manchas de claridade no chão negro, gasto por centenas de passos.

Um arrepio percorreu a tia Zefa quando o vento entrou livremente e a envolveu.

— Começa a estar frio... ou sou eu que tenho!...

Puxou o lenço para os olhos, pôs a saca debaixo do braço e escondeu as mãos nas pregas do xaile.

— Um cafézinho, agora...

E suspirou. Um café, bem quentinho, dar-lhe-ia forças, ajudá-la-ia a correr ruas, remexendo aquilo que os outros deitavam fora. E quase sentiu nas narinas o cheiro forte e agradável, e quase sentiu no paladar o gosto meio acre da bebida.

— Um café custa mil e duzentos... Talvez me chegue...

Parou debaixo de um candeeiro, procurou numa velha algibeira de varina (achada ali mesmo, no cais) e, espalmando a mão, contou os cobres:

— Dez... onze tostoes! Não chega...

E ainda que chegasse, era um desgoverno. Com dez tostões de café, bebia muitas canecas. Assim... Mas apetecia-lhe tanto... Estava frio...

Aconchegou o xaile. Guardou o dinheiro.

— Raio da vida! Muito custa ser pobre!

Continuou a caminhar, pernas roxas de varizes, tronco curvado para o chão, olhos fixando nem sabia o quê. Virou costas ao rio e deixou o cais. Silêncio. A cidade dormia. As persianas corridas eram pálpebras cerradas. Um automóvel passou, em correria louca, furando a escuridão com a luz crua e potente dos farois.

A velha piscou, atarantada pela subita claridade, e levou as mãos aos olhos, em pala, a defendê-los, cambaleando como se lhe faltasse um apoio.

— Parece que estão malucos... — resmungou, enraivecida, olhando para trás.

Atravessou a avenida que cheirava a flores e a erva fresca e começou a faina.

Um, dois... três caixotes. Rebuscava, praguejando, á procura de algo que pudesse render-lhe o sustento de um dia. Mas houvera outro, mais madrugador.

Os caixotes estavam limpos daquilo que poderia render dinheiro. Apenas lixo e mais lixo. Podridão.

Tal qual a vida. Sempre acabada em podridão. Rija fora ela. Rija e bonita. A mais bonita mulher que andava na descarga do carvão. Depois... tinham vindo as varizes, aquelas dores agudas nas junturas, ficara velha, um cangalho.

Velha e só. Sem um arrimo, sem um amparo, sem um carinho. Nada. Uma vida inteira a trabalhar... Para quê? Uma vida inteira a penar e a sofrer para acabar trapeira num bairro qualquer.

Esmolar não. Nunca! Era mulher demais, para esmolar. Morrer de fome, mas não estender, nunca, a mão á caridade alheia, confiando nos

cipitadamente os cafés e enfiou-se no primeiro táxi.

A crida segurou-lhe o sobretudo e fê-lo entrar para a sala onde ainda havia, pouco, em imaginação, se tinha encontrado com Lena.

Não esperou muito. A porta não tardou a abrir-se, e a aparecer Lena uma Lena sorridente, uma Lena radiosa, uma Lena feliz.

— Então isto é que são horas? O Rui já dizia que você hoje não vinha.

— Estão bons?

— Óptimos. Eu estive constipadota. Mas o Rui, você sabe, não há mal que lhe chegue. Há dias espatifou o carro, e nem um arranhão sofreu!

Seguiu-a, com um suspiro resignado. Não haver um diabo que levasse aquele Rui!

«Muito maior, Chico. O mar nan tem fim...»

«Ena pai! E então, avó, os barcos, quando chegam, deitam muito fumo das chaminés?»

«Lá isso deitam.»

«Avó!»

«Anh!»

«Eu gostava de ser marinheiro só para ver os barcos a deitar fumo...»

«Tá bem... Mas olha...»

Não tindou a frase. A voz ficou-lhe presa na garganta. Puxou o neto, encostou-lhe a cabeça nos ombros — e deu-lhe um grande beijo.

*

Durante a noite, mal dormiu. Os sonhos apoquentavam-no. Surgiram-lhe os reis magos montados em camelos, com sacos cheios de relógios, caixinhas de prata e objectos de marfim. Mas ele antes queria um cavalo de pau, pronto!

Depois apareceu-lhe o Manel Zé a dizer que a sua história dos barcos era uma grande trapalhice. Essa agora! Tal estava o sarilho. Então descontaram dele? Tinha de se zangar com os companheiros! Uma história era uma história! Haviam de saber ainda quem ele era... Chamava-se Francisco Antônio, filho de Saul, o marinheiro, o que morreu num naufrágio por via duma tempestade e teve o retrato no jornal...

Mal acordou, pôs-se de pé e olhou as vidraças da claraboia. O céu estava coberto de nuvens. Caíçou as botas, vestiu no penico de barro e, num instante, depois de beber o café, saltou á rua, onde, lá ao fundo, a malta já o esperava.

«Então os barcos, pá?!» — foi logo a primeira pergunta feita em coro.

«Os barcos? Eh pazes, nesta escuridão nan se vê um palmo á frente do nariz. E ou nan é?...»

«Mas ouve, Chico Chinó, olha que o Silvinho já recebeu um bonito cavalo bem arreado e a menina Maria Leonor uma linda boneca que fala espanhol. Será verdade?»

«Bem... Eles tiveram mais sorte...!»

«Tiveram mais sorte porque?...»

«Os barcos deles chegaram á costa a são e salvo. Vinham á frente uma boa meia duzia de léguas. Agora a maior desgraça é que os nossos naufragaram... Perderam-se no escuro... Pois é. E vejam que foi mesmo á vista da praia...!»

«Como é que soubeste isso, Chico Chinó, cá tão longe do mar?...»

«Ora essa, atão nan há comboios? E mesmo isso nan são perguntas que se façam! Assim zango-me com vocês. Mas olgam! Se nan fosse um grande nevoeiro, podiam acudir... O Pai-Natal, esse, coitado, estendeu os bragos, uns bragos muito grandes, tão grandes que quase abanava as estrelas e disse ao mestre Temudo, por entre aquela trovoada toda, com as mãos no feitio duma concha: «Eh mestre Temudo, diz ao Chico Chinó e aos amigos dele que os barcos foram ao fundo. O Diabo meteu-se no caminho e foi uma luta que nem calculam! Mas que não esmoregam, mestre Temudo. Para o ano trago-lhes, antes dum cavalinho, uma parelha de mulas e antes dum triciclo, um automóvel. E também trago um harmónio!»

Chico Chinó abriu os bragos:

«Um harmónio assim, deste tamanho todo!»

«Vamos falar ao mestre Temudo, pode ser?...» — alvitrou o estouvado do Cristovo.

de amor com todos os palavrões da época. Adorada, idolatrada, coração ardente, alma gémea, e outrs coisas no género. Com certeza do avó Albino. Como seria o avó Albino? Já não o conhecera — como havia de o ter conhecido, se o pai era pequeno quando ele morrera? — mas o que a avó dizia dele permitia-lhe fazer uma ideia. «O teu avó era um exce;ente homem. não podia haver melhor. Mas coitado, só via o que lhe punham diante dos olhos. Para além disso, nada». Era assim que a avó falava do avó Albino que um dia, coitado, se suicidara por coisas de dinheiro, do avó Albino, autor daquela carta tão ardente e cheia de pormenores que... de pormenores que ... Mas porque diabo escreveria o avó Albino aquela carta á sua mulher legítima? Só se... Voltou a folha. Pois claro. A carta não era do avó Albino, mas dum tal Augusto. «Muitos beijos do teu Augusto que te adora».

Agora Clara estava muito excitada. Apanhou todas as bolas, juntou pedaços rasgados, e pôs-se a ler tudo aquilo, á pressa, olhando sempre para a avó Candida que podia acordar dum momento para o outro. E depois do «teu Augusto que te adora», havia «o teu Mário que se lembra muito de ti» e a seguir «o teu Jorge que não te esquece um só momento» e ainda outro, que, prudentemente, assinava com uma inicial muito bem desenhada, um F. Mas no meio de toda aquela barafunda houve uma carta que fez Clara dar um pequeno grito e depois ficar á espera, aterrorizada, com medo de que a avó acordasse. E como ela não acordou, porque já não podia acordar, voltou a lê-la para a compreender melhor. Era uma carta de adeus do avó Albino em que ele se despedia da avó Candida e lhe explicava a razão porque ia dar um tiro nos miolos. Essa razão era ter sabido que ela o atraiçoara. que ela o atraiçoara sempre. «Mas perdoo-te, Candida, e espero que sejas feliz».

Clara gritou: «Avó!» E não sabia por que gritara. Depois repetiu mais alto ainda, espantada da sua imobilidade: «Avó!» Levantou-se a correr. deu a volta á secretária. «Avó! Avó! Avó!»

Mas a avó Candida tinha partido havia muito.

a sua imaginação naquele encontro. Ainda se houvesse uma certeza... Mas tudo eram conjeturas. Por exemplo, a atitude dela...

Penetrou na sala conhecida, e ficou de novo á espera de Lena. Passeou impacientemente de um para outro lado. A porta abriu-se, e Lena surgiu. Reparou-lhe nos olhos. E viu-os vermelhos, sim. Mas algo na sua expressão agressiva o surpreendeu.

— Lena — começou — soube agora do desastre...

— Levou tempo. Sabe que me gastei a telefonar á sua procura?

— Estive fora, Lena.

— Ah, esteve fora... E nem uma palavra... Faz ideia do que foram para mim estes dias, tristes, isolada, sem o amparo da unica pessoa que me poderia confortar...?

Estendeu-lhe a mão, que ele apertou entre as suas, e sentiu escaldante de febre.

— Oh, Cárlos! Por que não veio há mais tempo? As minhas ideias têm estado tão confusas... Cheguei a recear que você me abandonasse... logo num momento destes.

— Eu? Nunca!

A veemência da resposta dele provocou nela um sobressalto; lançou-lhe os braços ao pescoço e procurou entregar-lhe a boca.

— Eu sabia, eu sabia! Ah, eu bem o tinha adivinhado. Amas-me?

— Sempre te quis, sempre!

Ela colou-lhe dois dedos aos lábios e pediu-lhe silêncio.

— Ainda não. Temos tempo... a vida inteira. Agora, que te tenho a meu lado, tudo correrá bem. Se soubesses o que sofri!

— O desastre?

— Ouve, jura que não dirás nada a ninguém: aquela avaria nos travões, eu notei-a, sabia dela, e não disse nem uma palavra ao Rui.

— Lena!

— Não faças essa cara escandalizada. Não serias tu capaz de fazer ainda pior? Julgas que nunca reparei nos olhares que lhe deitavas, quando sabias que ele os não veria? Julgas?

— Mas, endoideceste!

— Por ti!

— E agora, como vais viver? Sabes que eu, tirando o magro rendimento...

— O seguro, meu tonto. O seguro de vida. Em dia. Tudo pago. Todas as condições. E é um pequena fortuna... ou julgas que dou ponto sem nó?

— Lena, isto é tudo tão subito, tão estranho...

— Tens medo?

— Eu, medo? És doida. Tenho medo apenas por ti... se sabem...

— O quê? Deixa-me rir... Que poderiam provar... que eu paguei sempre pontualmente o seguro? Que eu me esqueci de o avisar que os travões não funcionavam...? Deixa-me rir.

— Mesmo assim...

— Não destruas as minhas ilusões. Sempre sonhei que tu serias o homem que me compreenderia, o homem de vontade forte que... Estava farta de ver o Rui exercitar os musculos. Era uma criança que vivia a adorar-se a si mesmo. Agora tu...

— Eu quero-te. Temos de fazer planos para o nosso futuro. Que tal se fosses viajar, passar uns meses em casa de alguém de familia?

— Tudo o que tu quiseres.

* * *

Viu as horas. Quase oito. Deu um pulo, que se fazia tarde. Pagou pre-

outros que sempre se lhe tinham negado. Não conhecera a mãe. Abandonara-a, mal abrira os olhos para a luz do Sol. Do pai, mal se lembrava. Criada ao Deus dará, sem eira nem beira, aos trambulhões, alma pequenina implorando carinho, vida que principiava pedindo um caminho. Até que se achara mulher. Mulher de trabalho. Sempre o fora. O amor tinha vindo, enchera-lhe o coração, ansioso por dar-se, sem querer nada em troca e amargara-lhe a vida inteira. Tivera uma casinha apenas sua, limpa e airosa... era um regalo, a sua casinha! Mas «ele» tinha ido, partido para o Brasil, para casa do diabo, sabia lá para onde! Sabia só que nunca mais tivera notícias. E a sua casinha, todo o seu sonho de ventura, fora-se, esvaira-se, na vertigem do tempo, deixando-a, portanto sofrer, quase insensível.

A vida continuara, no entanto. A vida sempre continua, rio que corre sem se saber para onde. Agora, vivia por esmola no canto escuro de um barracão abandonado, no cais, á beira do rio, umas vezes sonhando, quase sempre sem sonhos, apática, obsecada por uma unica ideia: manter-se á deriva, nesse rio imenso.

Continuou a vasculhar caixotes, procurando, com as suas mãos entorpecidas e sujas, qualquer coisa que pudesse vender.

Trapeira. Imunda e repelente. Farrapo, procurando outros farrapos.

Parou, a descansar.

Quem seria que tinha vindo antes dela? Maltezes! Ela os ensinaria, ai se ensinaria!... Pois não sabiam todos que aquele quarteirão era dela? Ia, porventura, meter-se no dos outros?

Um carro parou, junto do passeio, com um ranger agudo de travões. A tia Zefa estremeceu. Um homem desceu e foi abrir a porta do lado contrário.

Abafada numa pele branca, uma figura feminina saiu, de cabeça baixa. Agarrou o vestido, que rojava o chão, e dirigiu-se para a porta. Levantou os olhos encarando, de subito, com a figura quieta da trapeira.

— Que susto! — e chegou-se para o homem.

— Que quer você? Que faz aí? Não ouve? — inquiriu o homem, rudemente.

— Descansava, senhor.

— A uma hora destas?

A velha permaneceu em silêncio. O foco claro de uma lampada de algibeira veio pôr-lhe manchas nas roupas, no rosto cansado.

— E' trapeira, filho! E cheira tão mal. Vamo-nos embora. Que nojo! — e as feições contraídas da mulher diziam bem da sua repugnancia.

— Veja lá se, para a outra vez, não se põe especada no meu caminho!

E a voz do homem era dura, implacável.

O guarda nocturno veio a correr, solicito.

— Muito boa noite, sr. Ataíde! Como passou, minha senhora? — e a criatura desfazia-se em curvaturas vertebrais — Mas que há, que há, eu abro já a porta! — e sorria, num sorriso tremido e alvar.

— Esta trapeira... — e no dedo estendido da mulher brilhava a unha nacarada, e na voz da mulher havia desprezo e nojo.

— A trapeira? Ah! sim, sim! A andar, a andar mulherzinha!

E já a sorrir de novo para os senhores:

— Isto, por mais que se ande em cima delas... Queiram vocências desculpar!

E noutro tom, para a trapeira:

e foi sentar-se no velho «tauteuil» de tranjas. Lembrava-se de que a avó, quando ela era pequena e ia lá a casa passar a tarde, a atava com uma linha ao pé daquele «tauteuil» para a não deixar fazer maldades. E ela ficava muito quieta. Pensou de subito que gostaria de saber se não se mexia por ser uma criança obediente, por ter medo da avó ou por julgar que não seria capaz de rebentar a linha. Havia de lhe perguntar quando ela acordasse. Olhou para o relógio. Quase cinco e meia, a avó fechada no sono e ela sem poder ir-se embora porque precisava do dinheiro para as meias e para o conserto do sapato. Tinha que esperar, claro. Acordá-la, nem pensar nisso. A avó sempre tivera o acordar rabujento. Não se ensaiava nada para lhe dizer terminantemente que não, antes mesmo de ouvir todas as suas explicações. «Nem penses nisso. Tenho tido muitas despesas nestes ultimos tempos. Contribuições, obras, sei lá! Escusas de contar comigo». Já não era a primeira vez que isso acontecia.

Levantou-se e foi espreitar a pequena aguarela que lhe tinha trazido de Paris como recordação e que ela pendurara na parede porque a achara linda. «Mas como diabo arranjas tu dinheiro para ir a Paris?», tinha-lhe perguntado no dia em que viera despedir-se. «Andas sempre sem um chavo e agora vais a Paris... Saiu-te a sorte grande, Clara?» Ela metera os pés pelas mãos, falara numa excursão muito barata, «incrivelmente barata, avó», numa amiga que lá vivia e se oferecera para a hospedar em sua casa. «Tu lá sabes, lá sabes... mas não contes comigo, ouviste? Ainda para te tirar de apuros a coisa vai-se arranjando, agora para Ires a Paris, a essa terra de perdição...» Era uma aguarela chata e sem o menor interesse, mas cheia de recordações para ela. Agora que tudo tinha acabado, desejaria tê-la consigo, pendurá-la no quarto, olhar para ela todos os dias. Havia de pedi-la á avó. Lá estava o pequeno café da Place de la Contescarpe, onde estivera sentada com ele a beber uma mistela aziumentada e sem sabor que só acabara de cair do filtro quando estava completamente fria. Ele tinha dito: «Se tu pudesses saber como me sinto feliz! Creio que nunca me senti tão feliz». E ela compreendera que as recordações do tempo em que ali estudara tinham um grande peso nessa felicidade que ele estava a sentir. Mas pusera sem ressentimento a mão na dele e sentira-se feliz também. «Com quem estiveste aqui? Conta lá». Ele encolhera os ombros e tivera um sorriso largo, contente, muito fátuo. «Com uma inglesa morena, terrivelmente poética, que estudava já não sei o quê na Sorbonne. Não me saia do hotel, para ser mais preciso, não me saia do quarto, o que era um pouco compromissões ao tempo e ás possibilidades de Birmingham com alusões ao tempo e ás possibilidades de voltar, mas não lhe respondeu. Chamava-se Daisy. Ainda me escreveu postais de Birmingham a assobiar, de nariz voltado para o ceu:

«Vou-me embora, pazes!»

Mas uma dor a trai-lo... Onde lhe doía, afinal? Um desejo profundo de ir aos armazéns do sr. Torcato, encher um saco de cavalos e automóveis de corda e fugir, fugir... Mas alto! Isso nunca! Chico Chinó era filho de Saul, o marinheiro, nunca faria uma coisa dessas!

O sino da igreja bateu as dez horas: tlim, tlão, tlim, tlão, e os outros meninos, lá no alto da rua, rodeiam Zé Fidalgo com a sua trompa de barro.

De novo sentado na pedra, Chico Chinó cisma muito na sua vida. Num repente, atira a bolina ao chão, apanha-a acto continuo e desarvora em direcção a casa. A correr, como se fugisse de alguém. Ao ver a avó, pára. Pára, de olhos alucinados, os lábios trementes. «Ai jasus!»

A velhinha, mal o vê, pergunta, cheia de pasmo:

«Que tens tu, Chico, com essa cara de enterro?...»

«Não! Não! Isso é que nan se faz. O mestre Temudo está doente e nan quer que o incomodem!...»

Os rapazes ficaram silenciosos. Nem se riram como nas noites de sonho em que punham uma grande esperança na chegada dos barcos. Calaram-se. Alguns até tizeram beicinho, quase a rebentar de choro. Que grande pouca sorte!

Manel Zé atira um braço para cima dos ombros de Cristovo, e distrai-se:

«Bolas! Isto é que está um trio, hem!»

Chico Chinó fica a pensar que gostava de ser marinheiro, um homem igual ao pai, que morrera num naufrágio e trazia tantas coisas lindas para os filhos do sr. Alpoim e do sr. Caetano. Ele, ainda pequenino, conforme dizia a avó, ficava de olhos muito abertos, a olhar aqueles paraisos todos e durante a noite, o pai tirava com imenso cuidado das caixinhas de papelão, os objectos milagrosos e punha-se a dar-lhes corda: «Trique, trique, já vais ver como isto é, Chiquinho!...» Chico Chinó não dormia ao ver aquilo rodar, ao ouvir, maravilhado, as bonecas chiando, «papá! mamã!»

Belos tempos! A verdade é que não se lembrava de nada... A avó é que dizia...

Mas os companheiros hoje já não querem ouvir histórias. Está um frio de rachar. O barco deles fora ao fundo em circunstancias trágicas, mesmo junto da praia. Era ter pouca sorte... Se o mar não ficasse tão longe, iam lá a pé...

Pronto. Acabou-se. «Que ideia esta da gente ter sempre pouca sorte!» — lamentara-se Cristovo, encolhido na parede. O frio lambia a carne dos rapazes. Ao longe, ouvia-se tocar numa corneta.

«E' Zé Fidalgo, com a sua trompa de barro!»

Todos correram para os lados donde vinha o toque da corneta. Mas nem vivalma.

«O' Zé Fidalgo, anda cá...!» — gritaram todos.

Só Chico Chinó não gritou, e sentou-se numa pedra. Os seus olhos agora brilham de tristeza. Os companheiros não acreditavam nunca mais nele. Ficaram calados, a olhar as nuvens, a olhar o Largo... Só Manel Zé é que tinha dito, com uma grande pena: «E eu que gostava tanto de ter um cavalo igualzinho ao dos menínos ricos da vila... Nem que fosse só por cinco minutos, caraço! Fazia algum mal?...»

Chico Chinó levanta-se do poial e distraça a sua emoção pondo-se a assobiar, de nariz voltado para o ceu:

«Vou-me embora, pazes!»

Mas uma dor a trai-lo... Onde lhe doía, afinal? Um desejo profundo

— Não ouve, mulher? — Boa noite, sr. Ataíde! Muito boa noite e muito obrigado a vocência! — tornou num ultimo sorriso, enquanto guardava no bolso a moeda que o homem lhe deixara nas mãos.

A tia Zefa afastou-se, a manquejar mais.

— Que tinha nojo! Quem tem nojo sou eu, eu! Se calhar queria que cheirasse bem! Andasse cá ela!... Ainda há-de nascer três vezes, para ser mais asseada do que eu era. «E' trapeira, filho!» — e aflautava a voz — Como se fora cobra!...

Remexeu outro caixote, furiosamente. E nada. Mas havia de encontrar o ladrão. Aquilo não ficava assim, isso não.

Andou, rua adiante, mais ligeira, levada pela sua cólera. Ao virar a esquina, viu um vulto curvado, não muito longe.

— Ora ali está! Deixa que te arranjo! Então que vem a ser isso? Já não se respeita o combinado, já coisa nenhuma? Ladrão que se te agarro...

A figura encolheu-se e a tia Zefa ficou perplexa.

Uma garota, perninhas magras a surgir do vestido incolor, sem feitio, cabelos ralos, a cobrir-lhe os olhos, uns imensos olhos aguados, plenos de sofrimento, que já fitavam a implorar perdão, facezitas encovadas, boquita murcha, a dizer da fome que passavam...

— Não me bata!

E a vozita veio tremida, molhada já de lágrimas:

— Eu não estou a roubar. Juro Estou só á procura de papéis velhos...

A velha tia Zefa continuava olhando. E nos olhos dela havia luz. As pernas tremiam-lhe, o peito arfava ainda, pelo esforço.

A madrugada clareava.

— Anda cá, filha. Não tenhas medo, eu não te bato. Quem és tu? Que idade tens?

— Sou a Guida... tenho sete anos.

— Sete anos! E a esta hora... sózinha... Não tens medo?

— Se tenho! Mas se não viesse era pior. «Ela» batia-me. E' tão má! Mas não lhe diga nada, não? Matava-me...

— Não, filha, eu não digo. E' tua mãe?

— Mãe? Não senhora! A minha mãe morreu. E' a senhora Rita. Tem-me lá por caridade. E agora tenho de andar aos caixotes... Ela disse que viesse por aqui...

— E não tens mais ninguém?

— Não, senhora!

A tia Zefa ergueu a mão para lhe acariciar os cabelos e a criança encolheu-se, num movimento nervoso. Tremia.

— Tens frio?

— Muito frio!

A tia Zefa tirou o lenço da cabeça, puxou o xaile para cima, a tapar-lhe as orelhas, e cobriu com ele os ombros estreitinhos da garota.

— E' de lã! Sempre é melhor que nada. E fome? Tens fome?

— Não comi ontem, de castigo. Fui buscar vinho e parti a garrafa. Ia a correr... Caí...

— Cortaste-te?

— Cortei, sim, senhora. Aqui.

E mostrava no cotovelo a furar a pele, nas mãozinhas sujas, os golpes escuros.

— Temos de tratar disso. Olha, vamos acabar os caixotes, queres? E depois vamos comer, sim?

Olhou, á sua frente, a chávena vazia, e teve vontade de encomendar outro café. Mas reconsiderou. Tinha de estar calmo para aquele encontro. Ainda se soubesse, ao certo, o que se passaria... como estariam os olhos dela...

Imaginou-se novamente na sala, aguardando a chegada de Lena. Abriu-se a mesma porta, sem ruido. E a mesma Lena apareceu. Mas não, não é a mesma Lena. Esta tem os olhos vermelhos, mas vê-se que domina a situação.

— Obrigada pela sua visita, Carlos.

— Se soubesse quanto sinto, Lena. Cheguei hoje, e vim logo a correr.

— Obrigada. Foi um grande golpe, Carlos. O Rui tão cheio de vida, de saude... E logo um desastre tão estupido. Ainda se fosse algo que ele desconhecesse... mas uma avaria nos travões, de que eu ainda na véspera lhe falara. Um descuidado, é o que ele era. Não vou agora censurá-lo, é claro. Mas deixar-me assim... desamparada, só... Nunca julguei ser possivel sofrer-se tanto... Eu gostava dele, Carlos. Gostava verdadeiramente dele. Mas quando acompanhei o funeral senti, subitamente, que já não tinha lágrimas para chorar. Apenas uma dor... uma dor aguda dentro de mim.

— Pobre Lena!

— Não me lamente, Carlos. Você, não. Só tenho ouvido lamentações, da minha familia e da familia dele. Quase me deixei sucumbir. Mas consegui finalmente reunir todas as minhas forças, e reagi. Hoje já tratei de dar as minhas ordens ás criadas, já telefonei por causa do carro. Já me informei do seguro de vida. Ele nunca ligou importancia aos pagamentos, mas eu tinha-o em dia. Sempre é uma ajuda... um ponto de partida para recomeçar a vida.

— É essa a atitude que eu esperava de si. Qualquer mulher teria perdido a cabeça. A Lena é demasiado voluntariosa, demasiado segura para isso.

— Oiça, Carlos. Você vai-me ajudar também, tenho a certeza. Você era o melhor amigo do Rui, e julgo que também tem alguma amizade por mim.

— Lena, por favor! Os meus sentimentos a seu respeito...

— Não, não diga nada, Carlos. Confie numa coisa a que chamam intuição feminina, e deixe passar o tempo. Entretanto, queria arranjar um emprego. Você tem conhecimentos...

— Discordo em absoluto da ideia de a ver empregada. Por que não experimenta antes viajar, ou ir passar uns meses a casa dos seus tios, na provincia? Estou certo de que lhe faria bem.

— Não, Carlos. Quero enfrentar a situação. Nada de retiradas estratégicas. Pense num emprego bom para mim, combinado?

— Não pensarei noutra coisa, Lena. Mas, veja bem... terá de ser alguma coisa de provisório. Não posso admitir a ideia de a ver passar o resto dos seus dias a aturar gente estranha só porque lhe pagam um ordenado.

— Esteja descansado, Carlos. Não é essa a minha ideia.

Deu-lhe uma palmadinha amigável no braço, e sentiu que ela se aproximava ligeiramente dele. Foram-se dirigindo assim, semi-abraçados, até á porta, fruindo ele toda a perturbante sensação de aproximar os seus dedos do calor do corpo dela.

* * *

Estava frio. Olhou o relógio e viu as horas. Sete e meia. Era ainda cedo. Mandou vir outro café e, enquanto o sorvia, concentrou novamente

Livido, o garoto dá dois passos e senta-se numa cadeira, com o rosto escondido entre as mãos.

«Ora esta, que te aconteceu, filho?...»

«Nada, nada...»

«Mas eu fiz-te um prato de arroz doce para o dia dos teus anos!...»

O moço retirou as mãos das faces, deslumbrado com a notícia, quase esquecido da sua mentira. Alguém se tinha lembrado dele...

Chorava e ria.

«Ai, minha rica mãe!...» — desabafou, por fim. «Quando for marinheiro, hei-de trazer na noite de Natal um barco cheio de brinquedos para os rapazes pobres Juro, avó, que hei-de trazer um barco assim, deste tamanho todo, carregadinho de cavalos de pau!»

Abriu os braços, no bico dos pés. Abundantes lágrimas corriam-lhe pelas faces.

até lhe trazia uma certa calma. A bebida estava-se a acabar, era tudo. Mas a vida continuava. Agora também, naturalmente, mas lá ser outra vida. Uma existência vazia, onde ele não estava e onde ele, Clara sabia-o bem, nunca mais deixaria de estar. Mas não queria pensar nele. Porque se agarrava ele aos seus pensamentos? Porque vinha em todos?

Tomou o autocarro nos Restauradores e teve que subir para o primeiro andar porque havia muita gente. Ela não gostava de ir lá para cima; tinha medo de descer as escadas em andamento, enervava-se, trocava quase sempre, havia quase sempre um ou outro cavalheiro amável, já idoso, que a segurava e ela não sabia muito bem se havia de lhe agradecer ou de se zangar ou até de lhe dar uma bofetada, porque não achava necessário que a agarrassem no peito nem na sala. Mas nessa tarde não havia ao fundo da escada, para descer, nenhum senhor de idade. e ela teve pena de que não fosse assim porque quem lá estava era o primeiro de todos, aquele que a levara a fugir de casa dos pais, aquele em quem tinha acreditado a ponto de casar com ele. Acreditado nele e em si, mas tudo por culpa dele, porque lhe disse a tantas coisas que ela julgara que de facto o amava e que lhe podia encostar todos os seus medos e todas as suas incertezas e que na sua companhia nunca mais se sentiria só. E já lá iam tantos anos e ele agora estava ali e nem mesmo a viu porque saltou com o carro em andamento como era seu costume. Clara ainda abriu a boca, ainda quis chamá-lo, mas ele já ia longe, não poderia ouvi-la. E depois, chamá-lo para quê? Era sempre tão triste voltar atrás, tão desconsolador...

Outra malha. Decididamente tinha que aproveitar a visita á avó Candida para lhe pedir dinheiro emprestado. A avó servia-se sempre desses pedidos para lhe pregar um pouco de moral, antes de lhe passar o dinheiro para a mão, naturalmente. «Disseram-me que levas uma vida contra a lei de Deus!» «O que é uma vida contra a lei de Deus, avó?» «Viram-te a fu-ma-a-ar á mesa duma pastelaria. Estavas com um homem. Depois, dal a pouco tempo encontraram-te na rua com outro. O que dizes a isto?» A avó fulminava-a com o seu grande olhar muito apoiado, transparente apesar dos oitenta anos. «Clara, o que dizes a isto?» O que havia ela de responder? Que depois duma desilusão tinha vindo outra? Não, nem mesmo o romantismo e as bonitas palavras podiam convencer a avó Candida, tão antiga e tão puritana. Mentia-lhe, era a unica maneira. «Que ideia a sua, avó. Lá por eu ter feito aquele disparate! Era muito nova, sabe? Oh avó, até me ofende! Eram com certeza colegas meus, lá do escritório. Confesso que já nem me lembro quem eles eram, mas tenho uma ideia de que estive de facto na Bénard... Ah, já sei! com o Chico, era o Chico, um rapaz inofensivo, coitado. A avó quase se levantara da cadeira, a sua voz varrera a sala: «Menina!» «Desculpe, avó», quando tocou á campainha sentiu logo os passos da Gertrudes pelo corredor fora. «Como está a senhora?» A rapariga disse baixo: «Assim, assim, menina. Não está grande coisa. Veio cá ontem o médico. Sempre o mesmo, diz ele, o coração que não regula. Deu-lhe um remédio e passou a noite sossegada. Mas acordou a dizer que morria depressa e meteu-se no escritório a rasgar papéis. Já para lá está há que vidas»

Clara entreabriu a porta do escritório e disse: «Posso entrar?» Mas viu logo que a avó Candida tinha adormecido A sua grande cabeça branca, de caracóis sedosos, leves, esvoaçantes, estava deitada sobre a secretária. em cima do braço esquerdo, tão gordo que mal se podia dobrar. Uma gaveta tinha ficado aberta e ao lado estava o cesto com alguns papéis amarrotados e rasgados. Clara avançou em bicos de pés

— Foi antes de ontem?

— Há três dias. Oh, eu procurei avisá-lo, mas disseram-me que você tinha ido para fora. Eram tão amigos, os dois. Sei que você teria empenho em ir ao funeral. Eu é que não pude, não pude. Não sei que se passa comigo, mas perdi completamente as forças... Só sei chorar, chorar... chorar como uma criança desamparada, metida na escuridão de um quarto abandonado e frio.

— Pobre Lena!

— Ainda bem que você apareceu. É a primeira pessoa com quem sinto poder falar. A família do Rui olha-me como se eu fora culpada do desastre. Eu própria me sinto culpada. Sabe que andei no carro na véspera, e notei que os travões não funcionavam bem. E, no entanto, não fui capaz de o avisar. Não me lembrei. Como me iria passar pela cabeça que tal coisa podia suceder?

— Não se deixe dominar por essas ideias. Você é uma mulher forte, sempre admirei a sua segurança e a sua personalidade. Não vai agora imaginar coisas absurdas. Não vai deixar-se abater a esse ponto. Compreendo o seu desgosto, Lena. Também me custa a admitir vê-lo morto. Mas, compreenda... isto sucede. Quantos casais não foram, quantos não serão assim violentamente separados? E o sobrevivente tem de sofrer o desgosto e, simultaneamente, arcar com uma grande responsabilidade: a de lutar, vencer o desanimo. A vida continua, Lena. E você é demasiado jovem para pensar, por um momento sequer, que algo acabou definitivamente para si, a não ser o amor, a protecção, a companhia do Rui.

— Obrigado, Carlos. É reconfortante ouvi-lo falar assim. É bom saber-se que alguém tem confiança em nós, exactamente quando julgamos tê-la perdido de todo.

— Tem de começar a pensar no que irá fazer, Lena. Desculpe a minha franqueza, mas vou abordar este assunto porque preciso de ser eu a tomar a iniciativa, uma vez que você não seria capaz de o fazer. Esta casa é um encargo demasiado para si. O Rui tinha seguro de vida?

— Não sei, Carlos. Mas não acredito que ele tenha chegado a tratar do seguro de vida. O Rui, atlético, vendendo saude, podia lá supor...

— Bem, você terá de fazer os seus planos começando pelo seguinte: contar comigo. Como amigo de Rui, embora as minhas disponibilidades financeiras não sejam aquilo que eu desejaria, passo a vida a queixar-me sem, afinal, ter grandes razões de queixa, quero ajudá-la, chamo a mim o direito, o privilégio de a ajudar. Você terá tempo para se preocupar, mais tarde, com o processo de me reembolsar. Entendido?

— Não sei que dizer, Carlos. Apenas sei que me sinto só, e desamparada, e sem cabeça para coisa alguma.

— Não se preocupe, Lena. Não quero vê-la preocupada. O Rui também o não desejaria. Tenho a certeza.

— Você é tão bom, Carlos! Não sei que seria de mim sem você.

Subitamente, ela estava outra vez a chorar, embora procurasse dominar as lágrimas cerrando os punhos contra a face convulsa. Estava tão próximo dela que não póde — não quis — evitar que o seu peito servisse de apoio áquela cabeça tão querida. Antes de ter tempo de o premeditar, o seu braço rodeava-lhe os ombros, e a sua mão sentia, através da malha fina da camisola negra, o calor suave que emanava do corpo dela.

Tudo correria bem, pensou. Ela esqueceria o Rui e, mais cedo ou mais tarde, haveria de notar a sua presença constante, o seu constante afecto. E, um dia, ele falaria. Um dia ele falaria, revelando então todo aquele amor que sentia por ela, aquele amor silencioso, secreto, culpado, que o dominava, o obcecava, e se tornava o fulcro de toda a sua vida.

A garota abanou a cabeça e nos seus olhos claros ia um poema de gratidão, um hino de carinho.

A velha tia Zefa levantou-se, a custo, do lugar onde se sentara. No seu, ia uma imensa fogueira, um arrebol magnífico. Os «eléctricos» passavam, a tilintar. Varinas corriam, ligeiras, discutindo. Operários caminhavam, lancheira na mão, assobiando. A cidade despertava, para mais um dia, onda pequenina no cauda! da vida. Do rio, vinha um cheiro bom, a maresia.

Pelo rosto encarquilhado da tia Zefa, pergaminho velho onde uma história inteira estava escrita, desceu uma lágrima, silenciosa. E a tia Zefa «sabia» porque chorava.

Na neblina ligeira da manhã, as figuras curvadas da velha e da criança sumiam-se, símbolos eternos da gente que sofre e cala.

★ CALEIDOSCÓPIO

por *BOTELHO DA SILVA*

era pôr que tudo, consciente de caminhar para eles. Dobrara a perna com mais força e pronto, as meias estavam estragadas e ela sem dinheiro para comprar outras. Onde o fim do mês ainda vinha! Havia também o sapateiro, do par de vez'g Deus que'só calçava quando saía à noite ou quando ia a casa da família, dizente de quem gostava de aparentar uma relativa prosperidade, e que com a pressa, para não chegar tarde ao escritório, tinha enfiado entre as tabuinhas do «eléctrico», aquelas tabuinhas detestáveis, mesmo feitas para prender sapatos de sapatos e que ficara quase arruinado a baloiçar um pouco, de cá para lá. Havia isso e por detrás de tudo havia um homem de quem gostava e que se ia casar. Mas ela não queria pensar nisso. O que ganhava em pensar em tal coisa? O cesto já estava cheio de papéis porque toda a manhã e toda a tarde tinha acumulado erros sobre erros. Apetecia-lhe partir a máquina, partir a mesa, partir os olhos muito escuros, atrevidos, meiosos, da Alda que de vez em quando se erguiam para ela a entornarem amor não correspondido, e a sentirem muitíssimo. «Então, Clara! Oh querida, como estás enervada. o que te aconteceu?» E aquele s sempre a vir em lugar do a. Lisbos, qual Lisbos! Ainda se fosse Lesbos! Lesbos tinha uma certa graça! Graça para ela, naturalmente, que tinha a especialidade de achar engraçadas coisas de que ninguém se ria, graça para ela mas não para o senhor Faiva que não gostava que lhe estragassem papé, nem tempo. Porque ele tinha comprado tudo, era tudo dele, o tempo e o papel. «Mas o que lhe aconteceu hoje, D. Clara? Não se sente bem?» O tom não era propriamente atencioso mas de desgosto e de reprovação, de nítida reprovação. «Creio que estou um pouco cansada, senhor Paiva. Se não lhe faz muito transtorno, vou para casa.» E a Alda tão aflita: «Oh Clara, tem cuidado comtigo!» Nem lhe tinha dado resposta.

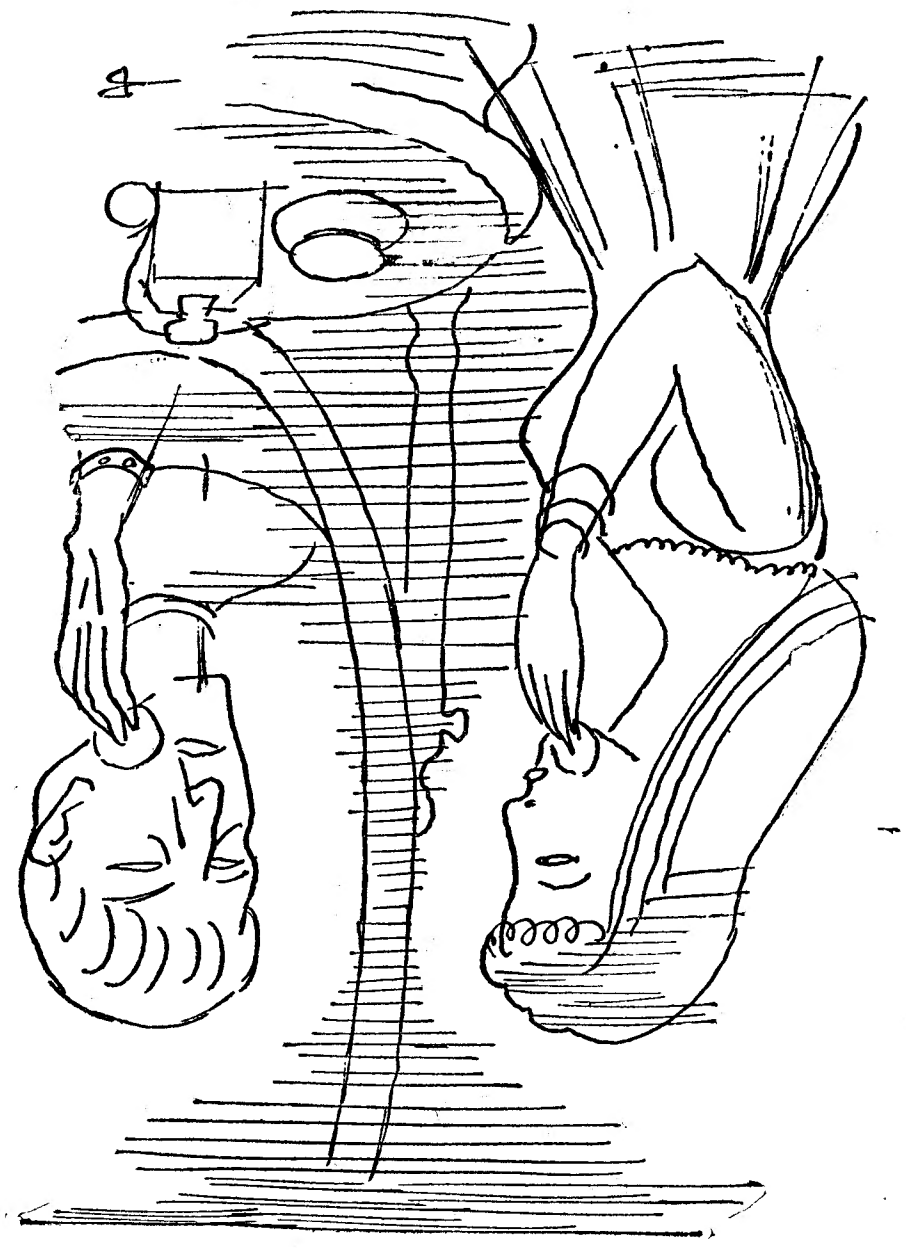
Agora eram quatro horas e caminhava pela rua fora. Estava frio, mas ela não o sentia. Não sentia coisa nenhuma a não ser as malhas da meia direita a escorrerem-lhe pela perna abaixo e também o salto que de vez em quando a fazia tropeçar. Estava num dos seus dias negros. Sózinha. «E's tu que o queres, não é verdade?», dissera-lhe a mãe um dia. «O remédio está na tua mão. Bem sabes que aqui em casa há sempre um lugar para ti. Por que não voltas, Clara?» Mas ela não queria regressar a casa dos pais. Tinha o seu lar, que não era bem um lar porque vivia sózinha dentro dele mas a que se tinha habituado, tinha a vida que ela escolhera — tê-la-ia de facto escolhido? — uma vida livre de mulher só. Já não saberia viver com os pais, com refeições a horas, visitas a quem teria de aparecer, o «tricot» à noite para não morrer de tédio. Perguntava às vezes a si próprio se já saberia viver com alguém, de habituada que estava a não dar contas dos seus actos, a fazer sempre aquilo que lhe apetecia fazer. Sempre? E aquele homem que se ia casar daí a três dias? Estava ainda a ouvi-lo. «Clara, tenho que te dizer uma coisa e não sei como hei-de começar...» Ela perguntara: «Vais-te casar, não é?» e fizera-o por uma intuição de momento, sem acreditar nas próprias palavras, mas de repente pusera-se a ter medo daquilo que ia ouvir porque ele não se ria do que ela dissera. Depois tinha falado, mas Clara não ouvia nada do que ele lhe dizia. O quarto tinha de repente deixado de existir e também o homem que falava e só ela continuava ali. Só ela. Mas sentia-se vazia e incapaz de articular um som. Das outras vezes fora diferente. Das outras vezes tinha sido ela a pôr a palavra fim ao fundo da última página, e mesmo das outras vezes aquilo nunca tinha acontecido por amor. Por estar só, quase sempre. Por ter frio. Não fora por isso difícil, nem doloroso nem inesperado, avistar o fundo do copo. Às vezes isso

A avó Cândida

por

Maria Judite de Carvalho

ERA um daqueles dias em que tudo lhe corria mal. Um dia azedo, inutil, irritante, a ter que viver (era tão aborrecido ter que viver por força dias assim, não poder fechá-los, pô-los de parte como se faz aos livros sem interesse!). O tempo estendia-se, de vez em quando parecia hesitar, parar um pouco no relógio de pulso de Clara e ela sacudia-o muito enervada. «Quem me dera hibernar como um bicho», pensou. Pendurar-se pelos pés ou enrolar-se em si mesma (enrolar-se era mais cómodo) e esquecer tudo e acordar uns meses mais velha. Acordar velha seria o ideal. Não um pouco velha com alguns cabelos brancos e rugas a ter que disfarçar com cremes apropriados e «fonds de teint» muito espessos. Não. O que ela gostaria era de acordar totalmente velha, velha como a avó Candida, velha sem remissão. Que boa coisa poder finalmente ser ela, natural mesmo por pouco tempo, sem mentira. Não se fazer mais velha como dantes nem mais nova como lhe acontecia agora, nem mostrar-se mais inteligente nem mais estupida conforme falava com este ou com aquele, nem fingir que gostava nem que deixara de gostar. Talvez que os velhos e as crianças fossem mais autênticos por estarem mais perto do nada... Os que partem e os que chegam... Os que chegam. Bolas! Lá escrevera aquilo no anuncio do leite Vitória que é a vitória do leite em pó. Outra folha rasgada porque o patrão não gostava de rasuras. Tinha sido assim desde manhã. A primeira coisa saíra-lhe torta (rasgara a blusa nova, a de «nylon», ao vestir-se) e ali se pusera ela a caminhar para outros desastres e, o que



Caleidoscópio

(Variações de um velho tema)

por

Botelho da Silva

TOMOU, de um trago, o café, e enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo. Recostou-se na cadeira e alheou-se de tudo quanto o rodeava. Tinha importantes coisas em que pensar.

Primeiro que tudo, que cara faria a Lena? Imaginou-se na sala, na confortável sala onde tantas vezes haviam conversado, rido, jogado a canasta. Imaginou-se na sala, só, esperando por ela. Depois, «vin» a porta abrir-se silenciosamente, e Lena aparecer. Uma Lena sem pintura e sem brilho, uma Lena amargurada, uma Lena vencida. Procurou, em sua imaginação, «ver» melhor a cara dela. Era tão importante saber como estaria a cara dela! Principalmente os olhos. Vermelhos de chorar? Tristes, cansados, resignados?... Ou aliviados? Sim, aliviados... E por que não? Mas não conseguia «ver» como estavam os olhos dela.

Resolveu partir do princípio de que ela lhe aparecería lacrimejante e trémula. Depois, foi tudo extraordinàriamente fácil. Ela correu para ele e estendeu-lhe as mãos. «Lena» murmurou «se você soubesse quanto sinto...». E daí a um momento tinha-a soluçando a seu lado.

— Foi tudo tão rápido, Carlos... tão imprevisto... Não me posso conformar. O Rui, o Rui cheio de vida, de saúde... Ainda de manhã tinha estado a fazer ginástica, como de costume... E um desastre assim estúpido, brutal...